

REGISTO N.º 7986

JOSÉ ESTEVÃO

ESBOÇO HISTÓRICO

POR

JACINTHO AUGUSTO DE FREITAS OLIVEIRA

BACHAREL FORMADO EM MATHEMATICA.

Nos homens de principios, a ambição não é um vicio, mas um pensamento; não é um phrenesi pessoal, mas é desejo sensato de ver triumphar esses principios.

José Estevão — Discurso pronunciado na sessão de 29 de abril de 1839.

1956/07/11

Editor — François Lallemand.



BIBLIOTECA

municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

LISBOA

SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, RUA DO THESSOURO VELHO, 6.

M DCCC LX III



007986

ESTABELECIMENTO TYPOGRAPHICO

6, Rua do Thesouro Velho, 6,

Administrado por François Lallemant.

Misboa.

bibria



BIBLIOTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

Ex.^{ma} Sr.^a D. Rita de Miranda Coelho de Magalhães.

bibRIA

Ultimo dos admiradores do esposo de V. Ex.^a e o mais humilde dos seus mais leaes e mais dedicados amigos—não quiz, escrevendo este livro, furtar aos homens doutos e competentes a gloria de apresentarem á posteridade o retrato do portuguez illustre, que pelo brilhantismo do genio, pela grandeza da alma, pela elevação das virtudes e pela nobreza dos sentimentos—foi o apostolo immaculado da liberdade, o filho querido do povo e o protector incansavel dos que padecem e dos que trabalham.

Não foi a vaidade, nem o interesse, nem a especulação politica que me levaram a um commettimento tão superior aos recursos da minha intelligencia; mas uma paixão nobre e digna do grande coração que a inspirou.

Por isso ousou offerecer a V. Ex.^a este modestissimo testemunho do amor filial, que tributei a José Estevão, certo de que V. Ex.^a o acolherá com a benevolente deferencia com que se digna honrar o

bibRIA

De V. Ex.^a

servo respeitador

J. A. de Freitas Oliveira.

AO LEITOR

bibRIA

Os que se não contentarem com a leitura de um livro modesto, escripto no portuguez, que naturalmente fallam os portuguezes, com a verdade de narração, que vulgarmente se não usa e com a franqueza de opiniões, que rarissimas vezes se encontra—fechem este livro.

Os que pertenderem encontrar primores de estylo em cada linha, abortos de erudição em cada periodo, arrebatamentos poeticos em cada pagina—não leiam mais.

Isto é um trabalho sem nenhuma pertença litterarias.—É um livro para o povo, é um cathecismo para os homens liberaes.

Nem mesmo procurem imparcialidade completa nos juizos que o author faz dos differentes actos politicos do homem illustre, cuja vida se propoz escrever.— Nem isso, porque elle escreve com as lagrimas ainda quentes da saudade do amigo que perdeu, e com as mãos ainda tremulas dos applausos com que victoriou o mestre, que foi o seu oraculo, que foi o modelo perfeito das virtudes civicas, que a sua imaginação esboçava, quando leu pela primeira vez a historia dos grandes homens de Sparta.

Mas o commentador apaixonado póde ser um narrador fiel?

O author presa-se de o ter sido;—nem elle necessitava de inventar episodios, que engrandecessem o grande vulto que descreve, porque os factos são tantos e fallam de tal sorte, que deixariam na sombra quaesquer arrosos da fantasia.

Na apreciação das differentes épocas politicas porque passou o paiz durante a vida do orador immor-

tal; tambem o author não sabe se conservou a devida imparcialidade.—As suas crenças politicas estão-lhe por tal fórma, arraigadas no coração; são tão puros os sentimentos liberaes que lhe nasceram com o instincto, e que rebusteceram na respeitosa intimidade do maior e mais verdadeiro liberal d'esta época; que—ora arrastado pelo enthusiasmo que lhe inspirou a manifestação, o martyrio, o combate e a victoria das idéas revolucionarias—ora tomado da indignação que lhe causam os golpes que na revolução fizeram e fazem os proprios filhos d'ella—talvez tenha sido injusto com alguns caracteres publicos e demasiadamente indulgente com outros.

Se realmente assim é; não foi o odio, nem o amor aos homens que lhe dirigiu a penna; mas a paixão pela idéa.

A narração dos factos é sempre verdadeira,—o author responde por ella em toda a parte, assim como pela authenticidade dos documentos que publica.

Pelo que respeita á apreciação das coisas, ahi fica dito com franqueza o que o author pensa do que fez.

—Se os criticos se occuparem d'esta parte do seu es-

x

cripto, elle responderá como souber aos que tiverem
senso commum e cortezia.

Isto não é um *prefacio*, nem uma *introducção*, nem
um *prologo*: isto é um aviso sincero do author para
que ninguem perca o seu tempo em lér um livro,
suppondo-lhe qualidades e quesitos que elle não pos-
sue.

Lisboa 1 de dezembro de 1862.

bibRIA

O Author.

ESBOÇO HISTÓRICO

biblioteca

bibRIA

LIVRO PRIMEIRO

I bibRIA

Depois que o grande capitão d'este seculo ferira de morte a republica que o gerára, enterrando-lhe no coração a espada que essa republica engrinaldou com os loiros ganhados nos cem combates da liberdade; depois que sentado no throno de Carlos Magno, por um direito roubado aos principios da revolução, que elle proprio renegára, mandava passear pela Europa as legiões fanaticas do seu nome e ébrias da sua gloria; — os povos, deslumbrados um momento pelo genio da victoria, offereciam fraca resistencia á sua ambição afortunada.

A França cega pelo fumo das batalhas, que illustravam as suas armas, que engrandeciam o seu poder militar e que alargavam o seu territorio; não via o espectro da Convenção amaldiçoando-lhe a docilidade com que offerecia os pulsos robustos aos ferros doirados da tyrannia da gloria, nem enxergava a sombra da guilhotina tinta ainda no sangue dos seus filhos mais queridos, e que ella vendia por baixo preço á ambição de um soldado!

Era nos fins de 1809. O corcel do imperador corria por cima dos sceptros dos reis da Europa e a sua espada implacavel ceifava as republicas, que annos antes tinha plantado!

Ja soa a hora da monarchia portugueza. — Este cantinho do mundo, sempre rebelde ao dominio de estranhos, este terreno abençoado, que cuspiu sempre fóra das suas fronteiras os pés do conquistador atrevido que o pisaram, ja experimentar as angustias da conquista.

Estava lavrada a sentença! Napoleão passava revista ás legiões impacientes, que deviam hastear no anno seguinte a bandeira tricolor nas fortalezas do Tejo.

Mas n'esse momento ainda, a Providencia não desamparou o seu povo escolhido!

Quando o despotismo da força se preparava para insultar as quinas portuguezas, nascia á sombra d'ellas

o homem, que depois devia vingar, no mesquinho arremêdo que o segundo imperio tentasse do atrevimento do primeiro, — a liberdade dos seus concidadãos, e a dignidade da sua patria.

A 26 de dezembro de 1809, nasceu José Estevão, na cidade de Aveiro.

II

O berço do immortal orador, é uma cidade de pescadores situada na margem esquerda do Vouga. O seu aspecto apresenta uma feição caracteristica no meio das outras povoações do reino. — Ha alguma coisa do pescador napolitano e do gondoleiro de Veneza, na phisionomia e costumes dos seus habitantes.

De presença varonil, de trato rude e franco, de conversação imaginosa e fluente, o aveirense contrasta singularmente com os outros povos da sua provincia. Não ha n'elles essa docilidade humilde, que em geral se encontra no povo portuguez, nem aquelle ar timido e acanhado dos homens de uma condição inferior, que infelizmente ainda se observa na gente do nosso povo, quando trata com os nobres, ou com outros individuos collocados em uma posição mais feliz, ou mais elevada.

O aveirense geralmente tem o sentimento da igualdade dos homens profundamente arraigado no coração; e por isso um pescador de Aveiro quando falla com o mais elevado funcionario do seu paiz trata-o sempre de igual a igual.

Nas mulheres apparece esta feição moral ainda mais pronunciada. — Uma varina não conhece outra distincção entre as pessoas do seu sexo senão a de belleza. — E ellas são geralmente bellas; e até se affirma que as varinas de Aveiro e de Ovar, são quem vingam a reputação de menos formosas, que dizem ter as mulheres portuguezas.

Perfeitamente á vontade no seu garboso e elegantissimo trajo, a varina tem movimentos naturaes e graciosos, quando falla, quando anda, e quando baila nas danças de roda, acompanhadas do cantar poetico da sua voz argentina.

O corpete de côres variadas, que vestem e atacam com cordões de seda, sobre uma camisa de homem, desenhando-lhe a cinta estreita, e as fórmãs flexiveis e voluptuosas, a saia curta e o sóco mal calçado em pés de neve, cujo tamanho faria morrer de inveja uma andaluza, dão a estas mulheres um aspecto por tal fórma original, que a felicidade, o prazer e a malicia que se lhês lê nos olhos, sempre escuros, attrahe os sentidos e sobressalta o coração.

N'aquelle dia 26 de dezembro de 1809, no centro da povoação, á porta de uma casa de modesta apparencia, situada na rua Direita, via-se um grande concurso d'estas varinas, e d'aquelles pescadores, vestidos com os seus trajos de maior gala, que todos com o sorriso nos labios, e a gratidão nas lagrimas alegres, cercavam um homem alto, de physionomia aberta e bondosa, cabellos loiros, olhos pequenos e vivissimos, nariz grego, e testa elevada, que a todos abraçava, que para todos estendia a mão generosa, franca e leal, e que de todos recebia felicitações e benções.

Este homem era o medico de Aveiro, a providencia dos pobres, o consolador dos desgraçados — era Luiz Cypriano Coelho de Magalhães — o pae de José Estevão.

O primeiro vagido do infante que tinha de ser um dos mais eloquentes apóstolos da liberdade, da igualdade, e da fraternidade, foi recebido no meio da alegria e das benções de um povo de pobres, que mal sabiam que o filho do seu bemfeitor, e do seu amigo, seria no futuro a mais brilhante gloria de Aveiro, e do paiz, e o esforçado promotor do seu engrandecimento!

E é assim sempre. Os homens verdadeiramente grandes, aquelles cuja intelligencia Deus fadou para servir de farol á humanidade nas estradas do porvir, nascem todos do povo, e entre o povo que padece, e que trabalha, para mostrar aos grandes do mundo que o

poder, a intelligencia, e a força reside nas classes trabalhadoras; que é d'ellas que nasce a civilisação, e que serão ellas que hão de libertar por uma vez a humanidade de todos os jugos e de todas as tyrannias.

III

A mãe de José Estevão, D. Clara Miquelina de Azevedo Leitão, era uma senhora de superiores virtudes, e de exemplar caridade. A sua debil organisação, porém, não-lhe consentiu que amamentasse seu filho; teve de confial-o a uma ama; mas os seus desvelos de mãe acompanharam de perto o berço predestinado.

Tendo-lhe morrido o seu primeiro filho (Manoel), contando apenas tres annos de idade, os paes de José Estevão reviam n'elle o primeiro fructo dos seus estremados amores, e liam na angelica innocencia do seu sorriso as mil predestinações de gloria que os paes vêem sempre na boa estrella de seus filhos; mas que rarissimas vezes a realidade confirma. Luiz Cypriano porém, teve a ventura de vér exceder em muito tudo quanto o amor paternal lhe pintára.

A voz que devia fazer estremecer todas as fibras do coração de um povo inteiro, começava apenas a bal-

buciar o nome santo de pae, quando a fortuna a impelliu á sua primeira emigração.

Em 1810, quando as aguias da França galgavam as fronteiras do reino inerte pela frouxidão do príncipe que o regia, e pela ineptia do governo em quem confiára; quando os conselheiros de um rei portuguez não souberam aconselhar a seu amo senão a fuga covarde que envergonhou as façanhas gloriosas de seus avós, e do seu povo; Luiz Cypriano assombrado do raio que fulminou a sua patria, não succumbiu ao terror, não desamparou o seu posto! Medico e protector dos pobres seus compatricios não fugiu, antes ficou para consolar a angustia dos desgraçados de quem era pae, ou para morrer com elles se a espada do conquistador os alcançasse. Entendeu porém que não devia expor seu filho á brutal ferocidade dos saqueadores, e mandou-o refugiar com a ama, em casa da avó materna, D. Anna Joaquina Ribeiro da Costa, mulher de caracter romano, e de coração varonil.

Foi envolvido entre as faxas do berço que o famoso campeão da liberdade fugiu pela primeira vez á tyrannia dos carrascos da sua patria!

Aquelles labios d'onde devia sair a palavra eloquente, que fulminou o insulto fraco das aguias de 1859, fugiam ainda presos ao peito da ama, da carnagem das aguias de 1810, carnagem de fraços, porque tambem

venceram povos desarmados e muralhas desguarnecidas!

IV

A fortuna do moderno Cesar brilhava em todo o esplendor da sua gloria. Os soldados de Marengo e d'Arcole não tinham visto ainda murchar uma só folha dos loiros que enramavam as suas armas. Os pelotões aguerridos da velha guarda marchavam pela Europa a passo de carga, levando adiante das suas bayonetas as bandeiras, os exercitos, os reis, as dynastias, as nacionalidades, tudo!... menos os povos.

A espada que poudes abater tantos thronos e riscar o nome a tantas nações, não poudes mudar o caracter de um povo! — E quem o pouderia?

As nações desapparecem, as republicas succumbem, os thronos abatem-se; mas os povos não morrem senão quando a cholera de Deus os extermina, fazendo sahir das entranhas da terra o volcão que os abraza, ou alteando o mar que os afoga!

O exercito francez conquistou Portugal em um passeio militar, porque Portugal não tinha fortificações, não tinha exercito, não tinha governo; mas a França

não conservou a sua conquista, porque o povo de Portugal quiz ser portuguez.

Não vendo o rei á sua frente como em Aljubarrota e Ourique, o povo contou só com os seus recursos, e contou bem.

Sem chefes capazes de os dirigir (como ainda hoje lhes succede) os portuguezes pediram generaes á Inglaterra; e a grande nação, certa da retribuição generosa do pequeno povo, não negou o sollicitado auxilio. Veio sustentar uma nacionalidade, como veio depois sustentar uma corôa. — Só não veio remediar uma ineptia e castigar uma fraqueza.

Então começaram os feitos gigantes.

Os soldados de Affonso e do Condestavel iam de novo mostrar ao mundo, nos combates de cem contra mil, o que póde um portuguez quando se bate pelo berço do seu filho e pela sepultura de seu pai.

Os marechaes inglezes costumados á coragem fria das suas legiões, iam illustrar o seu nome no commando de homens que pelejavam com o coração ardendo-lhe no desejo de vingar o seu direito, os seus creditos, a sua honra e as gloriosas recordações de seus avós.

Desde então as acções de Welington contaram-se pelo numero das suas victorias.

A sorte das armas é assim, tem uma origem unica.

A heroicidade dos generaes, a bravura dos exercitos, a fortuna das campanhas dependem de uma só causa — da idéa ou do principio por que se peleja.

Entre os mercenarios do dispotismo os grandes feitos são actos isolados, em quanto nas cohortes da liberdade não se reparte a gloria. A façanha de um era infalivelmente de qualquer que estivesse no mesmo lugar, porque todos os corações batem pela mesma paixão. Nos primeiros a força é o numero; nas segundas o enthusiasmo. Por isso Bonaparte nunca contou os soldados da republica, e Napoleão nunca esqueceu quantos soldados do imperio levava ao combate.

Durante toda a guerra da Península, um punhado de portuguezes poz em evidencia estas verdades. No meio dos batalhões estrangeiros, distinguiam-se estes homens que combatiam pela honra e pela liberdade.

Uma batalha indecisa, um reducto evacuado, uma posição perdida, era para todos um capricho da sorte, — para os portuguezes era uma dôr sem alivio até soar a hora da vingança.

Luiz Cypriano seguia com anciedade todas as peripicias d'esta campanha. Pulando-lhe o coração por pegar em uma espingarda e ir unir-se nos combates aos seus concidadãos, procurava quem o substituisse no posto de honra, que não podia desamparar. Mas os seus pescadores não lh'o consentiram, recordando-lhe

que a sua ausência deixaria na orfandade uma povoação inteira.

Ficou; mas a sua alma acompanhou os que perseguiram os inimigos da sua pátria, e ainda que retirado dos campos de batalha, nem por isso deixou de prestar serviços na guerra.

Animando com a eloquência do patriotismo os seus compatriotas que marchavam para a campanha, destruía em todos os cuidados que os intimidavam e as saudades que os enfraqueciam. — «Ide, dizia a este, eu cuidarei de vossos filhos — vai, dizia áquelle, eu consolarei tua mãe — marcha, ordenava a outro, eu ampararei tua irmã — corram, recomendava a todos, eu protegerei vossas famílias.»

E todos iam, e todos marchavam alegres e sem cuidados, certos de que ficava a Providência velando junto dos que amavam.

Depois, quando a aguija que abraçava o mundo n'um abrir das azas, se viu reduzida a esvoaçar sobre seis palmos de terra agreste e árida no meio do Oceano; quando a mão de Deus escreveu no sangue coalhado nos campos de Waterloo a lição tremenda que nunca devia esquecer aos que atraíam a causa que os engrandecêra; quando o exercito colligado se dissolveu, e a legião portugueza voltou á pátria pobre das riquezas do saque, mas com a melhor parte dos loiros da

victoria; todos os que foram e vieram, encontraram nas alegrias do lar domestico, signaes indeleveis das privações e desconfortos que a sua ausencia occasionára; mas os filhos de Aveiro mal descobriram os vestigios da saudade no contentamento que os acolheu.

É que a promessa se cumprira, — que nem Luiz Cypriano era homem que faltasse á palavra uma vez jurada.

V

Em quanto os povos da Peninsula recobravam assim a sua independencia, passava José Estevão os primeiros dias da sua infancia junto de sua avó.

A avó de José Estevão era, como dissemos, uma mulher antiga. A sua physionomia desenhava-se-lhe em traços profundos e expressivos.

Em uma idade em que já não brilham as graças da juventude, ella era todavia bella, da belleza austera de Cornelia.

No seu rosto ligeiramente pallido, e ainda sem rugas; na sua bocca sempre aberta ao sorriso da franqueza; nos seus olhos pequenos e brilhantes, lia-se-lhe a sensibilidade e a coragem, a resignação e a audacia, a ternura da mãe e a energia da matrona.

Recolhida em uma solidão melancólica, sem outros cuidados além dos da regência de uma modesta habitação, aquella alma cheia de intelligencia e de vida, lastimava talvez em silencio vêr-se desaproveitada em mister tão mesquinho. Por isso, quando viu entrar o limiar da sua porta a aldeã robusta que lhe trazia seu neto, sentiu pela segunda vez as alegrias da maternidade!

Possuida de um sentimento de profunda gratidão para com Deus, ajoelhou agradecendo a graça que lhe dispensava, dando-lhe a alma e o coração de um homem para formar e educar.

Era para vêr com que alegria aquella respeitável mulher, ora beijava, ora contemplava, ora apertava ao coração o pequenino emigrado, fazendo-lhe perguntas a que elle só podia responder com o sorrir da innocencia, mas que ainda assim ella comprehendia e adivinhava; e ria e chorava e abraçava o neto como se uma voz intima lhe segredasse ao pensamento, que aquella creança devia sair da atmosphera da sua ternura, e dos seus carinhos já fadada para ser o primeiro cidadão do seu paiz.

Desde então passavam-se phenomenos mysteriosos entre a alma varonil da avó e o pequenino cerebro do neto. Como elles se entendiam; como se amavam; como o sentir da alma de um se repercutia na do outro!

Nos largos serões de inverno, sentada juncto á la-reira, com o netinho no collo, levava a boa avó horas inteiras, contando-lhe longas historias, que elle escutava com a attenção e seriedade de um seminarista. Ella tinha sempre o cuidado de escolher os seus contos com tal arte, que em todos sobresaía o pensamento da liberdade, da dedicação, e da humildade evangelica.

Era semente lançada em estação propria, em terreno bem disposto, que germinou, floresceu, e deu fructos que fizeram a gloria do agricultor e o orgulho da sua velhice.

Em todas as condições sociaes, são sempre as mães quem formam os corações dos filhos—e as avós são duas vezes mães.

O homem moral é a consequência logica das virtudes, ou dos vicios de sua mãe.

A instrucção, as ligações do mundo, podem modificar-lhe as paixões e os instinctos; mas não extinguem nunca a impressão que as vozes da mãe deixam indelevelmente marcadas na alma do filho durante o mysterioso trabalho da germinação da intelligencia e da rasão.

O que não foi educado por sua mãe, ou por sua avó, é uma organização incompleta. Póde ser a mais perfeita imagem do homem; póde ser uma estatua de

Phidias, ou de Miguel Angelo, — mas não é um homem.

As leis sociaes são feitas para o juizo e para a rasão dos homens; mas a natureza nunca falla senão á alma e ao coração. Por isso os homens só se governam pelas paixões, e a paixão é a mulher. Se a não educarem; se a não fizerem mãe e esposa, a sociedade será sempre rachitica e doente. Não-de procurar homens, e só não de encontrar feras ou marmores.

Quando algum d'esses Scribas, que envergonham a melhor instituição do espirito humano, insultam, muitas vezes no mesmo escripto, as virtudes e as fraquezas da mulher, a rasão pergunta a si mesma se o miseravel deverá a existencia a uma loba.

E todos esses reformadores politicos, que até hoje têm olhado com a mais imbecil indiferença para a educação das mulheres, e que riem com o riso mais alvar do *utopista* que lhes affirma que o mundo ha de ser sempre o que as mulheres quizerem que elle seja, de certo não saíram das entranhas de uma mãe!

Filhos das pedras, do calculo e da algebra, occupam-se exclusivamente das pedras e das cifras. — Elles que são o espelho da vaidade e da insignificancia das mulheres que os crearam, não acordarão do seu erro senão quando precisarem de fallar á alma e ao coração do povo, e não tiverem senão pedras e cifras para lhe mostrarem!

José Estevão foi um homem de paixões nobres, e foi um grande cidadão, porque foi o filho adoptivo de sua avó nos primeiros doze annos da sua infancia, e ella era uma mulher apaixonada pela sua honra, e pela felicidade da sua patria.

VI

No anno de 1821 voltou José Estevão para casa de seu pae na mais completa ignorancia do lér e escrever, mas com todas as fibras da alma e do coração já afinadas para vibrarem unisonas de todas as paixões nobres, de todos os sentimentos generosos, de todos os pensamentos grandes e elevados.

Notaveis alterações se tinham dado na vida politica do paiz e na vida domestica de Luiz Cypriano durante a prolongada emigração do futuro revolucionario.

O homem de paz, tinha-se transformado em soldado aguerrido da milicia nacional;—o pae orfão da presença de seu filho unico, tinha visto em onze annos nascerem e medrarem mais tres herdeiros do seu nome e das suas virtudes—José Estevão veio pois encontrar tres companheiros folgazões de seus brincue-dos; e desde logo sentiu por elles essa sympathia

affectuosa, que depois se transformou no amor estremo, que até ao fim da vida consagrava aos seus irmãos.

Depois de recuperada a independencia do reino e do regresso do monarcha á capital dos seus estados, os grandes pensamentos da revolução social de 1793, que existiam incubados no animo do povo, tinham tido a sua primeira expansão em Portugal, na cidade destinada a ser o pharol das nossas liberdades publicas.

As vontades de tres milhões de homens, que até então tinham estado enfeudadas á vontade de um só; os direitos de um povo que se achavam á mercê de uma raça caprichosa e fidalga; a propriedade da terra que se concentrára durante seculos nas mãos de morgados estultos e perdularios; viam-se enfim libertados graças aos esforços patrioticos de Ferreira Borges e dos seus companheiros.

Luiz Cypriano foi dos primeiros a saudar com entusiasmo a nova aurora de liberdade que se levantava no horisonte politico do seu paiz.

Amigo, conhecido e respeitado de quasi todos os homens notaveis do tempo, foi muitas vezes rogado para acceitar o logar de representante dos povos de Aveiro no Congresso Constituinte. Mas a doença de sua esposa, que elle via crescer com os mais sinistros

symptomas, sem que os seus extremados desvelos, nem todos os recursos da sciencia lhe podessem atalhar o fatal progresso, levou-o a recusar a honrosissima missão de que o pretendiam encarregar

Não quiz porém eximir-se aos seus deveres de cidadão livre, e por isso sentou praça de soldado no esquadrão de cavallaria nacional do seu districto.

Foi assim preocupado dos cuidados domesticos e dos acontecimentos politicos do paiz, que Luiz Cypriano teve de encarregar-se da primeira instrucção de José Estevão.

O professor de instrucção primaria de Aveiro era n'aquelle tempo Custodio José Baptista, homem respeitavel pelos seus costumes, mas pouco respeitado pelos seus credits litterarios, o que o tornava superior á maior parte dos actuaes, que tendo sempre este ultimo defeito, quasi nunca possuem a primeira qualidade, mau grado as *severas pesquisas* do conselho geral de instrucção publica.

Era pois na escola de mestre Baptista, que José Estevão ia perder o tempo, melhor aproveitado nas conversações domesticas com seu pae, que tanto assim o reconheceu que se fiou pouco nas prelecções do Tolentino aveirense, e foi elle proprio quem ensinou seu filho a lêr; não conseguindo nunca aperfeiçoal-o no escrever, por isso que a negação completa para a cal-

ligraphia foi sempre o grande defeito de José Estevão.

Não obstante as lições de, seu pae, e reconhecer desde logo o pouco proveito que podia tirar das do mestre, José Estevão não deixava de entrar um só dia na escola para se não privar do prazer de sair d'ella, porque era então, que, junto com os seus condiscipulos, se entregava ás calorosas discussões que terminavam quasi sempre por combates rijos de que elle umas vezes era o heroe vencido, outras o vencedor.

VII bibRIA

O coração de José Estevão que ainda não tinha conhecido senão as alegrias e os folgaes proprios da sua idade, ia experimentar um dos mais terriveis golpes a que o homem é condemnado quando nasce, e que só evita se morre antes de ter a consciencia do goso e da magua.

Não ha dôr mais pungente, não ha afflicção mais desesperada, do que a que experimenta o filho, quando em uma idade em que a razão já aprecia o bem e o mal, sente esfriar entre as suas as mãos de sua mãe; quando vê embaciarem-se e cerrarem-se para sempre

os olhos que primeiro viu sorrir junto do seu berço; quando ouve um adeus eterno, no ultimo suspiro saído dos labios que lhe beberam as primeiras lagrimas que derramou ao entrar no mundo!

Em junho de 1821 morreu a mãe de José Estevão, — foi a primeira data fatal da sua vida; — foi um acontecimento, cujas impressões nunca mais se riscaram da sua memoria!

Apesar de todas as discussões dos philosophos espiritualistas; não obstante a fé christã; a despeito das vozes intimas da alma e do coração, ninguém concorda, n'esse momento solemne, que a morte seja uma ventura, que o deixar a vida — seja nascer para a eternidade!

Por mais arraigados que existam em nós os sentimentos religiosos, não é sem susto que o homem encara o termo da sua peregrinação na terra; não é sem desgosto que elle póde separar-se dos que amou e extremeceu.

Se o moribundo levanta os olhos para o céo, não é para vêr a estrada que vae caminhar, mas para pedir a Deus que o deixe ainda no caminho que tem seguido.

A separação dos entes que estimamos custa sempre. A amisade nova não substitue a afeição do amigo ausente. As caricias dos filhos mitigam, mas não esquecem, as saudades do pae.

E quem poderá substituir os carinhos da mãe? qual é o amor que póde fazer esquecer o amor d'ella, — d'ella a quem tudo devemos, sem nos dever nada; — d'ella que tudo nos sacrifica, sem querer de nós mais que a nossa propria felicidade?!

«Reparae nas sensações da mãe, diz Plutarcho, quando, depois das dôres do parto, vê o recém-nascido junto a si, sujo de sangue, mais semelhante a um animal asqueroso do que a uma creatura viva. Em vez de o olhar como um mal de que a natureza a livrou, sem nenhum encanto que a attráia para elle, sem que o seu coração possa commover-se pelo attractivo das fórmãs, nem pela doçura da voz; ella ainda quebrada pelos seus padecimentos, tremula da angustia do seu parto, lava, acaricia o filho, aperta-o nos braços, veste-o, aproxima-o dos peitos, e noite e dia recomeça uma tarefa que a não cança nunca, sem que receba em troca de tantos sacrificios senão lagrimas e gemidos!»

E quando se perde um amor d'estes, serão bastantes consolações — as esperanças da eternidade?

Não ha outras; e por isso a alma, que não póde existir no desespero, abraça-se ás promessas da religião, para poder cumprir a obrigação de viver.

Todavia lá fica sempre o espinho agudo que não deixa de recordar um só instante, no meio de todas as afeições da vida, de todos os amores, e de todas

as paixões, a falta do maior e mais verdadeiro affecto, do maior e mais verdadeiro amor, da maior e mais santa paixão, que pôde sentir o coração de um homem!

José Estevão no meio das dôres que experimentou na vida, nunca esqueceu a dôr que sentiu quando perdeu sua mãe.

VIII

Depois do golpe fatal que lhe roubou sua esposa, voltaram-se todos os cuidados de Luiz Cypriano exclusivamente para a educação de seus filhos José Estevão, Antonio Augusto, Luiz Rufino e D. Maria Dorothea.

Os tres mais novos não estavam ainda em idade de receberem qualquer instrucção escolar; mas José Estevão tinha já concluido o estudo da grammatica portugueza, e começava a ouvir as lições de latim de José Lucas da Silveira, que então ensinava a lingua de Virgilio e Horacio na cidade de Aveiro.

Com quanto José Estevão nunca denunciasse tendencias para profundo latinista, todavia chegou a traduzir correntemente o Tito Livio e algumas paginas do Cicero.

Depois que homens eruditos de todos os paizes modernos, empregam com tanta dedicação as suas vigílias em enriquecer a litteratura contemporanea com as melhores traducções dos principaes monumentos da antiga litteratura romana; o estudo do latim póde e deve ser substituído com vantagem nos nossos lyceos pelo do allemão, principalmente para os individuos que se não dedicarem ao estudo da jurisprudencia e da theologia, a quem o conhecimento do latim é indispensavel. Fazer perder dois e tres annos a um escolar, obrigando-o a um estudo de que lhe não resultará proveito algum em toda a sua carreira litteraria ou scientifica, é mais um crime que veio juntar-se aos muitos absurdos da nossa legislação de instrucção publica.

O latim não é hoje subsidio para nenhuma das sciencias, senão para a theologia e para a jurisprudencia. — Obrigarem portanto o engenheiro, o medico, o naturalista, o official de marinha, o artilheiro, o constructor, etc., a perderem, pelo menos, dois annos da sua vida a aprender o latim, que só lhe ha de servir para o exame de madureza, é mais que absurdo; é um crime atrocissimo, porque é o roubo de uma coisa que nunca se poderá restituir.

Sabemos que a isto se responde com o velho sophisma, de que a lingua portugueza sendo oriunda da latina, o conhecimento d'esta é indispensavel para

o perfeito conhecimento d'aquella; de modo, que por este argumento, precisaríamos estudar tambem o idioma d'onde sahiu a lingua latina, para a podermos conhecer por fórma, que ella seja um verdadeiro subsidio para sabermos fallar a nossa.

Tudo isto é velho. A grammatica portugueza tem a sua individualidade, como a latina, como a grega e como as dos modernos idiomas. — O que a souber, falla e escreve bem portuguez; porque o estylo não é a lingua, e o melhor estylo não é o que vai desenterrar ao seculo xiv ou xv palavras e frases que hoje se não usam; mas o que soando harmoniosamente ao ouvido, explica a idéa com clareza bastante, para que a comprehendam doutos e ignorantes.

Foi assim que José Estevão julgou sempre o estudo da lingua patria; e por isso uma certa litteratura o accusou de incorrecto na frase, e de vulgar na expressão, o que não obsta a que elles sejam o que são, e a que elle fosse o primeiro orador do seu tempo, e quem sabe se de todos os tempos.

Conjuntamente com o latim, aprendeu José Estevão a logica com Francisco Ignacio de Mendonça, um dos homens de merecimento que então havia em Aveiro; e a rethorica com o padre Manuel Xavier, poeta e prégador muito respeitado no pequeno, mas illustrado circulo litterario das margens do Vouga.

O *Fylinto* era então o livro querido de José Estevão. Andava sempre com elle debaixo do braço e leu-o e releu-o centenaes de vezes.

Luiz Cypriano que ia constantemente dirigindo a educação de seu filho em uma região superior á dos mestres;—nas palestras da noite, em que elle sentado na sua poltrona, muito abafado no seu *robe de chambre*, e cercado de todos os seus filhos como o verdadeiro patriarcha da antiguidade, de que elle era o retrato, pelo aspecto venerando, e pela virtude e bondade que lhe luzia no rosto; ridiculisava, com todas as graças do seu espirito agudissimo e delicado, o velho *Fylinto*, acirrando assim a paixão de José Estevão, e obrigando-o a sahir a campo com todos os reforços do seu arsenal, a defender o seu author predilecto.

Então começava uma discussão interessantissima. Luiz Cypriano atacava sempre; e como o adversario nunca se deixava vencer no primeiro tiroteio, elle esquecia-se que argumentava com um estudante de logica, e empregava toda a sua estrategia como se tivesse na frente um contendor igual a si. Então José Estevão começava a perder terreno; mas sempre rebelde em confessar a derrota, lançava mão de sophismas á falta de argumentos, que Luiz Cypriano continuava a destruir com as suas reflexões; mas a que mais de uma vez foi obrigado a deixar de replicar, impondo o

silencio com a sua authoridade de pae; rindo-se interiormente e gostando muito de todas aquellas argucias denunciativas do genio e da intelligencia.

Foi por este tempo, que José Estevão fez a sua primeira e unica poesia metrificada em uma ode dedicada ao seu Fylinto, que lhe levou quinze dias de trabalho, mas que a final conseguiu vêr muito applaudida pelo padre Manuel Xavier e por todos os outros poetas de maior ou menor nomeada, que estavam em Aveiro.

Este interessante documento existia ainda ha poucos annos na secretária de Luiz Cypriano, mas por morte d'este, desapareceu na Babel de papellada, que obstruia todas as estantes do escriptorio de José Estevão.

Sentimos não ter achado a ode a Fylinto, para se poder avaliar como um poeta da natureza, cujos arrebatamentos sublimes despedaçavam as redes de qualquer metificação, se pôde uma vez sujeitar a pronunciar as suas idéas sob uma fórmula imposta pela tyrannia do rithmo e do metro.

IX

Vendo Luiz Cypriano que seu filho se achava já habilitado para entrar nos estudos superiores, e não se

tendo elle ainda pronunciado por nenhuma carreira publica que pretendesse seguir, resolveu consultal-o antes de emittir a sua opinião a tal respeito.

Com este proposito perguntou um dia a José Estevão quaes eram os estudos que elle queria cursar na Universidade:— «Os de theologia, porque desejo ser padre».

Esta resposta surprehendeu desagradavelmente Luiz Cypriano, que viu na resolução de seu filho um desejo irreflectido, e não a vontade da convicção fundada no estudo das suas faculdades, e das obrigações inherentes á profissão que escolhia.

José Estevão não tinha ainda completado dezeseis annos. A carta de alforria do povo portuguez tinha sido rasgada pela camarilha reacçãoaria de um rei doente e inhabil. A plebe, que n'este paiz foi sempre absolutista, e que se impunha então pelo terror ao povo, mais timorato e irresoluto que hoje, servindo de guarda pretoriana ao partido realista conseguira no ultimo periodo do reinado de D. João VI, estrangular a liberdade recém-nascida.

O horisonte que então avistava um mancebo cheio de talento e de aspirações, era curtissimo. O despotismo abafava a intelligencia, e degradava o espirito. Não havia imprensa, nem havia tribuna.

Existia sómente o pulpito; abatido sim, mas existia.

Era o unico lugar d'onde se podia fallar ao povo, e onde uma intelligencia audaciosa, prégando as doutrinas do christianismo, podia protestar contra a escravidão e a tyrannia.

Estava explicado o desejo de José Estevão.

Luiz Cypriano porém via mais longe, e não queria sacrificar o futuro de seu filho a um enthusiasmo momentaneo. Para elle não existia senão o padre do Evangelho, e n'aquella época, em muitos pontos similhantissima á actual, não havia senão o padre romano.

O padre do Evangelho é o martyr; e Luiz Cypriano, como pae que era verdadeiramente pae, não queria para seu filho a gloria do martyrio, nem desejava que elle, debaixo de um falso nome, seguindo uma doutrina falsa, mentisse a Deus, e á sua consciencia.

O padre romano é um soldado da milicia do papa; inimigo implacavel da sociedade que domina e expolia em proveito de Roma, servindo-se da ignorancia e do fanatismo dos povos:—inimigo da familia de quem se isola pelo celibato, e que sacrifica sacrilegamente á grande familia clerical, tremenda maçonaria do egoismo de sotaina preta;—inimigo da religião de Christo, que prégou a humildade e exaltou a pobreza, e a quem elle affronta com a sua ambição dominadora, com o fausto do seu poderio, e com as riquezas da magestade pontificia;—inimigo de Deus, a quem

renega, appellidando-se seu ministro e seu representante, não respirando senão odios, vinganças, especulações e desvarios; — não era este o destino, a missão, o mister, o título de um filho de Luiz Cypriano.

O padre do Evangelho é a victima desarmada do odio implacavel dos curiaes de Roma. Não transigindo com a mentira, com a hypocrisia, com a delação, com o crime; não respeitando senão os dogmas da fé, as palavras do Christo, e as leis do Evangelho, nunca em opposição com as da natureza, condemna pela sua humildade, pelo amor do seu proximo, pela sua pobreza, pela democracia do seu nome, pela pratica das suas virtudes, as doutrinas sacrilegas de alguns papas, as pretensões omnipotentes dos concilios, as ambições da Curia, a vaidade dos prelados, a aristocracia dos bispos, a inutilidade dos conegos, e todos os erros, e todos os vicios, e todos os crimes com que os guardas infieis da doutrina do amor e da fraternidade, fundada pelo sacrosanto martyrio do filho da mulher do operario de Bethlem, teem desfigurado, manchado e destruido a obra de Deus.

Um homem d'estes, luctando com o poder immenso de uma nação isolada no meio das nações, e que as domina a todas, succumbe, por mais rija que seja a tempera do seu character, e expõe a vida n'um sacrificio inglorio e inutil.

O amor paternal de Luiz Cypriano ambicionou para seus filhos outros destinos.

A sua consciencia escrupulosa temeu não encontrar na alma de seu filho força, energia, coragem, dedicação, desinteresse e amor bastante para poder ser no seu tempo e no seu paiz o verdadeiro ministro de Deus; e os seus principios altamente religiosos prohibiam-lhe que annuisse a desejos sem a convicção profunda e intima de que elles equalariam a grandeza da missão tal qual elle a julgava. Oppoz-se portanto com estas e outras rasões semelhantes á vontade de José Estevão, que comprehendeu e apreciou os delicadissimos escrupulos de seu pae, e cedeu sem resistencia.

Em 1825 matriculou-se José Estevão no primeiro anno da faculdade de direito na Universidade de Coimbra.

X

A Universidade de Coimbra era em 1825 muito pouco differente do que é hoje.

No claustro pleno não estão agora debaixo dos mesmos capellos e das mesmas borlas todos os varões que alli existiam ha trinta e sete annos; porém o espirito da *ordem* é o mesmissimo, e mesmissimos são os artigos do jesuitico e absurdo regulamento universitario.

O corpo docente é ainda uma congregação de frades não professos, obedecendo a uma regra, que tem tudo que ha do mau, do ridículo, do nocivo e do criminoso da regra da companhia de Jesus, sem a menor das coisas boas que alli se podem encontrar. De fórma que, em um paiz d'onde foram expulsos por duas vezes os jesuitas, existe ainda uma corporação que só se distingue da antiga companhia pelo differentissimo merecimento dos seus socios.

Retrogradar — foi e é o progresso da Universidade. Guerra ao merecimento, ao talento, e á franqueza — é e será a palavra de passe dada entre os doutores.

Excommungar os revolucionarios, deprimir os feitos da liberdade, e suspirar pelas antigas glórias do throno e do altar, são ainda hoje as doutrinas que se ouvem pronunciar do alto de algumas cadeiras da Universidade, e que se vêem lithographadas nos celebres papelinhos, que o bom senso dos estudantes appellida de *sebentas* desde tempos immemoriaes.

O escandaloso monopolio da imprensa da Universidade; os despoticos e tyrannicos processos da policia academica; os venaes e parciaes *veridictuns* dos juries de alguns exames, continuam a illustrar as sabias diligencias dos nossos governos.

O estudante não pôde ainda matricular-se na Universidade, sem apresentar um recibo em que prove

que comprou na imprensa privilegiada os livros, que a congregação o obriga a lêr durante o anno. Se o alumno tiver já esses livros herdados de seu pae, ou de algum seu irmão, ou emprestados por qualquer contemporaneo, ainda assim, ha de pagar livros novos porque o quer a illustradissima legislação regulamentar da Universidade.

O estudante continua a ser privado dos direitos de cidadão, excluido das leis constitucionaes, e governado pelo arbitrio de um prelado, mais ou menos discreto, nunca tolerante, rarissimas vezes sabedor.

Tres miseraveis inventam uma calumnia torpe a respeito de um determinado estudante; — sobem as escadas do paço do reitor; annunciam ao antigo verdeal, hoje archeiro e guarda-portão, que vem denunciar um estudante. — Abrem-se os dois batentes da porta magica, que dá entrada para o gabinete do prelado. S. ex.^a, ou reverendissima, põe immediatamente de parte os mais importantes trabalhos da reitoria, se poude alguma vez occupar-se d'estes, e elle ahi está offerecendo poltronas aos vilões falsarios, e prompto a escutar-lhes com o maior agrado a narração das suas perfidias.

O pobre estudante fica meio afogado na baba pestifera dos seus accusadores; o prelado exulta; manda tocar o sino, reúne o conselho dos decanos, a quem

expõe a denuncia, que elle faz propria accusação, e pede aos venerandos juizes a sentença do *malfeitor*, que muitas vezes jaz adormecido sobre o digesto sem ter sequer sonhado com a possibilidade de commetter o delicto de que o accusaram.

Mas não obstante, os decanos que são as mais das vezes a essencia apurada das preciosas qualidades das suas differentes confrarias, *riscam* o estudante para sempre da Universidade; e o pobre mancebo completamente ignorante d'este iniquo processo, recebe n'esse mesmo dia a visita do esbirro, que lhe traz a portaria do reitor e a intimação para sair da cidade no praso de vinte e quatro horas! Tudo isto em pleno seculo xix e em um paiz que tem pretensões de ser governado por leis amplissimamente liberaes!..

Ainda não é tudo. — O estudante que dá o seu passeio depois de jantar em vespera de aula, que usa bota de elastico em vez de sapato miliciano, que não leva um bilhete a todos os doutores da sua faculdade pelo Natal e pela Paschoa, que não assigna para a *se-benta*, e que duvida da infallibilidade de algum de seus mestres, fica com sentença lavrada, em quanto durar a sua formatura, de inepto, de ignorante, e de devasso. Se é parente de alguma notabilidade da côrte; se pôde em vesperas de acto, apresentar aos illustres professores alguma carta assignada por mãos que lison-

geiem a sua vaidade, lá passa sem *R* até ao gráu, ariscando-se a receber sómente uma ou outra *fava preta* nas *informações de costumes*, dadas por um máu costume, por quem não poderia passar talvez por um exame de costumes.

Se o estudante não apparece na rua senão em dias de procissão; se usa sapato de frade, cabeção de seis pollegadas e volta de dois centímetros; se vae á missa do meio dia ao Collegio Novo; se tem luz no seu quarto até ás tres horas da madrugada; se nada empenha senão no *monte de piedade* de algum doutor; se tem por servente alguma megera hedionda; se assiste a todos os sermões dos cathedraticos de theologia; se visita os doutores pelo Natal e pela Paschoa; se se faz recomendar por pessoas de credito monetario; se supplica humildemente protecção antes dos actos; — eil-o o filho querido da Universidade, o talento enorme, o estudante exemplar, o mancebo virtuoso, o neophyto indispensavel da congregação doutoral!

E a sciencia dos mestres?!

Se exceptuarmos as faculdades de sciencias naturaes, aonde alguns sabem as theorias, e onde as miserias e os ridiculos academicos estão hoje quasi desvanecidos; nas outras, é quasi tão grande a ignorancia, como são grandes as mediocridades.

Bastará dizer para conceituar a feição moral de uma

das faculdades da Universidade de Coimbra, que os pergaminhos herdados pela chamada nobreza de sangue, tem servido de *vales* para se obterem premios e distincções academicas, para se poderem vestir *capêllos*, e para se alcançarem *borlas*!

Imaginem-se quaes seriam as tristissimas impressões de José Estevão educado na franqueza, na lealdade, e na intelligente e espirituosa convivencia de seu pae, vendo-se de repente transportado para o meio de uma atmosphaera de hypocrisia, de pedantismo, de ignorancia, e de corrupção! O seu espirito prescudador e agudissimo, descobrindo immediatamente as rarrissimas excepções, que sempre ha em todas as regras geraes; desde logo lhes consagrou tanto respeito e tanta veneração quanto o profundissimo desprezo que votou á decrepita instituição, e aos seus insignificantes adeptos.

Depois que deu a sua primeira lição de direito natural, ficou considerado pelos seus condiscipulos como estudante distinctissimo, o que já era tido por um companheiro extremamente apreciavel. — Estas qualidades, e a impressão d'ellas, produziram nos auctores da *sebenta* os effeitos inevitaveis.

José Estevão ficou olhado pela maioria dos doutores da sua faculdade como má cabeça e sujeito perigosissimo. Pozeram-se immediatamente em reserva algu-

mas *favas pretas*, e fechou-se para elle o sacrario dos *partidos*, dos *premios*, dos *accessits*, e das *distincções*.

Tacto fino para conhecer o merecimento, e descobrir a intelligencia aonde a ha, em pouquíssimos logares se encontra como nos doutoraes da Universidade!

Quem nunca esteve em Coimbra, quem não frequentou as aulas na Universidade mal póde accreditar, que o primeiro estabelecimento scientifico do paiz apresente um tão triste quadro de miserias e de prejuizos inveterados, que todavia são facilimos de remediar desde o momento, que haja a vontade firme de o fazer, e o bom senso de julgar um doutor de capello como qualquer outro homem, a quem se não devem outros respeito, nem outras considerações senão as que merecer o seu caracter particular e os dotes da sua intelligencia.

E o que é mais notavel ainda é que, sahindo a grande maioria dos nossos legisladores dos bancos da Universidade, reconhecendo e stygmatisando comnosco aquella instituição anachronica, nenhum d'elles se empenhou ainda seriamente em diligenciar a sua reforma.

É que a Universidade, como a camara dos pares, como o contraco do tabaco, como o conselho de Estado, como quasi todos os conselhos — são poderes su-

periores á humana gente contra quem não é possível investir n'esta terra, — salvo se algum espirito privilegiado impetrar para isso bullas de Roma.

IX

Com quanto a morte de D. João vi não causasse no paiz aquella sensação de pesar, que sempre se manifesta com a perda de um grande cidadão, e que apresenta exterioridades mais significativas, quando esse cidadão é o rei; contudo a questão da successão ao throno alvoroçou os animos.

O herdeiro da coroa era o Sr. D. Pedro; — porém como este principe tinha acceitado a corôa imperial do Brazil, separando aquella riquissima possessão do reino portuguez; queriam alguns que este facto o privasse de quaesquer direitos á corôa de Portugal, devendo occupar o throno de D. João I o Sr. D. Miguel, segundo filho varão do fallecido monarcha.

O outro partido, igualmente extremo, era o que queria para rei o imperador do Brazil, fundando-se para isso, não só nos direitos de primogeneidade, mas nos receios que inspiravam as qualidades e o character, já manifestado, do Sr. D. Miguel,

Ambas estas opiniões eram dos homens realistas, porque o partido liberal, que tão inabilmente se tinha deixado vencer depois da revolução de 1820, estava prostrado, e conservava-se completamente indifferente ao litigio levantado entre os partidarios de um e do outro irmão.

Foi o Sr. D. Pedro, que por um acto expontaneo da sua vontade veiu terminar estas discussões por modo tal, que parecia, não só dever contentar os seus partidarios e os de seu irmão, mas interessar sobre tudo os homens liberaes.

Abdicando a corôa de Portugal em sua filha a Sr.^a D. Maria da Gloria, e contractando o casamento d'esta princeza com seu irmão, ficavam conciliados os realistas de ambos os reis; e outhorgando a carta constitucional levantava o partido liberal do indecoroso abatimento em que jazia, dando ao povo mais direitos e garantias do que soubera exigir em 1820.

Effectivamente este acto de magnanimidade do grande principe, suspendeu por um momento as discordias que começavam a lavrar no animo publico; mas não poudo inspirar generosidade e dar boa rasão a uma certa parcialidade nascida no obscurantismo, que vivendo de privilegios odiosos, não podendo suportar a igualdade perante a lei, e repugnando-lhe a nova instituição que promettia dar os cargos publicos

simplesmente ao merecimento e ás virtudes: começava conspirando nas trevas, e preparando-se para destruir a grande obra do Duque de Bragança.

O instincto, o character, e a educação do infante D. Miguel, prestavam-se notavelmente a secundar os planos e as intenções da facção retrograda e absolutista. Contaram com o seu auxilio, enviaram-lhe emissarios, e viram coroados os seus desejos do melhor exito. — D. Miguel era o seu homem.

XII

bibRIA

Dirigia-se para Londres a augusta princeza que devia occupar o throno de Portugal, e não se sabiam ainda em Lisboa, com um character official, quaes eram as intenções do Sr. D. Miguel; já os partidos novamente se agrediam nas palestras, nas discussões publicas, e n'um tal ou qual simulacro de imprensa que então havia.

O partido absolutista era o mais numeroso. Contava nas suas fileiras a maior parte dos fidalgos, a maioria dos chefes militares, quasi toda a magistratura, o clero com pouquissimas excepções, e a plebe rude e ignorante.

O partido liberal era a mocidade das escólas, o poyo das cidades, e os caracteres publicos que já se tinham distinguido em 1820.

É escusado dizer que o corpo cathedrático da Universidade de Coimbra pertencia na maxima parte ao partido absolutista.

Era pois Coimbra um dos logares do reino, onde o embate das opiniões oppostas foi mais ruidoso; porque tambem essas opiniões eram as extremas. Um moço estudante, quando é liberal — é republicano; e um doutor de capello, quando é absolutista, — é, áparte a coragem, um despota mais implacavel que Nero ou Caligula.

Os academicos tinham as suas reuniões publicas aonde debatiam calorosamente todos os principios da liberdade, todas as doutrinas democraticas, todos os direitos do povo. Não era raro ouvir em algumas d'aquellas sessões accusar de liberaes timidos os convencionaes de 1793, e citar com desprezo as opiniões *moderadas* de Danton e Robespierre.

Os doutores sempre inimigos da luz e da publicidade, reuniam-se secretamente em claustro pleno, ou em congregação, e preparavam-se para tirar uma desforra ampla, e eminentemente usuraria de todas aquellas manifestações do espirito liberal da academia.

José Estevão já então era notado nos clubs políticos dos seus condiscipulos e contemporaneos pela energia, pelo enthusiasmo e pela eloquencia com que defendia as mais puras doutrinas da liberdade; e pela sua tolerancia com todas as opiniões dos adversarios. Não era ainda o tribuno inspirado, nem o orador unico, mas já o liberal convicto, e o revolucionario audacioso.

Não lhe faltavam recommendações para obter a malquerença do corpo cathedratico.

Ficou indigitado para as vinganças futuras; e se não tem fugido logo ás primeiras expansões do enthusiasmo absolutista, a sua bella cabeça seria mais uma que enfeitaria os postes que guarneceram a estrada funebre que D. Miguel percorreu nos seis annos do seu reinado.

XIII

No meio do grande alvoroço de esperanças, de aspirações, de prognosticos, de duvidas, de desejos, chegou a Lisboa o irmão de D. Pedro, o noivo designado da sr.^a D. Maria II.

Este principe vive ainda no exilio; não insultaremos a sua desgraça; não pronunciaremos o seu nome

com o odio de ruins paixões, mas não calaremos, por uma falsa generosidade, e por hypocritas contemplações, a apreciação de todos os actos do seu governo de nefasta recordação.

Politico inhabil, ambicioso sofrego, espirito ignorante e curto, rompeu bruscamente o contracto matrimonial com sua sobrinha, e rasgou a constituição com a primeira pegada que imprimiu no solo portu-guez. Destruiu de um golpe os unicos elementos que lhe asseguravam o governo do reino, e lhe realisavam as suas vistas ambiciosas, para arriscar o baixel da sua fortuna nas ondas de sangue que fizeram soçobrar o seu reinado, e affogaram o seu nome e a sua memoria.

As disposições em que veio o sr. D. Miguel abriram vasto campo á orgia dos canibaes para quem o assassinio e o roubo eram crença e mister.

A fidalguia fossil, envolvida nos prejuizos da raça que degenerava, e nos pergaminhos envelhecidos que recordavam a façanha, ou o merito de um avô plebéo e traziam á memoria a insignificancia e nullidade dos que a sua herança enobrecêra, era a primeira no séquito do despota inhabil.

Seguia-se-lhe a sua irmã gêmea, a aristocracia ecclesiastica, de padrés astutos e hypocritas, que, abusando da religião, e aproveitando-se do poder temporal, que a tyrannia precisa confiar-lhe, escravisam o oppressor

e os opprimidos. Apoz estes, iam os seus cumplices, os instrumentos automaticos dos seus enredos e maleficios, — o clero ignorante e indigente.

Formava o coice d'este prestito do despotismo, da intolerancia, da retrogradação, da mentira e do vicio, a plebe dos malfeteiros de todas as castas, dos ambiciosos sem merito, dos cortezaos de todos os poderes, em quanto o são, e uma seita de fanaticos, que não podem viver sem as dôres do cilicio, e sem os golpes das disciplinas; seita miseravel, que ainda existe n'este paiz, e que precisa, para viver e gosar, ter suspensa sobre a cabeça a arma vil do caceteiro, e diante dos olhos o patibulo infamante dos despotas.

Se se podesse formar uma colonia á parte da humanidade, com todos os individuos d'esta seita que ha espalhados pelas differentes nações do mundo, deixando-lhes o governo e as leis, que ambicionam para a sua felicidade, e para a boa regencia dos seus interesses; — assistiriamos a um espectáculo unico de degradação e de immoralidade; mas que terminaria pelo aniquillamento d'esta raça que envergonha o pensamento humano e a criação divina; porque os principios da sua constituição, e as leis organicas a que obedecem os levaria a estrangularem-se uns aos outros.

O partido miguelista era isto no apogeu da sua gloria e do seu dominio. Hoje nem isto é.

Os miguelistas de D. Miguel são meia duzia de fanaticos respeitaveis pela sua dedicação desinteressada, e inoffensivos pelas suas aspirações impotentes.

Os temíveis, são os miguelistas de D. José, de D. Antonio, de D. Fuas, ou de outro qualquer Dom, — e d'estes ainda ha tantos!...

XIV

Os primeiros actos do governo absoluto foram ineptos e brutaes. O rei e os ministros não deram tempo a formarem-se illusões, nem duvidas. — Disseram logo quem eram, e ao que vinham.

Lisboa, sempre docil em acceitar o jugo de qualquer que seja o governo que se lhe imponha, dobrou o collo á tyrannia, e viu, sem estremecer, roubar o throno á sua rainha e rasgar a carta, que lhe garantia os seus direitos e lhe dava a liberdade; como viu depois, sem sobresalto, nem indignação os assassinios monstruosos do Caes do Sodré, e do Caes do Tojo.

Povo frio, indolente, e preguiçoso não é facil tiral-o da apathia e da somnolencia em que vive, nem inspirar-lhe enthusiasmo e força para qualquer commettimento arriscado.

O lisbonense em nada se parece com o outro povo do reino;—as suas modernas façanhas têm-se limitado a uma, ou outra assoada, a este, ou aquelle individuo, e a acclamações e vivas a todos os reis constitucionaes, e não constitucionaes.

Depois de 1640 nunca houve uma revolução em Lisboa; tanto que o bom senso publico não tem chamado revoluções aos movimentos populares, que de quando em quando tem havido na capital; antes os designam com o caracteristico nome de *bernardas*.

Lisboa supportava o governo do ex-rei de Napoles se elle tivesse um corpo de policia fiel á sua fortuna.—Uma povoação de trescentos mil habitantes tem-se deixado constantemente aterrar por tres mil bayonetas, sem pensar uma só vez, que houve uma cidade na Europa, que construiu sessenta mil barricadas em uma noite, e venceu um exercito de duzentos mil homens, o mais bravo dos exercitos do mundo!—As pedras das calçadas de Lisboa tem servido para quebrar uma, ou outra vidraça; mas ainda não serviram para formar uma barricada, quando a oppressão das bayonetas obriga a sua feitura.

D. Miguel foi acclamado em Lisboa rei absoluto no meio das demonstrações do maior regosijo de toda a cidade. Houve illuminações brillantissimas, repicaram os sinos; e toda essa gente que no dia 24 de julho

de 1833 devia espingardear pelas ruas os miguelistas inermes, cacetava em 1828 os constitucionaes, entoando o *rei-chegou*, e dando calorosos vivas a D. Miguel!

Quando os homens commettem d'estas vergonhas e d'estas fraquezas, é preciso que a historia seja implacavel e que o historiador não seja corteção nem do rei nem do povo para que proteste em nome da bravura, da dignidade, e do espirito eminentemente liberal do povo portuguez, contra a pusilanimidade dos búrquezes de uma cidade realista, que assistiu durante seis annos a todos os espectaculos hediondos do despotismo, sem tentar o mais pequeno esforço para se libertar e á patria do poder do tyranno sanguinario, antes deixando fusilar covardemente os infelizes soldados de infantaria n.º 4, que ousaram pronunciar-se pela constituição e pela rainha!

Não succedeu outro tanto nas provincias. Ahi respira-se um ar mais puro. O trabalho dos campos robustece o corpo, e a contemplação da natureza inspira na alma sentimentos de liberdade, de independencia e de amor por este abençoado torrão para o qual todas as estações são primavera!

A reacção contra os arbitrios do poder, e contra a violação dos mais sagrados direitos do homem, rebentou energicamente em muitos pontos do reino.

A mocidade academica foi das primeiras que se levantou em Coimbra para sustentar a liberdade do povo portuguez, e os direitos da rainha.

As vestes academias transformaram-se em fardas militares; os livros em espingardas; e os estudantes em soldados aguerridos e valentes.

Entre os mais moços, os mais entusiastas e os mais bravos d'aquelles soldados do futuro, d'aquelles operarios do grande templo de civilisação distinguia-se José Estevão, o primeiro, o mais moço, o mais bravo, o mais liberal, o mais talentoso; e tambem o mais modesto de todos elles.

Depois da acção da Cruz dos Marroços, infeliz para as armas liberaes, o batalhão academico partiu para o Porto, onde se juntou ao exercito constitucional.

Com quanto o numero d'estas forças fosse muito inferior ás do exercito miguelista, todavia o espirito liberal que os animava, e a segurança que encontraram dentro dos muros do Porto, no meio do mais nobre, do mais trabalhador, e do mais valente povo d'esta terra portugueza, davam-lhe garantias sufficientes para esperar sem receio a boa fortuna das armas. Mas um d'estes mysterios inexplicaveis, um d'estes arbitrios surprehendentes, levaram os generaes que commandavam aquelle punhado de valentes a embarcarem-se clandestinamente no navio inglez *Belfast*, que

se achava fundeado nas aguas do Doiro, —desertando assim das suas bandeiras, e abandonando um exercito sem chefes á carnificina de inimigos numerosos e disciplinados!

Foi n'esta conjunctura que um homem de bem, e um militar intrepido, o coronel Pizarro, salvou os seus camaradas, tão celebrenmente desemparados por quem devia vencer ou morrer com elles. Reuniu apressadamente toda a força ainda não desmoralizada pela fuga dos generaes, atravessou com ella o Minho, e refugiou-se na Galliza.

Dos soldados muitos fugiram; outros homisiaram-se no reino. O batalhão academico emigrou todo.

bibRIA

XV

José Estevão não contava ainda dezenove annos completos, quando o despotismo o exilava pela segunda vez da sua patria.

Em algumas povoações da Galliza, elle e os seus companheiros passaram horrores. Aquella gente bruta e selvagem negou muitas vezes aos emigrados portuguezes a agua e o fogo, que os cafres nos sertões de Africa não recusam a nenhum viajante!

Todavia o bom humor de José Estevão, o seu espirito folgasão, e a robustez da sua saúde, faziam-lhe sentir pouco os incommodos da emigração; antes tirava sempre partido das differentes situações em que se achou para mitigar as saudades da patria nos differentes episodios, que as boas fortunas de coração quasi sempre proporcionam em paiz estrangeiro a um mancebo da sua idade.—As gallegas pagaram-lhe em boas graças a brutal hospedagem de algumas auctoridades hespanholas.

XVI

Pouco se poderam demorar no paiz visinho os emigrados liberaes. Aquelle povo infeliz quasi sempre opprimido por um despotismo mais ou menos disfarçado, não pode offerecer segurança a homens livres.

Alguns dos refugiados portuguezes embarcaram-se na Corunha para Inglaterra e os outros no Ferrol. Com estes ultimos foi José Estevão.

Depois de uma viagem trabalhosissima de mais de quarenta dias, avistaram os infelizes expatriados as costas de Inglaterra, que saudaram com o triste sorriso do misero, cuja sorte lhe não consente escolher senão entre os males o menor mal.

Quando José Estevão desembarcou em Plymouth sentiu gelar-se-lhe o coração. Era aquella a terra da liberdade, era o berço de um povo digno da sua fortuna e da sua grandeza, pelo seu patriotismo, pelo seu amor ao trabalho e pelo seu respeito ás leis que a si mesmo deu ! Mas não era o ceo de Portugal ; não era este sol resplandecente da península, que aquece a alma e consola o coração.

Nenhum homem conhece deveras o que é este amor consagrado á cidade ou á aldeia aonde nascemos, esta sympathia instinctiva pelos logares aonde passamos os primeiros annos da nossa infancia, este laço mysterioso que nos prende á terra aonde repousam as cinzas dos nossos paes e dos nossos avós, — senão quando o destino ou a fatalidade o arremessa a um paiz estranho sem certeza, nem muitas vezes esperança de voltar á patria !

O que nunca esteve exilado, não póde dizer que conhece a saudade, esse espinho agudissimo «que os seios d'alma dilacera», e que definha o espirito na melancolica aspiração de um desejo, cuja impossibilidade de satisfazer elle lê na terra, no ceo, nas flores, na agua, que vê, que sente, que conhece, que não é a terra, nem o ceo, nem as flores, nem a agua limpida e transparente que resvalla das montanhas da sua patria, para banhar os lanranjaes dourados e acordar os

eccos dos valles com o murmurio doce das suas mansas ondas!

José Estevão encostado á cortina do caes de Plymouth, olhando para o immenso numero de navios que povoavam o porto, e para as mil chaminés das vastas fabricas que espalham no ar esse fumo espesso que tinge de negro o azul do ceo, assistia indifferente áquelle grandioso espectaculo da industria e do trabalho de um povo rei.

A sua attenção não se fixava em nenhum dos curiosissimos quadros do magestoso panorama que tinha diante de si. Os seus olhos, olhavam mas não viam. Acompanhavam a alma e o pensamento ás margens d'esse pequeno rio sem esquadras, sem commercio, sem grandes vapores, nem alterosas galeras, — para elle todavia mais poetico e mais rico com os pequeninos saveiros tripulados por uma familia de pescadores, cuja riqueza é a sua alegria e a sua rede, que o bom Deus permite que arrastem sempre cheia, quando a tiram das aguas abençoadas da costa do seu paiz!

No caes de Plymouth era ainda Aveiro que José Estevão via e contemplava com os olhos arrazados em lagrimas de saudade e desesperança!

Estendia as mãos, tremulas do frio de uma atmosphera sem sol, para esse logar do horisonte aonde suppunha estar a patria desejada; o pae, cujo destino igno-

rava; os irmãos que deixára expostos á furia sanguinaria de um governo execravel e pensava abraçar todas aquellas imagens queridas. Mas quando sentia que os seus braços era a si mesmo que estreitavam; succedia-se o desalento ao sonho, e amaldiçoava, em nome de Deus e dos homens, os scelerados que lhe roubavam todos os seus amores, — patria, paes, irmãos e liberdade!

XVII

E assim se passavam as horas, os dias e os mezes na mesma angustia, nas mesmas duvidas, nos mesmos cuidados, no mesmo isolamento melancolico, no meio de uma povoação estranha.

A monotonia da saudade só era interrompida pela chegada de algum navio que trazia noticias que a tornavam mais pungente e amarga.

Mas no meio d'aquelle nevoeiro cerrado, appareceu a final um raio de sol aos emigrados portuguezes.

Havia em territorio portuguez um pedaço de terra livre e um punhado de homens não escravizados. O valente coronel Quintino, hoje barão de Monte Brazil, com o batalhão de caçadores n.º 5, tinha conservado a Ilha Terceira fiel á rainha e á liberdade.

Esta noticia foi recebida com o maior alvoroço e enthusiasmo por todos os emigrados.

Estava acabado o exilio. — Organisar a expedição que os transportasse á Ilha Terceira foi o unico pensamento que occupou a todos.

Depois de vencidas muitas difficuldades partiram finalmente de Inglaterra os navios que conduziram os liberaes ás praias que a sua heroicidade ia illustrar.

O transito foi arriscado e difficil. A esquadra ingleza cruzava no mar das ilhas, e a artilheria de uma nação livre tinha ordem de metralhar os inimigos da tyrannia! Effectivamente alguns tiros fizeram aos transportes expedicionarios, mas a Providencia então não desamparou a boa causa: e aquelles temerarios sublimes viram o seu atrevimento coroado do melhor exito.

Quando os olhos portuguezes avistaram o cume do Monte Brazil, um grito unico sahiu de todos os labios, pronunciado com um só enthusiasmo, com uma só fé, com uma só crença: — patria! foi a palavra que se desafogou das lagrimas de alegria de todos aquelles filhos, que viram resuscitada a mãe, que julgavam perdida!

José Estevão dizia-nos ainda pouco tempo antes da sua morte, que nunca sentira dilatar-se-lhe o coração com um prazer igual ao que sentiu quando des-

embarcou na Terceira, senão quando abraçou pela primeira vez o seu velho pae depois da grave doença que teve em 1854.

XVIII

A historia da occupação da ilha Terceira pelos emigrados liberaes produziria ella só um volume de muitas paginas, todas gloriosas para o nome portuguez e para esses homens illustres, a cuja bravura, sacrificios e dedicação devemos — nós os homens da nova geração, os que tivemos a felicidade de nascer já livres — o gozo dos direitos e liberdades que descaramos com a indiferença do perdulario, que deixa arruinar a fortuna que lhe não custou a ganhar, mas que achou já feita pelo trabalho de seus avós.

Bom seria que essa historia se escrevesse para lição dos vindouros. É provavel que a escreva ainda quem assistiu a todos os episodios d'aquella época notavel, que é elle tambem o escultor digno de levantar um tal monumento.

Nós não escrevemos o drama. O nosso fim é esboçar o papel de um dos mais importantes actores que n'elle tomaram parte ; e para isso mesmo, foi preciso

— que a temeridade nos fizesse esquecer um momento a consciencia das nossas forças.

Entre os valentes do pequeno exercito constitucio-
nal, distinguia-se o famoso batalhão de Voluntarios
da Rainha, ao qual se agregaram todos os academi-
cos que vieram da emigração, formando a primeira
companhia d'aquelle corpo.

Esta junção durou pouco. — Os mancebos dispu-
tavam a coragem e o enthusiasmo a todos, e pertendi-
am ser sempre os primeiros nos pontos arriscados;
o que o pondunor e a provada bravura dos seus ca-
maradas lhes não consentia.

Houve que separal-os. Os academicos foram desta-
cados para o interior da ilha, e os voluntarios da rei-
nha ficaram com o resto da divisão. Por isso na me-
moravel acção da Villa da Praia, não entrou José Es-
tevão, o que muito sentiu, porque andava ancioso por
apresentar provas publicas de que o gume da sua es-
pada cortava com tanta firmeza as carnes dos inimi-
gos da liberdade, como os rasgos da sua eloquencia
deviam dilacerar os sophismas dos defensores do ab-
solutismo.

Teve de resignar-se ainda por algum tempo a um
papel passivo. Mas logo que ficou definitivamente as-
segurada aos liberaes a posse da ilha Terceira, e que
se apprehendeu a conquista das outras ilhas do ar-

chipelago; José Estevão entrou em todas as acções e combates, não desmentindo uma só vez até ao fim da campanha a sua coragem, intrepidez e sangue frio.

Os incommodos, as privações e os perigos da vida militar, supportava-os elle com uma indifferença e boa feição que fazia inveja ao veterano mais aguerrido do exercito liberal. — Os seus camaradas procuravam no bom humor, na vida e na graça que animava a sua conversação, distrações e alivios para os pesares e trabalhos da precaria situação em que se achavam; e elle a todos distrahia e animava.

bibRIA

XIX

Voltemos por um momento a Inglaterra.

D. Pedro, depois de abdicar a corôa de Portugal em sua filha, e de outorgar a carta constitucional, abdicou tambem a corôa do Brazil, no actual imperador seu filho no dia 7 de abril de 1831.

Moço ainda, de character energico e bellicoso, não podia supportar por muito tempo a vida monotona e socegada de um principe retirado da côrte e dos negocios publicos.

A usurpação que D. Miguel fizera da corôa da

rainha, e o aniquillamento da constituição liberal, foram ensejo para o imperador soldado empregar toda a actividade do seu espirito, todos os recursos do seu genio, todos os esforços da sua coragem, todas as qualidades do seu coração magnanimo. Havia a sustentar os direitos da rainha, a libertar a patria escravizada, e a salvar a constituição que elle decretára.

Quando chegou a Falmouth, soube que alguns dos emigrados tinham já partido de Inglaterra para a ilha Terceira, que se conservára fiel á rainha e á carta, e que alli á custa das maiores privações, no meio dos horrores da fome, e das ameaças da peste, se praticavam actos de heroidade dignos do povo forte e generoso, que conquistou a sua nacionalidade, a sua autonomia, e o seu nome, disputando palmo a palmo o terreno que occupa a inimigos poderosos de todos os paizes, de todas as raças e de todas as religiões.

O imperador reconheceu, que, onde havia portuguezes a pelear e a morrer pela rainha e pela liberdade, devia ser o primeiro o pae d'essa rainha, e o dador d'essa liberdade. Assumiu portanto a regencia do reino, que, ainda assim, lhe foi contestada por alguns emigrados, cujos sentimentos liberaes eram por tal fórma escrupulosos, que nem mesmo para salvar a liberdade admittiam se alterassem as formulas, e se

tomassem arbitrios oppostos aos principios estabelecidos na constituição.

Estas manifestações contra a regencia do Senhor D. Pedro chegaram a ser publicadas em um opusculo, escripto por um dos emigrados, a quem o imperador indiscretamente mandou passar ordem de prisão, mas do que logo se arrependeu, reflectindo, que, se não fôra permittido no seu governo a livre expansão das idéas e do pensamento, a sua tutela de regente não valeria mais que o despotismo de seu irmão.

Terminadas estas desintelligencias mais filhas da especial posição dos differentes antagonistas, e da effervescencia de espirito naturalissima na situação de todos elles, do que de uma differença de opiniões, e divergencia de intuitos, embarcou-se o imperador para a ilha Terceira com quasi todo o resto dos emigrados que havia em Inglaterra, e com os que tinham vindo de França.

A conquista das ilhas do Fayal, de S. Jorge, e de S. Miguel já se fez debaixo das ordens de D. Pedro.

XX

Preparava-se o grande commettimento.

O mundo já esquecido do nome portuguez, e dos

feitos heroicos do povo guerreiro, que, constrangido nos estreitos limites do seu territorio, saíra a conquistar as terras de Africa, Asia, America e Oceania, regando com o seu sangue sitios remotos e plagas até então desconhecidas, e levantando por toda a parte monumentos de grandeza e gloria, que deixaram na sombra as enormes façanhas de Cezar e de Pompeio; — ía de novo ouvir apregoar esse nome pelas bozinas da fama, por feitos que a historia ha de registrar como um dos mais augustos sacrificios offerecidos nas aras sacrosantas da liberdade.

Sete mil e quinhentos soldados, cuja disciplina era o entusiasmo; — o soldo, os riscos e os trabalhos de um intento temerario; — os commodos, privações de toda a especie; — os quarteis, quatro lenhos abandonados ao capricho das ondas; — a gloria, morrer no combate; — a recompensa, a libertação da patria e da familia, — íam, audacia sublime!, disputar a nação portugueza aos oitenta mil mercenarios que a escravizavam.

Estavam preparados os transportes: — a fragata Rainha era o navio chefe da esquadilha portugueza, que se achava fundeada defronte da cidade de Ponta Delgada.

No dia 27 de junho de 1832, ás duas horas da tarde, mandou o imperador levantar ferro os navios do comboio. Immediatamente subiram as ancoras ao

lume d'agua, desfraldaram-se as vellas; e ao grito de viva a liberdade! pronunciado pelas vozes de todos os sete mil e quinhentos soldados da expedição, começou o roteiro com o destino ao Porto, sob o impulso de uma brisa fresca, em um mar plano, e debaixo de um ceo portuguez.

XXI

Passaram-se onze dias no mar; onze dias de sustos, de duvidas, de receios; mas nem uma hora, nem um minuto sequer de desanimação, nem de fraqueza.

A senha d'aquelles soldados tinham-n'a elles dado a si mesmos: era chegar ao Porto, ou morrer sepultados nas ondas.

As primeiras luzes da aurora de 8 de julho d'aquelle memoravel anno de 1832 allumiou os muros do castello da Foz, cujo apparecimento sobre as aguas da Costa de Portugal, foi saudado pelas acclamações da alegria, que só póde julgal-a o que poudesentil-a.

Foi n'esse momento que o imperador mandou distribuir aos soldados embarcados com elle na fragata Rainha, e aos que vinham nos outros navios a seguinte proclamação:

SOLDADOS!

«Aquellas praias são as do mal fadado Portugal; alli, vossos paes, mães, filhos, esposas, parentes e amigos suspiram pela vossa vinda e confiam nos vossos sentimentos, valor e generosidade.»

«Vós vindes trazer a paz a uma nação inteira, e a guerra, sómente a um governo hypocrita, despotico e usurpador. A empreza é toda de gloria; a causa justa e nobre; a victoria certa.»

«Os vossos companheiros d'armas virão engrossar as vossas fileiras, e ambicionarão a honra de combater ao vosso lado: e se alguns ainda houver, que desacordados pretendam continuar a defender o despotismo, lembrai-vos que tendes diante de vós aquelles mesmos illudidos portuguezes, que na villa da Praia fugiram da presença do vosso sangue frio e da vossa coragem.»

«Vencedores de S. Miguel e de S. Jorge! de quem, nem os combates da villa das Vellas, da Ursulina e da Calheta, nem a posição inexpugnável da ladeira da Velha, puderam conter o entusiasmo e a valentia! Alli tendes a patria que vos chama, alli achareis a recompensa dos vossos serviços, o termo dos vossos sofrimentos, o complemento da vossa gloria.»

«SOLDADOS! Seja o vosso grito de guerra: viva a Se-

nhora D. Maria II e a Carta Constitucional; e seja o vosso timbre: *protecção aos enermes, generosidade aos vencidos!*»

«D. PEDRO, *Duque de Bragança.*»

As duas horas da tarde fundeava a esquadilha de frente das praias do Mindello. Os primeiros que desembarcaram, e que tiveram a gloria de hastear em terra a bandeira azul e branca foi a guarnição do brigade Conde de Villa-Flór.

Uma das divisões do exercito miguelista occupava a margem direita do Leça, e a outra tinha levantado as suas tendas nos pontos visinhos de Villa do Conde.

O imperador mandou desembarcar um ajudante de campo, e propôr ao commandante da primeira d'aquellas divisões, que se rendesse; proposição que não foi accêita, porque o official era realista, e não traidor á causa que se lhe confiára.

Depois das duas horas começou a effectuar-se o desembarque de todas as tropas. Para o descrever, deixemos fallar por nós o artigo principal do primeiro numero da *Chronica Constitucional do Porto* de 10 de julho de 1832.

Eis o artigo :

«A guarnição do brigade de guerra *Conde de Villa Flor* foi a primeira que saltou em terra, e logo depois

d'ella o conde de Villa Flor com todo o estado maior; uma parte do batalhão de caçadores n.º 5 e uma porção do batalhão de marinha com os seus chefes respectivos, foram os primeiros que puderam conseguir saltar na praia. O general, á medida que as tropas desembarcavam, começou a guarnecer os pontos convenientes para a segurança do desembarque. Os batalhões de caçadores n.º 2 e 3, debaixo do commando do tenente coronel Shwalback foram occupar a crista da montanha, cujas vertentes vão dar á margem direita do Leça; aonde as forças que tinham marchado do Porto se achavam então reunidas. O batalhão de marinha foi estabelecer-se em Parafita, e o de caçadores n.º 5 em Pedra Ruiva; ficando nós desde logo senhores de observar os movimentos, que as forças reunidas em Leça pretendessem fazer, e occupando ao mesmo tempo todas as estradas por onde a brigada estabelecida em Villa do Conde poderia tentar a sua junção com ellas.»

«Fez-se o desembarque com tal presteza, e a disposição das tropas foi tão rapida que ás seis horas da tarde estavam aquellas posições occupadas; e ás nove da noite achava-se o exercito libertador desembarcado sem a mais leve resistencia, e preenchidos completamente d'este modo os desejos de sua magestade imperial.»

«Sua magestade imperial desembarcou ás seis horas

da tarde entre acclamações de enthusiasmo inexplicavel da tropa, e benções de innumeravel concurso de habitantes, que de todas as aldeias proximas vinham ver e saudar, como elles diziam, o seu libertador. O vice-almirante tinha acompanhado no escaler a sua magestade imperial, levando a bandeira que as senhoras do Fayal haviam bordado, e offerécido ao mesmo augusto senhor. Sua magestade imperial encontrando o batalhão de voluntarios da rainha em columna na praia, tomou das mãos do vice-almirante a bandeira, e com expressões dignas da occasião e do corpo a quem as dirigia, a entregou áquelle batalhão.»

«Sua magestade imperial, depois de ter visitado os *bicouacs*, ordenou o movimento sobre Pedra Ruiva, e pondo-se á testa da columna, foi, por este movimento, collocar-se na esquerda da nossa linha, ameaçando assim tornear o corpo postado em Leça, e cortar-o da sua base de operações. Este movimento teve o effeito que lhe correspondia; as tropas de Villa do Conde vagaram toda a noite, tentando inutilmente effectuar a sua junção com as do Porto; e achando todos os caminhos occupados, decidiram a sua retirada sobre a estrada de Amarante; e as tropas postadas em Leça viram-se forçadas a retroceder ao Porto, passar o Douro pelas duas horas da madrugada, e cortando a ponte, irem alojar-se nas alturas de Villa Nova.»

«Os batalhões de caçadores n.º 2 e 3, seguindo aquelle movimento, marcharam sobre a cidade, aonde entraram na madrugada do dia nove no meio de vivas e felicitações do povo; e sua magestade imperial á testa do exercito, saindo de Pedra Ruiva, e seguindo a estrada que vem de Villa do Conde, entrou na cidade do Porto pelo meio dia.»

«O enthusiasmo com que os habitantes do campo corriam para terem o gosto de verem sua magestade imperial, e de o acompanharem no meio das mais freneticas demonstrações de jubilo dava a esta marcha o character que lhe competia, de um verdadeiro triumpho nacional; e a alegria e acclamações com que sua magestade imperial foi recebido na cidade excede tudo quanto a imaginação póde alcançar.»

«As tropas que tinham fugido de Leça, pouco depois de se haverem alojado nas alturas de Villa Nova, começaram com um tiroteio a inquietar a cidade; mas as embarcações ligeiras de guerra, e uma corveta, tendo recebido ordem para virem na manhã do dia dez estacionar defronte das posições occupadas por aquellas tropas, forçaram-nas a desalojar; e a divisão ligeira, e a primeira divisão de linha, passando o rio em barcos ao som de repetidos vivas á senhora D. Maria II, á carta constitucional, e a sua magestade imperial que assistia a esta passagem, acham-se n'este momento

persequindo aquellas tropas, que fogem em todas as direcções, e nas quaes reina uma absoluta confusão, e uma pronunciada dissidencia.»

XXII

Quando a divisão liberal chegava ao Campo de Santo Ovidio, envolvida com os populares que a acclamavam, que abraçavam os soldados e que lhe beijavam as armas libertadoras; viu-se saír da fileira aonde formavam os academicos, um mancebo quasi imberbe, de porte altivo, cabeça magestosa e levantada, que, com os olhos banhados em lagrimas e com o riso convulso de uma alegria superior ás suas forças; se dirigiu com os braços abertos e com os passos mal seguros, para um homem de elevada estatura e já affastado da primavera da vida, que se debruçava sobre as milhares de cabeças dos habitantes do Portó, que cercavam o exercito recém-chegado, e procurava com os olhos incendidos e com as feições transtornadas pela mais extraordinaria anciedade — um rosto querido entre os dos sete mil e quinhentos valentes, que marchavam pela sua frente.

Quando o academico rompendo a multidão que o separava do espectador ancioso, lhe tocára no hombro;

Luiz Cypriano, porque era elle, voltou-se rapidamente, e caindo nos braços do mancebo, gritou — filho! com uma voz que lhe saía das fibras mais fundas do coração!

José Estevão não podia fallar; abraçava e beijava seu pae, e ria, chorava e soluçava, tudo ao mesmo tempo, tudo convulsamente como o naufrago, que depois de ver despedaçado o seu barco e de luctar corpo a corpo com a furia das ondas, se encontra de repente em terra seguro pela mão amiga que o arrancou do abysmo no momento em que as forças o desamparavam.

O pae e o filho não tornaram a separar-se n'aquelle dia. — Luiz Cypriano contou a José Estevão como depois da aclamação de D. Miguel, fôra obrigado a sair de Aveiro e a refugiar-se no Porto, aonde se conservára homisiado em casa de um seu amigo até ao momento em que a chegada de seu filho e dos seus bravos companheiros lhe restituíam a liberdade.

Em seguida quiz o bom pae informar-se de todos os trabalhos porque passára seu filho e dos perigos que corrêra; mas elle sempre rebelde em fallar de si e em dar vulto a qualquer dos sacrificios que fazia por alguem ou pela patria, illudiu a pergunta e tratou de desviar a conversação, pedindo a seu pae informações exactas de todos os acontecimentos, que se haviam dado no continente do reino.

O procedimento barbaro e sanguinario do governo de D. Miguel inspirou-lhe um tal horror, que jurou não se entregar vivo aos soldados do despotismo; e desde então pelejou sempre com a intrepidez do que não receia ficar prisioneiro.

XXIII

Pouco tempo gosou Luiz Cypriano o prazer de estar junto de seu filho. — Começaram os trabalhos do cerco, e a devoção civica de José Estevão, o seu entusiasmo e os seus brios de militar fizeram-no procurar o ponto mais arriscado das linhas.

A Serra do Pilar foi occupada pelos liberaes. Os academicos, que pertenciam á arma de artilheria, foram dos encarregados de fortificar e defender o famoso baluarte, que protege a nobre e illustre cidade do Porto.

José Estevão foi portanto servir na divisão do general Torres, depois barão do Pico do Celleiro, que mandava a força de occupação da Serra.

O troar da artilheria e da fuzilaria contava as horas dos dias e das noites d'aquelle cerco memoravel; como o capricho das balas, que se cruzavam em todas as direcções, dispunha da vida dos sitiados. Era quasi

tão difficil escapar de um pelouro, ou de uma grana-da nas linhas do Porto durante o cerco, como é hoje escapar a uma condecoração ou a um titulo.

Os tiroteios eram contínuos, as escaramuças repetiam-se em cada hora, e houve muitas vezes duas acções no mesmo dia. — Todavia a historia encontra datas mais celebres pela duração dos combates e pelas consequencias das victorias, mas nenhuma que se assignale pela differença de bravura e de enthusiasmo das tropas liberaes.

Em um d'estes dias gloriosos em que o sol nasceu mais brilhante e mais resplandecente que o sol de Austertitz; occupava José Estevão com vinte soldados um reducto entre Lordello e a Foz. — Os miguelistas avançaram pela manhã e romperam um fogo vivissimo contra o reducto. O exforçado artilheiro via sem desanimar caírem mortos a seu lado os soldados que o acompanhavam; e ia sempre sustentando com os que lhe ficavam o fogo do rodizio, que guarnecia o parapeito do reducto, dirigindo elle mesmo as pontarias que faziam bom estrago nos miguelistas. Porém quando lhe não restava senão um soldado, e o serviço da peça se tornava impossivel, conservou-se ainda no seu posto até que o official inimigo entrou com a sua força no reducto, que se ficou chamando a *flexa dos mortos*, e em um d'estes arrebatamentos de rapaz entusiasta e atre-

vido, com a *vella mixta* que sustinha ainda na mão, chamuscou as barbas do official e fugiu para dentro das fortificações superieures debaixo de um chuveiro de ballas.

Por este acto de bravura e coragem recebeu José Estevão o gráu de cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada ; porém, como elle já havia recebido esta condecoração por decreto de 23 de novembro de 1832, em consequencia do seu intrepido procedimento na acção do dia 14 de outubro d'aquelle mesmo anno, sendo então cabo da companhia de artilheiros academicos, como adiante se relata ; o imperador concedeu-lhe o gráu de official d'aquella nobre ordem, por decreto de 7 de fevereiro de 1833, o que se vê do seguinte documento:

MINISTERIO DO REINO

*Por decreto de Sua Magestade Imperial de 7 de fevereiro
de 1834*

O Duque de Bragança, regente em nome da Rainha, havendo José Estevão Coelho de Magalhães, segundo tenente de artilheria, sido agraciado, por decreto de quinze de agosto de mil qitocentos trinta e tres, com o gráu de cavalleiro da antiga e muito nobre ordem

da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, em consequencia do seu notavel valor no commando da divisão de artilheria de campanha, por occasião da acção que teve logar no dia vinte cinco de julho do mesmo anno na cidade do Porto, quando entrou na *Flexa dos mortos*, onde se bateu até com a espada, quando a Flexa esteve por momentos em poder do inimigo, que elle ajudou a expulsar d'ella; e constando-lhe agora que já o mesmo individuo, por sua conducta na defeza da Serra do Pilar em o dia quatorze de outubro de mil oitocentos trinta e dois, sendo cabo da companhia de artilheiros academicos, fôra nomeado cavalleiro da mesma ordem, vindo por este modo a tornar-se inexequivel similhante merecê; não sendo porém de justiça que a intenção com que foi conferido aquelle honroso distinctivo deixe de produzir os seus tão bem merecidos effeitos: Ha por bem, em nome da Rainha, conceder ao referido José Estevão Coelho de Magalhães o gráu de official da sobredita muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, de que se lhe passarão os despachos necessarios. E ha outro sim por bem conceder-lhe faculdade para usar da respectiva insignia. E para sua salva e guarda se lhe passou a presente portaria. Palacio das Necessidades em 12 de fevereiro de 1834. — Joaquim Antonio d'Aguilar.

Antes d'este notavel episodio do dia 23 de julho de 1833, já José Estevão se tinha distinguido em diferentes refregas e combates.

No dia 14 de outubro de 1832 atacaram a divisão do general Torres, cinco mil miguelistas, 'que depois de vinte e tantas horas de um vivissimo fogo de artilheria, empregaram os maiores esforços para vencer a posição tão disputada. — Os liberaes repelliram o ataque com a costumada bravura, e pelas sete horas da tarde tinha o inimigo retirado deixando o campo juncado de cadaveres.

No officio que o general Torres escreveu ao ministro da guerra em data de 19 do mesmo mez de outubro relatando-lhe os successos dos dias 13 e 14 encontra-se o seguinte paragrapho com relação a José Estevão :

«O destacamento dos voluntarios academicos desenvolveu n'esta gloriosa acção, como é proprio do seu extremado valor, a maior bravura, intelligencia, coragem e sangue frio, tanto no serviço de artilheria como no que voluntariamente fizeram de fuzilaria, de uma maneira tal que por mais que pretenda extremar um só, na defeza do dia 14, não me é possivel fazel-o; e se fizesse ficaria eternamente opprimido por um continuo remorso de injustiça a respeito d'aquelles que mencionasse; e por isso os recommendo a v. ex.^a, pe-

dindo-lhe ao mesmo tempo que se sirva levar á presença de S. M. I. os relevantes serviços prestados por estes tão bravos e distintos jovens defensores, assim como merece os meus elogios o seu commandante, o capitão de artilheria Severiano Sizenando de Bittencourt, que na qualidade de commandante d'aquella arma desempenhou as minhas ordens com brayura, intelligencia e sangue frio. É comtudo do meu dever declarar a v. ex.^a que no dia 13 os dois voluntarios academicos José Estevão Coelho de Magalhães e José Silvestre Ribeiro, bem como o alferes Alexandre do Carvalhal Silveira Pereira, encarregados dos trabalhos de fortificação, dirigiram como taes o estabelecimento da brecha debaixo de um vivissimo fogo de artilheria; e no dia 14 tiveram um comportamento igual ao dos seus camaradas.»

Por esta occasião recebeu ainda José Estevão maior gloria; porque tendo o imperador mandado distribuir uma certa porção de condecorações da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada por todos os corpos que tiveram parte nas acções de 29 de setembro e de 14 de outubro, e não cabendo ao corpo academico senão uma, os camaradas do illustre mancebo não consentiram que a condecoração fosse dada á sorte e votaram por unanimidade, que era no peito de José Estevão, que ella os distinguia e honrava a todos.

Bella e admiravel lição de amor fraternal!

«És o mais moço e o de mais talento, és tão valente e exforçado como teus irmãos; — honre-se pois em ti a familia, para que os teus annos dêem mais duração á gloria, e os teus talentos maior brilho!»

Que ha ahi na historia de Roma, da Grecia ou de Sparta, que seja mais nobre e mais bello do que isto?

Que valor podia dar a todas essas fitas e titulos distribuidos aos feixes no mercado das vaidades, das insignificancias e das ridiculas bugiarias, — o que recebeu uma tal condecoração, dada por tal sorte e em tão solemne momento?

Que melhores paginas se encontram ahi nas biographias dos grandes soldados?

E elle tinha orgulho d'este curto periodo da sua vida militar, e era talvez a unica superioridade, das muitas que tinha, que não deixava esquecer a ninguém. — Por isso, quando na sessão de 23 de março de 1839, o ministro da guerra lhe fez uma insinuação indiscreta, José Estevão, na replica, atirou-lhe com as seguintes palavras, que a camara applaudiu com o respeito que inspirava a verdade e a consciencia com que foram ditas :

«Agora pelo que toca ao sr. ministro da guerra (conde de Bomfim) a respeito do qual digo principalmente

que lhe desejo fortuna e bens como para mim, porque não conheço a paixão do odio, — nem tive odio a D. Miguel!; como podia nutril-o a uma pessoa, que respeito por muitos titulos, e de quem tive a honra de ser collega na campanha da liberdade? As nossas relações militares e pessoas estão salvas. Agora, das outras relações, cada um usará como entender, e se s. ex.^a tomar a iniciativa, creio que me não ha de achar em uma posição vergonhosa, póde s. ex.^a estar certo d'isso. A minha carreira militar é mais curta que a de s. ex.^a, figura menos por condecorações, menos por sangue, mas não figura menos por devoção e por bravura (*apoiados*), e por bravura... e as curtas paginas da minha vida militar não se envergonham de apparecer na presença dos grossos volumes em que está escripta a carreira de s. ex.^a» (*apoiados*)

XXIV

As dissensões politicas que deveram depois ser tão fataes ao partido liberal, e prolongado estorvo do progresso e civilisação d'este paiz, começaram dentro dos muros do Porto, mesmo na frente do inimigo commun.

Candido José Xavier, Agostinho José Freire, José da Silva Carvalho, e outros homens notaveis, cujos sentimentos liberaes eram insuspeitos, mas que se resentiam dos prejuizos em que tinham sido educados, formavam essa escola politica, que depois se desenvolveu e alargou, constituindo o partido chamado conservador ; e professavam uma doutrina falsa e perigosa em todos os governos populares, que consiste em restringir a liberdade, aproveitando muitos dos vicios das velhas instituições, enfeitados e remoçados com formulas liberaes.

Esta escola politica conseguira affastar dos conselhos do imperador a Mousinho da Silveira, o mais notavel homem de estado da revolução. Educado nos principios de 1793, o grande ministro de D. Pedro não comprehendia a meia liberdade ; a sua doutrina não admittia transacções, nem sophismas. Entendia que os governos nascidos das revoluções populares, e sustentados por instituições livres não podem faltar a um só dos principios, cuja proclamação os elevou, nem desmentir o character revolucionario a que devem a existencia.

O governo, que se assusta da sua origem, que falta ás promessas do seu programma, e que pretende restringir qualquer das liberdades que proclamou, arrisca-se sempre a cair sem querer no chamado —

absolutismo illustrado, e a levantar contra si todas as armas de que se servira para alcançar o poder.

Mousinho da Silveira detestava esta escola politica; — elle queria ver demolida até aos alicerces toda a velha edificação governamental; mas não queria que se destruísse uma só pedra do edificio sem que estivesse perfeitamente preparada e trabalhada a que a devia substituir no edificio novo, que não só precisava ter outra forma, mas que não podia ser arrancada da mesma pedreira.

Ao partido d'aquelles primeiros *conservadores* oppoz-se o partido dos homens novos, dos liberaes, que, em questão de principios, não admittiam nenhuma transacção com o passado. N'este partido figurava Passos Manoel, e José Estevão que, não obstante os seus poucos annos, era já notado com deferencia e consideração pelos do seu partido, depois de alguns artigos que escrevêra na *Chronica dos Açores*.

D'aqui marca a data do seu nascimento em Portugal o partido progressista; partido que depois de 1836 se chamou *setembrista*, e que ainda se chrisinou com o nome de *historico*, voltando finalmente á antiga denominação de *progressista*, sem que todavia os homens que tem tido a pretensão de representarem no governo este partido, com todos os modernos appellidos, se tenham conservado fieis aos principios da origem d'elle.

Comtudo esta divisão de opiniões nos primeiros soldados da liberdade, não os levaram ás monstruosas colligações com os sectarios do despotismo, nem a esquecerem-se uma só vez de que os seus inimigos naturaes eram os miguelistas, que tinham ali armados na sua frente, os quaes era preciso exterminar primeiro, para discutir depois o que mais convinha á liberdade.

E assim se fez. As armas liberaes continuaram a repellir com a mesma bravura, e com a mesma felicidade os successivos ataques dos soldados de D. Miguel.

Entre os dias de gloria que conta a valente guarnição da invicta cidade do Porto os dias 4 de janeiro, e 7 e 21 de março de 1833, ficarão registados com indelevel memoria no nobilissimo brasão do exercito libertador.

Foi nos combates d'aquelles ultimos dias que o valente coronel de caçadores n.º 5, Francisco Xavier da Silva Pereira, depois barão e conde das Antas, illustrou o seu nome na tomada do reducto a que deveu o titulo, por feitos de estremado valor, que recordaram as heroicidades da espada do condestavel nas planicies d'Aljubarrota.

Foi tambem depois da acção do dia 24 de março de 1833 que o academico José Estevão Coelho de Ma-

galhães foi despachado segundo-tenente de artilheria por decreto de 4 de abril do mesmo anno, em consequencia das informações dadas pelo general Torres a respeito do modo como elle se houvera na defeza da Serra do Pillar.

XXV

As continuadas derrotas do exercito miguelista começaram a desmoralisar-lhe os soldados, e fizeram reflectir alguns officiaes na conveniencia de abandonarem uma causa de que não recebiam gloria, nem interesse.

As idéas liberaes, desenvolvendo-se com o tempo no espirito publico, e os actos de barbaridade do governo de D. Miguel, alastrando os patibulos de sangue portuguez, iam rareando todos os dias as fileiras miguelistas. As deserções para o partido liberal cresciam com as suas victorias. Alguns vieram arrependidos e conyencidos; muitos trouxe-os o mesmo interesse e a mesma especulação, que até alli os tinha conservado nos arraiaes do absolutismo.

Todavia estes symptomas de fraqueza, estes prognosticos de desmembração e de ruina não diminuiam a ferocidade silvestre dos partidarios do throno e do al-

tar, que, graças á sua derrota, alcançaram a liberdade de poder apellidar impunemente de *selvagens*, os seus vencedores, trinta annos depois.

Viva o rei, viva a religião! com estas benções passava o carrasco acompanhando a victima que os modernos pagãos iam offerecer na forca, altar do seu culto!

Viva o rei, viva a religião! com estas palavras sanctas abriam-se as casas matas das torres, as escotilhas dos pontões, as grades das enxovias para entrarem os *infieis* que os *apostolos* modernos queriam converter por estes meios persuasivos!

Viva o rei, viva a religião! com esta senha entrava o caceteiro na casa do liberal, e levava adiante do seu *baculo de pastor*, o velho, a mulher, a creança—até os prostrar nos templos elevados, nos caes e nas praças em adoração humilde ao *archanjo* exterminador!

Com o mesmo grito: — Viva o rei, viva a religião! foi arrancado de sua casa em Aveiro o irmão de José Estevão, com quinze annos de idade, mettido na prisão, e d'ahi conduzido para a enxovia das cadeias de Lamego, entre ladrões e assassinos, pelo *crime* de se chamar Antonio Augusto Coelho de Magalhães, de ser o filho de Luiz Cypriano, de ser o irmão de José Estevão!

Mas tudo isto era preciso. Aquellas perseguições e aquelles martyrios ajudaram a boa causa.

Os christãos arremessados ás feras nos circos, deram sangue e ossos com que se amassaram os alicerces do grande templo, cujo plano foi dado pelo Supremo Legislador que expirou no Golgotha.

A seiva, que ainda hoje vivifica a arvore da liberdade, foi extraída dos cadáveres de todas as victimas do absolutismo.

Todos aquelles horrores foram necessarios, como ainda hoje é precisa a memoria d'elles, que infelizmente não vae tão lembrada como haveria mister.

Mais vale o tempo em que a tyrannia domina, e o escravo padece, disse um grande escriptor d'este seculo, do que o em que a tyrannia dorme, porque o escravo se submette.

Esta sentença não marca ainda hoje differença de tempos; mas póde marcar-a amanhã, se os povos se não conservarem attentos e vigilantes ás doutrinas do pulpito e aos mysterios do confessorio.

XXVI

Era chegada a occasião do partido liberal tomar a offensiva.

Em Junho de 1833, saíu do Porto a expedição

commandada pelo duque da Terceira, com destino ao Algarve.

De victoria em victoria; passaram os liberaes para o Alemtejo, e chegaram a Almada no dia 23 de Julho, aonde Telles Jordão pagou com a vida as atrocidades que tornaram celebre o carcereiro da torre de S. Julião.

Ao som da artilheria do exercito liberal, assistia a povoação de Lisboa, no Caes do Sodré, á ultima execução do governo miguelista. O rufar dos tambores das companhias da Policia, e do batalhão dos Urbanos, foi bastante para abafar a voz do martyr, e os impulsos humanitarios dos espectadores!

No dia 24 desembarcou em Lisboa o duque da Terceira e os bravos do seu commando.

O entusiasmo do povo da cidade se não foi tão estrepitoso como o que recebeu D. Miguel nas praias de Belem, foi mais expontaneo e sincero; sobre tudo dos que saíam das prisões, e das casas onde estavam homisiados. Todavia houve muitos que mal tiveram tempo de percorrer desde a vespera a rua do Arsenal, escondendo a *real effigie*, com que tinham assistido ao espectaculo do Caes do Sodré, para apparecerem no Terreiro do Paço com o laço azul e branco!

XXVII

A occupação de Lisboa não terminou a lucta — D. Miguel disputava o reino palmo a palmo a sua sobrinha, e não queria deixar-lhe um throno mal sustido em contestaveis direitos hereditarios. O povo nos seus dias de desesperação e de vingança costuma respeitar pouco esses direitos; — era preciso assentar em bases mais solidas a dynastia constitucional. — D. Miguel forneceu o sangue e as ossadas portuguezas, que deviam prender o throno ás instituições, por forma, que o paiz todo lêsse nas insignias do poder real a historia dos sacrificios que fizera para as entregar á filha de D. Pedro.

O tempo mostrou depois á corôa quanto mais valem estes direitos assim adquiridos, do que a legitimidade do seu nascimento. — A fortuna com que voltou sempre das caprichosas e arriscadas sortidas, que por vezes fez fóra da órbita das suas attribuições; deveu-a ao sangue dos martyres e ás lagrimas das viúvas e das orfãs, em que mēgulhavam os degraus do throno, cuja memoria o povo respeitou, temendo a maldicção dos espectros venerandos, que elle julgava ver ainda sustentando o sceptro nas mãos que o empunhavam.

Avisado o imperador da entrada do Duque da Terceira em Lisboa, e não receando ser surprehendido pelos navios miguelistas, por isso que a esquadra ingleza os tinha tomado a todos, — feito este a que a necessidade e as circumstancias obrigaram, mas que um coração portuguez não pôde applaudir; — embarcou na Foz a bordo do vapor Guilherme IV ás dez horas da noute de 26 de julho de 1833 e no dia 28 á uma hora da tarde desembarcou em Lisboa.

Depois de fortificada a cidade, de organisados os batalhões nacionaes e de estabelecido o serviço das linhas, o duque da Terceira que partira para o Porto tomou o commando da divisão de operações do exercito do norte, e o sr. duque de Saldanha, então conde, que tinha entregado o commando das forças do Porto, e viera para Lisboa receioso de quaesquer enredos que lhe furtassem o valimento do imperador, tomou o commando da divisão, que devia perseguir os miguelistas fóra dos muros da capital.

José Estevão, segundo tenente do regimento de artilheria n.º 1, fazia parte da divisão do conde de Saldanha.

No dia 18 de fevereiro de 1834, quando as tropas liberaes alcançaram o exercito miguelista entre a Atalaia e Azambugeira, no lugar de Almoester a sete kilometros da Ponte de Santa Maria, travou-se a peleja.

Os soldados miguelistas não obstante terem perdido a força moral em successivas derrotas, nem por isso offereciam menor resistencia. — A causa era maldita, o combate fratercida, mas a coragem e a bravura sempre portuguezas.

A batalha d'Almoster é uma das maiores glorias da campanha da liberdade, e tambem um vasto sepulchro, diante do qual as futuras gerações hão de passar com respeito e saudade. — É uma data feliz na historia da libertação da patria, e tambem um anniversario funebre para centenaes de familias portuguezas, que, em um e outro campo, perderam pais, irmãos, maridos, parentes e amigos.

Os liberaes, que pelejaram o dia todo com a coragem, intrepidez e enthusiasmo, com que já se tinham distinguido nos outros combates; não poderam subtrair-se a uma dôr pungentissima, quando á noite, sentados sobre as carretas das peças das suas baterias, á luz frouxa dos *bivouacs* contemplavam o campo junctionado de cadaveres.

Todos aquelles corpos ainda ha pouco cheios de vida, ébrios de enthusiasmo, animados do amor pelas suas crenças e do odio pelas dos seus adversarios, — alli estavam gelados, inertes e mutilados! — e todos elles eram irmãos pela humanidade, pela religião e pela patria!

As balizas que separavam os dois campos inimigos,

desappareciam diante da morte! — O liberal e o realista, que horas antes se batiam com incarnecimento e delirio, alli estavam adormecidos a par um do outro, sem que os olhos do homem generoso podessem distinguir outra coisa, senão os cadaveres de dois portuguezes, de dois filhos da mesma terra!

Os valentes defensores da Serra do Pilar, os intrepidos soldados da Terceira e das linhas do Porto, choravam de tristeza, contemplando o campo ensanguentado d'Almoester! — Para que eram mais aquellas victimas? para que mais tanta orfandade e tanto luto?!

Estas reflexões não eram fraqueza, nem remorso; eram pezar de serem os elementos exterminadores designados por Deus, para destruir todas as barreiras com que a vaidade dos homens pretende estorvar a marcha do mundo, as leis naturaes e o desenvolvimento da alma humana!

Que esperavam ainda os maus conselheiros de D. Miguel? — que lhes faltava para se convencerem de que não ha reis, não ha exercitos, não ha poder algum sobre a terra, que faça parar o tempo? — para que eram mais cadaveres, mais sangue e mais carnificina? — de que lhes servia uma derrota mais para a abdicação do seu dominio?

Oh! malditos sejaes vós todos que tornastes execra-

vel o nome de vosso amo, e lhe afogastes a memoria do seu governo no sangue de vossos irmãos!

XXVIII

Os miguelistas derrotados pelo conde de Saldanha, em 'Almoester, não tiveram melhor resultado do seu encontro depois com o duque da Terceira.

No dia 16 de maio de 1834, a seis kilometros de Thomar, caminho de Santarem, no sitio chamado As-seiceira, teve o despotismo mais uma derrota, e D. Miguel a sentença da sua proscrição.

O procedimento do imperador para com o infante, foi censurado por alguns homens sem entranhas, sem generosidade, e sem nobreza de coração, que pretendiam manchar as glorias da liberdade com o sangue do inimigo vencido, e a purpura real com o fuzilamento do infeliz neto de D. João IV.

Não foi só o amor fraternal, que levou o imperador a recusar indignado a vida de D. Miguel aos desvairados que lh'a pediam, para saciarem instinctos sanguinarios; mas tambem — mas sobretudo — os seus sentimentos de verdadeiro liberal, e de valente soldado.

Depois da convenção de Evora Monte, o sr. D. Miguel embarcou em Sines para o seu desterro, que a pouca coragem dos governos liberaes, que tem havido até hoje, e a pouca confiança no poder das idéas do seculo tem prolongado, —fazendo desnecessariamente seita e partido da gratidão e memorias, e doutrina politica das recordações e saudades.

No dia em que terminar para sempre esta excepção unica das leis portuguezas, que rouba a um portuguez sómente, o direito de vir morrer á sua patria, — terá dado o partido liberal um verdadeiro documento da sua força, e alcançarão as instituições livres n'esta terra mais um triumpho e uma gloria.

Depois da saída do sr. D. Miguel, as dissensões politicas entre os liberaes começaram a tomar maior vulto.

A rainha tinha chegado a Lisboa em 22 de setembro de 1833; porém não tinha ainda idade para tomar conta do governo do reino, cuja regencia o imperador continuou a exercer.

As exigencias dos liberaes mais entusiastas pelos principios politicos da grande revolução, eram recebidas com pouca benevolencia pelo duque de Bragança, que tinha adquirido habitos menos contemporisadores no tempo que ultimamente passára nos campos de batalha, vigilando pela rigorosa observancia da disciplina militar. Houve quem tomasse esta rudeza de

caracter por animo orgulhoso, e tendencias despoticas.

No theatro de S. Carlos appareceram demonstrações publicas da hostilidade dos liberaes contra o seu chefe.

Os padecimentos physicos do imperador aggravaram-se com a impressão moral que lhe causou — a descoberta d'estes symptomas de desaffeição, que elle via lavrar entre os seus companheiros d'armas, — e o remorso que sentia pela mal sustida irritabilidade que os provocára.

No meio do mez de setembro de 1834, começou a doença do sr. D. Pedro a inspirar serios receios pela sua vida, e por isso se decretou immediatamente a maioridade da rainha, que prestou juramento á Carta Constitucional no dia 20 d'esse mesmo mez. — No dia 24 morreu o imperador, legando um throno a sua filha, a liberdade á sua pátria, e o coração á invicta cidade do Porto, altar digno da reliquia veneranda.

A biographia do sr. D. Pedro IV, fel-a Passos Manoel; e a historia, quando fallar da morte d'aquelle principe magnanimo, não poderá esquecer as memoraveis palavras do grande dictador da revolução de setembro, pronunciadas no monumental discurso da sessão de 18 de outubro de 1844:

«A gloria de D. Pedro, disse Passos Manoel, não é a

gloria de Solon, é a gloria de Servio Tullio e de Theopompo. Um monarcha generoso, que deixa o descanso e as delicias do throno, para correr aos combates, e que soffre as privações do ultimo dos soldados, não para dilatar as prerogativas da sua corôa, mas para as restringir, é, no meu conceito, a maior gloria, — o maior brazão da especie humana. Nenhum outro fundador da liberdade, em nenhum paiz da terra, se lhe pôde comparar.

«É mais do que Lafayette e do que Washington, porque nenhum d'estes dois grandes homens fizeram ao seu paiz tamanho sacrificio, nem mostraram tamanha abnegação. — D. Pedro é um Washington coroado.»

bibRIA
XXIX

O ministerio com que a Senhora D. Maria II abriu a primeira pagina do seu agitadissimo reinado, foi presidido pelo duque de Palmella. — Fr. Francisco de S. Luiz, foi o ministro do reino; Antonio Barreto Ferraz de Vasconcellos, o ministro da justiça; o duque da Terceira, o ministro da guerra; conde de Villa Real, dos estrangeiros; José da Silva Carvalho, da fazenda; e o ministro da marinha — Agostinho José Freire.

Quando se lêem os nomes d'estes homens, todos notabilíssimos pela sua intelligencia, e pelos relevantes serviços que prestaram á liberdade e ao seu paiz, e os comparamos com a lista dos modernos ministerios, a razão pergunta assustada a si mesma, se esta será a época decadente da raça portugueza!

Um dos primeiros actos do governo do duque de Palmella foi decretar a abertura da Universidade e das escolas superiores.

José Estevão, que então já era primeiro tenente de artilheria, por decreto de 24 de julho de 1834, matriculou-se no terceiro anno da faculdade de direito em outubro, por isso que tinha sido dispensado do exame do segundo anno, pelo decreto de 8 de março de 1833, que deu o *perdão d'acto* aos academicos que se alistaram nas bandeiras da liberdade.

Todos os estudantes que tinham tomado parte na revolução liberal foram recebidos pelos illustres doutores com affectada cordealidade. Havia n'elles a necessidade de fazerem esquecer o seu passado politico, luctando com os instinctos, e com os odios inveterados.

José Estevão d'esta vez não foi só; acompanharam-n'o seus irmãos Antonio Augusto, que tambem se matriculou na faculdade de direito, e Luiz Rufino, que pretendia formar-se em mathematica.

Os diminutos haveres de Luiz Cypriano, que ainda assim os repartia pelos pobres da sua terra, não lhe consentiam que provesse dos meios necessarios para cursar a Universidade a todos os seus tres filhos. Mas José Estevão, que era um Luiz Cypriano na generosidade do coração, e no amor da sua familia; não só se formou á custa do soldo da sua patente tão nobremente ganha, como não consentiu que seu pae dispendesse um ceutil com a formatura de Antonio Augusto, cujas despesas elle fez até ao fim.

O estudo das decretaes de Justiniano, e a leitura dos criminalistas, não absorviam toda a attenção de José Estevão, que seguia de longe as evoluções que se passavam no mundo politico aonde elle devia representar tão notavel e tão grande papel.

Luiz Cypriano fôra eleito deputado ás côrtes de 1835, aonde fez parte da commissão de instrucção publica; sendo ouvidos os conselhos da sua illustrada intelligencia por todos os seus collegas com respeitosa consideração.

Os trabalhos parlamentares do illustre e muito amado representante dos povos de Aveiro, foram porém interrompidos pela grave doença de seu filho Luiz Rufino, que veio de Coimbra para sua casa nas ferias da Paschoa de 1836, e não poudo voltar a concluir o segundo anno da faculdade de mathematica em que

estava matriculado, porque a morte o arrebatou dos braços de seu extremoso pae e irmãos, quando a estes já lhes sorriam as esperanças de verem no seu querido Luiz mais um genio brilhante, mais uma illustração grandiosa que os ennobreceria e á sua patria.

Muitas vezes ouvimos dizer a José Estevão que seu irmão Luiz Rufino Coelho de Magalhães era um dos maiores talentos que elle tinha conhecido na sua vida. — Foi o segundo na lista dos mortos que lhe legou saudades que nunca murcharam.

XXX bibRIA

A divergencia entre as duas fracções do partido liberal tinha crescido por tal fórma no meiado do anno de 1836; o partido conservador aproximava-se já tanto das idéas absolutas; eram tão repetidas as restricções feitas nas liberdades publicas com o sentido de conservar pura a doutrina da Carta, que a mesma Carta já desapparecia em todos os decretos e em todas as portarias dos ministros da rainha.

A dissolução da camara de 1835 e as violencias praticadas nas assembléas eleitoraes para trazerem ao governo uma maioria, que só a força das bayonetas po-

deria assegurar, fez partir o raio das nuvens, que desde muito tempo se agglomeravam no horisonte.

Na noite de 9 de setembro de 1836 a guarda nacional, essa garantia unica dos direitos populares, — sem a qual é mentira a apregoada liberdade de qualquer situação politica, e falso o nome de progressista com que muitas pretendem appellidar-se, — revoltou-se contra o ministerio presidido pelo duque da Terceira, e entregou o governo nas mãos do honradissimo patriota Manoel da Silva Passos.

São conhecidos de todos os episodios d'essa noite notavel, e as consequencias d'aquelle pronunciamento popular, que infelizmente foi regado com o sangue de Agostinho José Freire.

Manoel Passos tomou sobre os seus hombros toda a responsabilidade da sublevação, e defendeu-a dos golpes com que os conspiradores de Belem pretendiam estrangulal-a; assim como os salvou dos delirios febris de um povo armado, — não consentindo que as legiões da guarda nacional passassem a ponte de Alcantara, tolhendo-lhe a marcha aggressiva, com a eloquencia da sua palavra, que era a eloquencia de um coração cheio de bondade e de affectos generosos.

Um dos nossos mais celebres escriptores acaba de escrever nas paginas da *Revista Contemporanea* a biographia de Manoel Passos; e a historia dos governos

constitucionaes da nossa terra ha de intercalar nos seus volumes o primoroso trabalho do sabedor biographo, quando tiver de relatar o que foi a dictadura do ministro escolhido pelos votos populares.

O primeiro cuidado de Manoel Passos foi chamar os cidadãos do seu paiz á formação do código que devia reger os seus direitos e as suas liberdades.— Era no seio da assembléa constituinte, que elle queria depositar o poder, que o povo lhe tinha confiado no dia 10 de setembro.

bibRIA

bibRIA

LIVRO SEGUNDO

I

José Estevão concluiu a sua formatura na faculdade de direito no principio do anno de 1837, com a tenção de deixar a vida militar, e ir exercer a profissão de advogado na cidade do Porto; porém Luiz Cypriano, que lhe tinha já advinhado o genio, contrariou-lhe pela segunda vez a vontade, e em logar da *béca* que pretendia, recebeu das mãos de seu pae o diploma de representante dos povos de Aveiro no congresso constituinte.

A missão era difficil para um mancebo de vinte e oito annos.—Havia, não só que substituir Luiz Cypriano na confiança dos seus conterraneos; mas havia tambem que fazer dignamente parte de uma assem-

bléa que tinha que dotar o paiz com a lei fundamental das suas liberdades e garantias.—José Estevão então, como sempre, conservou-se superior á posição que occupava.

Abria-se o vasto campo ao engenho, á eloquencia e á inspiração do orador unico, que durante vinte cinco annos, armado exclusivamente com o poder de sua palavra, fez pulsar o coração de um povo inteiro com as palpitações do seu proprio coração! Viram-n'o poucas vezes nas fileiras ministeriaes;—a sua cadeira esteve sempre no lado esquerdo da camara, e nunca se sentou n'outra durante o longo periodo da sua carreira parlamentar; mas quer fosse opposição, quer fosse ministerial—era sempre o tribuno do povo.—Dos seus labios não sahio nunca uma só expressão, que offendesse os interesses, ou a liberdade da patria.

A politica de José Estevão Coelho de Magalhães foi uma unica durante os vinte e cinco annos de sua vida publica—a felicidade, a prosperidade e o engrandecimento do seu paiz; a sua doutrina uma só—a maxima liberdade compativel com a instrucção do povo e com a segurança social; o seu partido o mesmo sempre—a democracia; a sua divisa—o progresso e a civilisação.

Em 1837, quando chegou a Lisboa deputado eleito, foi hospedar-se, por ordem de seu pae, em casa do

sr. José Ferreira Pinto Basto, chefe da numerosa e respeitabilíssima família Ferreira Pinto, conhecida no paiz pelos serviços que em todas as épocas tem prestado á liberdade e á industria d'esta terra, e sobre tudo pelas estimaveis qualidades de todos os seus membros.

No dia immediato ao da sua chegada, entrou pela primeira vez na sala de S. Bento, n'esse acanhado pedestal da sua enorme gloria.

Mal pensavam os authores da constituição de 1838, que aquelle mancebo, que entrava modestamente para o seu gremio, e vinha associar-se nos seus trabalhos, não encontraria nunca competidor nos seus contemporaneos, e que só no grande orador da antiguidade acharia imperfeita similhança; imperfeita sim, — porque Demosthenes fugiu covardemente do perigo da guerra, poucos instantes depois de ter aconselhado ao povo de Athenas em um discurso cheio de eloquencia e enthusiasmo, que se deixassem sepultar debaixo das ruinas das suas muralhas, antes do que renderem-se aos inimigos da Grecia. — José Estevão o que dizia com a palavra, respeitava-o com o exemplo.

II

A chamada revolução de setembro não teve outro fim senão substituir uma constituição feita pela nação

a uma constituição outhorgada pelo rei; e é assim considerada, que ella foi uma conquista das idéas liberaes.

Se do congresso de 1837 sahisse uma constituição em todos os pontos perfeitamente igual á Carta, ainda assim, o pronunciamento de 10 de setembro tinha sido uma necessidade, porque estabelecia o grande principio da soberania nacional, que a Carta não tinha, antes de ser sancionada pelos votos populares.

Os desejos de reformar a Carta eram os do paiz inteiro; nenhum dos deputados ás côrtes de 1837 contestou a necessidade da reforma, sómente havia alguns que queriam que as bases da nova Constituição fossem a Carta e a Constituição de 1822.

José Estevão não se contentou com pequenas alterações, quiz uma Constituição completamente nova, e o mais liberal possível, em um governo monarchico. Modificou depois esta opinião, reconhecendo que o povo não estava ainda sufficientemente educado para gosar com proveito de todas as liberdades a que tem jus.

Não se pense todavia que elle mudou de opinião, ou que os seus sentimentos liberaes passaram por alguma metamorphose. Nada d'isso, — elle quiz sempre o mesmo; mas o povo é que não quiz, ou não soube querer em todas as occasiões, com elle e como elle.

A Carta, sem a camara dos pares hereditaria, sem uma religião no estado, é ainda hoje uma sufficiente garantia de liberdade, se fôr executada e não sofismada. — José Estevão tambem dspos o entendeu assim, e por isso não julgava a Constituição de 1838 tão indispensavel á felicidade do seu paiz, que não podesse ser substituida por qualquer outro codigo que tenha por base a mais ampla liberdade da manifestação de todos os pensamentos na imprensa e na tribuna, e a mais rigorosa responsabilidade dos ministros da corôa.

Oiçamos a profissão de fé politica de José Estevão, na sessão de 3 d'abril de 1837, quando appareceu no congresso o projecto da Constituição. — Foi este o seu primeiro discurso politico, e por isso aqui o inserimos na integra, não prejudicando em nada a sua publicação na colleccão de todos os discursos notaveis do eximio orador; quando este trabalho estiver concluido.

Eis a profissão de fé politica de José Estevão:

O sr. *José Estevão*: — «Senhores! Não sei definir o sentimento que me domina, tendo de usar da palavra, que tanto me foi regateada. Seja elle qual fôr, nem me impede, nem me desobriga de fallar. Maravilhado com a extraordinaria noticia de que ha um tribunal; um ser, uma intelligencia superior, a que se deu o pomposo nome de espirito humano, pelo qual

se inculcaram como definitivamente resolvidas todas as questões de direito publico, como claramente demonstrados todos os direitos dos povos, e como conhecidos e determinados os interesses de todas as nações; eu entro cheio de timidez na questão da organização politica do meu paiz com as fracas luzes do meu espirito, e contrariarei talvez as decisões d'esse grande poder,¹ cujos arestos eu até aqui considerava, e ainda persisto em considerar, mais como opiniões, que era permitido combater, do que como preceitos a que era forçoso sujeitar.»

«Senhores! Está para mim chegada a occasião, em que é indispensavel, que eu deposite francamente no vosso seio as minhas opiniões politicas, e para vós tambem é vindo o momento, em que deveis dar um solemne documento da vossa tolerancia.»

«A minha convicção é forte e energica; e quando o espirito se enche de uma convicção d'estas, ainda que as idéas que a formam se possam chamar perigosas, ainda que pareça imprudencia pronuncial-as, ainda que o silencio seja um dever; esse dever cumprido deixa o remorso de uma falta commettida. Quando uma convicção sincera e profunda se apodera do homem, e a sua lingua se não presta a manifestal-a, ou essa lin-

¹ Refere-se ao que havia dito o sr. conde da Taipa.

gua não é d'esse homem, ou elle é dotado de uma prudencia cem vezes mais perigosa, que a mais illimitada franqueza. Tolerancia, lenfibrei-a, não a peço; exigil-a-hia, se de nós fosse preciso exigir alguma virtude de homens publicos; — prendem-nos deveres de mutua complacencia, é preciso que cada um de nós respeite as opiniões dos outros, para que as suas sejam respeitadas; eu respeito-as-hei todas, combatendo aquellas com que não combinar, e espero que as minhas serão respeitadas, sem deixarem de ser combatidas.» (*Appoiado*)

«Atenção, essa peço eu; e os unicos titulos, que apresento para a merecer, são a ingenuidade das minhas confissões e a brevidade do meu discurso.»

«Para que a consideração da minha pouca idade, alguns preconceitos levantados sobre a exaltação das minhas opiniões politicas, e mesmo o preambulo de prevenções, que tenho feito, não atemorise as consciencias timidas de alguns dos meus collegas, e os não ponham em receio de que vá saír da minha boca alguma explosão de principios pouco concordes com a dignidade do throno, e com a estabilidade da monarchia; eu, denunciando a minha seita, patentearei em uma só palavra a minha crença; caracterisar-me-hei por um appellido, que não póde dar suspeita de grande exageração politica, e que nós estamos muito acostumados a ouvir pronunciar n'este congresso. Eu tambem sou

*

doutrinário; mas a minha doutrina é a que se vae ou-
vir».

«Se nós julgamos ter dado um grande passo de progresso, declarando o principio da soberania nacional, enganamo-nos. Confessando nós este grande dogma politico, é reconhecemos a força das coisas, não contestarmos os phenomenos do dia, e sujeitar-nos á influencia invencivel dos successos. Seria preciso que rasgassemos as nossas proprias procurações, que desconhecessemos o facto da nossa existencia politica, — seria preciso que dessemos um inaudito testemunho de immoralidade e scepticismo para negarmos a luminosa verdade, que no povo reside a soberania».

«Aquelle philosopho, que, cortado o corpo de bastonadas, e tendo no sentimento da dôr a prova da sua existencia, ainda assim continuava a duvidar d'ella, seria um *simile* exacto d'este congresso, se elle negasse o principio da soberania popular; — confessal-o, não foi pois virtude nossa, foi necessidade».

«Mas confessar um principio é nada; é preciso definir-o para lhe não cercear a importancia, e submeter-nos ás suas consequências para não parar em uma theoria esteril. Ora, definir o principio da soberania popular, é reconhecer que o povo é o unico senhor de todos os poderes politicos, de todas as faculdades governativas; e sujeitar ás suas consequências, é re-

conhecer que elle póde delegar o exercicio d'estes poderes como quizer, e a quem quizer».

«O principio da soberania popular, e a cessação dos abusos da Carta foram a grande conquista de 9 de setembro; e esta conquista foi que nos levantou inimigos fóra e dentro do paiz. A Europa do direito divino, não póde soffrer que nós quebrantassemos os seus dogmas de escravidão; e os que viviam do des-governo da Carta, enraivecera-se pela volta a um regimen de ordem e de responsabilidade. Estes inimigos fizeram alliança entre si, e esta alliança commum fez o seu commum descredito. Os nossos inimigos internos, appoiando-se para as suas machinações nas influencias do estrangeiro, são contrarios á nossa nacionalidade; e os estrangeiros que, para combater a nossa revolução, se ligam ao partido dos abusos, querem estorvar a nossa prosperidade».

«Se pois nós reconhecemos e definimos o principio da soberania popular; se nos sujeitamos ás suas consequencias; e se exercemos, por delegação especial, essa soberania, — inquestionavelmente estão reunidos em nossas mãos todos os poderes do estado, e temos direito a distribuil-os e dividil-os como melhor nos parecer.

«Permitti, senhores, que me eleve a esta altura, e que tire a medida das nossas faculdades do espirito

das nossas procurações, sem me prender a palayras, para evitar o embrulhar-me em questões que tocam com muitos dos nossos contemporaneos, e se referem a successos em que muita gente está envolvida».

«Se consideramos os fins e a natureza das associações politicas, achamos que é indispensavel que n'ellas haja julgados, execução, e leis; isto é, poder legislativo, judicial e executivo».

«Examinemos se estes poderes, no projecto da Constituição estão divididos de modo que esta divisão dê as maiores garantias de ordem e de liberdade.

«Juiz só, a julgar só; um rei só, com ministros responsaveis, a executar só; uma camara só, a legislar só; — eis a minha monarchia; eis o meu governo representativo». (*Appoiado, apoiado*)

«Creio que ouvi apoiados de outra parte¹ além d'estas cadeiras; — se continuarem, sento-me» (*vozes: nada, nada, tal não ha*).

«Pareceu-me, seria um engano, mas um engano, que julgo não mostrar outra coisa se não o meu zelo pela ordem». (*Appoiado, apoiado*)

«Vejo pelo projecto da Constituição, que não pôde completar-se a lei, sem a cooperação do throno; mas vejo que pôde completar-se a sua execução sem a con-

¹ Das galerias.

corrença do poder legislativo;—vejo que o throno pôde demittir os legisladores populares, pôde estorvar que a lei se faça, e que ella tem um collegio de legisladores seus; mas não vejo que o poder legislativo possa demittir os delegados do executivo, que possa estorvar a execução, e que tenha algum collegio de executores proprios. Com mais clareza: vejo que o throno tem o veto absoluto, o direito de dissolver, e o de nomear os senadores. Finalmente, vejo n'esta organização de projecto, não uma divisão egual de poderes, mas uma sujeição completa do legislativo ao executivo; vejo aquelle estabelecido de fôrma que as suas decisões podem a cada momento ser atacadas e destruidas, e o throno convertido em padastro politico, que não pôde legalmente ser atacado.»

«Notemos agora as expressões artificiosas com que se costumam encobrir ou disfarçar a aspereza e exorbitancia dos direitos que se concedem á corôa, e os poderes e forças ficticias, que se inculcam como proprias para neutralisar a sua acção. Ao *veto absoluto* dá-se modernamente o nome mais suave de *sancção livre*; mas é preciso confessar que a suavidade da phrase não diminue em nada a força da idéa. A vontade do throno sempre destroe a vontade do corpo legislativo; e a lei que a sabedoria de um congresso tinha julgado util ao paiz, morre ás vezes por um capricho. Ser livre em

sanccionar, é ser absoluto em prohibir. Ao direito de dissolver, chama-se direito de appellar para o povo; e esta expressão, além de artificiosa, é falsa. Quando se appella, é de um tribunal para outro; mas aqui appella-se do povo para o mesmo povo, porque a sentença, ou decisão do corpo legislativo, que motiva a sua dissolução, sendo dada pelos representantes do povo, é sem duvida a sentença popular.»

«Além de que, o povo não vela pelos seus mandatarios, não julga os seus actos, não tem meios de os desapprovar? Não conhece elle os seus interesses, não sabe quem lh'os promove, ou lh'os arruina? Pois o povo, que é o juiz nato dos seus representantes, que tenha direito de os demittir. E que acontece quando se dissolve o corpo legislativo? o governo cerca a urna eleitoral de toda a sua influencia. Ao cidadão necessitado, que serve a nação, diz-lhe: — se me não vendes a consciencia, reduzo-te á miseria; ao ambicioso — se me dás o teu voto abro-te o caminho das honras e das riquezas, e franqueando-te o estadio senatorio, investir-te-hei do direito perpetuo de legislar, sem que te seja preciso humilhar-te á urna para receberes a honra de uma legislatura temporaria; ao timorato, mas amigo do paiz — clama-lhe com as exagerações populares, com as vistas ambiciosas das opposições, com as democracias, e com a anarchia.»

«É isto, sr. presidente, appellar para o povo, ou obrigar o povo a reformar a sua sentença?»

«Se o povo obedece, e a sentença se refôrma, o ministerio altivo com a victoria, corre desatinado ao complemento dos seus projectos, e a escravidão cáe sobre o paiz; — se o povo persiste em suas primeiras escolhas, e manda á corôa os homens de que ella se quiz desaffrontar; e se os ministros, não querendo receber a lei da nação, contrariam ainda a sua expressa vontade, a revolução vem abalar o edificio social.»

«Diz-se tambem que o corpo legislativo pôde retirar a confiança ao ministerio, e recusar-lhe os tributos; mas quando com tanta emphase se falla n'este direito de recusas, é preciso não esquecer, como creio que esquece, que o poder executivo, tendo o poder de dissolver, ou o exercita provocado por essas recusas, ou prevenindo-as se antecipa a exercital-o. Que importa que o corpo legislativo recuse maioria ou tributos, se uma prompta dissolução annulla o effeito d'esses seus actos? A dissolução, é além d'isto a morte dos corpos collectivos, e o suicidio, não sendo natural, não é facil. Um corpo legislativo só com muito custo toma uma politica que lhe attraia a dissolução, — o receio de morrer sempre lhe acanha os brios.»

«O direito de recusar tributos, sendo um direito importante em si, é sempre usado com muita prudencia,

e assim mesmo, dá mais fructos de calamidade e desordem do que de liberdade e ventura. Consulte-se a historia — os factos são, os mestres da politica — havemos de notar, que por uma vez que um corpo legislativo tem recusado tributos — cem vezes o poder executivo tem dissolvido corpos legislativos. Que denota isto? Se os tributos são recusados, e se se lhe segue a dissolução, no intervallo das novas eleições, ou elles continuam a perceber-se, a despeito da recusa, e então o povo pagando-os, e o ministerio tratando de os receber, quebrantam as leis fundamentaes do systema representativo; ou esses tributos se não pagam effectivamente, e uma quadra de penuria, de descredito, e inacção governativa pesa sobre o paiz. No meio d'estas alternativas muitas vezes a revolução apparece, e não quero concorrer para que se faça uma constituição, onde o principio vital da liberdade não esteja seguro nas fórmulas e disposições terminantes d'ella.» (*Apoiado*)

«Diz-se, que estes direitos nunca podem ser exercidos em damno do paiz, porque a opinião publica tem meios fortissimos de censura, e desapprovação, com que enfreia todos os poderes e modera todos os excessos. Sr. presidente, pois não se quer dar ao corpo legislativo, tribunal aonde se reúnem todas as luzes da nação, aonde todos os interesses representam a força sufficiente para contrariar as pretensões exageradas do

executivo, para subordinar a sua vontade aos interesses nacionaes, e quer-se sujeitar esse mesmo executivo ás incertezas da opinião pública, ao apaixonado das suas decisões, á irregularidade das suas sentenças? Sr. presidente — é extraordinario! A inviolabilidade real é o principio elementar da liberdade e da ordem, é a base do systema representativo, e o mais seguro penhor da estabilidade do throno. Esta inviolabilidade repousa e basea-se toda na inacção governativa; e se este principio se quebrantava, se a inviolabilidade se contestasse, o throno perdia o prestigio e as prerogativas da magestade; e em luta com a nação, ou era derribado pelos braços do povo, ou encadeava o povo aos seus degraus. Assim eu acredito, senhores, eu defendo com todas as minhas forças o principio de que — o rei reina, e não governa. — Ora, quando se contesta a imprudente aglomeração de poderes de que se cerca a corôa, sempre os partidarios do desequilibrio politico nos argumentam com o esplendor, com a magestade do mesmo throno. Pois se os poderes que se concedem ao throno, não é o throno que os exercita; pois se a magestade, se o esplendor da realza, depende da sua estranheza aos negocios publicos, e está ligada á carencia de poderes, — como se quer ligitar a concessão d'elles pelos mesmos motivos que mostram a inconsequencia de lh'os conceder!?»

«Sr. presidente, não é pelo throno, é pelo proveito dos que o cercam, que se lhe accumulam poderes exorbitantes; é para encobrir o dominio oligarchico com o manto real; é para comprometter os principes nos desvarios dos homens de estado, e satisfazer ambições em damno da sociedade.»

«O que até aqui tenho exposto, é para mim sufficientissimo para rejeitar o projecto da commissão. Mas, sr. presidente, além d'isto, vejo que o artigo d'esse mesmo projecto, que trata da formação da segunda camara, estabelece que os senadores serão vitalicios. — Eu reputo este principio contrario á dignidade senatoria, inimigo da liberdade e opposto á segurança do throno. Vejo que só á corôa é dado o poder de nomear senadores, e isto considero eu como uma restricção desnecessaria aos direitos populares, e como um fatal presente feito á mesma corôa; e vejo finalmente que os senadores podem ser nomeados sem numero fixo, e n'esta faculdade descubro, ou a morte da liberdade, ou o perigo das revoluções. Tambem li (e oxalá que não lesse) uns artigos transitorios, que estão unidos a esta parte do projecto, onde se estabelece que o throno só d'aqui a seis annos entrará no direito exclusivo de nomear os senadores; mas que actualmente o povo concorrerá para essa nomeação. — Concede-se hoje ao povo participar de um direito com o throno,

e d'aqui a seis annos esse direito une-se todo ao mesmo throno! Que é isto? Não queremos nós conhecer o espirito progressivo da época? Queremos renegar do evangelho do seculo, e negar as tendencias da idade?»

«Que profecia terrivel de retrogradação é esta para o nosso paiz? Pois o povo portuguez d'aqui a seis annos ha de ser privado de um direito de liberdade, que hoje se lhe confere? O povo portuguez ha ter menos capacidade para ser livre d'aqui a seis annos, do que hoje? (*Appoiado, appoiado*). — Isto confunde-me, isto é inaudito! aqui não ha doutrina a combater, ha só uma profecia a esconjurar. Eu empenho pois todos os poderes do ceo e da terra para que a levem para longe de nós, na profunda e grata convicção de que o povo portuguez ha de caminhar sempre na estrada do progresso e da liberdade, debaixo dos auspicios da ordem e da civilisação.»

«Sr. presidente, segundo a minha exposição, talvez amanhã se diga, que sou republicano; se o fosse, havia de dizel-o; porque o nome não tem fealdade; mas eu não sou republicano, nem esse nome é de apetercer no nosso paiz. Todos os homens publicos, que entre nós mereceram esse appellido, tem assistido aos funeraes da liberdade, trajando galas, e cantando hymnos d'alegria. Eu amo os thronos, porque vejo n'elles

um principio innocente na organização social; julgo que todos os damnos que tem feito não vem d'elles, mas do modo de os constituir, do erro de os cercar de direitos terriveis, que lhe são funestos. O throno entregue ás suas attribuições de beneficencia, fóra das contestações politicas, escudado pela sua indifferença governativa; ha de descansar sempre socegado á sombra das sympathias populares.»

«Sr. presidente, terminarei o meu discurso, repetindo a minha profissão de fé politica, que tanto folgo, que seja de todos os portuguezes conhecida, como desejo que por ninguem seja desfigurada — *Juiz só, a julgar só; um rei só, com ministros responsaveis, a executar só; um corpo legislativo só, a legislar só; — eis aqui a minha monarchia, eis aqui o meu governo representativo.*»

III

Os sinceros partidarios da revolução de setembro pensavam como José Estevão—Para conservar ao poder executivo o direito de dissolver a camara dos deputados, e de nomear senadores todas as vezes que precisasse de maioria, não valia a pena fazer uma

nova Constituição. N'esse caso a Carta satisfazia tão bem como qualquer outro código.

O poder executivo irresponsavel, com os direitos que tem, é um absurdo de tal natureza, que faz duvidar da boa fé dos liberaes que advogam este principio, e chorar pela inutilidade de tantas revoluções, que nem sequer conseguiram a responsabilidade dos executores das leis!

Que o rei seja irresponsavel e inviolavel, comprehendendo-se, e até isso é necessario para haver harmonia no systema representativo; mas que haja um rei irresponsavel, com ministros irresponsaveis e com direito de dissolver a camara popular e de augmentar, quanto quizer, o numero dos membros da camara aristocratica, é inaudito. — Todavia ahi temos ha perto de trinta annos um paiz que gosa da maxima liberdade, governado por este absurdo principio.

Mas o que prova essa liberdade que gosamos em favor do systema porque somos governados? — Prova que o chefe do estado tem tido sempre instinctos constitucionaes, que se tem guiado pela opinião publica, e que se não serve indiscretamente do *presente fatal*, que a constituição lhe confere,

Mas será a boa indole de um rei, garantia sufficiente da liberdade e felicidade de um povo? A memoria de D. João VI de Portugal e Luiz XVI de França dizem-

nos bem claramente, quão pouco vale um *bom homem*, quando se precisa um bom rei.

Nos governos constitucionaes os bons reis fazem-se pelos bons ministros, que escolhem, não segundo a sua vontade caprichosa, mas pelas indicações da opinião publica. A oligarchia exilou para sempre da França a Luiz Filippe, o homem publico que até hoje tem apparecido na Europa com maiores qualidades para ser um bom rei constitucional, porque os poderes que lhe conferia a constituição tentaram-n'o e perderam-n'o.

Em Portugal a Senhora D. Maria II, que foi talvez mais homem de estado, do que muitos dos nossos ministros antigos e modernos, e que possuia qualidades particulares que o portuguez tanto respeita e tanto deseja ver sempre no throno; viu em differentes occasiões do seu reinado, levantada a nação inteira contra os seus decretos, e mesmo contra a sua corôa; porque os poderes fataes, que a Carta lhe conferia a tentaram tambem a usar d'elles.

O povo tem é verdade o direito de revolucionar-se, quando o poder executivo abusa, mas é um triste e desgraçado direito aquelle; — é um direito sempre mais funesto ao que o exercita do que áquelles contra quem é exercitado.

O partido chamado *conservador e ordeiro* tem sido

sempre o promotor de todas as revoluções, que tem desgraçado o nosso paiz, pela agglomeração de poderes com que tem investido a realza; e o partido chamado *progressista*, que tantas vezes se tem revolucio-
nado contra as consequencias d'aquella agglomeração, tem constantemente voltado das suas victorias, sempre tão caro compradas, sem avançar um passo para o estabelecimento do principio pelo qual se revoluciona.
— Depois de trinta annos de agitadissimos debates. parlamentares; depois de termos visto os inculcados caudilhos do partido progressista tantas vezes no poder; —ahi temos uma camara de legisladores hereditarios, recebendo todos os dias novas *forçadas*; e um ministerio sem lei de responsabilidade por onde se julguem os seus actos.

Que pouco proveito de tanto sangue, de tanta lagrima e de tanto sacrificio! — A profissão de fé politica de José Estevão em 1837, é ainda hoje em Portugal no anno de mil oitocentos sessenta e dois, uma confissão audaciosa, que nenhum liberal honrado poderá pronunciar sem que pese sobre elle o stygma de revolucionario, de republicano e de demagogo!

Vamos por um tempo e por um caminho em que os democratas se fingem mais realistas que o rei; pretendendo conservar o poderío, não pela influencia dos seus principios na opinião publica, nem pela audacia

e proveito das suas reformas, nem pela firmeza do seu character liberal; mas por uma grosseirissima adulação do poder real, atirando ás faces dos adversarios de hoje, com hypocrita reprobção, as accusações e doestos, que alguns fizeram á corôa com applauso e regosijo dos seus modernos accusadores.

Se o povo não acordar da sua culposa indiferença; se se não servir dos meios legitimos e constitucionaes que possui, para desterrar para sempre da governação publica estes falsos democratas que se appellidam *bons hommes*, pensando com este titulo poderem encobrir o nome de máus cidadãos, que lhes compete pela sua infundadissima ambição e vaidade; ficarão para sempre desacreditados os governos populares, e as liberdades publicas continuarão á mercê da boa indole do rei.

Os principios estabelecidos por José Estevão na sua profissão de fé politica, — são os do verdadeiro liberal e do honrado democrata — um só juiz, a julgar só; — um só rei, *com ministros responsaveis*, a executar só; — uma camara só, a legislar só — eis a verdadeira doutrina liberal e progressista, em um paiz que não pôde ser senão monarchico.

José Estevão não insistiu sempre por aquelles principios, mas usou em todas as occasiões, e em todos os logares, do poder da sua eloquencia e da sua popula-

ridade para dispôr o espirito publico á adopção d'aquella doutrina.

Não teremos ainda bastante educação constitucional, para que o partido democrata possa escrever sem sustos, sem receios, nem sobresaltos na sua bandeira a profissão de fé politica do joven deputado por Aveiro ás côrtes constituintes de 1837?

Se ainda n'esta terra ha homens de principios, capazes de sacrificar a sua ambição e os seus interesses ao triumpho glorioso de uma doutrina politica; hasteiem aquella bandeira, prestem publico e solemne juramento de não acceitarem o poder em nenhuma circumstancias, sem a certeza de poderem cumprir fielmente as promessas da sua divisa; e essa facção de falsos progressistas, de liberaes sem crenças, de fingidos democratas, desaparecerá das lides politicas, desfeita na nullidade dos seus chefes, ou irá engrossar as fileiras dos partidos de que hoje se inculca adversaria, se elles lhe encontrarem valor e prestimo.

No dia em que esse partido chegasse ao governo, forte com o poder de sua doutrina, com o appoio da opinião publica, e com as victorias alcançadas nas discussões parlamentares; — quando seis ministros saídos do seio da representação nacional, por indicação das idéas do tempo e das necessidades publicas, se apresentassem diante dos representantes do povo com a lei

*

da responsabilidade, em virtude da qual se obrigassem a governar ; quando o poder legislativo fosse um só, e todo filho de eleição popular, teria José Estevão no seu paiz um monumento digno do seu grande genio, e alcançaria a sua memoria o triumpho unico que elle ambicionava para a sua portentosa eloquencia, para o seu desinteressado trabalho, e para a pratica das suas grandes virtudes de prestante cidadão e honrado democrata.

IV

A discussão da Constituição de 1838 foi muitas vezes interrompida por variados incidentes, que a posição excepcional do ministerio de Manuel Passos lhe obrigava a trazer ao parlamento.

A oligarchia vencida em Belem conspirava sempre. Os marechaes, vendo perdida a sua influencia perante um governo popular, e contando bastantes sympathias nos corpos militares, incommodaram seriamente a administração setembrista até que a derrota de Rui-vães lhes arrefeceu o enthusiasmo revolucionario, sem todavia os desenganar de que não é facil destruir nenhuma situação em quanto tiver por si a opinião publica, e baseie a sua força nos votos populares.

O ministerio porém, que tinha luctado durante a dictadura com a má vontade do paço, com a desaffeição do exercito, e com a antipathia dos funcionarios superiores do estado, e que no meio d'esta vida agitada e contrariada soube caminhar com passo firme, com audacia esclarecida, e com vontade energica pela estrada das reformas, organisando muitos dos ramos do serviço publico, e fazendo leis que ficaram para sempre, apresentando em difficilimas circumstancias um exemplo de actividade de trabalho e de intelligencia, que contrasta singularmente com o ocio governativo das modernas administrações na paz podre dos nossos dias; não foi todavia igualmente feliz na sua politica, perante o congresso constituinte.

Manuel da Silva Passos, que fora um verdadeiro homem d'estado durante a dictadura, pecou depois por se deixar levar mais pelo coração do que pela cabeça. A sua alma de poeta contrariava muitas vezes a sua razão de estadista. Depois de ter legitimado a revolução, e de a ter salvado dos golpes dos seus inimigos, deixou-a enfraquecer, á semilhança do que depois fez Lamartine em 1848, por crer que todos os seus concidadãos tinham uma alma e intelligencia igual á sua.

Manuel Passos queria vencer os adversarios na praça publica e no campo de batalha, e abraçal-os depois

no *Forum* e no gabinete. A confiança que depositava no inimigo vencido, tinha-a pela maior garantia da sua fidelidade.

Era magnifico se fosse possível; mas o homem civilisado está ainda muito longe de ser o que deve ser; e Manuel Passos foi enganado pela generosidade do seu coração. Este sentimento porém era tão verdadeiro e tão sincero, que ainda depois dos factos lhe mostrarem o seu erro, elle attribuia constantemente a morte da revolução á intolerancia dos seus amigos politicos, e nunca á sua complacencia com inimigos incapazes de lhe comprehenderem o animo generoso.

José Estevão tinha-se votado de coração aos principios proclamados na noite de 9 de setembro de 1836, e appoiava, com todo o ardor das suas crenças, o ministerio de Manuel Passos, cuja dictadura lhe inspirára plenissima confiança de que seria sempre o zeloso regulador das liberdades publicas. Mas, vendo que a revolução se ia entregando nas mãos dos seus mais poderosos e naturaes inimigos, e que o governo parecia esquecer completamente o axioma politico, que nos diz: «que é contra nós, quem não está comnosco» gritou áleria aos mancebos que, como elle, queriam a revolução victoriosa ou vencida nas luctas armadas, ou nas luctas parlamentares; mas não raptada traiçoeiramente por aquelles em quem a cegueira do go-

verno tinha confiado a guarda das doutrinas d'essa revolução, e a vigilância pelos principios que ella proclamára.

A sua opposição ao ministerio não se manifestou só na discussão do projecto da Constituição. O discurso, anteriormente transcripto, denuncia bem a divergencia das opiniões do moço deputado com as do ministerio.

Os padrinhos do pronunciamento feito pela guarda nacional em 9 de setembro, queriam que a unica concessão que havia a fazer ao partido vencedor fosse o reconhecimento da soberania popular.

Isto, como já dissémos, era um perfeito sophisma, porque se o Congresso Constituinte decretasse a Carta de 1826, sem uma unica alteração, teria satisfeito as intenções da revolução; o que era completamente falso desde que a maioria da nação concordou na necessidade de reformar a Carta. Havia portanto mais alguma coisa a fazer além do reconhecimento da soberania popular; por isso mesmo que essa exigencia ficou satisfeita logo que o povo elegeu representantes com poderes para fazerem uma nova Constituição.

José Estevão, quando fallou pela segunda vez a respeito do projecto da Constituição apresentado ao Congresso, desenvolveu mais os principios estabelecidos na sua profissão de fé politica; provou, com argumentos irrespondiveis, que o veto absoluto concedido ao

throno, ainda mesmo com a responsabilidade dos ministros, era prejudicial á causa da liberdade, aos interesses do paiz e á estabilidade do mesmo throno.

Poucos dos membros do Congresso, acompanharam então a sua politica; mas elle apresentou-se, como sempre, franca e desassombradamente, defendendo as suas opiniões, com energia e profunda convicção.

«Pertenco á seita da mocidade, e glorio-me de pertencer a ella, — disse José Estevão ao Congresso na sessão de 25 de abril de 1837, — a essa seita que se soccorre sem se vêr communicar, e que se communica sem se corresponder; a essa seita, cujos symbolos são os proprios signaes da juventude, cujos estatutos são os puros sentimentos da natureza; — seita a que a Europa deve tudo que tem de grandeza, de civilização e de liberdade; — seita, cujos principios eu defenderei sempre, mesmo depois das cãs me alvejarem na cabeça. E n'este momento irei buscar a coragem necessaria, para sair da perigosa situação em que me acho, á minha propria convicção, e só a ella.»

Abençoada geração que contava com tão eloquente apostolo, tão firme e honrado defensor da democracia e da liberdade! Hoje, a geração que lhe succede, effeminada e rachitica, renega até as vantagens da sua mocidade; vê-se no espelho do passado, e esconde em rugas postizas a frescura da juventude, temendo o os-

tracismo a que são condemnados os homens novos pelos modernos centuriões dos partidos políticos!

Quando o homem publico não admitte a meia liberdade, nem soffre transacções com os seus principios e com as suas crenças; quando elle intende que os partidos populares, ou democraticos, que forem dirigidos por duques, por marquezes, ou por quaesquer outras entidades em que os principios aristocraticos são educação e instinctos; hão de ser forçosamente atraídos nos seus intentos e designios; estampam-lhe nas faces os nomes dos Marats e Robespierres, e affastam-nos para sempre da gerencia dos negocios.

José Estevão também foi perseguido no principio da sua vida publica, e quasi no fim d'ella, por aquelles execraveis appellidos; mas na citada sessão de 25 de abril de 1837, respondeu também triumphantemente aos *ordeiros*, que pretenderam estigmatizar a sua doutrina liberal com os nomes dos fanaticos republicanos de 1793.

«Os desfavores da fortuna destroem por acaso os direitos dos povos? — exclamou o grande orador — as conspirações liberticidas podem desacreditar a liberdade? Porque motivo a theoria tem resolvido contra os factos o programma do *Hotel de Ville*? O illustre deputado (Almeida Garrett) bem os sabe, e o Congresso não os póde ignorar.»

«Tambem se nos citou a morte de Carlos I e de Luiz XVI. — Sr. presidente, os dias em que uma nação se constitue, são os dias de noivado entre o throno e essa nação; e será cortez aguar o prazer do festim com as narrativas funebres, e salpicar com sangue as galas dos convidados? Quando nós vamos lançar sobre o joven throno as flores da boda, para que é mistural-as com os cyprestes da morte? Sr. presidente, a nossa rua do parlamento, a nossa praça da revolução, é esta sala; e aqui discutem-se muito maduramente os direitos da corôa e do povo, e não se cortam cabeças de reis (*Appoiado, apoiado*). E os Robespierres e os Marats!... exclamou o nobre deputado. Muitas vezes reflectindo eu sobre a sorte dos povos, tenho dito comigo: — estes homens tem feito mais mal á liberdade com os seus nomes do que com os seus crimes. E com effeito, os seus crimes passaram; o tempo tem-lhe desvanecido os effeitos; mas os seus nomes intimidam o presente, e prejudicam o futuro; são (permitta-se-me que assim lhes chame) os *papões da liberdade* com que se intimida o povo, e se incutem receios no progresso. Sr. presidente, desenganemo-nos; a historia da revolução franceza, é a historia só da França, e só d'essa revolução. Não se tornam a repetir os seus successos, nem cá, nem em paiz algum; não o consente a civilisação da nossa idade. Desde os

horrores d'essa vertigem revolucionaria até agora, quantos povos tem tomado as armas para defender os seus direitos? Acaso tem algum representado as scenas criminosas da convenção e do directorio? O mesmo povo francez, sentado nas ruinas de um throno, tendo em suas armas victoriosas os destinos da França, senhor da lei e da força; lançou aos pés do heroe dos dois mundos os troféos do seu civico triumpho, e á voz d'elle a ordem e o governo renasceram sem esforço do orgulho da victoria, do tumulto das paixões, e das confusões dos partidos. Tal é a differença dos tempos, tal é o espirito da nossa idade! Robespierres e Marats em Portugal!... O nosso paiz não nutre estes monstros. Abra-se a nossa historia; não tem sido poucas as nossas revoluções, e ainda não appareceu em nenhuma um homem d'esses. Os Robespierres e Marats nunca foram do nosso clima, e já não são do nosso seculo.» (*Muitos apoiados.*)

Que brilhante replica ás artificiosas calumnias dos ordeiros? Mas infelizmente não aproveitou a lição, e ainda hoje, quando um homem novo e verdadeiramente liberal apparece na vida publica; o burguez mentecapto recorda-se dos nomes de Robespierre e de Marat, que ouviu uma vez pronunciar ao antigo juiz de fóra, e assustado pelos bens que adquiriu com a usura do seu trafico, esconjura o talento e a franqueza; e con-

tinua a votar na mediocridade hypocrita que conhece desde pequeno no mesmo poiso da somnolencia, sem que lhe possa caber nenhum d'esses nomes que tenha saído da obscuridade por crimes, por virtudes ou por engenho.

Para que te queixas ó povo das tuas infellicidades; para que te lamentas de não teres governo, nem administração, nem justiça, nem civilisação; se a tua actividade é a indifferença; se a tua escolha é o habito; se as tuas crenças são os prejuizos; se as tuas sympathias são os que vês sempre longe de ti, revestidos com as cas de uma vida occiosa e inutil, e com a seriedade hypocrita de uma apparente moralidade?!

Comprehende uma vez o que é o direito de eleger os teus representantes, e usa d'elle com independencia e sabedoria, e terás melhorado a tua sorte e dado um grande passo para a tua regeneração e prosperidade.

Os povos de Aveiro são de todos os povos do reino os que gosam dos maiores beneficios materiaes da civilisação, porque o seu representante durante vinte e cinco annos foi o primeiro talento do paiz, e o apostolo incansavel do seu progresso e engrandecimento.

V

Quasi todos os homens politicos (e quando dizemos homens politicos, referimo-nos sómente aos que tem que viver na memoria das nações, em quanto houver luctas de principios e doutrinas politicas) modificam com a idade, com os interesses pessoaes, e com as eventualidades das épocas, as opiniões sobre os principios fundamentaes das suas primitivas crenças.

José Estevão, como homem politico, tambem foi excepção dos seus contemporaneos; — teve, é verdade, diversas opiniões em diversos tempos a respeito dos meios que deviam empregar-se para se conseguir o fim, que todo o homem verdadeiramente liberal deve ambicionar — o progresso, a prosperidade, e a riqueza da sua patria. Mas em quanto a principios de liberdade, foi uma a sua opinião.

Demoramo-nos de proposito na descripção de todos os actos d'este primeiro periodo da sua vida parlamentar, para demonstrarmos, com a maior evidencia, que o joven e ousado orador do congresso constituinte de 1837 defendia e pugnava aos vinte e oito annos de idade pelos mesmos principios, e pelas mesmas garantias de liberdade, que proclamava o gigante da tribu-

na europea, quando vinte annos successivos de trabalhos parlamentares, de agitações revolucionarias, de discussões de imprensa, de comicios, e de associações populares, lhe tinham deixado na fronte levisssmos vestigios do correr da idade, desenvolvendo-lhe a já portentosa intelligencia, e robustecendo-lhe mais as crenças, que eram inabalaveis.

A fraquissima resistencia que Manuel Passos oppunha ás tentativas retrogradas do partido cartista vencido em Belem, tirou-lhe o appoio dos sectarios decididos da revolução de 9 de setembro, que, acreditando na boa fé do ministro, na lealdade do seu character, e nos seus bons desejos de entregar ao paiz, puros e immaculados de qualquer complacencia com o partido reaccionario, os destinos da revolução, que lhe confiára; — viam comtudo — que elle se deixava atraiçoar pelos seus delegados, e que não prevenia convenientemente a emboscada politica, que se preparava nas antecamaras do palacio real.

A guarda nacional suppriu por algum tempo a pouca vigilancia do ministerio; a revolução era sua filha, e ella queria-lhe com todos os affectos de mãe. A revolução viveu em quanto os cidadãos armados a puderam defender dos seus implacaveis inimigos; vencida a guarda nacional, triumphou a oligarchia, e pereceu a soberania popular.

José Estevão, Manuel Antonio de Vasconcellos, Santos Cruz, o sr. Costa Cabral e outros, defendiam no Congresso os principios radicaes da revolução contra um certo partido, então ainda ligado ao ministerio, que, não sendo perfeitamente anti-liberal pug-nava calorosamente pelo dominio e pela influencia da classe aristocratica sobre a burguezia e sobre o povo. Os oradores notaveis d'este partido foram o barão da Ribeira de Sabrosa, Raivoso, Derramado e o sr. conde da Taipa.

A discussão do projecto da constituição foi o campo onde os dois partidos deram a batalha. José Estevão, e os seus collegas da opposição defenderam a idéa democratica — uma camara só a legislar só. Os seus contrarios queriam uma segunda camara hereditaria e de nomeação regia.

Os democratas foram vencidos n'esta primeira questão; mas como a sua politica era primeiro que tudo patriotica, e as suas opiniões firmemente arraigadas e perseverantes, defenderam o terreno palmo a palmo, e obrigados a sair do primeiro reducto, appellaram para a opinião que mais se aproximava da sua. Não podendo vencer que houvesse uma só camara, trabalharam para que ao menos a segunda fosse temporaria e de eleição popular.

N'este segundo combate alcançaram uma decidi-

da victoria; obtiveram os votos da maioria do Congresso.

José Estevão na discussão da especialidade do projecto pronunciou dois excellentes discursos, e foi coadjuvada a sua voz, já eloquente e auctorizada, pelos notaveis discursos do grande poeta do nosso tempo, pelo illustre reformador revolucionario da litteratura portugueza, João Baptista d'Almeida Garrett, que tambem votou por uma câmara de senadores, temporaria e de eleição popular.

O que são os tempos! O que póde a ambição e a vaidade! O que valem os appellidos politicos! N'esta notavel discussão do Congresso de 1837 o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, actual chefe do partido conservador, não podendo obter que houvesse uma só camara, votou por uma camara de senadores temporaria e de eleição popular; e o sr. marquez de Loulé chefe do partido rasgadamente progressista, votou por uma camara de senadores vitalicia, e de nomeação regia!

Esta observação não envolve a menor censura ao character politico de nenhum d'estes cavalheiros; mas fez-se, para demonstrar a falsidade dos cognomes com que os partidos baptisam actualmente os homens publicos.

Nenhum progressista rasgado, nenhum liberal de-

mocrata, pôde votar, em um governo representativo, por uma camara de nomeação regia, sem perder aquellos appellidos politicos.

Melhor fôra que os homens publicos se arregimentassem nas suas differentes escolas politicas, á roda das suas differentes bandeiras, e pugnassem pelas doutrinas de cada um dos seus gremios, do que adoptassem appellidos que não concordam com as suas idéas, formando essa confusão de crenças, que produz o indifferentismo do povo pelos seus direitos, e pelas suas liberdades.

VI bibRIA

Precisamos voltar a uma época anterior á da votação da constituição de 1838, para explicar a queda do ministerio de Manuel da Silva Passos, e ver a parte que José Estevão tomou n'este acontecimento.

Dissémos já que a guarda nacional vigiava sôlicita pela conservação dos principios da revolução que fizera. Foi ella quem entregou o poder nas mãos do illustre deputado pelo Porto, e foi ella tambem das primeiras a retirar-lhe a sua confiança, quando viu que a demasiada tolerancia do governo revolucionario para com os inimigos da revolução lhe era fatal.

A opposição começada no Congresso ramificou-se aos clubs politicos, e foi ahí que se fez maioria contra o ministerio.

O mais notavel d'estes clubs era a sociedade chamada dos *Camillos*. Discutiam-se alli as proposições mais exaltadas; e como a corôa não tivesse abraçado a revolução de 9 de setembro senão com constrangimento, alguns, poucos, dos membros do club dos *Camillos*, nos seus ataques ao ministerio, envolviam tambem o throno. José Estevão pertencia ao club; mas não seguia as opiniões extremas dos inimigos do throno; e tanto, que n'uma das mais acaloradas discussões, que alli houve, quando um dos membros, arrancando um punhal, protestou medir com elle a distancia das Necessidades ao Caes do Tojo, José Estevão levantou-se indignado, e derribando na velocidade do seu movimento o collega, que tinha proximo de si, agarrou no orador pelas bandas da casaca, e gritou-lhe:— «Calla-te miseravel! E se esta sala tem eccos que repitam a tua proposição, eu saio d'aqui, porque jámais pertencerei a uma sociedade de assassinos!» — Sempre o partidario honrado; sempre o liberal sem mancha; sempre o democrata d'este seculo, e d'esta idade.

Correram os tempos, e vinte e tantos annos depois, quando no local proximo da sociedade dos *Camillos* uma sociedade de homens do povo discutia os actos

de um governo perjuro aos principios que proclamára, e fazia votos pelas liberdades publicas, sem pronunciar uma palavra contra o throno, nem contra as instituições, levantaram-se contra ella alguns dos regicidas dos *Camillos*, e José Estevão defendeu a *Sociedade Patriótica*.

As doutrinas dos clubs fizeram opinião no paiz, e essa opinião influiu no Congresso, que retirou a sua confiança ao ministerio de Manuel Passos.

Quando o governo apresentou o projecto da criação dos sub-secretarios de estado, a maioria do Congresso Constituinte votou contra, e o ministerio deu a sua demissão nas mãos da rainha.

As circumstancias do paiz eram gravissimas; o partido miguelista estrabuchava ainda; e os *ordeiros* da Carta conspiravam constantemente contra os principios da revolução adoptada pelo povo. Manuel da Silva Passos conservou-se ainda dois mezes no ministerio, por não haver quem o quizesse substituir; e a rainha, recebendo continuadas recusas de alguns dos membros do Congresso, para servirem na sua administração, projectava encarregar as côrtes da nomeação dos seus ministros; o que Dias d'Oliveira communicou ao Congresso; que reprovou respeitosa e alvitre da corôa. (*Vid. discurso de José Estevão na sessão de 27 de setembro de 1837*).

*

N'aquelle tempo, ou os homens publicos eram menos zelosos pelo serviço da patria, ou as pastas eram enfeites menos tentadores da vaidade dos mediocres.

VII

O projecto da creação dos sub-secretarios de estado, que motivou a saída do ministerio de Passos Manuel, não foi combatido por José Estevão, que até se absteve de votar n'esta questão, porque, tendo apparecido no debate uma substituição de um dos membros do Congresso, que propunha os officiaes maiores em vez dos sub-secretarios de estado, e tendo a presidencia proposto a votação por fórma que esta substituição ficava rejeitada, quer o Congresso approvasse a proposta do governo, quer a rejeitasse, José Estevão, que não queria os ministros desamparados dos auxiliares competentes nos trabalhos de gabinete, não votou.

Vê-se pois que o deputado por Aveiro, chefe da opposição ao ministerio (que n'esta qualidade o reconheceu Passos Manuel) foi estranho ao facto que determinou a queda d'aquella administração.

A opposição de José Estevão no Congresso tornou-se notavel nas questões de fazenda, e no decreto da ele-

gibilidade dos ministros. Com effeito, se a administração de Manuel da Silva Passos, como ministro do reino, foi de todas as administrações liberaes uma das mais uteis e proveitosas á civilisação do paiz, a sua gerencia, como ministro da fazenda, não deixou lição, nem exemplo, para nenhum financeiro, nem recordações lisongeiras para a nação.

É aqui para notar mais uma vez, que a probidade não pôde ser a virtude exclusiva dos homens publicos; que o ser honrado é uma qualidade necessaria a todos, mas que a competencia, a intelligencia e o merito são quesitos indispensaveis nos homens que governam as nações.

Manuel Passos nunca teve quem o excedesse em probidade; foi das nossas melhores intelligencias, mas, apesar d'isso, foi um pessimo ministro da fazenda, porque não era aquella a sua competencia, nem a sua especialidade.

Na questão da elegibilidade dos ministros, tambem a opposição de José Estevão foi liberal e conscienciosa.

Realmente, quando a lei eleitoral prohibe que o funcionario publico seja eleito deputado pelo circulo, onde exerce a influencia e a jurisdicção do seu cargo; o ministro que dispõe d'essa influencia, e tem essa jurisdicção no paiz inteiro, como pôde ser eleito?

Um governador civil é inelegivel no districto que administra. Para haver coherencia com este principio sustentador da liberdade da consciencia e do voto, é preciso que o ministro, que administra todas as provincias do reino, seja tambem inelegivel em todo o reino.

O papel que José Estevão representou, como chefe da opposição ao ministerio da revolução de 9 de setembro, não seremos nós que o julgaremos; ha de ser o proprio Manuel da Silva Passos, no famoso discurso a que nos temos referido na sessão de 18 de outubro de 1844.

«..... E o sr. deputado José Estevão Coelho de Magalhães, — disse Manuel Passos — que foi o *chefe da opposição* que eu tive no Congresso Constituinte; era muito moço esse grande talento, quando pela primeira vez entrou n'esta casa. Pensava então sinceramente que a revolução, que eu entregára gloriosa e vencedora, pura e immaculada ao Congresso Constituinte podia obter mais força, mais gloria e mais esplendor; reprovava altamente o que então se chamavam as minhas *pastelarias*. Muito tempo depois conservou ainda esses preconceitos; mas o tempo e a experiencia o desenganaram das suas illusões, e mais tarde fez-me justiça, não só ás minhas intenções, mas tambem á minha politica.»

«Se eu não tomasse a peito a defeza de um homem tão illustre, talvez se intendesse que conservava algum sentimento contra o eloquentê orador da opposição de 1837. A camara sabe quanto aprecio as suas virtudes e os seus talentos. Não venho aqui defender os mequinhos interesses de uma patente ganha em cem combates a preço de sangue, nem os de uma cadeira de professor obtida em certamen academico,¹ venho defender os grandes interesses da sua reputação e da sua gloria. Inspira-me a amisade que lhe consagro, o esplendor d'esta tribuna que elle ennobrece, e a *felicidade da nação, por que elle sempre pugnára*. Desejo abrir-lhe as portas da patria. A terra do exilio recebeu um grande orador; a patria acollherá no seu regresso um grande homem d'estado.»

Quando o homem publico é assim julgado pelo seu adversario politico, adquiriu direitos incontestaveis á estima do seu paiz, ao respeito dos seus contemporaneos e á veneração da posteridade.

¹ Quando Manuel Passos pronunciou este discurso, era já José Estevão lente de economia politica na Escola Polytechnica, e estava emigrado em Paris, em consequencia da revolta de Torres Novas.

VII

O ministerio, que afinal substituiu a administração de Manuel Passos, era composto pelo visconde de Bobada (Pizarro), José Alexandre de Campos, o sr. Julio Gomes da Silva Sanches, Manuel de Castro Pereira e João d'Oliveira, depois barão e conde do Tojal.

Este ministerio não offerecia garantias de bom governo, e proveitosa administração. Nenhum dos cavalheiros que o compunham possuíam por si só, nem conjunctamente, a superioridade intellectual de Manuel Passos, nem soffriam mesmo comparação com o notavel estadista em actividade, e energia governativa; todavia offereciam, no momento, maiores garantias politicas, ou julgou-se que offereciam; porque, não concordamos em que entre dois homens, ou entre dois ministerios, um liberal, intelligente e trabalhador, mas extremamente tolerante e transigente com os adversarios, e outro tambem liberal, mas inerte e inhabil, ainda que mais zeloso e fanatico pelas suas doutrinas, se deva preferir este para a governação do estado.

Manuel Passos ia entregar a revolução pelas suas complacencias, nas mãos dos cartistas; mas não era o

ministerio que o substituiu quem a poderia salvar, nem utilisal-a em beneficio do paiz e das liberdades publicas.

José Estevão comprehendeu a inconveniencia da substituição, mas, reconhecendo tambem os perigos que corriam as doutrinas porque elle pugnava, promovendo uma nova crise ministerial, não hostilisou o governo.

Era preciso porém apresentar ao paiz em toda a sua pureza os principios que se pretenderam estabelecer com o pronunciamento politico de 9 de setembro, e explicar ao povo aquellas doutrinas de liberdade, fazendo-lhe ver como todas eram as mais proprias para a intacta conservação dos seus direitos, e para o progresso e civilisação do paiz; demonstrando-lhe ao mesmo tempo, que ellas se harmonisavam perfeitissimamente com o systema monarchico representativo, e com a segurança do estado.

A imprensa era a tribuna onde melhor se podiam propagar estas idéas. O orador portanto fez-se tambem escriptor; e a penna foi nas suas mãos, como teremos muitas occasiões de provar, uma arma tão terrivel contra os retrogados, e tão habil, energica e desinteressadamente manejada em favor das liberdades publicas, como o fôra e seria a sua espada nos campos de batalha, como o era e seria a sua voz eloquente e portentosa na tribuna do parlamento.

Em vista d'aquellas razões fundou José Estevão com Manuel Antonio de Vasconcellos o jornal denominado *O Tempo*.

VIII

Dissemos que a administração financeira de Manuel Passos tinha sido detestavel, e realmente assim foi. O descredito da revolução de setembro proveio do estado miseravel em que deixou a fazenda publica.

José Estevão e os seus amigos politicos do Congresso esforçaram-se com o mais ardente patriotismo, para remediar os erros financeiros do ministerio de Passos Manuel, e n'esse sentido apresentaram varios projectos de lei que José Estevão sustentou brillantemente, sendo os discursos que por essa occasião pronunciou d'aquelles que elle teve na conta dos seus melhores trabalhos.

A agiotagem então, como hoje, como sempre, tinha na sua mão os destinos d'este malfadado paiz. Havia então, como agora, uns certos individuos, considerados como potencias monetarias, que cercavam o governo e ditavam a lei.

Quando um ministerio qualquer pretende apresentar alguma medida economica, ou financeira de reconhe-

cida utilidade para a nação, reúnem-se os modernos Crésos e obstem com o seu *veto* á resolução do governo; e não poucas vezes se tem visto cahir uma situação, ou dimittir-se um ministro diante da magestosa altivez de seis mercieiros nobilitados, cujos interesses se não combinam com a prosperidade do paiz.

A politica do agiota, é muito semelhante á de alguns industriaes, que por ahí proclamam a maxima liberdade do direito de associação, que promovem *meetings*, que agremiam os operarios, promettendo-lhe o dominio absoluto das classes trabalhadoras no governo do Estado, se elles forem camaristas ou deputados, que são exaltados *democratas e verdadeiros amigos do povo e da liberdade*; mas que não querem liberdade do commercio, nem prescindem da protecção escandalosa dada ás suas industrias, que nada adiantam, nem prosperam.

Os sentimentos politicos e sociaes do agiota, quer elle trafique com os governos, quer sugue os tristes haveres do empregado publico, do egresso ou do pensionista, cabem todos dentro do seu cofre. O ministro que mais favorece a sua usura é o melhor ministro; e o seu poder é tão seguro, que tem passado carta de indispensabilidade a alguns financeiros da sua predilecção, e o rei e o povo tem obedecido aos seus decretos.

No principio do anno de 1838, a agiotagem tinha tócado a rebate contra o Congresso Constituinte. Os projectos de lei sobre finanças, de José Estevão e dos seus amigos, foram o signal de alarme para os famosos capitalistas.

Reconhecendo que os projectos eram a anniquilação do seu poderio, e o desthronamento da sua, até então, incontestada realza, prepararam-se para dar batalha ao Congresso e ao governo. A direcção do Banco de Lisboa, que não era então mais feliz do que é hoje a direcção do Banco de Portugal, foi a encarregada de preparar o campo; o que fez em uma representação ao Congresso contra os projectos, e no offercimento de um famoso emprestimo, cuja base era a forçada subscrição dos possuidores das letras que existiam acceitas pelos contractadores do tabaco, com o nominal correspondente a metade da importancia das letras que possuíam; e cujas vantagens para a fazenda publica eram a perda certissima de setecentos contos de réis.

Foi por esta occasião que se publicou *O Tempo*. O primeiro artigo do numero d'este jornal, de 29 de janeiro de 1838, foi redigido por José Estevão.

Foi um dos seus primeiros escriptos na imprensa periodica de Lisboa, e por essa razão julgamos dever satisfazer a curiosidade do leitor, transcrevendo-o aqui.

Eis o artigo:

«Tres annos da mais dura experiencia nos conven-
ceram que o partido da Carta não tinha uma ban-
deira politica, e que os seus homens se acobertavam
com ella, só para delapidar a fazenda publica. Com-
posto dos extremos de todos os partidos, o seu laço de
união era estragar e perder. A esta grande idéa todos
os resentimentos, todos os odios, todas as opiniões
eram sacrificadas, e animados de um sancto zelo na
grande obra da ruina do paiz, antigos democratas,
aristocratas *do dia*, absolutistas arrependidos, todos
formavam uma só irmandade. A quédá da Carta cho-
ravam-n'a como uma terrivel calamidade, só porque
lhe tirou das mãos os restos da fazenda publica. Erros
de homens, difficuldades do tempo e a força do po-
der pecuniario conseguiram desgraçadamente, que a
revolução de setembro não dêsse o vôo financeiro, que
d'ella se esperava, e que continuasse a trilhar os lo-
dosos caminhos, em que a Carta se tinha enxovalhado.

Um systema governativo não póde acabar de repente;
tomada uma medida, outras lhe são consequentes, el-
las criam interesses, e os interesses diffundem-se, e
criam difficuldades. São gigantes que crescem insen-
sivelmente, e que, quando ha lembrança de os com-
bater, já não ha força que os derrube. Isto aconteceu
com os ministros da revolução. Sem saberem o que

faziam, buscaram os favores da agiotagem; e ella primeiro recebeu-os com desdem, mas depois apoderou-se d'elles, dictou-lhe a lei, e a final fez-lhe beijar as cadeias que lhe lançou, e cantarem os seus louvores. — Os inimigos d'essa malfadada revolução viram com gosto esta desastrosa alliança; ganharam animo, e começaram a conspirar. Exprobando-lhe pela imprensa a sua inutilidade, tirando-lhe conta dos bens que tinha feito, alardeando de que ella tinha sancionado os principios que condemnára, mostraram-a ao paiz como interesseira, facciosa e inconsequente; e depois de haverem procurado desvairar a opinião, tomaram as armas, e levantaram o estandarte da guerra civil. A nação não respondeu aos seus gritos; elles foram victimas do seu descredito.»

«No meio de todos estes successos, quem tinha comprehendido o espirito do movimento de setembro, não cessava de clamar que as finanças eram a origem dos nossos males, que era mister dar-lhes um golpe forte, que os interesses da ordem e o credito da revolução d'ahi estavam pendentes. Os novos adeptos d'agiotagem decorados com os titulos de patriotas, ligando-se com os veteranos d'essa cohorte destruidora, levantaram sustos, propagaram illusões, fizeram promessas, e addiaram assim por largo tempo o golpe, que lhes estava eminente; mas a força das coisas foi

conquistando todos os espiritos, e o que antes parecia um passo arriscado, foi julgado geralmente como o unico meio de salvação. O dia chegou, e foi terrivel, porque a verdade fallou com coragem, e o erro confessou-se vencido.»

«Então a facção delapidadora julgou que era chegada a sua hora; que de todo ia a ser destruido o seu systema; que a sua regeneração se tornava impossivel; que a nação ia a libertar-se para sempre do seu poder, e a revolução de setembro começava a diffundir os seus beneficios por toda a classe de cidadãos. Tratou-se de conjurar a tempestade; o terror do perigo atraçou-os; os nossos inimigos mostraram-se sem mascara; e quando todos julgavam que appareceriam a advogar os interesses publicos, e a socorrer a miseria geral, vemol-os agglomerados em uma facção, que ainda cura dos seus caprichos, dos seus odios, e das suas usuras no meio da ruina publica.»

«Com effeito a questão das finanças, que toda é nacional, tem sido vergonhosamente subordinada aos principios politicos, e quando se protesta mais desinteresse, lá estão disfarçados os projectos de lucros execrands.»

«O Banco de Lisboa cheio do patriotismo, que lhe inspiram as substituições ao projecto da commissão de fazenda, foi o primeiro que offereceu os seus recursos

e luzes ao Congresso. Vejamos a profundidade das suas concepções, e a generosidade das offertas. Dizem os accionistas do Banco em sua representação:

«Alguns mezes será força que decorram antes que sejam fixadas as nossas instituições politicas, e antes que os novos representantes da nação possam começar as suas laboriosas tarefas; mas no entanto o governo terá os necessarios recursos. Renascida a paz, que ha tanto tempo nos foge; unidos em roda do throno constitucional da rainha todos os cidadãos portuguezes, e confiando o poder legislativo aos homens mais dignos por seus talentos e virtudes, poderemos ter leis que bem regulem as finanças do paiz, e um governo que possua a energia e a força, que só pôde garantir a ordem, a justiça, a liberdade, e a prosperidade publica.»

«Será difficil comprehender os fins e o sentido d'esta bella linguagem? Não se apresenta o Banco como uma barreira entre o Congresso e a nação? Não pretende elle estorvar que os deputados cumpram as obrigações do seu mandato? Não quer elle que o mal continue? que as raizes da agiotagem não sejam de todo arrancadas? Quem serão esses homens de mais luzes e virtudes que os signatarios da representação esperam que occupem as cadeiras das côrtes, e tomem as re-deas do governo? Certamente hão de ser aquelles, que com suas luzes e virtudes nos legaram todas as difficul-

dades em que hoje laboramos; aquelles que com *suas luzes e virtudes* arruinaram milhares de fortunas laboriosamente adquiridas, para levantarem outras por clientellas e patronatos; aquelles que com *suas luzes e virtudes* fizeram desaparecer a nossa riqueza, e nos deixaram carregados de dividas; aquelles que por *suas luzes e virtudes* destruíram todas as instituições antigas, substituindo-lhe concepções cerebrinas, que nunca poderam realisar; aquelles que por *suas luzes e virtudes* deram golpes mortaes na moral publica, corrompendo a urna, e exigindo a escravidão das consciencias; aquelles finalmente que por *suas luzes e virtudes* não deixaram que se realisasse a primeira condição do systema representativo, a discussão de um orçamento!!»

«Representantes do povo, a linguagem do Banco de Lisboa é uma expressão de *saudades*, é um rebate de contra revolução. Regateiam-vos a gloria de serdes os salvadores do paiz; temem que a revolução de setembro se consolide e prospere; e os seus temores devem ser desejos vossos. A urna vac a abrir-se; lá hão de ir os agiotas; a sua questão começa a tratar-se, e elles não hão de desamparal-a. Antes que possam conseguir seus fins; antes que corrompam eleições, sentenciae-os como merecem, com justiça, e com firmeza, sem lhes arruinardes suas fortunas, mas tambem sem lh'as accrescentardes. Conhecei a vossa situação.

Valei-vos d'ella para o interesse do paiz. Reconhecei a bondade das medidas pela opposição que lhes fazem os nossos inimigos. Olhaê que essa união dos portuguezes, para que appellam os signatarios, como remedio unico dos nossos males, não é mais que o triumpho dos homens com que elles estão ligados por mutuos interesses, e a consolidação dos *inauferiveis direitos* da agiotagem, contra quem agora mãos sacrilegas se levantam. Tendes a salvação do paiz em vosso poder, e estaes cercados das esperanças publicas; não as enganeis.»

«Deixemos porém a representação, e vamos á proposta que depois appareceu como consequencia d'ella. — Os directores do Banco, juntos com alguns membros da Associação Mercantil, offerecem ao governo um empréstimo de dois mil e setecentos contos de réis em dinheiro, novecentos em letras do Contracto, e novecentos em papeis de divida corrente. As letras do Contracto serão de todos os prazos na devida proporção; e se o governo tiver precisão de descontar algumas, a companhia o indemnizará do desconto em papeis de divida corrente. — Ora eis-aqui um bello monumento de desinteresse e patriotismo!! Eis-aqui um contracto bem rasoavel!! Na maior parte das letras ganhou-se um e dois por cento ao mez, quando foram compradas. Nos novecentos contos de réis em papeis ganha-se cincoenta por cento. No novo desconto das

letras, que figuram no empréstimo, ganha-se o agio porque foram comprados os papeis, que entraram na transacção, e assim os nossos patriotas capitalistas em uma inspiração da sua generosidade, dignam-se lucrar com a nação seus setecentos contos, para a salvar do abysmo em que os deputados a pretendem submergir com leis violentas, e de que elles se propoem desviar-a com *doces empréstimos.*»

«Mas ainda assim saibamos sempre se a companhia já está formada; se se podem contar com estes recursos, se a proposta tem algumas garantias. Pois ha quem o duvide? Leamos o § 10 da mesma proposta, que ahi está a base de toda a operação. — *Todos os possuidores de letras, que actualmente existam acceitas pelos contractadores do tabaco, serão obrigados a subscrever para a companhia pelo nominal correspondente a metade da importancia das letras que possuirem.* Já se vê que tudo está concluido. A companhia propõe-se fazer um empréstimo ao governo, mas uma lei das côrtes é que ha-de levantar os fundos para elle. Ella portanto presta as suas valiosas firmas para esta importante transacção; e isso não é pouco. Se fosse possível acreditar, que no meio das desgraças publicas, e em negocios tão importantes alguem se lembrava de jogar o ridiculo, certamente nos persuadiriamos de que esta decantada proposta foi um ludibrio grosseiro e estudado com a

*

representação nacional. Pois os homens que formam a companhia clamam pela fé dos contractos, pelo respeito á propriedade, e apresentam um projecto para um *emprestimo forçado*? Que contracto póde ser respeitado quando se falta á base de todos os contractos, á espontaneidade dos contraentes? Que respeito á propriedade se se proclama a espoliação da propriedade? É forçoso confessar que nenhum d'esses projectos de fazenda, que tem sido cobertos de maus epithetos, sem ninguem os combater com boas razões, são manchados de tão negra e mesquinha immoralidade. Só a companhia se podia lembrar de que o poder legislativo se havia resolver a tomar medidas tão violentas, para proteger os interesses particulares, dar lucros aos mutuantes de um empréstimo, sem accrescentar os recursos do governo de tal modo que essas violencias recebessem a desculpa das grandes medidas, que tem sempre na importancia dos seus resultados a justificação dos seus meios.»

«Dizem mais os accionistas do Banco, na sua representação. — *Os soccorros que ora se offerecem ao governo serão ainda ministrados pelo crédito publico; ainda este poderoso esteio das nações, irá acudir a quem tanto o tem ferido e pisado.* Na companhia figuram assignados os directores do Banco, que são os delegados d'essa grande associação, que promettêram ás côrtes recursos ainda

havidos pelo *crédito publico*; mas a companhia recorre ao crédito da força para realizar o empréstimo que offerece, e assim é forçoso confessar, que ou os accionistas do Banco, quando fizeram aquella promessa, não conheciam a praça de Lisboa, ou que os directores se separaram dos desejos dos seus comittentes, ou que as circumstancias peoraram, o que não pôde crêr-se, porque o addiamento venceu-se, ou finalmente que depois, mais reflectidos, e menos generosos, os salvadores do paiz não quizeram que o crédito publico (*poderoso esteio das nações*, que reduziu á miseria a nossa pobre nação) *acudisse a quem tanto o tem ferido e pisado*. Não progrediremos por agora. O desinteresse da companhia só tem paridade com a sua logica, e a sua logica só pôde comparar-se com o seu patriotismo.»

IX

Dissemos que José Estevão tinha conseguido que a maioria do Congresso Constituinte votasse pela segunda camara temporaria e de eleição popular; porém esta votação foi reconsiderada.

As opiniões politicas dos membros do Congresso com quanto fossem mais fixas, do que o são actualmente

as opiniões das maiorias da camara dos deputados; ainda que os caracteres dos representantes do povo em 1837 se deixassem vencer menos facilmente pelas seducções do governo do que se deixam conquistar os patriotas da actualidade; todavia não eram de todo isentos de se assustarem demasiadamente pela ordem publica, e pela segurança do estado.

A palavra *ordem* significava no tempo do Congresso quasi o mesmo do que significa hoje a palavra reacção. Os ordeiros atacavam as liberdades publicas, e promoviam as revoluções tudo por bem da *ordem*; os verdugos da *reacção* retrogradam, desprezam as formulas e os preceitos do governo representativo, tudo tambem para extirpar a reacção.

Uma camara de senadores, temporaria e de eleição popular, era o golpe mestre dado na Carta, e o grande passo das idéas democraticas; era preciso pois remediar a falta commettida, e não deixar passar aquelle pernicioso principio; e por isso os ordeiros obtiveram das consciencias timoratas de muitos dos membros do Congresso que se introduzisse na Constituição um artigo transitorio que podesse anniquilar ou sophismar a doutrina que José Estevão e os seus amigos politicos tinham vencido.

A guarda nacional, zelosa do seu pronunciamento, manifestou o seu descontentamento vendo sophismada a

mais preciosa conquista da revolução. A pouca sympathia que o ministerio já inspirava aos setembristas de boa fé, tornou-se em perfeita hostilidade.

A camarilha do paço não perdoava á guarda nacional a victoria que ella tinha alcançado sobre os seus enredos, e preparava já os meios, senão de a desarmar completamente, pelo menos de destruir a sua influencia.

O direito de associação, porque José Estevão pugnára calorosamente, não se tinha podido alargar mais do que lhe marcavam os estreitos limites traçados na Carta; porque a maioria do Congresso tinha rejeitado a proposta que o honrado tribuno do povo apresentára como um novo artigo necessario na Constituição.

Aquelle grande espirito, prevendo já quanto os governos futuros se empenhariam em contrariar a mais valiosa garantia das liberdades populares, pelo que respeita ao direito de associação, e ás manifestações publicas da opinião do povo sobre os actos do governo, tinha apresentado, como artigo addicional ao projecto da Constituição, o seguinte :

« Toda a reunião desarmada e tranquillá em campo, ainda que tenha por fim o exercicio do direito de petição, e a discussão de objecto de interesse publico, não póde ser dissolvida pela força armada; e fóra d'estes casos, nunca o poderá ser por este meio, sem que

primeiro se lhe faça a intimação da dissolução pela auctoridade competente. Palacio das Côrtes em 19 de maio de 1837 — Assignado, *José Estevão*. —»

Esta doutrina não convinha aos ordeiros, como não convém ainda hoje a alguns progressistas, que mandam dissolver pelos sabres da guarda municipal todas as reuniões populares, que não são destinadas a promover alguma ovação aos seus ídolos.

A proposta de José Estevão não foi acceita. Custa menos aos governos mandarem carregar o povo pelas cohortes militares do que encontrarem oradores que vão advogar a sua politica na praça publica, e combater as reclamações mais ou menos justas da associação, ou do *meeting*.

X

A gravidade das circumstancias em que se achava o governo do paiz, crescia com o descontentamento publico. O ministerio sem prestigio, sem força, e sem alcance politico, para salvar a revolução dos continuados golpes dos seus adversarios, e das intempestivas exigencias dos seus sequazes, reconheceu finalmente a sua incapacidade, para dirigir a administração do paiz em uma crise tão melindrosa.

A rainha sempre prevenida contra a revolução de 9 de setembro, e contra os caracteres mais desinteressados que sustentavam os princípios d'essa revolução, tratou de chamar para os seus conselhos aquelles homens, que, não obstante terem já manifestado a sua adherencia á revolução, lhe offereciam mais garantias de obediencia á sua vontade, e de complacencia aos seus designios, pela dedicação com que a tinham servido e aos direitos do seu throno.

Com estas intenções da parte do chefe do estado se formou o ministerio composto do sr. visconde de Sá, presidente do conselho de ministros, e ministro da marinha; Antonio Fernandes Coelho, ministro do reino e da justiça; conde de Bomfim, ministro da guerra; e Manuel Antonio de Carvalho, ministro da fazenda.

O gabinete assim formado, se não agradou completamente aos ordeiros e aos amigos da Carta, receberam-n'o comtudo com menor antipathia; e, mudando a tactica das suas hostilidades aos principios da revolução, trataram de a desacreditar no animo publico, servindo-se dos proprios elementos designados para a sustentar e guardar.

O descontentamento da guarda nacional foi habilmente aproveitado pelos inimigos da revolução.

No dia 3 de março de 1838 um dos batalhões da guarda nacional pronunciou-se abertamente contra o

ministerio, e levou quasi todos os seus camaradas dos outros batalhões da capital a fazerem uma representação ao Congresso, pedindo em termos energicos a demissão do ministerio. Este requerimento, feito por cidadãos armados, violava os preceitos constitucionaes, attentando contra os direitos de um dos poderes do estado; e por isso o Congresso, admittindo a petição, censurou dignamente a fórma porque foi feita. A guarda nacional resistiu ás admoestações dos representantes do povo, e os ordeiros, conjuntamente com o ministerio, que eram inimigos declarados da guarda nacional, folgaram com a indiscreta resolução da milicia popular, em que viram um pretexto para a desarmar.

O sr. visconde de Sá foi o encarregado d'esta triste missão, que cumpriu no dia 13 de março, com mui pouca gloria, para a sua aliás illustre carreira militar, e ainda menor coherencia com os seus principios liberaes e progressistas.

Por esta occasião foi nomeado administrador geral de Lisboa o sr. Costa Cabral, hoje conde de Thomar.

José Estevão empregou todos os esforços do seu patriotismo, e do seu grande e generoso coração, para impedir o passo irreflectido da guarda nacional, como empregou depois todo o poder da sua eloquencia para fulminar os auctores dos fusilamentos em massa de 13 de março.

XI

Desarmada a guarda nacional, estava morta a revolução.

O ministerio retirou da sua desgraçada victoria com a maldição dos setembristas, com o escarneo dos ordeiros, que d'elle se tinham servido como instrumento dos seus designios, e com a consciencia da sua fraqueza. O unico trophéo que poudo levantar do seu ousado commettimento, foi o apoio que lhe prestou no parlamento o sr. Costa Cabral.

A missão do Congresso tinha terminado. No dia 4 de abril decretou-se a Constituição.

Procedeu-se á eleição da nova camara, que foi convocada extraordinariamente para o dia 9 de dezembro de 1838. Começou as suas sessões ordinarias em 3 de janeiro do anno seguinte.

José Estevão, eleito pela segunda vez representante dos povos d'Aveiro, foi o relator da commissão nomeada para redigir a resposta ao discurso do throno. E na sessão de 29 de janeiro leu á camara este documento:

«Senhora. — A camara dos deputados aprecia a sa-

tisfação que vossa magestade lhe manifesta ao vêr reunida, pela primeira vez a representação nacional, em conformidade da constituição politica de 1838.»

«O nascimento do infante D. Luiz, foi sem duvida um beneficio com que a Providencia quiz segurar a ventura d'estes reinos; e o titulo de duque do Porto, que sua alteza recebeu em legado de seu valente e illustrado avô, unindo-o desde o berço á historia das nossas façanhas militares, e dos nossos sacrificios pela liberdade, dá tambem a todos os portuguezes a mais lisongeira esperanza de que o novo infante virá a ser algum dia um ornamento das nossas armas, e um estrenuo defensor dos nossos direitos constitucionaes.»

«A segurança da amizade das potencias estrangeiras, que mantem relações com Portugal, é para a camara motivo da maior satisfação. Lisongeião sobremaneira as suas sympathias politicas, as relações recentemente estabelecidas com a nação grega; e ellas serão, convenientemente cultivadas, de grande proveito para ambos os paizes.»

«A camara interprete des sentimentos religiosos de todos os portuguezes, e do profundo respeito que tributam ao chefe visivel da egreja, congratulam-se com vossa magestade pela confiança que lhe manifesta de que em breve se restabelecerão as nossas relações com a santa sé; mas em negocio de tanto momento, é mis-

ter que se combinem as necessidades religiosas com as prerogativas da corôa de vossa magestade e interesses dos povos.»

«O trafico da escravatura é sem duvida um escandalo á face do mundo civilisado; e a camara approvará quaesquer negociações entabuladas para a sua extincção, uma vez que n'ellas se attenda á liberdade do commercio, á dignidade da nossa bandeira, e aos interesses das nossas provincias ultramarinas.»

«A camara, avaliando a importancia politica da guerra que devasta a Hespanha, deseja vivamente que, logo que as circumstancias o permittam, as armas portuguezas vão de novo ajudar a causa do throno constitucional de Isabel II, como pedem as estipulações dos tractados e a tranquillidade do reino.»

«A guerra que assola os dois districtos do sul, é para a camara assumpto das mais dolorosas reflexões; e reconhecendo o denodo e empenho das briosas forças que alli tem combatido, penalisa-a a persuasão de que este importante objecto não haja merecido ao governo de vossa magestade o cuidado e attenção de que elle é credor. Para melhorar o estado da segurança publica, a camara empenhará todos os seus desvelos.»

«A camara examinará todos os projectos de lei que lhe forem apresentados pelos ministros de vossa ma-

gestade, ou n'elles se trate de melhorar a organização dos diversos ramos do serviço publico do continente, ou do regimen das nossas provincias ultramarinas; e sobre taes materias proverá como a experiencia, e as suas luzes lhe aconselharem.»

«A camara tomará egualmente na mais séria consideração os relatorios em que pelos differentes ministerios se lhe ha de dar conta das occorrencias e actos administrativos que houve desde o encerramento das côrtes constituintes até á presente sessão legislativa; mas desde já se julga habilitada para significar a vossa magestade que as circumstancias da nação exigem um governo forte e sollicito na execução das leis, leal e tolerante em assumptos politicos.»

«A vista dos orçamentos que lhe forem presentes, a camara proverá ás despesas publicas, com a discreta economia, que é dever de todos os governos, e que pelas circumstancias da nação se torna indispensavel.»

«É sobremodo agradavel para a camara a communicação de se acharem pela maior parte rasgadas as antecipações que pesavam sobre os rendimentos mais importantes da nação; e convencida de que o futuro lisongeiro que o estado da fazenda nacional offerece, é devido em grande parte a esta circumstancia, jámais proverá ás despesas do serviço por este ruinoso syste-

ma, sem que a falta absoluta de outros meios, por ella reconhecida, legitime o seu emprego.»

«A camara reconhece com a maior satisfação a confiança que inspira aos credores da divida interna consolidada, a dotação da junta do Credito Publico, por virtude da qual ella tem pago a maior parte dos seus encargos; e guiada por tão salutar experiencia, prestar-se-ha a concorrer para que estas vantagens se façam extensivas a outros credores, cujos direitos, por justiça e interesse do serviço publico, é mister attender efficazmente.»

«A camara espera para as examinar, com a consideração que merecem, as propostas que o governo de vossa magestade tem que lhe apresentar sobre o modo de satisfazer os encargos da divida estrangeira, e empregará todas as suas luzes e patriotismo em resolver esta importante questão de modo que fique sem quebra a honra nacional, e mantido o credito publico.»

A camara não pôde dissimular a vossa magestade a profunda magua de que se acha penetrada *por vêr infringidas, as disposições constitucionaes mais importantes, e postergadas as primeiras garantias do systema representativo*, pelos decretos que mandaram continuar a percepção dos tributos sem terem sido votados pelas côrtes. Sala da Commissão em 28 de janeiro de 1839.
—(Assignados)—*José Caetano de Campos, José Estevão*

Coelho de Magalhães, Manuel Antonio de Vasconcellos, Leonel Tavares Cabral e Joaquim Antonio de Magalhães (vencido em alguns pontos).

XII

Esta resposta ao discurso do throno era a franca e formal reprovação da politica do ministerio. Por ella se vê tambem qual era a posição do governo em face da representação nacional.

A discussão do projecto da resposta foi longa e extremamente animada — José Estevão, como relator da comissão, defendeu-o magistralmente, contra o centro e direito da Camara, não consentindo em nenhuma das modificações propostas, tendentes a alterar a significação politica d'aquelle documento, ou a diminuir a força da censura ao governo.

A camara porém, rejeitou o projecto da comissão e adoptou as emendas de Joaquim Antonio de Magalhães, que significavam uma meia politica, por isso mesmo que denunciavam os erros do ministerio, sem os censurar franca e abertamente.

Esta votação não deu apesar de tudo uma decidida segurança ao governo. O centro da camara, era osci-

lante e a direita votava com o ministerio simplesmente nas questões em que os principios da sua politica a inhi-
biam de votar com a esquerda; de fórma que a maio-
ria era duvidosa, tanto para o ministerio como para a
oposição.

A situação do paiz era realmente pouco lisonjeira.
— A questão a respeito do tratado sobre a abolição do
trafico da escravatura, tinha indisposto o governo in-
glez com o gabinete de Lisboa, ou, talvez mais exacto,
alguns dos poderosos inimigos da revolução de setem-
bro e da Constituição de 1838 (não obstante a sua
pouca differença da Carta de 1826) possuindo valiosas
influencias em Londres conseguiram levantar embara-
ços ao governo portuguez, a proposito do tratado sobre
a escravatura, a fim de poder desacreditar a revolução.
Além d'estas difficuldades exteriores, a guerra do Al-
garve, aonde o famoso Remechido tinha levantado o
estandarte de D. Miguel, obrigando o governo a des-
viar a força publica para aquella provincia e para o
Alemtejo, tambem assolado pelas correrias das guerri-
llhas miguelistas; desarmou o resto do paiz e a segu-
rança publica resentiu-se fortemente da pouca ener-
gia e previdencia do governo. — A pobreza do the-
souro agravava esta situação, já difficil e angustiada.

O ministerio reconheceu finalmente a sua fraqueza
e o pouco prestigio de que gosava na opinião publica

para poder continuar na administração dos negocios sem promover uma grave agitação em todo o paiz.

XIII

Dissemos anteriormente, que á rainha repugnavam todos os homens que se conservavam fieis aos principios da revolução; e por isso annua facilmente a qualquer mudança ou composição ministerial, porque a instabilidade do governo desacreditava no paiz e no estrangeiro a Constituição, que sua magestade tinha accettato vencida, e não convencida.

As necessidades publicas chamaram aos conselhos da corôa o barão da Ribeira de Sabrosá, que tomou conta da pasta da guerra, ficando ainda, do antigo ministerio, o sr. visconde de Sá nos estrangeiros e Manuel Antonio de Carvalho na fazenda; e entrando de novo o sr. Julio Gomes da Silva Sanches para o reino, João Cardoso d'Araujo e Cunha para a justiça e Francisco de Paula Aguiar Ottolini para a marinha.

A politica d'este ministerio não podia deixar de ser uma politica moderada, porque nenhum dos cavalheiros que o compunham tinha pertencido á parte verdadeiramente democratica do Congresso; porém o ca-

racter energico do barão da Ribeira de Sabrosa, que era a alma do ministerio; a lealdade com que tinha adoptado a nova Constituição,⁷ e o modo brilhante e patriótico como fulminára a intervenção da politica ingleza nos negocios de Portugal; levantaram contra o novo gabinete a mais crua guerra dos *ordeiros* e dos *cartistas*, que todos estavam ligados á camarilha do paço e ao embaixador inglez, que era o mentor do synedrio opposicionista.

As razões expostas são sufficientes para explicar o apoio decidido e franco, que José Estevão deu ao ministerio do barão da Ribeira de Sabrosa, que fôra seu illustre adversario nas discussões do Congresso.

José Estevão via de um lado uma facção retrograda, dominada inteiramente pela influencia ingleza; via o seu paiz devastado pela guerra civil; o thesouro exaustto; a segurança publica á mercê dos salteadores, para quem a impunidade era incentivo aos seus maleficios; a dignidade da nossa bandeira ultrajada pelo estrangeiro, que aprisionára arbitrariamente os nossos navios contra o direito das gentes e violando a fé dos tratados; via finalmente, a independencia nacional ameaçada, se na Hespanha vencesse o partido de D. Carlos; e n'estas circumstancias, apresentava-se á frente dos negocios um homem energico e intelligente, que adoptava com lealdade os principios da Constituição, e que

presava em muito a dignidade da sua patria, para que a deixasse ludibriar por estranhos. — Era evidente, que em uma tal conjunctura o ministerio do barão da Ribeira de Sabrosa devia contar com o apoio de José Estevão.

Pouco tempo porém durou o seu ministerialismo, porque a administração succumbiu em alguns mezes á guerra implacavel que lhe moveram dentro do Paço os aulicos, e na camara os cartistas e *ordeiros*.

Em novembro de 1839 demittiu a rainha o ministerio.

bibRXIVIA

Com a saída do barão da Ribeira de Sabrosa, houve uma serie de ministerios, que uns duraram dias, outros semanas e poucos chegaram a conservarem-se um mez no poder; até que foi chamado para a pasta do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães e para a da justiça o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral.

Foi o triumpho completo dos *ordeiros*. Este ministerio teve desde logo toda a confiança da corôa e contou com o decidido apoio do centro e da direita da camara; porque todos eram inimigos figadaes da Constituição,

e alguns preparavam-se já para restaurar a Carta na primeira occasião opportuna.

O novo ministerio entregou-se totalmente nos braços do embaixador inglez, de fórma que o governo era uma perfeita delegação do gabinete de Londres, e os ministros perfeitissimos agentes de lord Palmeston.

A opposição de José Estevão aos retrogrados foi violentissima e admiravel, quer no parlamento, quer na imprensa.

No principio do anno de 1840 appareceu no *Athleta do Porto* uma correspondencia escripta no estylo das cartas do fallecido Bandeira, redactor do *Braz Tizana*, que a *Lança*, jornal que então se publicava em Lisboa, transcreveu no seu primeiro numero.

A correspondencia fez grande bulha e produziu grande rebulicio no mundo politico; porque era uma satyra pungentissima ao governo, estava escripta com graça, e vinha temperada de sal grosso, o que agradava ao paladar da época, e ainda hoje não repugna completamente aos nossos escriptores politicos. Houve muita curiosidade em conhecer o author da *carta do compadre de Lisboa*, que assim se denominava a correspondencia, aonde se contava o *baptizado do ministerio*; até que, depois de muitas pesquisas e indagações, se soube que o author da satyra era José Estevão. — Duas razões nos obrigam a transcrever este documento — a primeira é

porque alli se desenha perfeitamente a situação politica do governo no principio de 1840, o que nos convém para esclarecer o leitor na narração dos factos subsequentes ; — a segunda, porque o *baptizado do ministerio* é um escripto completamente opposto ao genero dos artigos que saíram da penna de José Estevão, e o seu estylo perfeitamente avesso ao de todos os outros escriptos que conhecemos do grande orador.

Publicando a correspondencia, não lhe alteramos uma só virgula, mas tambem não explicamos nenhuma das allusões que alli vem, e que foram muito bem cabidas então, mas de que actualmente não vale a pena buscar o significado, porque iríamos ferir desnecessariamente algumas susceptibilidades.

Eis a correspondencia tal qual José Estevão a escreveu e depois a reproduziu o periodico *A Lança*.

CARTA DO COMPADRE DE LISBOA

«Escrevemos-lhes esta com o maior pezar por v. m.^{co} ter demorado tanto tempo a visita que nos prometteu fazer. Mal sabe o que perdeu! Se eu adivinho, aviso-o e o compadre havia de vir por força, ou por vontade; mas a coisa foi preparada em tal segredo, que

ninguém soube da festa, senão quando começaram a correr os convidados.»

«Em um dos dias da semana, passada principiaram a correr seges para as Necessidades, e via-se pelos vidros, que iam grandes figurões; o carrão dos músicos atravessou a cidade, e os archeiros assoalharam as casacas vermelhas, e levavam as alabardas muito luzentes. Logo por este rebulício se espalhou que havia festa na capella das Necessidades, mas ninguém sabia que motivo tinha; entraram a dizer que era um *Te-Deum*, que se cantava pelo insulto, que tinha recebido a nossa bandeira nas águas d'Angola, e que se havia decidido em conselho de ministros dar aquella demonstração de regosijo em satisfação aos inglezes, como coisa necessaria para o bom andamento de umas certas negociações, que estão pendentes, e para lhe mostrar, que o governo actual tem alma grande, e que se não agasta com bagatellas. Ninguém acreditou isto; logo disseram que era calúnia da opposição, e cada um começava a rebuscar a folhinha; consultaram-se os lithurgicos e mestres de ceremonias, e apesar d'isso, tudo ficou ás escuras sobre a causa de tão grande função. E ao compadre o que lhe parece que poria em movimento a nossa côrte? Hade rir em o sabendo—Foi o baptisado do ministerio.»

«Eu havia de castigar agora a sua perguica... mas

em fim sou seu amigo ; sei que é curioso, e vou contar-lhe o que vi — v. m.^{co} bem sabe que não falto ás festas notaveis.»

«Fui com effeito ás Necessidades, com um par de bons amigos, entrámos na capella, e achámol-a preparada para grande cerimonia.»

«Todos os adornos eram riquissimos e de fabrico inglez ; foram feitos de proposito para esta festa, mas como era meditada de ha muito tempo, já se trabalhava n'elles desde antes da Belemzada. Mandaram-nos vir a toda a pressa no tempo da revolta cartista ; não poderam servir por causa da convenção de Ruivães, e durante os acontecimentos de março estiveram enterados ; mas apesar d'isto estavam como novos, não soffreram nada.»

«No altar mór estava um S. Jorge ; todos nos admirámos, mas logo nos disseram do lado, que se tinha feito este arranjo por causa de symetria.»

«A pia baptismal estava no meio da capella : era de argamassa, tinha a figura d'uma meia pipa, e assentava sobre um leão, que tinha debaixo de si umas poucas de bandeiras portuguezas, e entre as mãos algumas quinas das nossas armas com que se divertia. Era peça rica, compadre, e diziam lá que tambem tinha vindo de Londres no ultimo paquete. Estiveram-nos explicando o sentido d'aquelle grupo, e conhecemos que

era um emblema allegorico á nossa alliança com a Inglaterra.»

«Quando estavamos entretidos n'isto, rompeu a musica o hymno de 38, mas tão desafinado, tão fóra de compasso e tão frouxo, que se não podia ouvir, parecia que os homens tocavam por mangação. Correu logo em toda a capella uma voz «ahi vem! ahi vem!» sentiram-se coches; paráram á porta, e passado pouco tempo appareceu o baptisado.»

«Vinha adiante a comadre.... ó compadre, olhe que não fallo da sua Francisca, era a comadre do baptisado, uma d'aquellas mulheres que costumam levar as creanças ás igrejas, e que as ajudam a nascer. Vinha adiante, como lhe fa dizendo, a tal comadre, era uma velha muito arribitada e presumçosa, com um ar muito complimentadeiro e trajando na maior extravagancia. Trazia um vestido de setim modernissimo, arranjado no ultimo gosto, mas arqueado pelo meio, como os donaires antigos; cahia-lhe da cabeça pelas costas abaixo uma coifa de seda de differentes côres, e asombrou-lhe a testa uma marrafa muito farta de cabello, todo em anneis; ao pescoço trazia um colar de brilhantes, que representava uma enfiada de carangueijos, em volta de cada um dos quaes se lia com muito custo executada em rubis:—*Para traz sempre para diante nunca*—disseram alli uns curiosos que este

enfeite quasi sempre o traziam as parteiras nos baptisados dos ministerios; e que era costume porem-no de figa a estas creanças depois de baptisadas; os dedos estavam cheios de lembranças (tambem ouvi dizer, que eram presentes de muitos figurões que tinham tido amores com a tal comadre, e a quem ella sempre dava com a porta na cara, depois de lhe ter comido honras e fazendas); calçava meias de seda franchezza do ultimo chiste, e sapato bordado de grandes ramagens com salto de meio palmo de altura e ponta tão aguda, como a d'uma sovela. As rugas da cara vinham disfarçadas com differentes massas, as faces cheias de rebiques, e d'aquelle todo sahia um furtissimo cheiro de agua de Colonia, que ás vezes era substituido por um certo bafio de cella de frade; em uma palavra, em todos os arranjos da tal comadre, notava-se uma exquisita mistura do gosto antigo e moderno, e um cuidadoso estudo em encobrir a idade e affectar boa feição.»

«Todos os circunstantes se arredaram para dar passagem á matrona, que trazia a creança muito embrulhada, mas apezar d'isto a tal senhora a todos pisou os callos, amarrotou as golas das camisas, sujou as casacas, botou os chapeos ao chão etc; em fim por onde passou, incommodou toda a gente; e cada um ficou dando ao diabo a tal parteirinha. Eu tambem

não levei pequena esmolla: deu-me uma canellada que vi as estrellas; logo me cresceu a curiosidade de saber quem era a tal sujeita, que tanto espalhafato fazia. Perguntei a um meu amigo:—Quem é esta mulher?—Pois não conhece por aquelles trajos e maneiras? respondeu elle.—Eu não!—É a Ordem, aquella parteira que se estabeleceu no Rocio em março de 1838.—Ai! meus peccados! (disse eu com os meus botões) também a Ordem anda mettida n'estas coisas? Estamos perdidos!»

«Seguia-se o acompanhamento; não era muito numeroso. Vinham os marechaes, o Saldanha com um ar muito afidalgado, o duque a rir-se como é seu costume; também vinha o corpo diplomatico, e alguns outros cavalheiros estrangeiros, o O'Neel não faltou. O Reis de Penacova e o Dr. Çujo vinham a conversar com muito interesse. O duque de Palmella vinha só, e atraz de tudo; não me pareceu muito satisfeito. Sabe que mais, compadre? o homem depois que casou o filho não gosta muito d'estas fôfas.»

«Tendo entrado na capella toda a comitiva, a parteira adiantou-se, e fez as suas orações; depois entrou a conversar com os do acompanhamento, compondo e afagando sempre a creança que nem tugia nem mugia. De vez em quando puchava por uma caixa muito antiga, e dava uma pitada de esturro a algum muito

conhecido, mas espreitava que a não vissem fazer isto, e quando lhe parecia que a tinham pillhado, começava a gabar o rapé maçatoca como mais moderno, e a dizer mal do tabaco como coisa çuja, rançosa e antiquada. Algumas vezes desculpava-se da sua maneira de vestir; dizia que a incommodavam os trajos antigos, que as modas do nosso tempo deixavam os movimentos mais livres, e que se não se vestia em tudo á peralta era em attenção ao seu officio.»

«Quando isto se passava a musica parou, e sem gastar tempo em afinações entrou a tocar o hymno de 26. Não pareciam os mesmos musicos; mais melodia e muito mais animação. Esta nova musica foi o annuncio da chegada do capellão e seu prestituto, que vinham dar principio á cerimonia.»

«Todos cuidavamos que o arcebispo de Lacedemonia seria o encarregado d'esta missão, mas enganamo-nos, nem appareceu na igreja.»

«Vinha fazendo as vezes de capellão um homem de menos de quarenta annos, grosso, alto, e de cabello ruivo. Ninguem o conhecia: dizia um—é o padre fulano;—outro—não é tal, é o padre F.—Quando estavamos n'aquella duvida, disse de traz um dos meus amigos: «Aquelle é o D..., não conhecem aquellas pestanas allemãs e o cheio d'aquella bochecha.» Todos reparamos, e dissemos a uma voz é o D.... é o

D..., não ha duvida. Bem dizia o *Procurador dos Povos* que elle é Jesuita».

«Trazia elle uma riquissima loba feita de tractados de 1810; a murça era de setim da fabrica allemãa Retrogradação, com seus lavores de absolutismo illustrado, executados em seda frouxa pela tia Michaela dos *Pobres* d'essa cidade; o barrete era de bullas pontificias com forro de canones ultramontanos; e a borla era uma lei de liberdade d'imprensa feita em tiras muito miudas. O capellão perguntou logo o nome da creança, e sem que ninguem dissesse coisa acertada, começou entre os padrinhos uma renhida questão a tal respeito.»

«Eu, compadre, pasmei com o caso, e disse para um dos circunstantes: «Ora esta é nova!? virem disputar para a igreja como se ha de chamar a creança?! O homem olhou para mim, riu-se, e disse: «Vm.ªe pensa que este caso não tem motivos sérios? Pois enganase. Este pequeno não é filho de legitimo matrimonio, e posto que todos saibam quem são seus paes, não se lhe podem declarar os nomes no assento do baptismo, nem deixar indicios d'elles no nome da creança, porque então póde provar-se judicialmente a sua filiação, e a creança, por estrangeira, vir a perder o direito a uma grande herança em Portugal, para que o querem habilitar, e na qual, por uma lei espe-

cial, não pôde succeder quem não seja portuguez. O rapaz é filho de um lord inglez, muito casquilho e namorante, que tem muitos d'estes filhos bastardos por esse mundo de Deus; e a mãe é uma senhora brasileira, que appareceu na nossa terra pela primeira vez em 1826, emigrou pela Galliza e recolheu com o imperador; era muito gastadora e caloteira, e por isso teve de fugir para Londres em setembro de 1836, aonde tem vivido sempre amancebada com o tal lord; tem tido d'elle mais alguns filhos; mas todos tem morrido ao nascer, ou durado poucas horas; este que escapou, estão com muito cuidado n'elle; é a menina dos seus olhos. Aquelle sujeito que acolá está é o padrinho; não o conhece? É o lord H... esse teima que lhe ponham o nome do pai, quer que se chame Palmerston, insiste que isso nada tem com a herança. O outro que questiona com elle é o que vem tocar pela madrinha, que é uma alta personagem de Hespanha, e esse exige que se lhe ponha o nome da mãe, quer que se chame Cartista. Não vê como o capellão faz signaes de descontentamento? Está em braza. Elle conhece toda esta historia, e vê que a teima e a vaidade dos padrinhos pôde ser muito prejudicial á creança, tambem não quer que se acclare a filiação do rapaz.»

«Estava eu ouvindo, meu caro compadre, muito attento e pasmado, quando a parteira se metteu no meio

da questão, e disse muito cheia de si: — «O menino também me pertence, e não pouco; se não fosse eu não vinha elle á luz do dia! Muitas creanças tão afidalgadas como esta, tem tomado do meu o seu nome, e com elle tem figurado no mundo. O menino ha de chamar-se *Ordeiro*» — Os padrinhos callaram-se, como a reflectir, e o capellão, que approvou a lembrança, abrindo o livro a toda a pressa, começou o officio perguntando:»

«*Ordeire, quid petis ab Ecclesia intrigue?* — O padrinho respondeu logo — *Hypocrisiam.*»

«O capellão outra vez: — *Quid tibi prestat hypocrisie gratiam?* — O padrinho sem demora — *Vitam ambitionis seternam.*»

«Continuando o ritual costumado, o capellão tirou de uma baixella uma pitada de oiro em pó, e metteu-a na bocca da creança, repetindo as palavras: — *Accipe salem corruptioni*, etc. — O pequeno apertou muito os beicinhos; não tornou mais a salivar, e deu signal de que tinha gostado muito.»

«Depois d'isto, o sacerdote aproximando-se ao baptisterio, e feita a uncção da saliva, disse com um tom de muita devoção: — *Ordeire abrenuntias lusitanie?* — O padrinho: — *Abrenuntio.*»

«Sacerdote — *Et glorie ejus?* — O padrinho: — *Abrenuntio.*»

«Sacerdote — *Et felicitati, et que dignitati ejus?* — O padrinho: — *Abrenuntio.*»

«E logo começou a administrar á creança os santos oleos, que eram uma pouca de cerveja, repetindo esta oração: — *Ego te lineo oleo infamiae in Johne Bull Domino nostro ut habeas cum covitam aeternam.*»

«Então o capellão deixando a estolla que até alli era azul e branca; e tomando uma outra azul e encarnada, que tinha servido nos baptisados do ministerio de Villa Franca, e no de D. Miguel em 1828, proseguiu perguntando: — *Credis in Absolutismum, Patrem Omnipotentem, creatorem caeli et terrae? Credis in spiritum oppressionis, sonetans Ecclesiam servitudinis, devo ristarum communicationem, Responsabilitatis remissionem, Praevie Censurae resurrexionem, vitam aeternam vili et opulentiae?*»

«O padrinho respondeu — *Credo* — a cada uma d'estas perguntas. E o sacerdote disse em seguida: — *Ordeire, vis baptisari?* — *Vollo* — respondeu logo o padrinho.»

«Quando o padre mudou de estolla, tambem a musica passou a tocar repentinamente o hymno realista com o maior gosto e afinação, e assim continuou até que eu sahi da igreja. Quasi todo o acompanhamento se extasiou de prazer com a nova musica, e muitos faziam a segunda á orchestra com a cabeça e os pés.»

«Feito isto, chegaram-se todos á pia, o capellão tomou a creança nos braços e baptisou-a por immersão.»

«A parteira só desembrulhou o pequeno n'esta occasião, e por isso só então se soube como vinha arranjadinho. Olhe, compadre, trazia uma camisinha de panno *bill de escravatura* muito fino; uma facha de tafetá *Morning Chronicle*, debruada com discursos de lord Brougham, e as fraldinhas eram todas de *Leis das Pautas*. Desde que estava na igreja diziam que já tinha sujado sete. Apenas a creança sahiu da agua, começou em um berreiro que atroava tudo. A parteira disse logo que era fome, e pediu que lhe chamassem ama com toda a pressa. E que lhe parece, compadre, que figura teria a tal amasinha? Fiquei pasmado! Era um cangalho, velha, magra, descorada, suja, enfim mettia nojo. Eu disse para um dos meus companheiros: que diabo de mulher é esta? Isto não pôde comsigo! O ratão que nos tinha contado a historia da filiação da creança, acudiu logo: — Vm.ce enganou-se. É muito boa criadeira; quasi todos os nossos governantes, e principalmente os do tempo moderno tem mamado n'ella, e tem-se dado muito bem com o leite; está assim arrasada por causa das muitas creanças; pois olhe, todos temos bastantes relações com ella! É a Antonia Fazenda Publica. Eu fitei os olhos na pobre mulher, e disse comigo: — Esta creança não levas tu ao fim; morres decididamente. O rapaz é muito forte e ha de ser muito mamão. Meu dito meu feito. A crean-

cinha apenas sentiu o peito ao pé de si, lançou-lhe os beijos e começou a sugar com muita gana.»

«Passado pouco tempo adormeceu; até agora poucas vezes tem acordado; e logo torna a mamar e a dormir. Está muito socegadinho; mas dizem que ha de ser muito rabugento, e que nos ha de dar muito más noites. Prepare-se, compadre, para esses incommodos, que eu tambem me preparo para elles.»

«Adeus, não tenho mais que lhe contar, deu-me a vontade de jantar; sahi da capella, e o baptisado ainda lá ficou.»

bibRIA

XVI

Esta correspondencia que photographava o ministerio, a posição reciproca dos partidos politicos, e as influencias do paço, produziu, como dissémos, grande sensação em Lisboa. E a redacção da *Lança*, que, depois de transcrever a carta publicada no *Athleta* do Porto, intendeu dever fazer-lhe uns additamentos grosseiros, onde transpareciam allusões indignas feitas á carôa; foi processado, e o jornal acabou.

O ministerio navegava afoito nos mares da reacção. O navio era doce á manobra, a tripulação disciplinada, e os pilotos presumpçosos da sua sciencia. A simi-

lança dos velhos marinheiros da Hollanda, que amaram o leme, quando o vento lhe sopra fagueiro, e dormem descansados, deixando correr o navio no rumo que lhe marcaram; assim navegavam os mareantes politicos no baixel do estado, sem attenderem ás pequeninas nuvens, que lá do horisonte cresciam insensivelmente, trazendo em si a tempestade, que devia agitar as ondas populares, e submergir o navio com a tripulação e com os pilotos.

A vida politica do paiz estava concentrada na camara dos deputados. José Estevão foi o tribuno do povo que a sorte escolheu para se bater com os oradores da Carta, da *ordem*, da aristocracia, e da realza.

Começa aqui a serie dos triumphos parlamentares do orador portento. O genio da palavra appareceu então. O soldado valente deixou por momentos a espada gloriosa que enfeixára os loiros com que enramára as aras da patria, para colher as flores immurchessiveis, e as palmas sempre verdes, que devia depositar no altar da liberdade.

Foi um combate gigante. Quando o athleta subia á tribuna, para se medir com Garrett, com Rodrigo, e com outros adversarios não menos illustres, suspendia-se por um momento a vida em todos os espectadores; passava pelas galerias como que uma faisca electrica, que assombrava a todos. De pé, com aquella formosa

cabeça modelada nos mais bellos typos da antiga Grecia, levantada magestosamente sobre os hombros; com o sorriso da confiança e da lealdade nos labios; com o olhar de fogo, medindo soberbo o contendor; com a fronte resplandecente de luz, de intelligencia e de genio; com o gesto altivo, rasgado e imponente, — era o famoso luctador do circo, dominando com a sua presença todo o povo de Roma!

Depois, quando aquelles labios se descerravam, e a palavra saía fluente, já formulada em imagens arrebatadoras, em conceitos philosophicos, e em doutrina liberal e patriotica, as assembléas estremeciam; os olhos eram pequenos para ver; os ouvidos poucos para ouvir; era preciso o coração para arfar, para sentir, para dilatar-se com as pulsações que lhe imprimia o enthusiasmo, a crença, a fé, que brotavam da sublime inspiração do orador em turbilhões de eloquencia.

O convencimento da immortalidade da alma humana, e da sua essencia divina, nascia em presença d'aquelle grandioso espectaculo da intelligencia! O homem, que armado simplesmente do poder da sua palavra, attráe, domina, fascina e submete uma assembléa, um povo, uma nação inteira; não morre porque os olhos se lhe cerraram, porque o coração lhe arrefeceu, porque o sangue lhe parou, porque o corpo se desfez no pó de que era feito.

Foi n'esta sessão legislativa que José Estevão pronunciou o notavel discurso chamado o do porto do Pi-réo, por occasião da resposta á falla do throno, na sessão de 6 de fevereiro de 1840, e o outro não menos celebre sobre a questão ingleza, na sessão de 13 do mesmo mez e anno, em resposta a Almeida Garrett.

Começou este memoravel discurso com as seguintes palavras:

«Disseram-se injurias, jogaram-se apedrejos, e eu não ouvi as injurias, e as pedras nem os vestidos me tocaram.»

«O tempo é do paiz, está adjudicado ao cumprimento das nossas obrigações; mas é nosso o sangue que nos corre nas veias; e a sua primeira hypotheca é feita á nossa honra. Assim não vou eu no que disser intentar um desforço, mas responder a um discurso.»

«Julgou-se que eu pretendia a corôa de Esquino e Demosthenes; não a mereci, nem meditei alcançal-a. Essa corôa vejo-a na fronte de um orador central. Perdoae-me se lhe lanço a mão; não é por inveja, mas curiosidade; parece-me que os seus loiros já murcharam, e que estão cosidos em uma tira de manto cynico.»

«Pequei, senhores, e pequei contra a sublime e celestial *ordem*; restringi o campo das suas maravilhas, menosprezei o poder dos seus meios, desacatei a força

dos seus sortilegios. A *ordem* tomou d'estas affrontas uma desforra que me confundiu. Tendo operado um grande encanto dentro d'esta sala, quiz experimentar os encantos da sua magia em todo o paiz.»

«Os circulos descrevem-se e apagam-se rapidamente deante dos nossos olhos; a luz empallidece; o sapo esturge nas brazas afogueadas; e o fumo dos sargaços eleva-se até aos astros. O oraculo da *ordem* senta-se na tripode mysteriosa, e prepara-se para revelar os seus portentosos arcanos.»

«Oraculo? quantos partidos ha no paiz? Oraculo? quantos partidos ha n'esta camara?»

«No paiz ha dois partidos e duas facções; n'esta camara um partido, e uns poucos de illudidos.»

«É verdade que não ha muito tempo que o mesmo oraculo da *ordem* passou increpações de um para o outro lado da camara, e que no resto da sua grande revelação fallou de um partido distincto, d'esse unico que só reconheceu n'esta casa. Mas como hão de embaraçar a *ordem* estes erros logicos, se a logica é filha da *ordem*, e sujeita aos seus preceitos? Se a *ordem* póde combinar as desharmonias da natureza para os grandes fins da creação; se ella póde ligar todas as dissonancias do mundo, — como não ha de sujeitar as contradicções de um discurso á sua concludencia, e fazer de asserções oppostas uma só verdade?!»

A esta pungentíssima ironia com que abriu o seu monumental discurso, seguiram-se trechos fulminantes de indignação contra arguições injustas e calumniosas. Comparando a velha e nova monarchia ao reinado da Constituição proclamada em 4 de abril, descreve assim o imperio da Carta :

«É esta a monarchia nova ; a monarchia da restauração. Obra da diplomacia, sustentada pelos braços do paiz, ajudada pela rivalidade dos aulicos, pelo despeito dos ambiciosos ; recolhe na sua Carta os agaloados, que a tyrannia despediu do seu serviço. Herdando da monarchia velha o seu valor e gentilezas, vence pelas armas ; mas depois da victoria, esquece-se dos vencidos para os proteger, e dos vencedores para os premiar ; recebe o paiz cheio de esperanças, entrega-o abatido de desenganos ; deixa perder em suas mãos esta força de confiança, que é o primeiro elemento das grandes empresas governativas. Arroja-se a todas as instituições antigas, despedaça-as, liberta os servos, apodera-se das esplanadas dos castellos feudaes, e a mão que taes obras commettera, *deshonra-se compondo arminhos para os pares.*»

.....

Ainda depois, quando atirou ás faces dos ministros, as justissimas recriminações pela sua subserviencia ao poder da Inglaterra, o orador, obedecendo aos impul-

sos do seu character liberal e independente exclamou ebrio de patriotismo :

«Deixae o paiz livre no jury, livre na urna, livre nas administrações locaes ; deixae-lhe os braços soltos, a boca sem mordação, o peito sem grilhões e depois ide, se podeis e quereis, fazer d'elle oblação ao estrangeiro ; ide, se podeis e vos atreveis. Não, que assim é impossivel ; — não, que um só golpe do seu braço vos lançaria por terra envoltos na vergonha dos vossos projectos. Para sujeitar o paiz ao jugo estrangeiro, é mister primeiro subjugal-o com leis duras, e annullar-lhe a vontade nos negocios publicos. Todas estas medidas restrictas são pois uma operação preparatoria para a questão estrangeira. São o assassinio do paiz para dispôr do seu cadaver.»

«Eu disse que os projectos do governo, a que se dá o nome de organisadores, eram o assassinio do paiz, para depois se dispôr do seu cadaver... porque a nossa nacionalidade morreu, e nós juntamos á vergonha d'esta situação o ridiculo de a desconhecemos.»

A assembléa emmudeceu d'espanto e ficou paralytica de ouvir a profecia do homem livre. Os vendelhões da dignidade nacional desappareceram desfeitos diante d'esta alentada imprecação contra as suas misérias e vergonhas !

No fim d'este discurso o partido popular e democratico reconheceu em José Estevão o seu verdadeiro chefe, e o seu nome ficou inscripto no primeiro lugar do curtissimo catalogo dos grandes oradores europeus.

XVII

São muitos os trechos admiraveis d'aquelle magestoso discurso, que deviamos talvez apresentar completo ao leitor; mas falta-nos o tempo e o espaço, e receiamos, ainda assim, ser accusados de demasiada prodigalidade nas citações e publicação de documentos.

Apesar d'isto não podemos resistir á tentação de referir as memoraveis palavras do immortal orador, quando vinga as quinas portuguezas do insulto feito pelas armas da nossa antiga e fiel alliada nas aguas de Angola, em uma questão muito similhante á do *Charles et George*.

O brigue de guerra *Columbine* tinha metralhado e mettido a pique um navio portuguez quasi á vista das fortalezas de Loanda; José Estevão referindo-se, na citada sessão de 12 de fevereiro, a este attentado de que nunca recebemos satisfação, disse:

«Agora, senhores, esse governo (o inglez) cobrindo-se com uma idéa nobre e generosa, em que elle não crê, rebuçando suas vistas mercantis em expressões de filantropia, promovendo á sombra dos interesses da humanidade, o emprego dos seus marinheiros, o exercicio dos seus officiaes de mar, a extensão do seu commercio, e o consumo das suas manufacturas; agora esse governo, recolhendo os votos sinceros feitos a favor da abolição do trafico da escravatura pela nação, a que é indigno de presidir, converte a moralidade do seu paiz em uma especulação vergonhosa; e, levado d'estas vistas sordidas, de offensas pessoaes, — insulta, enxovalha e rasga, como um insolente pirata, a nossa heroica bandeira, a nossa bandeira, debaixo de cujo influxo se realisou primeiro o grande pensamento da civilisação africana; a nossa bandeira diante da qual se abriram as portas do Oriente; a nossa bandeira que muitas vezes obrigou o pavilhão hollandez a servir de mortalha aos seus almirantes; a nossa bandeira, que ainda agora nos mares da China dá amparo e guarida aos contrabandistas inglezes; a nossa bandeira, que, se tremulasse nas pôpas da forte esquadra que acompanhou a familia real para o Brazil, para ahi apodrecer nas suas enseadas, e tivesse apparecido na batalha de Trafalgar, talvez com o formidavel enlace das quinas portuguezas e do leão ibe-

rico, teria sepultado no mar o cadaver de Nelson, e hoje não seria rota pelas cobardissimas balas do *Columbine*, nem teria beijado as aguas do oceano, em que até agora por mal ninguem a molhára, sem ella estar tinta com o sangue dos seus inimigos».

Dantes ainda tinhamos este Deus da palavra—como lhe chamou o illustre decano da nossa imprensa politica—que nos vingava dos insultos brutaes do estrangeiro, apagando a memoria dos seus feitos covardes na torrente impetuosa da sua inspirada eloquencia; mas hoje, quando virmos

«..... no ar alçada
«do negreiro a bofetada;»

quando os governos despotas das grandes nações, mandarem os seus navios, com as suas cohortes escarnecer e injuriar a bandeira gloriosa e sempre respeitada de D. Manuel e do Mestre d'Aviz; quando o povo portuguez, vendo desmanteladas as suas praças e fortalezas, pobre o seu thesouro, aniquilado o seu exercito, e abatido o seu governo para castigar a insolencia do forte fraco;—se voltar para a tribuna, e procurar ahi o anjo vingador da sua independencia e da sua liberdade, e não o vir, e lêr a legenda fatal que lhe diz que já não pertence á terra o seu tribuno; as lagrimas do

povo não serão sómente a expressão da saudade, mas o desespero impotente de verem muda a unica voz capaz de vingar a honra e o bom nome da patria!

XVIII

Foi n'este anno de 1840 que José Estevão alcançou em concurso publico, a propriedade da cadeira de economia politica na Escóla Polytechnica.

Este concurso foi o mais brilhante combate litterario, que modernamente tem havido nas nossas escolas — O adversario de José Estevão foi o sr. José Maria Eugenio de Almeida, cuja intelligencia e illustração são dignas de competir com os mais talentosos e sabedores homens do nosso paiz.

Estes certamens scientificos, que habitualmente se passam entre nós, na agreste solidão de uma aula, que não tem nenhuma das condições hygienicas, nem acusticas, que se encontram na mais insignificante sala de Sorbone; tiveram por espectadores as primeiras notabilidades scientificas e litterarias da capital, quando se disputou a cadeira de economia politica entre José Estevão e o sr. Eugenio de Almeida.

Seja aqui notado muito a correr, que a grande ra-

zão porque os doutores da Universidade se oppoem á mudança d'aquelle estabelecimento para Lisboa, é esta: — Não sympathisam com os auditorios que não vestem abatina, e desesperavam se os infastidados *flaneurs* da capital lhes fossem ouvir alguma prelecção.

Depois de recitadas as tres lições a que a lei obriga, por cada um dos candidatos, todos os membros do jury e todos os ouvintes, foram unanimes em classificar no primeiro logar a José Estevão, e o proprio sr. Eugenio de Almeida, como espirito superior que é, ainda hoje se gloria de ter sido vencido, porque a grande victoria alli foi competir honrosamente com o grande genio.

José Estevão deixou escriptas pelo seu punho muitas lições originaes de economia politica, que hoje são propriedade da sua familia, que talvez as venha a publicar, se a calligraphia se puder decifrar, e se a confusão dos papeis consentir ainda em qualquer coordenação.

Em todo o caso, o que já prova a existencia d'aquellas lições, é o zelo e a assiduidade do professor, que os pequeninos inimigos de José Estevão lhe negavam.

XIX

O anno de 1841 não appareceu no mundo politico com mais lisongeiro aspecto do que o seu antecessor. O ministerio do conde de Bomfim, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Florido Rodrigo Pereira Ferraz e do sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, não inspirava maior confiança aos setembristas.

O conde de Bomfim já se sabia qual era o amor que consagrava á revolução, pela maneira como tinha tratado a guarda nacional em 13 de março associado ao sr. visconde de Sá; Rodrigo da Fonseca Magalhães reprovou sempre os acontecimentos de setembro, era ordeiro e decidido partidario da Carta; Florido não tinha importancia nem significação politica; e o sr. Costa Cabral tinha já denunciado pelo seu procedimento com os seus antigos correligionarios politicos, que era capazissimo de aniquilar, se podesse, as proprias leis da natureza, se tanto fosse preciso para saciar a sua ambição.—Vê-se pois qual era a sorte, que podia esperar a Constituição de 1838.

José Estevão todavia lidava incansavelmente para sus

tentar os principios liberaes da revolução, contra o numero sempre crescente dos seus inimigos. — Viram-n'ò constantemente na brecha e sempre o campeão denodado e vigilante. A sua vida só, era bastante para animar todo o seu partido, e o seu coração continha dedicação e enthusiasmo para dar energia aos seus amigos e sequazes. A saude, a alegria, a agudeza de espirito e a graça da conversação cresciam com a complicação dos negocios.*

Da cadeira do magisterio para a tribuna, da tribuna para a imprensa, da imprensa para os clubs, aquella vida não conhecia o repouso ; aquella phisionomia aberta e radiante apparecia em toda a parte, e a toda a parte levava a acção, o movimento, a crença e o enthusiasmo.

Foi por esta occasião, que o grande orador fundou o jornal *Revolução de Setembro*, conjuntamente com o seu compatricio e sempre affectuoso e dedicado amigo o sr. Manuel José Mendes Leite.

No primeiro dia da publicação d'este jornal, que a habilissima penna do sr. Antonio Rodrigues Sampaio tanto ajudou a illustrar, e que mal entendidas conveniencias politicas tem ultimamente prejudicado ; tinham José Estevão e o sr. Mendes Leite em caixa a exigua quantia de quarenta e oito mil réis, e não chegava a cincoenta o numero dos assignantes. Um mez

depois; o jornal era lido em todo o Portugal e na Hespanha, e contava já perto de mil assignaturas.

A razão, que anteriormente démos, faz-nos resistir aos desejos de transcrever já aqui alguns dos notaveis artigos, que José Estevão então escreveu; mas ainda que nos escriptos do genero d'este nosso, não sejam demasiados todos os documentos que illustrem a biographia que se esboça; todavia receiamos, repetimol-o, ser accusados, se enchermos muitas paginas com trabalho alheio.

XX

Por todo o anno de 1841 houve muitas e muito variadas composições ministeriaes, ficando em todas o sr. Costa Cabral com a pasta da justiça.

Foi em uma d'estas reformas de ministerio, que tomou pela primeira vez conta da pasta da fazenda o sr. Antonio José d'Avila, que deixou aos infelizes funcionarios do estado mui pouco lisongeiras recordações da sua estreia financeira.

No fim d'aquelle anno, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que era um dos mais finos espiritos do nosso tempo, e talvez o ultimo estadista que vimos no poder, começou a suspeitar da boa fé politica do seu collega

da justiça, e a receiar-se da extrema influencia que aquelle ministro ia ganhando no paço. — Amigo decidido da Carta, mas incapaz de atraiçoar o juramento que tinha prestado á Constituição, Rodrigo da Fonseca, prevendo os futuros acontecimentos, guardou silencio e retirou-se da administração na primeira occasião opportuna, sendo chamado para o substituir o sr. Joaquim Antonio de Aguiar, que era tão decidido partidario da Carta como Rodrigo, mas também tão incapaz como elle de uma traição vil e miseravel.

No dia 12 de janeiro de 1842, pediu o sr. Costa Cabral licença para ir ao Porto, e annunciou aos seus collegas, que o unico motivo da sua viagem era uma visita, que como ministro da justiça desejava fazer ás cadeias da Relação. — Partiu effectivamente no dia 17, ficando interinamente encarregado o sr. Aguiar da pasta da justiça.

Alguns jornaes denunciaram logo a partida do ministro como um attentado politico contra a Constituição, premiditado ha muito pela camarilha que cercava a corôa, de combinação com o sr. Costa Cabral. A negrura da acção era tão grande, e a infamia da traição repugnava por tal sorte, que o sr. Aguiar e o resto do ministerio; Rodrigo da Fonseca, Garrett e quasi todos os outros cartistas honrados duvidaram da accusação, e o

proprio sr. Costa Cabral desmentiu no *Diario do Governo* os boatos dos jornaes da opposição.

No dia 23, porém, recebeu-se em Lisboa a participação official da revolta do Porto á frente da qual se achava o ministro em quem a corôa e o paiz tinham depositado a guarda da Constituição, e que assim o tinha jurado; mas que faltando aos deveres da honra portugueza, que não consente titulos de cavalheiro ao que quebranta a sua palavra, e atraçoando os seus collegas, aniquilou o deposito que lhe confiaram, e proclamou a Carta, contra a qual se tinha tornado celebre o furibundo orador dos *Camillos*.

bibRIA

XXI

Calaremos todas as considerações que nos inspira a recordação d'essa miseravel revolta, que foi regada com o sangue de Miguel Augusto, pouco ainda para ensopar em remorsos a consciencia do que procurou a sua celebridade por meios tão insolitos e immoraes.

Os collegas atraçoados pediram a sua demissão, e a corôa, cumplice no attentado contra a Constituição, quiz salvar a sua responsabilidade com uma assás mediocre estrategia; e chamou o duque de Palmella para

formar o ministerio. Parece que a rainha reservava aquelle respeitavel character, para o fazer figurar mesquinamente na vespera de todas as emboscadas que preparou ás idéas liberaes.

O ministerio do duque de Palmella durou quarenta e oito horas.— A corôa n'este periodo fez uma proclamação, fingindo reprovar o procedimento do sr. Costa Cabral, demittiu-o, e houve um movimento simulado das forças militares de Lisboa contra os revolucionados. Mas dois dias depois, era chamado o duque da Terceira para a presidencia do conselho, e Mousinho d'Albuquerque para a pasta do reino, e a 10 de fevereiro foi restaurada a Carta, approvado e justificado o procedimento do sr. Costa Cabral, que d'ahi a poucos dias entrou triumphante em Lisboa.

Não deixaremos de notar, que o povo da cidade, que era adverso ao movimento do Porto, ainda d'esta vez se conservou impassivel á morte da revolução de 1836, que era filha sua.— Não tinha morrido nem rei, nem principe; as pedras das ruas de nada serviram.

Foi n'esta época que o partido cartista se dividiu em dois grupos; um doutrinario e outro pessoal, de que era chefe o sr. Costa Cabral, e que se chamou por isso *cabralista*.

Não demorou muito a sua entrada para os conselhos

da corôa o ministro, que tinha atraído a Constituição, para estabelecer a Carta, e que ia desacreditar a Carta para satisfazer os intentos da sua insaciavel ambição.

As côrtes de 1842 abriram-se com o ministerio presidido pelo duque da Terceira, que era tambem ministro da guerra; o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, ministro do reino; o sr. José Antonio Maria de Souza Azevedo, ministro da justiça; barão do Tojal, ministro da fazenda; o sr. Joaquim José Falcão, da marinha; e o sr. José Joaquim Gomes de Castro, dos estrangeiros.

A historia d'este governo, um dos mais duradoiros que temos tido, está escripta nas paginas mais negras da biographia dos governos posteriores ao reinado do sr. D. Miguel.

As violencias, as corrupções, e as tyrannias de toda a especie marcaram os dias, os mezes e os annos da existencia d'este ministerio, que, para bem da nação e da humanidade; serviu n'um tempo em que o cadafalso politico já era impossivel.

José Estevão empenhou-se desde logo n'uma lucta tremenda e implacavel contra o *absolutismo illustrado* dos novos conselheiros da rainha. Em quanto a imprensa não esteve amordaçada, na *Revolução de Setembro*, elle, e o illustre escriptor o sr. Antonio Rodri-

gues Sampaio, fulminaram as demasias do governo, em artigos palpitantes de indignação contra as escandalosas iniquidades do ministério, e de amor pelas liberdades publicas, que os martyres da Terceira, das linhas do Porto, de Almoester, da Asseiceira, e dos patibulos da Praça Nova, do Cáes do Sodré e do Cáes do Tojo, não tinham por certo sagrado com o seu sangue e com as suas vidas, para as verem calcadas aos pés de um plebeu traidor a Deus no juramento que prestou á Constituição, e que não cumpriu; traidor ao seu partido, que vendeu pelos proventos do funcionalismo, e pelas lisonjas da corte; traidor á sua patria, que desgraçou, tornando-a orphã de muitos dos seus filhos para satisfazer os caprichos da sua vaidade.

Na tribuna do parlamento, em quanto a voz do grande orador alli poudo ser ouvida, tambem a sua eloquentissima palavra torturou sem piedade os parricidas da liberdade.

José Estevão não foi então deputado por Aveiro. As violencias eleitoraes, as bayonetas que cercavam a urna, e o cacete dos esbirros que flagellava os eleitores em quasi todas as provincias do reino, não consentiram que o filho de Luiz Cypriano fosse o representante dos seus conterraneos. Mas os eleitores de Lisboa, que se achavam menos coactos, por isso que os agentes do governo só depois perseguiram e maltrataram

os cidadãos até dentro das egrejas, puderam pagar este tributo á liberdade e á civilisação, elegendo deputado a José Estevão Coelho de Magalhães.

O presidente da camara dos deputados em 1842 e 1845 era o sr. Gorjão Henriques; bom homem impertinente e faccioso cabralista. A parcialidade com que este cavalleiro presidia ás sessões, foi causa dos grandes escandalos que então se presencaram no parlamento.

José Estevão era a victima constante da officiosidade partidaria do presidente, ou antes, talvez, das insinuações que o bom do homem recebia do governo. A palavra era sempre recusada ao illustre orador, que para a obter se via obrigado a conquistá-la pela vehemencia das suas apostrophes, e pela fascinação que a sua presença magestosa produzia, ainda assim, na chancellaria do ministerio. O seu nome foi por differentes vezes mandado lançar na acta pelo presidente, que se vingava com esta caturrice da sua impotencia em cortar a palavra ao orador liberal.

XXII

Os meios constitucionaes e parlamentares eram já insufficientes para combater os sacrilegios politicos

do governo, e as suas monstruosidades administrativas.

A opposição no parlamento contava só com José Estevão, Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, barão de Chancelleiros, Mousinho de Albuquerque, Silvestre Ribeiro, e poucos outros, cujas vozes eram abafadas pelo insoffrido ministerialismo de uma maioria de sessenta e tantos deputados.

A audacia do governo crescia com a indolencia popular. Para salvar o paiz era forçoso lançar mão das armas.

Nos primeiros mezes do anno de 1844 o sr. Cesar de Vasconcellos, hoje conde de Torres Novas, saíu de Lisboa para Santarem, e d'ahi para Torres Novas, aonde se poz á frente do regimento de cavallaria n.º 4, cujos soldados lhe queriam como a um amigo, ou a um pae, e levantou o grito de rebellião contra o ministerio.

José Estevão, e muitos militares de todas as armas, assim como differentes paizanos pertencentes ao partido setembrista, reuniram-se em breve ao benemerito official revolucionado.

De Torres Novas marcharam as forças progressistas sobre a praça de Almeida, aonde já se achava José Estevão, que para alli tinha ido com ordens e instrucções do conde de Bomfim. O governo sobresaltado com estes acontecimentos ; mas certissimo do apoio do paço,

e confiando nos corpos militares, em cuja officialidade o duque da Terceira tinha a maior influencia, mandou marchar a divisão do general conde de Fonte Nova sobre os revoltosos, o qual, encontrando-os dentro dos muros de Almeida, bloqueiou a praça em um apertadissimo cerco.

As revoluções puramente militares são quasi sempre funestas á liberdade; e quando a oppressão dos governos obriga a lançar mão d'este arriscadissimo meio de reagir, ha sempre o perigo de substituir a tyrannia do vencido pelo futuro despotismo do vencedor.

José Estevão era inimigo declarado das revoluções militares; e quando se aggregou ás forças sublevadas em Torres Novas, foi na intenção de levantar os populares, e de dar á revolução o seu verdadeiro character—que era o pronunciamento do povo contra os actos anti-constitucionaes e tyrannicos do ministerio da camarella. E mais adiante se verá de que modo elle quiz realisar o seu intento, e os riscos que correu para o conseguir.

O infatigavel lidador das liberdades patrias enganou-se n'este passo da sua vida politica. Julgou o seu paiz pela historia das outras nações da Europa, quando devia julgal-o pelos precedentes d'este povo, sempre docil e remisso em abater a tyrannia antes d'ella chegar ao apogeu dos seus delirios.

Era cedo ainda. As iniquidades do governo, que seriam bastantes para que os povos da França, ou da Grã-Bretanha despedaçassem n'um impeto de cólera o ministerio, e todas as forças que o apoiassem, eram ainda insufficientes para esgotar a prodigiosa prudencia do povo portuguez.

Os motivos da revolução eram immensos; mas a hora do acordar do povo só devia soar dois annos depois.

XXIII

As circumstancias em que se achava a praça de Almeida no principio do mez de abril d'este anno de 1844, eram as mais difficeis e precarias.

O cerco era rigorosissimo, e as tropas do governo de Lisboa empregavam a maior vigilancia para tirar aos sitiados todos os meios de communicação com o exterior da praça.

A escassez do dinheiro e dos viveres augmentava as difficuldades da situação. Para se pagar a primeira quinzena de abril aos soldados, foi preciso que os officaes e paizanos devéras dedicados ao pronunciamento despejassem as suas bolsas.

A incansavel dedicação do coronel Passos, actual

ajudante de campo d'el-rei o sr. D. Luiz, que, tinha montado as atafonas, as quaes eram movidas por alguns cavallo do regimento n.º 4, deveram os sitiados o poderem-se distribuir rações de pão. Faltava porém a carne e já se recorria á dos cavallo.

A guarnição e grande numero das familias dos habitantes da praça, tinham-se recolhido nas casas matas para escapar ao bombardeamento, que inutilmente destruia uma grande parte da villa.

Foi n'estas circumstancias que os revolucionarios receberam favoraveis noticias da provincia de Traz-os-Montes, aonde o espirito publico estava decidido pela revolução.

Concebeu-se o plano de sair da praça n'um ataque desesperado, e marchar á margem do Douro, entrar na provincia, e levantar os populares.

Com este intuito fizeram-se participações aos setembristas dedicados de Traz-os-Montes, que as tropas do governo surprehenderam, tornando-se, em vista d'ellas, mais apertado o cerco, e mais angustiada ainda a situação das forças revolucionadas, que tiveram que abandonar o plano de sortida.

No meio da irresolução dos chefes, e da desanimação, que já começava a manifestar-se entre os soldados, offereceu-se José Estevão para sair da praça, atravessar o cerco, e ir revolucionar a Beira Alta e Traz-os-Montes.

Na noite de 7 de abril, com o maior segredo, e com as possíveis precauções, saiu da praça, pela póterna de S. João de Deus, José Estevão acompanhado dos srs. João Bernardino da Silva Borges, Germano José Guedes, actual cirurgião-mór de infantaria n.º 13, o proprietario da villa de Almeida Antonio Maria, e um guia pratico d'aquelles sitios. Caminharam toda a noite, seguindo os passos do guia, parando aqui, escutando acolá, espreitando o movimento das patrulhas dos sitiantes, até que chegaram de madrugada a uma ceara de centeio, onde o guia os deixou, para se ir orientar no terreno. — Voltando pouco depois, annuciou-lhe que estavam perdidos.

José Estevão decidiu caminhar até um oiteiro proximo, para d'ahi descobrir o campo. Apenas chegaram ao alto, as cornetas e tambores das tropas do governo, e um tiro de peça disparado contra a praça, demonstraram a José Estevão e aos seus companheiros que estavam na rectaguarda do quartel general do conde de Fonte Nova, e que por detraz d'elles ficava a raia portugueza.

Desceram do oiteiro era já sol nado, e depois de uma marcha forçadissima passaram ás nove horas da manhã o rio que divide Portugal da Hespanha.

Depois de chegados ao territorio hespanhol, e de se sentarem estenuados de cansasso n'umas pedras, que

estavam n'um sitio desviado do caminho, repararam os companheiros de José Estevão no estado lastimoso em que se achava o grande orador. Sempre despreocupado de si, tinha saído da praça mal calçado, e tendo-se-lhe rompido os botins, tinha os pés escorrendo em sangue; mas, ainda assim, não consentiu em que o curassem, e tratou de concertar o meio de levar por diante o seu intento.

A pouca distancia do lugar aonde estavam, avistaram um pastor de cabras, chamaram-n'o para junto de si; mas elle receioso de se aproximar esteve muito tempo examinando os fugitivos, até que finalmente se resolveu a ir, acompanhado de uma rapariguinha, loira, bonita e esperta. Esta rapariga foi um grande auxiliar de José Estevão e dos seus dois companheiros; porque, tendo-lhe elle feito perceber a sua situação, e o estado de fraqueza em que se achavam, immediatamente a boa da rapariga lhes improvisou um almoço com o leite das cabras e um bocado de pão de centeio, que possuía o pastor; offerecendo-se para os guiar á povoação proxima se elles quizessem.

José Estevão informou-se que povoação era aquella, e sabendo que era a aldeia de Almofala, onde tinha um amigo, mandou lá a rapariga procurar aquelle individuo e pedir-lhe que viesse alli ter com elles.— Dentro em pouco appareceram tres habitantes de Almofala;

que levaram os fugitivos para a casa de uma fazenda proxima, aonde lhe mandaram servir um bom jantar ; tudo isto feito com as maiores precauções, porque a raia estava cheia de tropas hespanholas.

Foi só então que José Estevão consentiu em deixar curar as suas feridas. Pela meia noite mandaram-lhe os amigos de Almofala tres boas cavalgaduras, em que os revolucionarios montaram, e, guiados por um contrabandista, marcharam para Subradillo aonde se esconderam dentro de um palheiro, e alli estiveram o dia todo. — As nove horas da noite seguinte, marcharam para o Douro, que atravessaram em uma barca hespanhola, levando-lhe o *caritativo* visinho nosso noventa e dois duros pela passagem.

Atravessado o rio, esconderam-se todos tres por detraz de umas grandes pedras, que ficavam a pouca distancia d'elle, e ao romper da manhã destacou José Estevão o sr. Guedes para Moncorvo, com cartas para os setembristas d'alli.

Deve notar-se, que a este tempo já o sr. Costa Cabral tinha mandado a todos os governadores civis das differentes provincias do reino, uma portaria circular, em que se offerecia o premio de dois contos de réis ao individuo, que apresentasse ao governo a cabeça de José Estevão. Esta honra não tinha recebido o illustre caudilho da liberdade do governo do senhor

D. Miguel; estava reservado o seu consocio dos *Camilos* para lh'a conferir.

Depois de vinte e quatro horas, voltou o sr. Guedes da sua missão com muitos cavalheiros de Moncorvo, amigos pessoaes e politicos de José Estevão, que todos juntos marcharam immediatamente para Freixo d'Espada á Cinta.

N'aquella villa encontrou já José Estevão todos os elementos revolucionarios da provincia, que pozeram á sua disposição o dinheiro enviado pelo centro revolucionario do Porto.

Dois dias depois marcharam todos para Moncorvo e os setembristas d'alli entre os quaes se contava o sr. Pontes, actual deputado ás cortes, propozeram se fizesse immediatamente um grande pronunciamento popular em toda a margem do Douro, contando com o destacamento de cavallaria n.º 6, e com a guarda nacional de Villa Flôr, Foscóa e Mirandella.

José Estevão oppoz-se ao pronunciamento receioso da pouca segurança dos meios. Ninguem póde afirmar hoje se aquella resolução foi acertada. Era uma questão de facto, que sómente o resultado do pronunciamento podia decidir.

Effectivamente, se houvesse a certeza de que a revolução era abraçada por todos os povos das provincias do norte, devia tentar-se logo o pronunciamento,

por que se preveniam assim os acontecimentos de 1846; mas na duvida, a resolução de José Estevão foi justa e discreta, porque evitou a perseguição de muitos individuos e o inutil derramamento de sangue portuguez.

José Estevão destacou para Chaves o sr. João Bernardino, e para Bragança o sr. Germano José Guedes com instrucções para se intenderem com os setembristas d'aquelles dois pontos, e intentarem o levantamento dos depositos de recrutas de caçadores n.º 3, infantaria n.º 13 e cavallaria n.º 6, e elle foi estabelecer a sua residencia em Murça como ponto central.

Este plano fallhou, porque todos os elementos com que José Estevão contava em Chaves e Bragança, tinham sido inutilisados pelo governo.

Depois d'esta tentativa em que se perdeu muito tempo, decidiu a final José Estevão o pronunciamento popular da provincia, e com esse fim mandou o sr. João Bernardino para Veiga de Lila, o qual de accordo e debaixo da direcção do sr. Julio do Carvalhal, conseguiu levantar algumas forças populares na montanha, auxiliados pelos setembristas influentes de Villa Pouca d'Aguiar.

Tudo estava prompto e habilmente preparado para o dia designado. José Estevão devia sahir de Murça com os populares, que estivessem armados, e marchar

com elles a tomar o commando das forças revolucionadas pelo sr. Julio de Carvalhal, em quanto nos outros pontos da provincia os demais caudilhos já prevenidos levantariam simultaneamente o grito a favor da causa sustentada em Almeida.

No dia designado para a partida de José Estevão, recebeu-se a noticia da capitulação da praça e soube-se que as forças do governo marchavam sobre Traz-os-Montes.

José Estevão ainda tentou preparar-se para resistir; mas os animos estavam desmoralizados e os populares abandonaram-n'o. — N'estas circumstancias, partiu sózinho para Hespanha pela raia de Castella e foi-se encontrar com o deposito de emigrados em Salamanca, aonde entregou o dinheiro que havia recebido do Porto para accudir ás necessidades da emigração, e pedindo licença ao sr. Cezar de Vasconcellos, tomou passaporte para Paris.

XXIV

Começava a terceira emigração de José Estevão. Aquelle grande character em que os sentimentos de liberdade eram instincto, não podia sujeitar-se nunca a dobrar o collo a nenhuma especie de tyrannia.

Quando o despotismo arroxeara os pulsos do povo com os ferros da escravidão, os seus empunhavam a espada para os quebrar; e se no combate era vencido, ou desamparado pelos seus concidadãos, exilava-se do seu paiz natal, e ia esperar no estrangeiro melhor ensejo para libertar a victima do jugo dos seus oppressores.

Chegado a Paris, foi morar em uma casa na rua Laffite n.º 20 com o seu companheiro o sr. Mendes Leite. Alli conheceu e entreteve relações com muitos dos homens politicos, que depois figuraram na revolução de 1848, e passava o tempo nas multiplicadissimas diversões que a grande capital da civilisação offerece a todos os individuos de todas as condições e jerarchias.

No meio dos prazeres e gosos que a cidade do amor, dos enredos, e da *coquetterie* proporcionava a José Estevão, não se esquecia elle da sua patria e dos seus amigos politicos, nem deixava de fazer ardentes votos para que breve chegasse o dia em que podesse juntar-se a elles, e vingar a liberdade, dos crimes e affrontas que contra ella estavam commettendo os que deviam a essa liberdade a sua posição e o seu engrandecimento.

As desvergonhas, os desatinos, e as corrupções do ministerio; as atrocidades e vandalismos praticados

por occasião das eleições de 1845, soube-os José Estevão em Paris; e a impressão que recebeu com a sua noticia, se o não fez arrepefider de ter dado o contingente dos seus esforços e dos seus sacrificios para o aniquilamento do governo do sr. D. Miguel, fel-o estremecer pela sorte de um throno, que elle vira erguido nos braços do povo, e que falsos conselheiros iam lançar no abysmo, decepando esses braços que o sustentavam. Todavia não desesperou da sorte da patria, e teve como que um presentimento que o povo, cuja indolencia e inercia tinha feito malograr a revolução de Torres Novas, acordaria enfim do seu lethargo, e derrubaria em um momento os verdugos que o subjugaram annos.

Effectivamente não foram illudidas as suas esperanças, porque no meiado de maio de 1846 recebeu a noticia da revolução do Minho, que lhe abria as portas da sua tão querida e amada patria.

XXV

A revolução do Minho, isto é, o acto do levantamento do povo contra o governo em 1846, foi a unica revolução verdadeiramente liberal dos nossos dias

n'este paiz, não pelas suas consequências, mas pelo facto em si mesmo.

As revoluções militares, quasi nunca representam outros interesses senão os da ambição de um general, nem tem outra significação além do descontentamento de um partido, de uma facção e muitas vezes só são movidas pela indisciplina dos soldados.

Quando o povo de uma nação se levanta, é outro o significado da revolução, e são outros os interesses que representa. Então póde assegurar-se, que a revolução quer a liberdade e a felicidade do paiz, e não ha o perigo de ver a espada desembainhada a favor do direito e da justiça, transformar-se em acoite dos povos. — A revolução de 1846 foi uma revolução liberal, porque foi feita exclusivamente pelo povo.

XXVI

Quando o homem de pé no cume de uma montanha, assiste ao soberbo e magestoso espectáculo de uma grande tempestade; estremece em presença do cataclismo, chega a duvidar da bondade do Creador, julga ver na furia dos elementos a expressão da cólera divina, e pensa que a hora da destruição do mundo e da

humanidade vae ser annunciada pelas vozes do vento. — São realmente assustadoras estas convulsões em que a natureza parece querer despedaçar-se a si mesma como o tigre ferido pelo caçador !

O céu envolvendo a terra na escuridão do manto que o reveste ; o raio partindo as nuvens e arrancando as arvores ; o vento derribando as cabanas ; as torrentes trasbordando do leito dos rios, alagando os campos e levando diante da sua impetuosa velocidade os rebanhos e os pastores ; a terra abrindo-se e a lava ardente saíndo da cratera dos vulcões ; o mar crescendo sobre os penhascos, galgando os rochedos e inundando as povoações — assustam o homem vulgar, e são para o philosopho apenas objecto de indagações e de estudo.

Elle sabe que, passada a hora terrivel, voltará de novo o azul aos céos ; que o sol brilhará em todo o seu esplendor trazendo o calor, a côr e a vida á terra devastada ; que o mar revolto deixará a descoberto uma ilha florescente ; que o volcão aberto foi a valvula de segurança, que impediu o terremoto ; que a furia do vento purificou o ar ; que o trasbordar do rio fertilisou o campo.

É assim tambem que o homem politico deve encerrar as revoluções populares. Evital-as, é a obrigação de todos ; mas quando o phenomeno apparece, o coração liberal e patriotico não tem de que assustar-se ; antes lhe cumpre auxiliar e dirigir a vontade do povo.

A cidade está sem governo, as barricadas cortam as ruas; das janellas chovem os moveis, a loiça, os ferros e toda a especie de projectis³ sobre a tropa; o povo bate-se nas praças, vence e desarma a guarda de segurança publica; os soldados fogem; as cadeias abrem-se, e os malfeteiros espalham-se por todos os grupos revolucionados, como a espuma sobre as ondas batidas pelo vendaval; a confusão cresce; os gritos encontram-se como os pensamentos que desejam exprimir; — um proclama a republica, outro a monarchia; este não quer mais tributos, aquelle não reconhece auctoridades nem jerarchias; aqui pede-se o suffragio universal, alli o armamento de todos os cidadãos sem distincção de classes; os ladrões e assassinos, aproveitando-se da agitação publica, roubam as casas, saqueiam as lojas e incendeiam os quarteis.

Passadas as convulsões da crise, toda aquella multidão enraivecida, febril, delirante, que parecia não ter outro desejo senão destruir, nem outra vontade senão aniquilar a sociedade, se vai acalmando a pouco e pouco, até que apparece o povo em toda a sua austera dignidade, apagando todos os vestigios do combate, e recolhendo em leis sabias e liberaes os salutaes effeitos da revolução, obedecendo e coadjuvando o governo que proclamou e estabeleceu.

É então que os assustados da vespera, que as almas

candidas e ingenuas, a quem faziam impallidecer os horrores da anarchia, apparecem tambem na praça estendendo a mão para os beneficios que a revolução, que elles acabavam de amaldiçoar, reparte por todos.

A historia depois é que reconhece e justifica o facto, demonstrando que as revoluções populares são phenomenos similhantes ás tempestades da natureza, necessarios no mundo social como ellas no mundo physico, para conservarem e continuarem a harmonia do systema e as leis do seu movimento constante.

A revolução de 1846 é a mais admiravel e a mais verdadeira prova, que o povo portuguez pôde apresentar ao mundo inteiro da sua civilisação, do seu grande character e da sua boa indole.

Foi uma grande revolução pela fórma. — O aspecto da povoação do reino levantada como um só homem, unida em um só pensamento e armada com as armas do povo, que são os proprios instrumentos do seu trabalho; sem chefes agaloados, sem milicias e sem soldados misturados nos seus grupos formidaveis; era soberbo e imponente, era o aspecto da força em toda a sua grandeza e magestade.

A essencia da revolução, nem os seus resultados corresponderam ao maravilhoso da fórma. A rainha, demittindo o ministerio, e promettendo pela decima vez em uma proclamação adequada ás circunstancias, não se

deixar novamente illudir por falsos conselheiros, desarmou as turbas e dissolveu o compacto ajuntamento de todo o seu povo!

Que admiravel exemplo de generosidade e civilisação!

O povo tinha-se levantado para derribar o ministério do sr. Costa Cabral; satisfizeram-lhe o desejo, e elle senhor da situação, e com a consciencia do grande poder da sua força, nada mais exigiu. Respeitou as instituições que a corôa tinha esquecido, e não lhe pediu a responsabilidade, que só não tem o rei que não governa!

bibRIA

XXVI

A rainha tornou a chamar o duque de Pamella e Mousinho d'Albuquerque para os seus conselhos.

O primeiro acto do ministerio liberal, foi dar ampla amnistia a todos os individuos implicados na revolta de Torres Novas, reintegrando os militares, que tomaram parte no pronunciamento, nos seus respectivos postos, e os funcionarios publicos nos seus empregos.

José Estevão, logo que recebeu em Paris a noticia da revolução, partiu para Inglaterra aonde embarcou no paquete de Southampton e chegou a Lisboa no fim de maio.

Os emigrados d'Almeida, tinham sido os annunciadores da revolução popular de 1846, e os que primeiro se tinham sacrificado pela causa agora triumpante. Era preciso pois, que os vencedores se não esquecessem dos que lhe tinham preparado a victoria, e que lhe dessem um testemunho publico do seu reconhecimento.

Com este proposito reuniram-se os capitalistas de Lisboa, e decidiram abrir entre si uma subscrição, para offerecerem um banquete a todos os emigrados, em nome do povo da cidade.

Este banquete patriotico deu-se no salão do theatro nacional, aonde, além dos convivas, assistiu um immenso concurso de povo, por isso que as portas se franquearem a toda a gente.

José Estevão, agradecendo o brinde feito aos emigrados d'Almeida, exaltou os principios da revolução victoriosa em um eloquente e brilhantissimo improviso, interrompido pelos freneticos applausos do povo, que se prolongaram por muito tempo, depois do orador ter acabado de fallar.

Esta festa da liberdade, unica a que a capital tem assistido ha muitos annos, durou até ao meio da noite.

XXVII

A burguezia foi d'esta vez, quem perdeu a revolução do povo. — Sempre remissa em fazer o menor sacrificio á liberdade e á patria, sempre constrangida em pagar as obrigações contrahidas com a nação; escusou-se por muito tempo ao alistamento da guarda nacional, e deixou a revolução desarmada do unico e poderoso auxiliar das liberdades populares.

A rainha despeitada pela victoria do povo, que lhe tinha imposto a demissão do ministerio da sua indiscreta preferencia, faltou mais uma vez ás suas promessas, e revestiu este acto temerario do seu reinado de circumstancias que ecclipsaram por momentos o brilho da magestade.

As dez horas da noite de 6 de outubro de 1846, mandou a sr.^a D. Maria II chamar ao paço o presidente do conselho de ministros, e fechando-o pela sua propria mão em um dos gabinetes do palacio, obrigou-o a lavrar o decreto da sua demissão e da dos seus collegas, e a nomear o ministerio presidido pelo sr. marquez de Saldanha.

A proclamação pela qual a corôa pretendeu justificar

o attentado commettido contra a revolução de maio, foi a plena justificação do povo, e a condemnação do mal aconselhado proceder do chefe do estado.

Esta proclamação assignada pela rainha e referendada pelos srs. marquez de Saldanha, visconde de Oliveira, D. Manoel de Portugal e Castro e José Jacintho Valente Farinho, dizia em um dos seus parographos :

«Não é dado á força humana riscar os grandes acontecimentos dos fastos das nações ; — devem ser reconhecidos e respeitados. D'esta natureza era o movimento popular, que teve principio na provincia do Minho, mas que foi depois alterado e sophismado em outros pontos da monarchia.»

E mais adiante continha :

«O dador da Carta, elle mesmo, reconheceu a necessidade de fazer-lhe as alterações que o tempo e a experiencia mostrarem ser precisas. Rejeito porém o excesso da auctoridade, que me não compete, nem será por um simples decreto que farei alterar a lei fundamental da monarchia, ordenarei, pois, aos meus ministros, que promovam essa revisão, mas pelo methodo estabelecido na mesma Carta.»

Que mais é preciso para justificar a revolução de setembro, a revolta de Torres Novas, a revolução do Minho, e todos os movimentos populares, contra os quaes reagiu constantemente a corôa ?

Que melhor argumento se pôde apresentar em favor das opiniões sustentadas por José Estevão no Congresso de 1837, e por elle proclamadas na malograda sublevação de Traz-os-Montes?

Mas vejamos quaes eram as *alterações e sophismas*, que se pretendiam fazer á revolução do Minho em outros pontos da monarchia, ás quaes se refere a proclamação da rainha.

José Estevão, logo depois da sua chegada a Lisboa, tratou de estabelecer os comícios eleitoraes, a mais segura garantia da boa escolha dos representantes do povo, e formou a *Associação Eleitoral Setembrista*, de que foi presidente o sr. barão de Villa Nova de Foscôa, a qual apresentou o programma que os deputados do partido setembrista se obrigariam a manter nas côrtes futuras.

Este programma, redigido por José Estevão de accordo com o sr. Antonio Rodrigues Sampaio e com os seus amigos politicos, e sustentado pelo immortal orador nas discussões da Associação, era o seguinte:

«1 O poder constituinte é unicamente exercido pelos deputados eleitos para esse fim, e são elles os únicos legisladores durante o tempo da sua candidatura.

«2 A soberania nacional será proclamada na constituição como unica origem da auctoridade publica.

«3 Os deputados reformarão a câmara alta como mais conveniente parecer.

«4 As eleições dos deputados serão directas.

«5 Será garantida a liberdade de acção, quando não forem atacados os direitos de terceiro, e particularmente pelo que respeita a associações lícitas.

«6 A liberdade d'imprensa será firmemente estabelecida; o jury decidirá do facto, da qualificação do crime, e da pena em que houver incorrido; a qualidade de eleitor será sufficiente para editor de qualquer periodico.

«7 A ratificação dos contractos será dependente da prévia sanção das côrtes.

«8 Será reformada a organização da guarda nacional, na qual se alistarão os que tiverem as qualificações necessarias.

«9 A organização e armamento da guarda nacional será ao mesmo tempo em Lisboa e Porto, e em todos os logares aonde o governo o julgar conveniente.

«10 A reorganização será totalmente completada dentro de tres mezes.

«11 A fazenda publica deverá ser organizada sobre as bases seguintes: — 1.º Fixar a receita sem augmentar os impostos. — 2.º Reduzir a despesa de modo que não exceda a receita.

«12 Que a suspensão das garantias não comprehendenda nunca os membros das camaras, nem impeça a liberdade d'imprensa. o

«13 Haverá uma lei para tornar responsaveis todos os funcionarios publicos, pelo seu procedimento.

«14 Será feita uma reforma nos meios de instrucção publica para ambos os sexos.

«15 Que os empregos publicos serão desempenhados pelas pessoas que por exame forem julgadas aptas para esse effeito.

«16 Que seja reduzido o exercito em proporção com os recursos do paiz.

«17 Será supprimido o conselho d'estado e outras repartições desnecessarias.

«18 Que as auctoridades administrativas em varios districtos sejam dependentes d'eleição popular.

«19 Serão promovidas as obras das estradas, e todos os outros trabalhos publicos de reconhecida utilidade; assim como serão animadas as colonias, a agricultura, industria e commercio.

«20 Será reformada a lei da regencia, de modo que nunca recaia n'um estrangeiro ainda que seja naturalisado.

«21 Que sejam reconsiderados os contractos fiscaes feitos desde 1842, afim de serem abrogados os que se acharem illegaes.

«22 Fazer com que a educação dos principes e todo o pessoal da casa real, seja exclusivamente confiado a portuguezes.

«23 Que seja promovido o castigo contra todos os que attentarem contra a liberdade individual, e extra-viarem dinheiros publicos.

«24 Que nos tribunaes e repartições publicas seja estabelecido um systema regular de expediente, tanto nos negocios publicos, como nos particulares.

«25 Que o governo não possa nomear um membro da camara para emprego algum, nem conceder-lhe mercês sejam ellas de que natureza forem.

«26 Que as cortes que vierem não sejam dissolvidas em quanto não tiverem feito as leis em conformidade com os artigos aqui declarados.»

Lisboa 5 de outubro de 1846. — (Assignados) *Barão de Villa Nova de Foscóá*, presidente. — *José Estevão Coelho de Magalhães*, secretario.

Eis-aqui as alterações e os *sophismas* que a proclamação de 6 de outubro descobriu nas doutrinas da revolução do Minho.

A sustentação dos principios do partido vencedor, e o estabelecimento das garantias e dos direitos populares, por fórma que não podessem ser illudidos pelos caprichos do throno, eram os *sophismas* da revolução liberal.

E como cumpriu o sr. marquez de Saldanha e os outros ministros, que referendaram a celebre proclamação, as ordens da soberana, que lhes ordenava que promovessem a revisão da Carta, pelos methodos estabelecidos na mesma Carta? — Que o diga o sr. duque de Saldanha, que só depois de ludibriado pelo sr. conde de Thomar e de ser privado da mordomia-mór da casa real, se lembrou das ordens que recebêra, para aquelle fim.

XXVIII

A emboscada politica de 6 de outubro respondeu em 9 d'esse mesmo mez a invicta cidade do Porto, revolucionando-se contra o passo arbitrario do chefe do estado.

A rainha dizia na sua proclamação que rejeitava o excesso da auctoridade, para mandar convocar côrtes com poderes para reformar a Carta; mas ao mesmo tempo que fazia estes protestos, não rejeitava o excesso da auctoridade e do arbitrio para nas trevas da noite dar um golpe de estado, prendendo nas camaras do seu palacio o chefe da situação politica que o paiz tinha adoptado, e nomear um ministerio contrario á vontade nacional.

Praticado o primeiro acto anti-constitucional, todos os que se lhe seguissem deviam ser consecuencia d'aquelle. A Carta, que foi o mote obrigado de todos os manejos reaccionarios da côrte, n'este, foi completamente rasgada.

Quando se soube em Lisboa que o valente e liberal povo da cidade do Porto tinha reagido contra o golpe de estado, e prendêra o duque da Terceira, que alli chegára como logar-tenente da rainha, para tomar o governo das provincias do norte, o governo de Lisboa suspendeu immediatamente todas as garantias dos cidadãos, e, á parte a força, estabeleceu em todo o seu vigor os principios tyrannicos do governo do sr. D. Miguel.

O conde das Antas, que commandava a divisão do Porto, resistiu patrioticamente ás intimações do governo da rainha, e formou uma junta governativa de que elle foi o presidente; o sr. José da Silva Passos, vice-presidente; e vogaes os srs. Sebastião de Almeida e Brito, Francisco de Paula Lobo d'Avila, e Justino Ferreira Pinto Bastos.

As intenções da junta eram liberaes, mas monarchicas. Não havia, nem houve nunca, o pensamento de attentar contra o throno da rainha, nem contra a sua dynastia; mas tão sómente o de resistir contra os arbitrios do poder moderador, obrigando-o a nomear

um ministerio, segundo as indicações da opinião publica, que tivesse a confiança da nação, e que não attentasse contra as liberdades e direitos estabelecidos pela revolução popular de maio.

A pureza d'estas intenções manifestou-a claramente o conde das Antas á rainha na carta que escreveu a sua magestade em 14 de outubro. — É um documento precioso para a historia dos memoraveis acontecimentos d'aquella época, e honroso para o illustre general que o escreveu.

Dizia o conde das Antas:

«Senhora. — Vossa magestade dignou-se incumbir-me da pacificação do Minho, á qual com desvelo me dediquei para corresponder á confiança de vossa magestade.»

«Soube em Braga que vossa magestade resolvêra chamar aos seus conselhos novos ministros, e tambem do desembarque e prisão de alguns illustres generaes.»

«Em seguida á violenta commoção do Minho o menor estímulo excitava a effervescencia dos animos, o desenfreamento das paixões; e a menor hesitação pela minha parte em collocar-me á frente do povo, e acceitar a presidencia da junta que me foi offerecida, importava o alarme, a guerra civil, e a assolação das provincias do norte!»

«Identificar o exercito com o povo, tem sido, se-

nhora, o meu pensamento dominante, porque reputo o exercito um elemento de ordem, sustentaculo do throno e das liberdades, e estranho, completamente estranho, a cada um dos partidos.»

«N'estas melindrosas circumstancias julguei acertado e politico, o fazer convergir todos os meus esforços á defeza do throno e da patria; é o que fiz, é o que sempre tenho feito, e continuarei a fazer.»

«Vossa magestade avaliará em sua alta sabedoria o meu procedimento, e saberá julgar a pureza das minhas intenções.»

«Ufano-me de ter servido bem, quanto sei; e por isso ao avô e ao pae de vossa magestade (meu protector, meu mestre, e para sempre chorado general) mereci contemplação e favor. Por vossa magestade sacrificarei tudo quanto ao homem é caro sobre a terra.»

«Peza-me, senhora, não serem maiores os meus serviços, que todos elles prostraria aos pés do throno de vossa magestade, para, reunido á grande maioria dos portuguezes, pedir que vossa magestade attenda aos votos e necessidades da nação.»

«Deus guarde a preciosa vida de vossa magestade, como todos os bons portuguezes desejam. — Porto 14 de outubro de 1846. — (Assignado) *Conde das Antas.*»

Esta carta era a do soldado liberal, e decidido par-

tidário do throno, que a sua espada tinha ajudado a levantar com a bravura que attestavam as honrosas cicatrizes que lhe cobriam o corpo.

Cumpriu a sua palavra;—sacrificou á rainha «tudo quanto ao homem é caro sobre a terra,» porque até lhe sacrificou os destinos da revolução, a cuja frente o collocaram os votos do povo.

O conde das Antas e o sr. visconde de Sá, que amavam e respeitavam a rainha, talvez mais do que ao seu paiz, protestaram não entrarem vencedores em Lisboa, receiosos de não poderem conter a indignação popular, contra quem era indicada como cúmplice nos males da patria; e por isso tornaram inutil todo o sangue derramado nos campos de Valle de Passos, Torres Vedras e Alto do Viso.

Aprenda o povo n'estas lições; e quando tenha de de revolucionar-se contra o despotismo do poder, acoute-se dos generaes que lhe offerecerem a sua espada, se quizer tirar proficuo resultado do seu pronunciamento.

XXIX

A historia anecdotica do governo da junta do Porto, foi ultimamente contada pelo sr. Teixeira de Vascon-

cellos no romance intitulado *O prato de arroz doce*. Os episodios notaveis d'aquella época, os caracteres publicos que figuraram na revolução, sobre tudo o do sr. José da Silva Passos, são descriptos pelo illustre romancista, e tambem distincto escriptor politico, com a graça e cortezia com que a sua penna promette abrir uma nova escola na nossa imprensa, que de certo a ennobrecerá, levantando-a do estylo rasteiro em que ia precipitar-se.

Se nós quizessemos e poderemos escrever aqui largamente a historia de todos os successos politicos acontecidos depois da emboscada de 6 de outubro até á convenção de Gramido, não iriamos buscar a descripção d'aquelles acontecimentos a outro livro senão ao romance do sr. Teixeira de Vasconcellos; não prometendo todavia seguil-o na apreciação dos factos, porque elle os encara hoje com a imparcialidade do philosopho, e nós não poderiamos eximir-nos á paixão da nossa politica.

A parte que nos interessa de todos aquelles acontecimentos, é que a diz respeito a José Estevão.

Logo depois do dia 6 de outubro, quando foi publicado o decreto da suspensão das garantias, José Estevão homisiou-se, e andou fugido de casa em casa, escapando-se com muito custo aos *ordeiros* da Carta, transformados em façanhudos cabralistas. Acompa-

nhou-o, e serviu-o n'esta angustiosa existencia de alguns dias um amigo dedicado, o folgasão padre Antonio, que vigiava solícito pela segurança de José Estevão, até que lhe poudes descobrir uma casa insuspeita na rua do Oiro, aonde se conservou algum tempo, para depois, disfarçado com os habitos do padre, embarcar para Almada, e d'ahi seguir a bordo do vapor *Tejo*, da companhia, para Salvaterra, onde já estava o actual conde de Torres Novas, que formou immediatamente uma commissão provisoria para revolucionar Santarem, de que José Estevão fez parte. Vinte e quatro horas depois entraram effectivamente na villa, e conseguiram levantar os populares e um esquadrão de cavallaria n.º 4.

Occupada Santarem pelas forças liberaes, e estabelecida a communicacão com o Porto, partiu José Estevão para as Caldas da Rainha, onde fez a revolução, e organisou os batalhões das Caldas, de Alcobaça, e da Nazareth, cujo commando assumiu. Marchou com estas forças para Rio Maior, onde soube que o conde das Antas tinha já partido de Coimbra sobre Lisboa. Encontrou em Santarem antes da entrada do presidente da junta do Porto, e encontrou alli já o sr. conde da Taipa que commandava o batalhão de Farinha Podre.

Formou-se logo uma columna de todas as forças populares, de que o centro era commandado pelo sr. Antonio

Cesar de Vasconcellos ; a direita por José Estevão ; e a esquerda pelo sr. conde da Taipa.

A este tempo, já tinha partido de Lisboa o sr. marquez de Saldanha com os poucos soldados que ainda se conservavam fieis ao governo de Lisboa, para se oppôr á marcha das forças populares ; o que effectivamente conseguiu pela má vontade dos generaes, que por fórma nenhuma queriam entrar vencedores na capital.

Logo que o conde das Antas chegou a Santarem, sabendo que a columna do marechal Saldanha retirava para Alcanêde, ordenou a José Estevão que atravessasse com as suas forças para o sul, por Alpiaça. Mas, querendo o marechal passar tambem para o sul no valle de Escorapim, recebeu José Estevão ordem para voltar a Santarem, onde deixou o commando da sua divisão ao conde de Villa Real, D. Fernando.

XXX

Dois exercitos inimigos estavam proximos um do outro ; e se da parte dos chefes houvesse grande vontade de se baterem, a sorte da revolução tinha-se decidido alli. Mas o conde das Antas parecia receiar a tactica

do marechal, e este não desejava experimentar o ataque impetuoso do general popular.

Perdeu-se muito tempo em consultas; improvisaram-se manobras escusadas, e entretiveram-se correspondencias ociosas.

José Estevão recebeu novas ordens do conde das Antas para organizar as forças do Alemtejo; e em consequencia d'ellas partiu de Santarem no principio de dezembro para Setubal sem dinheiro e sem soldados. Mas para elle todas as circumstancias eram commodas e possiveis, se se tratava de servir a liberdade. Quando chegou a Setubal, encontrou já organizado o batalhão popular commandado por Moraes Mantas. Tratou immediatamente de fortificar a villa, hoje cidade, e começou a organizar outro batalhão com os populares, que se apresentavam, fugidos de Lisboa.

Então chegou a Alcacer do Sal a divisão do sr. conde de Mello, e do coronel Galamba; e José Estevão, com aquella extrema modestia que nunca desmentiu em nenhuma das occasiões da sua vida, e com a abnegação que o levava a affastar-se sempre dos primeiros logares, onde não havia perigos a correr, nem combates a pelejar, entregou o commando de que estava investido ao sr. conde de Mello, a cujas ordens ficou por algum tempo.

A divisão estabeleceu o seu quartel general em Se-

tubal e José Estevão, por um movimento combinado com as tropas do conde das Antas, marchou com um troço de populares e aproximou-se da margem esquerda do Tejo, no ponto que fica entre Alverca e Villa-Franca. Foi alli que elle recebeu a noticia do desastre de Torres-Vedras.

XXXI

Foi no dia 22 de dezembro de 1846, que se commetteu o grande attentado, que por muitos annos cobriu de luto o partido liberal.

A batalha de Torres-Vedras é o padrão da maior ignominia, com que a immoralidade de um governo podia manchar a illustração e a civilisação do seculo em que vivemos.

Avistaram-se dois exercitos portuguezes, um composto de soldados a quem a obediencia prendia ás suas bandeiras, o outro formado de populares e tambem de soldados, que prezaram em mais o juramento prestado ás liberdades da patria, do que os artigos do regulamento da disciplina militar. — De um lado estava o sr. marquez de Saldanha, cuja espada se tinha illustrado nos campos d'Almoster combatendo pela liberdade e pelo throno da rainha; do outro via-se o conde de Bomfim, o ajudante de campo de D. Pedro

nas linhas do Porto, o partidario dedicado da rainha, que por ella tinha embaciado o brilho das suas dragonas na carnificina de 13 de março; ao lado d'elle, distinguia-se o infeliz Mousinho d'Albuquerque, o proprio ministro que refrendára o decreto da restauração da Carta, que por amor da rainha destruíra a obra da revolução liberal de 9 de setembro. Na divisa das bandeiras de um dos exercitos lia-se—rainha e carta,—nas bandeiras do outro exercito via-se a mesma legenda; e todavia estes exercitos bateram-se! alastraram de sangue o solo portuguez, e deixaram sem pais e sem maridos centenaes de donzellas e de mulheres portuguezas! E dizem que existe ainda o partido miguelista! mentira! Se esse partido não tivesse morrido para sempre depois da convenção d'Evora-Monte, o senhor D. Miguel governaria em Lisboa no dia seguinte ao da batalha de Torres-Vedras.

Chegou a dois mil o numero de mortos e feridos de ambos os exercitos. — Entre os mortos contava-se o illustre Luiz Mousinho d'Albuquerque.

O jornal clandestino que então se publicava em Lisboa, e que tantos e tão relevantes serviços prestou n'aquella occasião á causa popular, referindo-se á morte de Mousinho, diz no seu n.º 6 de 28 de dezembro, fazendo apparecer o espectro do honrado liberal diante da rainha:

«Não me queixo d'este doce somno. A morte não tem imperio sobre mim; paguei á patria a minha divida. Ella e tu perderam mais do que eu, por que estou quite. Forcejei sempre por libertal-a, não pude; o meu dever está cumprido. Nas horas da angustia chamaste-me aos teus conselhos, deit'os rectos; attendi mais aos teus interesses que aos meus; ajudei a dar-te uma corôa e levo para o tumulto a minha honrada pobreza. Vi-te humilde nos momentos de afflicção, choravas sobre a tua sorte, supplicavas;—affrontei por via de ti as ondas populares, disse á revolução que parasse e ella fez alto. N'este remanso de paz urdiste uma emboscada, atraçoaste o povo, e eu que fiquei por teu fiador, fui com a corda ao pescoço entregar-me a elle, esposar a sua causa e salvar a minha honra, já que te não podia salvar o throno. Nem te amo, nem te odeio—lamento-te. Tiraste-me as honras, mas não me pudeste tirar a honra.»

Estas eloquentes palavras, que absolviam Luiz Mouzinho de ter restaurado a Carta, e condemnavam a rainha a abdicar se accaso perdesse a partida, que tão levanamente jogára, não puderam ainda riscar-se da memoria do povo, não obstante uma fatal conveniencia partidaria, as ter feito esquecer dos que mais as applaudiram então.

No dia 27 chegaram a Lisboa os officiaes e solda-

dos prisioneiros; entre elles distinguia-se os condes de Bomfim e Villa Real e o honrado general José Pedro Celestino, hoje visconde de Liceia, que foram hospedados pelo governo na *presiganga* e nos pontões, com ordens rigorosas para ficarem incommunicaveis, para d'ahi a menos de dois mezes se consumir a mais brutal iniquidade da tyrannia.

No dia 1 de fevereiro de 1847 sahia de Lisboa o brigue *Audaz* conduzindo a seu bordo quarenta e tres dos prisioneiros de Torres Vedras, que o governo da rainha mandava, sem processo, degradados para os presidios da costa d'Africa! — Os ministros do senhor D. Miguel, empregavam maiores formalidades para enforcar os seus inimigos.

XXXII

Depois da batalha de Torres Vedras, não podia a senhora D. Maria II continuar a ser rainha d'estes reinos se fosse vencida a causa do governo de Lisboa; e por isso os generaes da junta do Porto, que assim o entenderam, protestaram deixarem-se vencer antes do que a rainha perdesse a corôa, que as suas espadas lhe tinham offerecido nas campanhas de 1832 e

1833.—Era talvez mais patriotico e mais leal retirar-se á sua vida privada, do que impedirem a marcha da revolução e inutilizarem tanto sangue derramado.

O conde das Antas, que sentia em Santarem a artilheria de Torres Vedras, e que foi instado pelos seus soldados para marchar sobre a divisão do marechal Saldanha, não se moveu. Deixou perder a melhor occasião de aniquilar de um só golpe as forças absolutistas.

Foi depois do desastre de 22 de dezembro que a junta do Porto resolveu alistar nas suas bandeiras todos os realistas, que quizessem apresentar-se.

Tem-se querido condemnar esta resolução do governo popular, e diz-se que a intervenção estrangeira no final da campanha, proveio do chamamento dos realistas.

Isto foi pretexto e não causa. Então não havia realistas de nenhum rei, havia cabralistas em Lisboa e liberaes no Porto; e os cavalheiros que tinham servido a causa do sr. D. Miguel, persuadidos que do seu lado estava a razão e o direito, apresentaram-se á Junta, sem nenhum pensamento reservado. O que elles queriam era a liberdade da sua patria, e o porque fellejar era pela segurança de suas vidas e fazendas, que as immoralidades e corrupções do governo cabralista ameaçavam.

No principio do anno de 1847 contava o exercito da junta com perto de trinta mil homens armados ; — trinta mil homens que se deixaram aniquilar por uma força inferior á terça parte do seu numero, por não se quererem demittir dos chefes, que tinham jurado mais fidelidade á rainha do que á causa da liberdade.

José Estevão, que, como vimos, se tinha aproximado da margem esquerda do Tejo no dia seguinte ao da batalha de Torres Vedras, marchou para Evora com alguns populares, e d'ahi entrou no Algarve aonde organisou uma divisão, com que voltou para Evora, indo depois juntar-se em Pavia á divisão do sr. conde de Mello. — O sr. visconde da Foz, que commandava a brigada do exercito da rainha, tentou oppôr-se áquella junção, mas José Estevão obrigou-o a recolher-se em Estremoz, e unido á divisão do sr. conde de Mello, marchou sobre Setubal aonde entraram em 17 de fevereiro.

Pelo seguinte trecho de uma carta do sr. conde de Mello se vê qual foi a actividade e energia que José Estevão desenvolveu n'esta jornada militar.

Dizia de Evora o sr. conde de Mello em 11 de janeiro de 1847 :

«Tive hoje officios do Algarve (aonde se achava José Estevão) Alli tudo respira guerra ; — organisa-se como por encanto uma força de cavallaria, ; compram-se ar-

mas, equipam-se cavallos, alistam-se soldados e faz-se um parque de artilheria. Além de seis batalhões que ha no Algarve, está-se formando um corpo de mil bayonetas, o qual já tem quinhentos homens e optimos officiaes. A minha divisão terá brevemente quatro mil homens, e os que já tinha estão bem armados, fardados e pagos em dia. » (Vide o n.º 17 do *Espectro* de 23 de janeiro de 1847.)

XXXIII

A effervescencia dos soldados e populares dentro dos muros do Porto, crescia com a calculada inercia dos generaes. Era preciso prevenir a explosão que estava eminente, e mostrar aos liberaes que havia decidida vontade de entrar em Lisboa.

Com este fim saíu do Porto o sr. visconde de Sá com uma divisão, desembarcou em um dos portos do Algarve e d'alli marchou para Setubal, aonde estabeleceu o seu quartel general, nomeando a José Estevão chefe de estado maior da divisão d'operações do exercito do sul.

O sr. visconde de Sá, tentou fazer em Setubal o mesmo que o conde das Antas já tinha feito em San-

tarem e no Porto, perdendo tempo, na infundada illusão de que o governo de Lisboa reflectiria na desvantagem da sua posição, e de que a rainha viria a um accordo com os liberaes; mas a coragem e a impaciencia da sempre leal, valente e dedicada mocidade academica, não lhe consentiu que se conservasse muito tempo em uma expectativa inutil.

No dia 1 de maio, a muitas instancias dos bravos academicos, resolveu-se o sr. visconde de Sá a dar batalha ao conde de Vinhaes no Alto do Vizo a pouca distancia do castello de Palmella.

José Estevão ia endoidecendo n'esta batalha, vendo-se obrigado a obedecer a ordens em que elle lia a firme vontade do sr. visconde de Sá de ser derrotado. O illustre soldado de D. Pedro, o valente mutilado das linhas do Porto, fiel ao juramento que prestára ao pae da Senhora D. Maria II, procurava a morte no combate do Alto do Vizo antes do que a victoria; — teve na ponta da sua nobre espada o sceptro da rainha, e preferiu quebrar a espada primeiro do que abater o sceptro.

O coração absolve o soldado, mas a razão condena o revolucionario.

Eis o officio do visconde de Sá ao conde das Antas depois do combate:

«Não posso escrever muito, porque estou muito can-

sado. Pela carta do marquez de Mello¹ verá o resumo do combate de hoje. A perda de ambos os lados foi grande. Por um official, que veio do quartel general do Vinhaes, soube que lá avaliavam a sua perda em quatrocentos homens fóra do combate. A nossa é de cento e cincoenta. Entre alguns officiaes tivemos a desgraça de perder o *Pancada*,² que era um dos nossos melhores officiaes de cavallaria. Fernando Mousinho foi gravemente ferido. O coronel Wilde³ propoz uma suspensão de armas que foi acceita de ambos os lados. — Setubal 1.º de maio de 1847. — *Sá da Bandeira*. — (Vide supplemento ao n.º 44 do *Espectro* de 2 de maio).

No dia 1.º de junho soube-se em Setubal, que a divisão do conde das Antas, que tinha sahido do Porto a bordo dos navios da junta, fóra aprisionada pela esquadra ingleza, e que o conde e os seus soldados, estavam prezos na Torre de S. Julião.

O sr. visconde de Sá recebeu por esta occasião um convite do almirante W. Parker para que cessasse as hostilidades contra as tropas da rainha, offerecendo-lhe

¹ A junta do Porto tambem se entreteve com muito insignificantes bugiarias, dando titulos e condecorações com largueza e prodigalidade.

² Antonio Joaquim Pancada.

³ Agente do governo inglez, que serviu de medianeiro entre o governo da rainha e os chefes da junta.

hospedagem a elle e ao seu estado maior, a bordo da nau *Hybernia*.

O illustre general respondeu ao almirante inglez em 2 de junho, — «que se havia de defender se o atacassem; mas tambem, que, á vista do *novo e poderoso inimigo*, que se apresentava contra a causa do povo portuguez, cessaria as hostilidades da sua parte, até receber as instrucções da junta suprema do reino.»

Durante todo o tempo d'esta guerra sacrilega, Lisboa foi o vasto campo das correrias cabralistas, distinguindo-se pelas suas gentilezas a *sargenteria* dos batalhões de voluntarios da Carta e dos voluntarios do Algarve. As prisões estavam mais cheias de liberaes do que o estiveram em 1833; o commandante da guarda municipal, então, foi o Telles Jordão d'aquelle tempo. Os burguezes tremiam como vimes diante do ferrabraz do Carmo; mas, quando souberam que a esquadra ingleza tinha aprisionado a divisão do conde das Antas, e que as tropas hespanholas, commandadas pelo general Concha, passavam a fronteira, não poudo o medo soffocar os brados de indignação que por toda a parte rompiam contra o governo. Infeliz e vergonhosamente, foram só brados.

O governo cabralista tinha arrastado a bandeira portugueza pelas côrtes da Europa. Este facto por si.

só, justificaria o governo do sr. D. Miguel, se infamias podessem justificar crimes.

Em 12 de junho recebeu o sr. visconde de Sá um officio dos commissarios das tres nações alliadas para soffocarem a vontade do povo portuguez, em que positivamente o intimavam a depôr as armas, e a render-se á lealdade estrangeira.

A esta intimação assignada pelo hespanhol L. Lopes de la Torre Ayllon, pelo francez J. B. Varenne e pelo inglez G. Seymour, respondeu o sr. visconde de Sá, em um officio, que acompanhou as condições com que se entregava, as quaes foram primeiro discutidas em um conselho de guerra, onde prevaleceu o voto de José Estevão, que redigiu as treze propostas apresentadas pelo sr. visconde de Sá ao almirante Parker, representante dos alliados.

As propostas eram as seguintes:

«1.^a Que as forças do general Vinhaes retrocederão até Azeitão, pelo menos.»

«*Observações do almirante Parker:*»

«Recusada.»

«*Proposta:*»

«2.^a Que nem um homem d'aquella força entrará na villa de Setubal.»

«*Observação:*»

«Acceitada.»

«Proposta:»

«3.^a Que os corpos populares serão conduzidos nos barcos de vapor inglezes até aos portos do Algarve, Figueira e Vianna, levando as suas armas, e n'estes portos receberão guias para voltar a suas casas.»

«Observação:»

«As tropas deverão embarcar sem armas nos vapores portuguezes com officiaes das forças alliadas, e escoltados pelos seus navios.»

«Proposta:»

«4.^a Que os batalhões populares do Alentejo, irão armados até Evora, seu quartel, e serão dissolvidos n'esta cidade.»

«Observação:»

«Estes batalhões poderão ir até Evora, mas sem armas.»

«Proposta:»

«5.^a Que os corpos de linha marcharão armados na direcção que lhes fór determinada pelos commissarios das potencias alliadas.»

«Observação:»

«Sim; mas sem armas, sendo conduzidos por mar.»

«Proposta:»

«6.^a Que a villa de Setubal ficará debaixo da salva-guarda dos alliados, para que nenhum dos seus habitantes soffra o menor insulto.»

«*Observação:*»

«Os alliados farão tudo quanto se poder fazer para proteger a villa de Setubal, logo que estejam desarmadas as forças populares.»

«*Proposta:*»

«7.^a Que seja permittido a cada um residir aonde bem lhe parecer, sem que seja perseguido, salvo o caso de praticar algum crime posteriormente a esta data.»

«*Observação:*»

«Acceitada visto estar no espirito da amnistia.»

«*Proposta:*»

«8.^a Que os officiaes, que pertencem á força de linha, não serão separados do quadro effectivo do exercito.»

«*Observação:*»

«Acceitada em concordancia com o termo da mediação.»

«*Proposta:*»

«9.^a Que será permittido aos officiaes dos corpos populares, usar das suas insignias militares.»

«*Observação:*»

«Não se póde responder a esta proposição. Fica reservada para ser considerada pelo governo da rainha.»

«*Proposta:*»

«10.^a Que o valor do fornecimento de viveres feito

pelos proprietários, ás tropas que obedecem á junta, será considerado como divida do estado, e recebido no pagamento de impostos, como até agora.»

«*Observação:*»

«Não se pôde dar resposta a esta proposta, que se deve reservar para ser tomada em consideração pelo governo da rainha.»

«*Proposta:*»

«11.^a Que não será admittida a concorrência de nenhum official do exercito do governo de Lisboa n'esta transacção até sua inteira ultimação.»

«*Observação:*»

«*Acceitada:*»

«*Proposta:*»

«12.^a Que a bordo dos vapores também serão recebidas as mulheres dos militares que quizerem acompanhar seus maridos.

«*Observação:*»

«Sem duvida.»

«*Proposta:*»

«13.^a Que a propriedade de todos os objectos particulares, e dos cavallos de todos os officiaes, ou outros empregados d'esta divisão, será respeitada.»

«*Observação:*»

«A propriedade particular será respeitada. — Os cavallos dos officiaes e pessoas empregadas nas repar-

tições civis do exercito, tendo cavallos proprios, conserval-os-hão em seu poder.»

«Está conforme. — Setubal 14 de junho de 1847.»

O sr. visconde de Sá protestou contra as observações, dimittiu-se do commando da divisão, e entregou a sua espada ao *capitaine* Anderson, commandante do vapor *Sydon*, a bordo do qual se conservou, com José Estevão e os outros officiaes do estado maior, até que a convenção de Gramido terminou a lucta, sem terminar a questão entre a côrte e os liberaes.

bibRIA

XXXIV

O primeiro cuidado do partido popular foi preparar-se para as eleições de deputados.

José Estevão, como sempre, foi incansavel na sua dedicação pela causa a que votou o seu coração, a sua intelligencia e a sua vida. — Foi quem promoveu o primeiro *meeting* eleitoral que houve em Lisboa.

Este *meeting* a que presidiu o sr. marquez de Loulé, que depois tanto horror teve a esta especie de associações, fez-se no dia 14 de novembro de 1847, em uma especie de quintal que havia na rua do Thesouro Velho, no sitio onde está hoje um jardim pertencente á casa

de Bragança. e foi concorrido por mais de cinco mil pessoas.

José Estevão foi o orador do *meeting*. Trepado a uma cadeira, que se prendeu aos ramos de uma arvore, improvisou d'alli tribuna, e orou quatro horas consecutivas, com a eloquencia e inspiração que eram só d'elle, arrebatando a assembléa popular com o ecco das vozes da patria, que o povo ouvia e sentia na voz do seu tribuno, e no pulsar do seu coração.

XXXV

bibRIA

A sessão legislativa de 1844, abriu-se ainda com o ministerio do protocollo, que era composto do sr. duque de Saldanha, Bernardo Gorjão Henriques, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Joaquim José de Queiroz, Joaquim José Falcão e barão de Francos.

Se do sublime ao ridiculo só dista um passo, igual distancia separa o ridiculo do sublime. — Não se demorou muito a entrada do sr. conde do Thomar para o ministerio, que, no seu genero de immoralidade politica foi um ministerio sublime.

No dia 19 de junho de 1849, foi nomeado o sr. conde de Thomar presidente do conselho de ministros e mi-

nistro do reino; conde do Tojal ministro dos estrangeiros; o sr. Antonio José d'Avila ministro da fazenda; o visconde de Castellões, da marinha; o sr. Felix Pereira de Magalhães, da justiça; Adriano Mauricio Guilherme Ferreri, da guerra.

A rainha atirava pela ultima vez a luva á face do povo, e o seu sceptro ás ondas revoltas da politica.

José Estevão, que era o unico liberal que os absolutistas da Carta sempre temeram, porque era o unico homem, cuja voz tinha magia e encantos capazes de accordar o povo da sua habitual somnolencia, não foi eleito deputado na legislatura de 1848 a 1860. O governo pagava por todo o preço a violação da urna em Aveiro, e teve infelizmente quem o servisse entre os conterraneos de José Estevão.

Mas não era um revez eleitoral que podia affastar o filho querido do povo do campo da liberdade, nem deixar no ocio as valentes, patrioticas e poderosissimas armas do seu grande genio.—Fecharam-lhe a tribuna do parlamento—restava-lhe a imprensa e o fóro.—A *Revolução de Setembro* foi o flagello dos despotas e dos corruptos, e o fóro de Lisboa abriu as suas portas ao grande orador do seculo.

José Estevão foi por algum tempo advogado, e deixou tão honrada a beca que vestiu, como o era a sua farda de soldado.

Os jornaes perseguidos pela intolerancia do governo, iam procurar o tribuno do povo para os vingar, e elle corria apressado ás audiencias, soltava a palavra magica em favor da liberdade, castigava as demasias da auctoridade, sustentava os direitos constitucionaes, e conquistava a absolvição dos seus clientes, entre os applausos do povo da cidade, que todo corria a ouvir o novo advogado. As galerias de S. Bento estavam então desertas, e as salas da Boa Hora vergavam com o peso dos espectadores.

XXXVI bibRIA

O titulo que disfarçou o nome do sr. Antonio Bernardo da Costa Cábrel, não lhe alterou os instinctos, nem lhe modificou as qualidades. — O ministro de 1830 era o mesmo de 1842 e 1845, e em uma e outra época teve collegas dignos de o acompanharem nos seus desvarios administrativos.

Mas o paiz ia presenceando todos os escandalos, sem se mover. O ministro da fazenda reformára o calendario dos funcionarios publicos, elevando a quarenta e cinco o numero dos dias de cada mez, e elles continuavam a servir, recebendo o cerceado salario

em papeis que tomavam pelo seu valor nominal, mas de que não recebiam mais do que metade em dinheiro.

O ministerio era feliz. Esta nação parecia ser indifferente ao modo porque era governada; mas a ingratidão de um ministro perdeu-os a todos.

O sr. conde de Thomar, a quem o marechal Saldanha tinha exclusivamente prestado serviços na campanha de 1847 de vergonhosa memoria, pagou com a ingratidão aquelles serviços, e excluio da casa real o mordomo-mór.

O sr. duque de Saldanha, não obstante à bondade do seu character, não esquece facilmente os agravos que recebe, e se pôde vingal-os de modo que o paiz aproveite com essa vingança, não deixa perder occasião de a satisfazer. Foi o que fez em 1851.

LIVRO TERCEIRO

I

Estamos chegados ao terceiro e muito notavel periodo da vida publica de José Estevão.

Temos visto o que foi o soldado valente, o revolucionario audacioso, o tribuno inspirado, o escriptor democratico, o advogado liberal; — vae apparecer-nos agora o legislador philosopho.

Se não é esta a época mais brilhante da vida politica de José Estevão, é sem duvida aquella em que o seu genio, o seu trabalho, e a sua enorme eloquencia mais aproveitou aos interesses da localidade, cujo representante era.

Os interesses da politica tinham feito esquecer os cuidados da administração. José Estevão tinha traba-

lhado, como bom e valente operario que era, para dar ao seu paiz as instituições mais liberaes, compativeis com a formula monarchica do seu governo. Fugiram, ou esmoreceram os obreiros que o acompanhavam, e elle, vendo-se só, reconheceu, que se tinha nascido a tempo de ser o augusto e immaculado annunciador da completa emancipação do povo laborioso, tinha nascido cedo para cumprir e realisar a doutrina que evangelisára.

Não queres, ou não sabes querer tudo que podes, disse José Estevão ao povo, meditando a sós na situação da sua patria; pois bem, aproveite-se o pouco de liberdade com que te contentas, para te dotarmos com todos os beneficios da civilisação, que ainda desconheces.

Com este pensamento grande e generoso, poz o orador unico a sua palavra auctorisada ao serviço da situação politica creada pelo marechal duque de Saldanha no passeio militar que fez pelas provincias do reino em maio de 1851.

II

Como dissemos no livro antecedente, o sr. conde de Thomar, ingrato aos beneficios prestados á sua ambi-

ção intolerante e intolerável, pelo sr. duque de Saldanha, scandalisou grosseiramente o marechal.

Este, ferido no seu orgulho de verdadeiro fidalgo, partiu de Lisboa no dia 7 de abril, e foi procurar na amizade de seus antigos camaradas, que commandavam regimentos, ou divisões, nas differentes provincias, vingança para si, e liberdade para a sua patria opprimida, pelo escandaloso despotismo do seu, então, moderno inimigo.

O marechal fa só com os seus ajudantes de ordens. Era incerto o resultado da sua temeridade; os soldados, portanto, esqueceram-se da espada que os tinha conduzido á victoria. Só os srs. coroneis Cabreira e Joaquim Bento appareceram com as tropas do seu commando nos pontos ajustados, e o sr. duque de Saldanha, julgando por um momento ver fugir-lhe a fortuna, que sempre o acompanhou em todos os seus commettimentos, passou a fronteira do reino, contando viver algum tempo exilado da sua patria.

Mas José Estevão e os homens liberaes e progressistas, que se achavam em Lisboa, sabendo as intenções do marechal, escreveram a todos os amigos politicos da provincia, para que estes protegessem e auxiliassem, com a sua influencia e popularidade, a tentativa do sr. duque contra o ministerio odiadissimo dos srs. conde de Thomar e Antonio José d'Avila.

Foi em consequencia d'isto, que Manuel Passos e seu irmão fizeram saber ao marechal, que o seu procedimento encontraria sympathias no povo do Porto, e nas provincias do Norte, e que podia elle vir sem receio fazer o pronunciamento liberal n'estas provincias.

Animado por tão poderosos auxiliares, tornou outra vez o sr. duque de Saldanha a passar a fronteira para Portugal, e entrou no Porto, quando já o sr. José Victorino Damasio, com todo o partido setembrista, auxiliado pela bravura e dedicação do sr. Salvador Pinto da França, e do coronel Moniz, depois barão de Palme (distincto soldado que o exercito portuguez ainda ha pouco acaba de perder) revolucionou todos os corpos da divisão.

Foi então que o marechal proclamou o acto addicional á Carta, com que conseguiu que a mocidade academica, milicia constante que marcha na vanguarda de todos os pronunciamentos liberaes, sublevasse a favor da causa adoptada por elle toda a divisão commandada por el-rei o sr. D. Fernando, que de Coimbra pretendia marchar contra as tropas já revolucionadas.

O nobre e generoso principe, que tinha acceitado constrangido o commando de forças, que não eram destinadas a combater pela liberdade e independencia

da sua patria adoptiva, que elle ama como propria, folgou com a deserção dos seus soldados, e voltou a Lisboa a aconselhar a esposa voluntariosa a que não collocasse o seu sceptro mais uma vez na concha da balança, onde só estava a pasta de um ministro.

O sr. duque de Saldanha, entrando no Tejo com uma divisão de sete mil homens, glorioso da sua incruenta campanha, fortaleceu o conselho d'el-rei, e subjugou a teimosia da rainha.

A 15 de maio de 1831 saía dos conselhos da corôa, para nunca mais voltar, o sr. conde de Thomar. E os duzentos e sessenta mil habitantes de Lisboa, deixando livre e deserta a estrada do exilio ao ministro reprovado, correram aos caes que bordam o Tejo a victoriar e saudar a idéa da liberdade e do progresso, n'aquelle momento encarnada no duque de Saldanha.

Ao meio dia desembarcou a divisão; e o povo da capital, de ordinario pouco expansivo nas suas manifestações de amor, ou de odio, soube d'esta vez pagar a divida aos libertadores da patria na magestosa recepção que lhes fez. E até as mulheres, que parecem envergonhar-se de tomar parte nos acontecimentos publicos, vieram então embellesar com os seus encantos, a festa já bella da liberdade. Eram ellas que das janellas de todas as casas, por onde passou o exercito triumphante, lançavam as corôas e flôres sobre as ar-

mas e sobre as bandeiras, que n'aquelle dia, pondo de parte os loiros tintos no sangue de antigos combates, se engrinaldavam com os trophéos, que só respiravam aromas, amor e paz.

III

No dia 15 de dezembro abriu-se de novo o parlamento, e entrou pela quinta vez José Estevão no vasto campo das suas lides politicas.

O ministerio com que o sr. duque de Saldanha se apresentou aos representantes do paiz, era presidido por elle, que tambem foi ministro da guerra, e composto pelo sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, ministro da fazenda; Antonio Aluizio Jervis d'Athouguia, ministro da marinha, e dos estrangeiros; e Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro do reino, e interinamente encarregado da pasta da justiça.

Era um ministerio liberal.

Rodrigo da Fonseca, engenho superior, amadurecido no trato dos negocios publicos, era um estadista de occasião, pelo seu genio conciliador, e pelos principios tolerantissimos da sua politica.

O sr. Fontes Pereira de Mello, que se tinha tornado

notável pela energica, eloquente, e sempre cortez opposição, que fizera nas côrtes passadas, á politica inconstitucional do ministerio do sr. conde de Thomar, era e é um talento novel e audacioso, estranho ás antigas luctas do partido liberal, e por isso o ministro conveniente para desvanecer os escrúpulos, que os liberaes mais rasgados nas idéas reformadoras, podessem encontrar no purismo cartista da antiga carreira parlamentar de Rodrigo da Fonseca.

Jervis d'Athoguia era um homem liberal, cartista moderado e tolerantissimo, amigo particular do marechal, e devêras dedicado a Rodrigo da Fonseca.

Pelas qualidades e pelo caracter dos ministros, não havia razão para que José Estevão deixasse de os apoiar. Em quanto á sua politica, era a mais liberal que apparecia no governo depois de 1836 ; — razão bastante para que José Estevão não hostilisasse o ministerio ; mas, sempre zeloso pelos seus principios, e coherente com todos os actos da sua vida publica, offereceu o seu poderosissimo contingente, debaixo de condições certas e determinadas.

A sua voz, a sua palavra, e a sua popularidade entregou-as completa e francamente ao serviço do governo em todas as questões de interesse publico, tendentes a desenvolver e a fomentar os melhoramentos materiaes do paiz, e os progressos da civilisação ; mas re-

servou a sua individualidade, e o seu voto independentissimo nas questões politicas, para o dar sómente ao seu partido, que era, como muitas vezes temos repetido, o democratico na mais ampla, sincera, liberal, e desinteressada accepção d'esta palavra.

Considerou — como elle dizia — a situação politica chamada da *regeneração* como uma empreitada de obras publicas. E como a época lhe consentia ter a espada ociosa, pegou na enxada e na alavanca, e alistou-se na leva dos operarios, que iam construir os caminhos de ferro, levantar os postes do telegrapho electrico, abrir as estradas, inaugurar as diligencias, construir as pontes, desentulhar as barras, fundar os institutos da industria e da agricultura, e dar finalmente vida, protecção, desenvolvimento e força ao trabalho e ás artes.

Rodrigo da Fonseca comprehendeu qual era a posição de José Estevão na maioria que apoiava o ministerio, e approvou-a. Respeitou os escrupulos do tribuno liberal, e reconheceu que só com as condições por elle apresentadas, era proficuo o seu apoio.

A convivencia com os seus novos companheiros politicos, a respeitosa camaradagem em que juntos viveram, e a convicção que José Estevão adquiriu da boa fé politica de Rodrigo da Fonseca, dos instinctos liberaes do seu character, e dos sentimentos democraticos do

seu coração; ganharam-lhe sympathias e affectos, que o talento do sr. Fontes, a sua energia e decisão nos negocios accrescentaram e robusteceram, diminuindo-lhe os escrúpulos historicos.

Devemos notar que antes do ministerio, de que nos temos occupado, houve outras composições pouco duradouras, em uma das quaes foi ministro da marinha o sr. marquez de Loulé. Mas o sr. duque de Saldanha e Rodrigo da Fonseca, que reconheceram que era preciso caminhar com firmeza e grande velocidade na estrada em que o governo ia entrar, para poder alcançar as outras nações immensamente adiantadas em civilisação, desprendeu-se de todos os homens indolentes e vagarosos, que não podiam acompanhá-lo na marcha do seu programma.

D'aqui nasceu o chamado partido *historico*; partido que José Estevão combateu durante oito annos, reputando-o um estorvo ao progresso e engrandecimento da sua patria. E realmente o chamado partido *historico* não tinha nenhuma razão de ser.

A regeneração acabára com os partidos e hasteava um novo pendão da liberdade; era tolerante e respeitadora dos direitos do povo e das instituições constitucionaes. Não havia pois motivo para se separar d'ella, simplesmente porque uma ou outra mediocridade habituada ao mando e direcção de um partido, se via

agora subjugada e aniquilada pelos novos talentos que appareciam nas lides politicas.

José Estevão foi então accusado e combatido por não querer seguir os bons homens inuteis. Mas aquella grande alma, que nunca soube o que era a inveja, porque nunca conheceu competidor nas suas rarissimas qualidades e virtudes, despresou as censuras e os ataques, e longe de se arreceiar da chegada dos novos concorrentes, antes os recebeu com os braços abertos, e apresentou-os ao povo escudados pela sua forte e bem estabelecida auctoridade.

bibRIVIA

Tinhamos dito que José Estevão abríra o seu escriptorio de advogado nos principios de 1850. Achando já estabelecida uma numerosa clientela, o grande cidadão, que foi tambem o melhor dos filhos, e o mais dedicado dos irmãos, mandou chamar para Lisboa o sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães, e entregou-lhe o escriptorio já acreditado. O substituto foi digno do substituido; e o fóro de Lisboa contou mais uma superior intelligencia que ainda hoje o illústra.

Os dois irmãos viveram juntos muito tempo. De ge-

nios desiguaes, mas de caracter em tudo semelhantes, ligava-os no mais extremado amor, o amor que ambos tributavam a seu venerando^e pae.

José Estevão era o mais velho em annos, mas era na alma, no coração, e no espirito, tão novo como seu irmão.

Competente mais que ninguem para descobrir, e ver de longe, todo o espaço que podia percorrer um engenho vasto, contumaz, e perseverante, José Estevão quiz persuadir e desafiar seu irmão a entrar na vida politica; mas foram baldadas todas as suas diligencias e infructiferas as suas seducções, porque o caracter do sr. Antonio Augusto, tão independente como o do grande orador, prestava-se todavia menos ás transigencias e contemporisações a que as conveniencias politicas muitas vezes obrigam o homem publico.

Preferiu até hoje os trabalhos da sua honrada profissão á lucta dos partidos; mas, se a Providencia permittir, como crêmos e esperamos, que a saude do unico herdeiro de Luiz Cypriano se restabeleça completamente, estamos certos de que os eleitores de Aveiro pagarão uma divida sagrada á memoria dos seus dois maiores e mais respeitaveis compatricios, offerecendo o mandato de seu representante ao unico homem, que pôde levantar sem mão sacrilega os crepes que cobrem uma cadeira do parlamento portuguez.

V

O acto addicional foi a conquista politica do partido chamado da *regeneração*; conquista pouco valiosa desde o momento em que não aboliu a heriditariedade do patriato; que não estabeleceu um numero fixo aos membros da camara alta; que deixou á corôa o poder de os nomear; que não definiu, nem decretou a responsabilidade dos ministros, e que não extinguiu os tribunaes inúteis. Mas emfim, ainda que curto, sempre foi um passo tendente a alargar e desenvolver as instituições liberaes.

O mais notavel artigo do acto addicional, aquelle que, no seu tempo, o distinguio dos codigos constitucionaes de muitas nações, que se dizem mais adiantadas em civilisação, é o que aboliu a pena de morte nos crimes politicos. Este artigo porém, não foi proposto pelo governo; — um amigo e compatricio de José Estevão, o sr. Manuel José Mendes Leite, foi o representante do povo, que teve a honra de vincular o seu nome áquella sagrada doutrina, que para vergonha da humanidade, ainda hoje não é lei para todos os povos.

Em Portugal mesmo, onde a pena de morte esteve

abolida de facto para os crimes políticos, e o está hoje até para os crimes civis, não passou sem contestação a proposta do sr. Mendes Leite. Houve portuguezes que no seculo dezenove duvidaram de inserir na lei fundamental do estado a abolição da pena de morte para os crimes politicos! — O lado direito da camara de que era chefe o sr. Antonio José d'Avila, e o ministro da justiça o sr. Antonio Luiz de Seabra votaram contra a proposta do sr. Mendes Leite!

Todas as opiniões manifestadas nos parlamentos pelos homens publicos são muito significativas, e por isso não deve estranhar-se, que, o povo se receie constantemente das tendencias de algumas escolas politicas, em presença dos votos feitos pelos seus doutores

VI

José Estevão não assistiu á discussão do acto adicional.

No principio do anno de 1852 foi o grande orador atacado de uma terrivel molestia, a qual ia roubando á patria o seu melhor cidadão. Depois de tres dias de um estado de prostração e de abatimento physico, estranhavel na robusta organização de José Estevão, so-

breveiu-lhe uma febre intensa e dentro em pouco tempo manifestou-se um typho agudissimo.

A anciedade do povo de Lisboa e do paiz inteiro, nos dias em que a vida do seu tribuno, do seu amigo, e do seu mais nobre e mais querido filho esteve em perigo, só pôde comparar-se ao susto e ao terror de uma cidade arrasada por um terremoto, ou devastada pela peste; nem depois, quando a morte o arrebatou do meio de nós, houve sensação semelhante; — então foi o raio que estalou sobre o paiz e fulminou a todos, sem dar sequer tempo ás duvidas, aos receios, ás illusões e ás esperanças!

Em 1852 ainda chegou o tempo para as preces. As lagrimas do povo, poderam misturar-se ao ultimo choro de um velho, que de pé sobre a sepultura, pedia a Deus, em gemidos saídos dos seios d'alma, que lhe deixasse o filho estremecido aos ultimos dias da sua peregrinação terrestre; que lh'o não roubasse antes d'elle cerrar para sempre os olhos á luz do mundo; luz que ficaria sem calor, sem resplendor, sem brilho, se já não allumiasse a fronte adorada d'aquelle filho, que era o mais bello pedaço da sua alma, e o mais arraigado amor do seu coração!

Então ainda foram ouvidas as supplicas do velho e as preces do povo.

José Estevão conheceu o estado gravissimo em que

se achava. O guerreiro valente, que pela patria e pela liberdade, tinha tantas vezes affrontado a morte, tambem se não abateu então em presença d'ella, antes se preparou com animo socegado para a jornada tremenda.

O *impio* — como ainda depois de morto, o tem appellido padres infames e devassos, e scribas sem pudor — mandou chamar um sacerdote para lhe ministrar os sacramentos, que a religião de Jesu-Christo offerece aos homens na hora extrema.

Que bella devia ser a confissão de José Estevão n'aquelle momento supremo! — Tu, respeitavel e venerando ministro de Deus, que a ouviste; tu, que és por officio o pastor d'almas e o apostolo do evangelho, grande como és, na tua modesta e humilde condição, sentir-te-hias pequeno ao pé do leito do grande orador moribundo! — Elle tambem era um pastor e um apostolo como tu, não por officio, mas por crença, por devoção e por amor!

Que consciencia mais limpa, que alma mais pura se apresentou ainda ao julgamento de um padre?!

Amei a Deos, amando a minha patria, como ainda ninguem melhor a soube amar; — amei os homens com todo o amor e todo o affecto que est'alma e este coração poderiam sentir, se todos elles fossem filhos do meu velho pae; — discipulo do Christo, combati contra os despotas, e préguei por toda a parte onde

chegou a minha voz — a liberdade, a egualdade e a fraternidade. Como Elle, soffri chufas e apedrejos; como Elle padeceria o martyrio e a crucificação, se dezenove seculos de luz não tivessem já esclarecido os corações dos homens; como Elle morro sem odio aos meus perseguidores, antes offereço a minha agonia a Deus para os salvar!

Esta era a confissão, que José Estevão podia fazer diante de Deus e diante dos homens. — O sacerdote que o confessou, se era portuguez, podia-o absolver sem o ouvir.

O venerando Luiz Cypriano, que então contava oitenta annos, soube da doença de seu filho já quando os jornaes e as cartas do sr. Antonio Augusto deixavam conceber algumas esperanças pela vida de José Estevão. Todavia o coração do extremoso pae, nem por isso se sobressaltou menos.

A seguinte carta escripta a seu filho Antonio Augusto, deixa vêr na sua singela eloquencia, qual foi a profundidade da ferida que recebeu o annoso cedro!:

«Antonio. — Li a tua carta e os periodicos que falam no estado de teu irmão, do que eu tinha tido sentimento depois da primeira carta em que deste noticia da sua molestia com expressões diminutivas da sua gravidade. Não foi assim, não foram vão os meus receios; e não estão ainda desvanecidos, apesar de to-

das as noticias, que d'ahi vieram com as tuas, o darem por melhor.»

«Não passei esta noite em insomnia morbida; passei-a a meditar no nada da nossa existencia, e em que o organismo de teu irmão, fundamento da vida, terá soffrido desarranjos, que a medicina não possa recompor, e prolongar-lhe a sua existencia.»

«Se esse fôr o seu fado, oh! que terrivel golpe para um pae já tão fatigado de soffrimentos! *Mas que fortuna não lhe sobreviver?!*»

«No fim proximo da minha existencia unida levo a unica consolação de que um filho adorador, no lance de passar para a vida eterna, não leva manchados os ultimos despojos da vida que deixa d'este mundo, os sentimentos moraes, manifestando sentimentos de verdadeiro christão, onde só se pôde encontrar indemnisação ás illusões d'este mundo.»

«Agradece da minha parte aos meus collegas e amigos, que lhe tem prestado tão desvelada assistencia, os seus obsequios como um favor que jámais se lhe poderá pagar.»

«*Que não possa vencer a grande distancia que nos separa para ali morrermos todos juntos, ou festejarmos as suas melhoras se Deus lhe conservar ainda a existencia!*»

«Espero com impaciencia o correio d'amanhã. —

Aveiro, 22 de fevereiro de 1852.—Adeus — Teu pae — *Luiz Cypriano.*»

Que eloquencia tinha aquella dôr! que profundo sentimento transuda d'aquellas palavras:

«Que dôr para um pae perder um tal filho! Mas que prazer tambem não lhe sobreviver?!»

A convicção profunda que aquelle velho tinha de não sobreviver á morte de seu filho, era a voluptuosidade da sua desgraça! — Morres-me filho, mas eu que estou á beira da cova, serei tambem derrubado com a tua queda!

Que singela e magnifica expressão do amor de um pae!

E depois, quando elle, não podendo conter o seu desespero por se vêr separado de seu filho agonisante exclama:

«E não poder transpor a distancia que nos separa para ahí morrermos todos juntos!...»

Ah! venerando ancião foste digno de tal filho, e elle digno de te ter por pae.

Aquella carta de Luiz Cypriano, conservava-a José Estevão como uma reliquia preciosa. Logo que as forças lh'o permittiram, e que os medicos lhe consentiram que fallasse, quiz immediatamente ditar uma carta ao seu excellente pae, que assignou com o seu punho.

Luiz Cypriano, sensível a mais aquella prova do amor de seu filho, mandou-lhe directamente a elle outra carta, que vamos publicar, porque caracteriza bem a grande alma do homem rarissimo, que a escreveu.

Ao desalento, succedeu a alegria. — Agora as palavras de Luiz Cypriano não exprimem a magoa e o desespero; agora, é a gratidão para com Deus, que lhe salvou o filho, e para com os homens que o trataram; — são as recommendações, os cuidados, as prevenções, para que nada esqueça na convalescença que a atraze, ou que a diffículte.

Eis a carta:

«José — Querido filho — Depois de te julgar morto, quiz Deus que ainda recebesse a tua carta assignada pelo teu proprio punho, assegurando-me as tuas melhoras; mas ainda que seja apreciavel este testemunho do teu affecto para com teu pae, teu pae nunca duvidou d'elle para te não dispensar d'este esforço, em que as expansões do coração poderiam abalar prejudicialmente o debil estado da convalescença, que é a consequencia de um grande transtorno de saude.

«Consolou-me no meio dos receios, que sempre me acompanharam durante a violencia da tua molestia, o ver o teu comportamento de submissão e respeito para com o Creador, que elle mesmo imprimiu no nosso

ser, o que faz o primor das suas obras, e que nós nunca devemos deixar obscurecer pelos sentimentos terrestres, que perderão o seu prestimo n'este mundo, se os desacompanharmos do anjo da guarda que habita em nós com a alta prerogativa da razão.»

«O combate foi renhido, e perder-se-hia se não fosse bem dirigido. É preciso agora não perder a victoria pela alegria do triumpho. Has de mudar de sitio conforme lá te ordenarem, e para onde te ordenar quem tanto se tem interessado por ti. Não digo que venhas logo para Aveiro; antes d'isso, é necessario observar como entra o verão quanto a salubridade, que o anno passado esteve aqui muito doentio, e as condições locais não estão melhoradas.»

«Resta-me saber como está o sr. Rodrigues Sampaio, que faz parte da minha familia, e me dá serio cuidado qualquer incommodo da sua saude. E o Leite como vae? — que se não esqueça do que lhe escrevi. O Antonio e o Matheus teem saude; valha-nos isso. Cá vae-se resistindo. — Todos te abraçam com lagrimas de ternura e eu fecho a carta lançando-te a benção de pae. — Luiz Cypriano.»

«P. S. — Muitas são as obrigações contrahidas por occasião da tua doença que não pagaveis; o pago está na generosidade dos amigos.»

VII

José Estevão morava então na rua da Cruz de Pau, na casa fronteira á actual typographia do *Jornal do Commercio*. O povo de Lisboa que se apinhava nas avenidas d'aquella rua nos dias do perigo, informando-se do estado do doente, pelos familiares da casa, que entravam e sahiam; logo que soube que a vida do grande cidadão estava salva, passou da anciedade á impaciencia, e todos corriam ao quarto de José Estevão, para se assegurarem pelos seus proprios olhos do prognostico da sciencia.

Elle soube agradecer a todos estas provas de dedicação e de amor. Quando voltou á camara, na sessão de 20 de julho de 1852, subindo pela primeira vez á tribuna, começou o seu magistral discurso sobre as leis da dictadura, e sobre o decreto de 3 de dezembro de 1851, que reduziu o juro das inscrições da junta do credito publico, — com as seguintes palavras:

«Honrado amigo e illustre presidente da camara dos deputados! — Permetti que n'esta casa parlamentar, aonde nunca trouxe paixões mesquinhas (*appoia-*

dos), me incline reverente e agradecido diante da illustrada população de Lisboa pelas provas de affecto que d'ella recebi durante a minha longa molestia, e que me congratule com os meus honrados e bons patricios pela prolongação de minha vida, que estimo principalmente, porque intendo que ella os não tem deshonorado (*apoiados*). No mesmo sentimento abraço todos os meus collegas. A vida publica, que em mim foi um acaso, e depois um ponto de honra, de hoje em diante — é uma obrigação stricta e rigorosa, porque as dividas de lagrimas não se pagam senão com uma dedicação sem limites (*vozes — muito bem*).»

A excellencia d'aquella alma e a grandeza d'aquelle coração, transluz nas poucas palavras d'este agradecimento, que foi tão grande e tão sincero como os testemunhos de amor que o motivaram. Pagou tão largamente a sua divida de gratidão, que dentro em pouco tornou a ser credor, e de tal ordem, que nunca o paiz lhe poudé pagar o que lhe devia.

VIII

Nem na convalescença esteve ocioso o lidador incansavel. Na sessão de 13 de julho de 1852, offereceu

elle á consideração da camara um projecto de lei para a construcção de um caminho de ferro de Villa Nova da Rainha ao Porto; que preparou durante a sua convalescença.

Era o primeiro projecto d'este genero que apparecia em côrtes. Havia então grande repugnancia em votar os recursos para um caminho de ferro, que ligasse as duas grandes cidades do reino; muitos entendiam que a via maritima e uma estrada ordinaria, eram sufficientes meios de communicação, e que não se devia sobcarregar o thesouro com a enorme despesa de um trabalho d'aquella ordem, cujos resultados a favor do commercio e da industria do paiz eram incertos.

Todos os votos estavam voltados para a grande estrada de ferro que nos deve ligar ao coração da Europa por Madrid; e pensavam que os sacrificios que era necessario pedir ao paiz para levar ao cabo esta empreza, o não habilitavam a prestar-se a outros, cuja necessidade se não reputava instante.

José Estevão pensava d'outro modo; entendia que o caminho de ferro que ligasse Lisboa com as provincias do Norte, seria tanto, ou mais proveitoso ao paiz, como o que fosse á fronteira de Hespanha. As vantagens que deviam obter-se d'este ultimo, dependiam das circumstancias em que estivesse o governo hespanhol, e dos meios de que podesse dispor para cons-

truir uma estrada de ferro de Madrid á fronteira de Portugal; e a politica seguida pelo governo dos nossos vizinhos, não inspirava a José Estevão grandes esperanças pela prosperidade d'aquelle valente povo, digno pelo seu nobre character e pelos heroicos brazões da sua stirpe, de mais liberdade e de maior civilização.

Apresentou por tanto o seu projecto de caminho de ferro de Villa Nova da Rainha ao Porto, no qual se indicavam os meios de obter os fundos para a construção.

Mas em tudo que aquelle genio brilhante concebia, havia um pensamento grande e vasto. O projecto da construção do caminho de ferro de Villa Nova da Rainha ao Porto, era tambem um projecto economico que trazia a redução do nosso exercito, inutil no tempo de paz, e dava meios aos soldados de serem uteis a si e ao seu paiz, quando o complemento do tempo de serviço os separasse das fileiras, e creava-lhe um fundo pecuniario para a sustentação d'aquelles, que a idade, as molestias ou a inaptidão para qualquer officio impossibilitasse de ganhar a vida.

O grande pensamento de José Estevão, como lhe succedeu muitas vezes, não foi comprehendido pela camara, e o seu projecto foi rejeitado. Todavia aqui o apresentamos ao leitor, para que se reconheça na mais

insignificante das suas obras, o grande alcance d'aquelle elevado espirito.

O projecto para a construcção do caminho de ferro de Villa Nova da Rainha ao Porto era:

Artigo 1.º—Construir-se-ha uma linha de caminho de ferro entre o Porto e Villa Nova da Rainha.

Art. 2.º—Os trabalhos d'esta linha começarão infallivelmente no dia 1.º de janeiro de 1853, e serão dirigidos por um engenheiro estrangeiro, pratico n'esta especie de construcções.

Art. 3.º—Os trabalhos d'este caminho de ferro principiarão simultaneamente, de Villa Nova da Rainha para o Porto, e do Porto para Villa Nova da Rainha.

Art. 4.º—Logo que em qualquer d'estes pontos haja tres leguas de carril ferreo acabado, estabelecer-se-ha a viação n'este espaço.

Art. 5.º—O leito da via ferrea terá a largura precisa para duas linhas de carris; mas de principio não se estabelecerá senão uma.

Art. 6.º—Os meios destinados para a construcção do caminho de ferro entre o Porto e Villa Nova da Rainha são os seguintes:

1.º—Cem contos de réis annuaes do imposto das estradas.

2.º—Cincoenta contos de réis de redução nas guardas municipaes de Lisboa e Porto.

3.º—Duzentos setenta e dois contos de réis em que vêem calculados os juros da capitalisação decretada pelo decreto de 3 de dezembro de 1851.

4.º—Os quatrocentos contos de réis mutuados com o banco do Porto para os reparos da estrada entre Lisboa e aquella cidade.

Art. 7.º—Leis posteriores applicarão a esta linha ferrea os demais recursos do Estado, que se puderem isentar dos encargos que sobre elles pesarem.

Art. 8.º—São accionistas do caminho de ferro entre Villa Nova da Rainha e o Porto, todos os portadores de credits, a quem é applicavel a capitalisação determinada no decreto de 3 de dezembro de 1851.

Art. 9.º—N'esta capitalisação, os titulos de divida das classes activas e inactivas serão computados pelo seu preço no mercado, no tempo em que foi promulgado o decreto de 3 de dezembro, e os juros da divida interna e externa pertencentes aos tres semestres em divida, entrarão tambem na referida operação reduzidos segundo a época do seu atrasamento.

Art. 10.º—Os possuidores de todos os referidos titulos ajuntarão á somma dos seus credits, reduzidos em conformidade dos artigos antecedentes, uma igual somma em dinheiro, e receberão acções do caminho de ferro pelo valor total d'estas quantias.

Art. 11.º—A estas acções assegura-se-lhes um juro

de cinco por cento, tirado da consignação que n'esta lei vai feita para o caminho de ferro entre o Porto e Villa Nova da Rainha, em quanto o mesmo caminho de ferro não der esse juro.

Art. 12.º — Os possuidores de credits comprehendidos no decreto de 3 de dezembro, que não aceitarem a proposta offerecida n'esta lei, serão pagos pelos meios que uma lei posterior designar.

Art. 13.º — O exercito será empregado nos trabalhos do caminho de ferro entre o Porto e Villa Nova da Rainha; propondo-se aos regimentos a aceitação voluntaria d'este serviço.

Art. 14.º — Aos soldados que trabalharem no caminho de ferro, dar-se-ha uma pequena retribuição além do soldo, regulada pelo preço dos viveres nas localidades aonde trabalharem; e além d'isto os regimentos que andarem n'estes trabalhos, receberão em premio um certo numero de acções do caminho de ferro.

Art. 15.º — O rendimento d'estas acções, entrará na caixa dos respectivos regimentos, e será applicado em dar uma somma aos soldados que deixarem o serviço, e que não tiverem officio, nem bens.

Art. 16.º — Aos corpos de cavallaria não se fará convite para trabalharem no caminho de ferro. — *José Estevão.*

IX

O ministerio que começára a sessão legislativa sómente com quatro ministros, foi depois reforçado com a entrada do visconde d'Almeida Garrett para a pasta dos negocios estrangeiros, e com a do sr. Antonio Luiz de Seabra, que, como já vimos, era o ministro da justiça em maio de 1852.

Foi ainda a José Estevão, que o rei da moderna litteratura portugueza deveu a sua elevação aos conselhos da corôa.

José Estevão estimava o poeta, respeitava a sua illustração e admirava os enormes recursos de sua vastissima intelligencia. Tinham sido companheiros de emigração; juntos embarcaram nos Açores a bordo da escuna *Concordia*, e juntos tinham desembarcado nas praias do Mindello.

Entrados na vida parlamentar, Garrett seguíra uma escola politica differente da do orador immortal; o seu espirito apesar da sua grande elevação e superioridade, deixava-se seduzir facilmente pelos falsos ouropeis da côrte e não rejeitava as honras e títulos, que entre si disputam os cortezãos da monarchia. José

Estevão lastimava, sem reprehender esta fraqueza, porque elle bem sabia, que custa mais ser nobre d'alma e democrata de sentimentos e d'opiniões, do que ser nobilitado pelo favor, ou pelo capricho de um rei, ou de um governo. — Elle recusava para a sua farda outra insignia além da que ganhára com a espada, e para o seu nome outro appellido, que não fosse o que tão honrado herdára de seu pai, como elle, irmão e filho dos pobres e do povo; mas não vinha á praça alardear a sua isenção, nem ostentar um falso orgulho porque enjeitára uma mercê que despresava.

Nas luctas parlamentares encontrou-se José Estevão mais de uma vez em combate singular com o grande poeta; e então, não o poupou ás invectivas das suas frisantes replicas. Mas grande e generoso em tudo, para que lhe não ficasse remorso de ter ferido o orgulho de um homem, em quem elle se presava de reconhecer um superior talento, foi ao comicio eleitoral de 1851, feito na associação da Calçada do Sacramento, defender sósinho a candidatura do visconde de Almeida Garrett, a que se oppunham os estultos preconceitos da burguezia da cidade, e as invejas e mesquinhas das mediocridades a quem um gesto do famoso litterato aniquilava, com todo o poder da sua sobrançeria.

Foi uma eleição muita disputada, que José Estevão

venceu pelo enthusiasmo que produziu no comicio o seu longo e admiravel discurso.

Garrett foi sempre recónhecido á generosidade de José Estevão, e nunca deixou de confessar que, não obstante a sua elevadissima posição no mundo das lettras, ou antes, por causa d'essa elevadissima posição, só devia as honras de ministro, á estima reciprocamente respeitosa que o ligou ao grande orador.

X

A camara de 1832 negou o seu apoio ao ministerio da *regeneração*, o qual em virtude das disposições da Carta Constitucional, aconselhou á rainha que consultasse novamente a vontade do paiz; por isso que as importantes medidas da dictadura, que o governo julgava indispensaveis, precisavam, para ser leis, a sancção dos representantes do povo.

Houve novas eleições, e José Estevão foi eleito deputado por Lisboa.

N'esta sessão, como nas que se lhe seguiram, a palavra do grande orador salvou por muitas vezes o ministerio.

A resposta ao discurso da corôa, que foi largamente

discutida, e em que tomaram parte contra o ministério as primeiras capacidades da opposição, foi votada depois de um magistral discurso de José Estevão, cuja eloquencia fez, como sempre, desaparecer todo o effeito que poderiam ter produzido as orações dos seus adversarios.

Foi n'este anno de 1853, que na sessão de 4 de março, José Estevão foi eleito membro da commissão de inquerito, que devia examinar o estado do Banco de Portugal. E foi tambem n'este mesmo anno que na sessão de 1 de abril, tractando-se, por um incidente, de uma questão de caminho de ferro, o grande orador pronunciou as seguintes memoraveis palavras, que tão bem designam a sua posição em frente do ministerio de Rodrigo da Fonseca:

«Eu não me levanto para disciplinar as opposições; não me pertence esse officio, porque a posição, que actualmente occupo, é essencialmente transitoria, e desgraçadamente terei que estar em opposição talvez mais cedo do que desejava, não por mim, mas pelo bem do meu paiz; porque eu não apoio senão governos honestos e tolerantes, e aquelle que se seguir a este, ha de tornal-o saudoso, e fazer derramar muitas lagrimas ao partido popular... (O sr. *Corréa Caldeira*: — E ainda mesmo que seja dos seus amigos?) Os meus amigos não crêem estar proximos do poder, nem o podem ac-

ceitar senão com condições de livremente o exercerem (*apoiados do lado esquerdo*). O poder para nós não é apostasia, não é mesquinhez governativa; e se o illustre deputado pensa, que n'este lado da camara, composta essencialmente de homens serios, ha alguém seduzivel por uma jaculação artilosa, que lhe faça esperar a ascensão ao poder, o illustre deputado, ou exagerou muito o poder das suas palavras, ou amesquinha demasiadamente a intelligencia d'este lado da camara. (O sr. *Corrêa Caldeira*: — Nem uma, nem outra coisa) O poder aguar-da-se, o poder requesta-se, mas não para o exercer, ou consentir a ajudar que se exerça do modo porque já foi exercido no paiz, com graves lições para aquelles que não querem aprender nada, e a quem as demonstra-ções de desagrado publico, não deram senão incentivo para desconhecer os interesses do paiz, e provocar a sua indignação.»

«A minha posição é definida, clara, leal e defensiva-vel; não a tomei sem reflexão, nem a abandono levia-namente; e preso-me de ser um homem sério. Eu não sou ministerial dos ministros. (*Rindo-se*).» (O sr. *Corrêa Caldeira*. E riu-se!) O riso não creio que seja contra a Carta (*Hilaridade*) nem contra as dictaduras permanen-tes, nem contra as côrtes do governo civil, nem con-tra essas bellezas praticas do systema representativo, que estão absolutamente na opposição com as apostil-

las e explicações, que agora vemos fazer, e em que eu não creio nada absolutamente. — Digo, sr. presidente, que não sou ministerial dos ministros; não me levanto para defender as suas pessoas; podem fulminal-os, polverisal-os, que me não importa isso; o que me importa, é a sua politica, e n'essa hei de ajudal-os em tudo que não comprometta os meus principios, nem os interesses do meu partido, como eu os entendo.»

Os que condemnaram o desinteressado apoio que José Estevão prestou ao ministerio da *regeneração*, ahí tem a resposta ás suas insinuações miseraveis, e com ella a condemnação da sua politica hypocrita e falsa-ria.

José Estevão dizia, referindo-se ao lado esquerdo da camará, onde estavam os homens, que depois se chamaram rasgadamente progressistas. — «O poder para nós não é apostasia, não é mesquinhez governativa.» Para elle não, nunca o foi, nunca o seria, *porque nunca o devia acceitar senão em condições de livremente o exercer*; mas o erro alli foi todo do plural, porque o tempo mostrou que esses homens acceitaram o poder logo que lh'o offereceram, ligados a todos que os quizeram acompanhar, apostatando as suas crenças, e amesquinhando a governação publica.

Não obstante não ser n'esta sessão legislativa representante dos povos de Aveiro, nem por isso José Este-

vão deixou de occupar-se dos interesses da sua terra natal.

Na sessão de 8 de julho de 1853 requereu ao governo para que mandásse estudar o modo de fazer plantações de pinheiros na costa do mar, proxima de Aveiro; e na sessão de 16 do mesmo mez, requereu — «primeiro, para que o governo mandasse fazer a planta e orçamento de um edificio para estabelecer o lyceu do districto de Aveiro, tendo por adjunto a bibliotheca publica, que estava decretada para aquella cabeça de districto, assim como para todos os mais; — segundo, que se mandassem consultar as auctoridades para verificar se as ruínas da Albergaria de S. Braz eram o logar mais proprio para o lyceu; — terceiro, que o governo escolhesse dos edificios nacionaes, que em Aveiro eram destinados para os diversos serviços da repartição militar, os que se podessem dispensar com as melhores condições para se estabelecer as cadéas e tribunaes; por fórma, que o edificio satisfizesse ás condições que as idéas humanitarias, a philosophia do direito e as prescripções que o codigo penal indica em construcções d'aquella especie.»

XI

Foi no intervallo d'esta sessão que em 15 de novembro de 1853 morreu a Senhora D. Maria II.

Eram tão grandes as qualidades da mulher, tão nobres e tão respeitaveis as virtudes da esposa e da mãe, que o povo esqueceu, por ellas, n'aquelle momento solemne, os erros da rainha; e ainda hoje, não ha um unico portuguez, em nenhum campo politico, que se não descubra reverente perante o tumulo da filha de D. Pedro.

A morte da rainha fez convocar côrtes extraordinarias para 19 de dezembro, onde o sr. D. Fernando, regente durante a menoridade de seu filho, prestou juramento á Constituição da monarchia.

A regência do sr. D. Fernando foi um modelo de governo constitucional; e este excellente principe, cuja intelligencia eguala a extrema bondade da sua alma, comprehendeu, como nenhum outro, qual é a missão do rei n'um governo representativo. Depositando inteira confiança nos homens que estavam á frente da administração nos ultimos dias do reinado da rainha, o regente conservou o mesmo ministerio; e, cioso da sua

irresponsabilidade, não negou a sua sancção a nenhum acto dos ministros que tinham o apoio do corpo legislativo.

O sr. D. Fernando reinou sem governar, e só aproveitou dos poderes conferidos á sua alta posição, os que lhe consentiam a protecção que deu ás artes, n'um paiz em que ellas estavam completamente abandonadas, e a clemencia para minorar os castigos que as leis infringiram aos criminosos e delinquentes.

A regencia do sr. D. Fernando foi o iris de bonança que atravessou a atmospherá carregada e enevoadá da nossa politica.

O principe, que até então tinha exercido um papel secundário, teve occasião de manifestar o seu valor e as suas grandes qualidades; e o povo, que lh'as comprehendeu, dedicou-lhe desde logo o amor e o respeito com que o festejou e o festeja em todos os lugares que a sua presença honra, anima e alegre.

E não foi só em Portugal que se apreciaram as grandes qualidades do sr. D. Fernando; a Europa toda que conheceu e avaliou os annos da regencia, ainda hoje faz justiça ao principe esclarecido; e os governos das principaes nações do mundo, ligaram-se para offerecer a corôa, da que foi primeira entre as nações, ao pae do rei portuguez, que a recusa pelo amor entranhado que consagra á patria que o adoptou.

XII

A politica do governo depois da morte da rainha, não soffreu alteração.

Rodrigo da Fonseca tinha conseguido baralhar os partidos por fórma, que nenhuma escola politica se poudo organizar com homens de uma mesma crença, nem isentar da pécha, de acceitar no seu gremio os transfugas das outras escolas.

Esta politica, que foi talvez boa e conveniente para a occasião, teve, e tem ainda hoje, consequências funestas; e por isso a formação de um partido novo, que foi, e é considerado, como uma utopia, ha de forçosamente ser uma realidade. Oxalá para isso se não necessite de uma revolução!

O ministerio cuidou só de desenvolver as felicidades materiaes do paiz. A vida governativa esteve concentrada no ministerio das obras publicas, que separado do ministerio do reino, onde apenas formava uma direcção, ficou sendo um ministerio á parte, cuja pasta foi confiada ao sr. Fontes Pereira de Mello, ministro da fazenda.

Tudo que se emprendeu, tudo que se fez, não

era novo; mas em Portugal não era ainda experimentado; e por isso em todas as obras, em todas as empreitadas, e em todas as construcções, houve erros e defeitos, filhos da precipitação com que se quiz andar em um anno todo o caminho que se tinha deixando atrazar meio seculo.

Não obstante todos estes inconvenientes, o paiz aproveitou muito, porque todos os perigos provenientes das grandes velocidades são sempre menores, e menos nocivos, que o torpor consequente da inercia e do estacionamento.

A administração do sr. Fontes, como ministro das obras publicas, foi uma administração proveitosa para o paiz; podia talvez ser mais economica, mas nem por isso deixa de ser muito honrosa para s. ex.^a

Nenhumas das medidas apresentadas pelo governo tendentes a augmentar o desenvolvimento da civilização do paiz, a fortalecer a industria, pela facilidade dos meios de communicação, e a espalhar o trabalho pelas classes operarias, por meio das construcções comprehendidas, deixou de ser sellada com o voto de José Estevão, nem passou sem ser desenvolvida, accrescentada e commentada pela facundia do seu genio.

XIII

Chegado o sr. D. Pedro v á maioridade, convocaram-se côrtes extraordinarias para o dia 16 de setembro de 1855, perante as quaes o novo rei prestou juramento de fidelidade á constituição e ao governo representativo.

O reinado d'este principe infeliz inaugurou-se com uma calamidade publica. — A *cholera-morbus* invadiu a capital e outras terras do reino.

Educado por sua mãe na pratica de todas as virtudes, o sr. D. Pedro era um homem honrado e um caracter respeitavel. Desejoso de promover por si só a felicidade do seu povo, mas demasiadamente timido e irresoluto para tomar qualquer iniciativa no governo do estado, e fidelissimo á sua palavra, para que faltasse ao juramento, que prestára de guardar e manter as formulas do governo representativo, julgava-se infeliz pela posição que occupava, quando o era sómente pelo seu genio. Queixava-se frequentes vezes do penoso *officio de governar*, affligia-o um encargo que não tinha, e preocupava-se de attribuições que lhe não competiam.

O logar, que exercia, impunha-lhe a abstenção completa de governo; e não obstante o respeito que sempre consagrou ás instituições livres, suppoz que o seu officio era governar, e esta idéa falsa foi um dos seus maiores martyrios.

Dotado de bastante intelligencia, e com uma illustração pouco vulgar nos homens da sua idade, ouvia infelizmente com demasiada complacencia as lisonjas dos cortezãos, e chegou a persuadir-se de que estava na sua mão a felicidade do seu paiz; mas aquellas qualidades que o fariam um grande rei um seculo antes, talvez o viessem a prejudicar na época actual, em que o systema representativo é a unica formula de governo admittida pelos povos.

Estudava e meditava muito sobre os destinos das nações, e, portuguez de lei, lamentava o abatimento da sua patria, outr'ora tão grande e tão florescente. Concebia mil projectos de a engrandecer, de fazer prosperar o seu povo que elle amava devéras, e cuja fortuna e gloria apetezia e desejava de coração; mas a impossibilidade de realisar as suas concepções, e a pouca sympathia com que foram acolhidos alguns actos do governo, que elle aconselhou, faziam a sua infelicidade. Lastimava-se por não lhe comprehenderem a sua excellente alma, desconfiava de que não lhe faziam justiça ás suas intenções e bons desejos, e intristecia por isso.

Tinha em muita conta a popularidade e a sua ambição era conseguil-a. Se o sentimento de inveja podesse manchar um character tão grande e tão nobre — a unica inveja que sentiria o sr. D. Pedro v, era dos homens que elle via merecerem o amor do povo. Perseguido por uma especie de fatalidade implacavel, que lhe afogou sempre em lagrimas os poucos sorrisos da fortuna, nunca o desamparou a sua idéa fixa. Propoz-se conquistar o amor dos seus subditos, e nenhum rei ainda conseguiu mais que elle.

O ministerio, que tinha servido a regencia do seu augusto pae, continuou ainda a occupar o gabinete dos conselhos do sr. D. Pedro v. Porém, tendo a camara dos pares em maio do seguinte anno de 1856, recusado o seu apoio ás medidas de fazenda apresentadas pelo governo, os ministros, que contavam uma grande maioria na camara popular, aconselharam a el-rei a nomeação de novos pares, segundo as indicações constitucionaes; mas sua magestade não quiz annuir á proposta do ministerio, o qual deu a sua demissão em 7 de junho.

Este primeiro acto politico do reinado do sr. D. Pedro v, que se affastou das formulas do governo representativo, foi ainda consequencia do seu pensamento dominante. Effectivamente, a opinião publica recebe sempre mal a nomeação de pares, e o rei teria

justificado o seu procedimento, se não dêsse ao outro ministerio, que não tinha maioria na camara dos deputados, a nomeação que negára ao primeiro; porque então podia-se julgar, que o chefe do estado se servia dos meios constitucionaes que a Carta lhe confere para obrigar os partidos a concordarem na reforma da camara aristocratica, que é o voto da maioria da nação. Mas o sr. D. Pedro v não o intendeu assim, e negou ao sr. duque de Saldanha e a Rodrigo da Fonseca, o que depois concedeu ao sr. marquez de Loulé.

bibRIA^{XIV}

O novo ministerio apresentou-se ás côrtes em 9 de junho, e o presidente do conselho declarou, que acceitava o programma politico e administrativo do seu antecessor, e que empregaria todos os esforços para o realisar.

Esta politica é detestavel. — Quando um ministerio que toma conta da administração do paiz, começa por declarar, que a sua politica é a mesma da do seu antecessor, que são identicos os seus intuitos, e eguaes as suas doutrinas administrativas, confessa *ipso facto* a sua inutilidade, e condemna o chefe do estado por fazer uma substituição desnecessaria.

O ministerio da regeneração tinha caído em frente da opinião publica, que manifestamente se declarára contra o systema financeiro do sr. Fontes; mas os novos encargos do thesouro, em virtude do grande desenvolvimento dado ao ministerio das obras publicas, careciam de novos meios de receita; e a primeira obrigação dos ministros, que entravam para o governo sob a condição de não adoptarem as medidas apresentadas pelo sr. Fontes, era dizer aos representantes do paiz quaes eram os recursos com que contavam para substituir o systema reprovado. — O novo ministerio guardou completo silencio a este respeito; contentou-se com fazer o elogio da situação anterior, e as palavras, que então pronunciou, serviram para escrever a sentença condemnatoria dos actos da sua administração.

O ministerio *historico* — foi este o nome com que se baptizou — não se formou de uma vez só, teve duas composições differentes, prisidindo a cada uma d'ellas principios oppostos.

Na primeira construcção entravam só homens que sempre tinham militado no antigo partido liberal; mas como a situação era *historica*, vigiada e sustentada por uma associação de mumias politicas, que ainda hoje existe, cujo programma se reduz a guerrear por todos os meios moraes e immorales, tudo quanto é novo, intelligente e honrado; procurou-se para a formação do

ministerio, as figuras mais antigas da velha galeria, aquellas que o tempo mais tinha gasto e deteriorado; porque a grande questão era não apresentar gente nova.

Effectivamente organisou-se um ministerio com aquellas condições, mas dentro em pouco a propria associação reconheceu, que os seus escolhidos eram totalmente incapazes de servir; porém fiel aos seus principios de antiguidade, procurou pelos basares politicos alguns estadistas *em segunda mão*, que estivessem todavia em melhor uso do que os que possuia de casa. Depois de muito rebuscar pelas ade-larias, encontrou um ministro da fazenda e outro das obras publicas, que fizeram conta.

Entraram pois para o ministerio presidido pelo sr. marquez de Loulé, o sr. Antonio José d'Avila, collega do ultimo ministerio do sr. conde de Thomar e responsavel em todos os actos arbitrarios, que tornaram odiada a politica cabralista, e o sr. Carlos Bento que era, em 1849, o espirito das cohortes ministeriaes.

D'aqui se vê, que o funestissimo exemplo das colligações de partidos de doutrinas politicas oppostas, foi dado pelo partido historico.

XV

José Estevão, que tinha apoiado o ministerio da regeneração pelos motivos que já expozemos, fez a mais vigorosa opposição ao ministerio Loulé-Avila por uma consequencia logica d'esses mesmos motivos.

O grande orador tinha reconhecido então a necessidade de suspender os debates politicos, para cuidar seriamente da administração do paiz e dos melhoramentos materiaes da civilisação; por consequencia, apoiou o ministerio que emprehendeu corajosamente esta tarefa, e que sempre foi fidelissimo áquelle programma.

Vendo porém que este ministerio era substituido por outro, que não tinha, nem podia ter nenhuma aspiração politica, em virtude do principio que presidiu á sua organização; e que não offerencia as menores garantias de bom governo pelo character indolente e inerte de quasi todos os ministros, pela sua inaptidão na gerencia dos negocios, e pela perniciosa influencia que sobre todos exercia o ministro da fazenda, é claro que em taes circumstancias o unico lugar que José Estevão podia occupar no parlamento, era na opposição.

Não se fizeram esperar muito tempo os erros e des-
acertos d'aquelle ministerio de viciosa organização.

O partido clerical, que se ia então alargando e des-
envolvendo mansa e insensivelmente em todos os pa-
izes da Europa, tentava tambem levantar-se em Portu-
gal sobre as ruinas do partido absolutista. — A religião,
que sempre foi o instrumento, de que sacrilegamente
se serviu a curia de Roma, para estabelecer no mundo
o seu dominio temporal, acrescentou-se modernamente
a caridade.

As mulheres, cuja educação tem sido estultamente
despresada por todos os governos, foram designadas
para formar a milicia activa do partido clerical. —
Exageradas em todos os seus sentimentos, artificiosas
em todas as suas emprezas, facilmente credulas e na-
turalmente timidas, as mulheres foram habilmente
escolhidas para servirem os intuitos dominadores da
côrte de Roma. — A sua eloquencia é tão persuasiva e
apaixonada quando fallam, como quando estão calla-
das; o coração do homem segue-as naturalmente por
todos os caminhos por onde ellas o conduzem, sem
perguntar, nem vér, nem indagar por onde vae e para
o que vae; por tanto o partido clerical contando com
as mulheres, contava com a humanidade.

Para as chamarem ao serviço da sua politica, conta-
ram com a sua fraqueza, com a sua vaidade, com as

suas virtudes e com a exaggeração dos seus princípios religiosos. Foi assim que ganharam as consciências pelo terror dos castigos celestes, que tornaram moda a ostentação da caridade, que chamaram crime ao amor e aos gosos da maternidade, e que fizeram do fanatismo religião.

A associação *consoladora dos afflictos*, e a das *servas de Maria*, que eram sociedades de beneficencia compostas das principaes e mais respeitaveis mulheres de Lisboa, pela sua posição social e pelas virtudes que adornam o seu espirito, tinham já solicitado de Rodrigo da Fonseca, a instancias dos padres, que se lhe consentisse o mandarem vir um certo numero d'irmãs de caridade francezas para servirem de mestras e directoras dos estabelecimentos de beneficencia, que estavam debaixo da inspecção d'aquellas associações. Mas o providente e esclarecido estadista, negou sempre a licença pedida, notando com razão ás requerentes, que o seu louvavel intento era da mesma fórma preenchido, se quizessem empregar no serviço dos collegios as irmãs de caridade portuguezas, que estavam desamparadas de toda a protecção, ou mesmo outras quaesquer mulheres seculares, por isso que o serem irmãs de caridade em nada podia influir nas suas boas qualidades para o mister desejado.

Esta resposta não satisfiz as associações, que logo

que Rodrigo da Fonseca safu do ministerio, apresentaram ao sr. Julio Gomes da Silva Sanches o seu requerimento, que s. ex.^a despachou sem prever nenhuma das consequencias desagradaveis, que depois teve a sua condescendencia.

XVI

Infelizmente não foi só este o grande erro politico com que o partido historico inaugurou o seu governo completamente improductivo pelo lado economico e administrativo. A fraqueza e inhabilidade com que conduziu a desgraçada questão da *Charles et George*, deixando-a chegar ao ponto de recebermos o mais covarde insulto, que pôde receber uma nação de homens, veio justificar a energica opposição que o ministerio teve de José Estevão e de todos os homens liberaes e progressistas.

Um navio de guerra portuguez tinha aprisionado nas aguas de Moçambique a barca franceza *Charles et George*, que se preparava para tomar a seu bordo um carregamento de negros. Em virtude do tratado feito entre Portugal, França e Inglaterra para a abolição do commercio da escravatura, o navio prisioneiro ficava

sendo propriedade do governo a que pertence o navio aprisionador, e por isso a *Charles et George* foi mandada para Lisboa pelo governador de Moçambique com todos os documentos do processo, que a julgou boa presa.

O governo francez reclamou o navio, sob o pretexto de que elle não podia empregar-se no trafico d'esclavos porque tinha a bordo um commissario do imperio; e começaram a trocar-se notas diplomaticas entre o nosso governo e o gabinete das Tulherias; mas a preguiça e indolencia do ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, e a pouca habilidade das suas tardias respostas ao governo francez, juntas á insolente arrogancia do imperio, deram em resultado a scena vergonhosa que o Tejo presenciou pela primeira vez depois que as suas aguas banham as terras de Portugal.

Este insulto unico nos fastos de duas nações amigas e civilizadas, vingou-o José Estevão no magistral discurso pronunciado na sessão legislativa de 1857, do qual só ha publicado no diario da camara a primeira parte.

São muitos os trechos arrebatadores d'aquelle discurso, e alguns d'elles já tem sido citados em diferentes escriptos, todavia transcreveremos aqui os principaes.

Depois de desenhar o quadro da politica interna e

externa do imperio francez ; o orador gigante pronunciou as seguintes palavras, que não são sómente rasgos admiraveis de eloquencia, mas revelam a profundidade do seu espirito philosophico e as largas vistas da sua razão de estadista :

«A aguia imperial — disse José Estevão alludindo á entrada das naus francezas no Tejo para arrebatarem a *Charles et George* — enfadada da sua força de inacção, saudosa de aventuras, ávida de gloria, voou do seu ninho de pedra, d'esses penhascos artificiaes de Cherbourg até ás margens do Tejo, só guarnecidas da sua natural belleza e de venerandas recordações ; e veio aqui (grande e nobre façanha!) repór a bandeira franceza em um navio, d'onde nós a havíamos arrancado para que não continuasse a manchar-se, cobrindo o trafico da escravatura.»

«Esta visita á nossa terra foi mais feliz do que outras, porque já vimos essa mesma aguia levantar-se das eminencias que bordam este mesmo Tejo, e arrastar-se em vôos atordoados e incertos de serro em serro através das Hespanhas, até se recolher na guarida d'onde saíra, levando apenas nas garras já mal seguras o desengano de imaginados dominios e poderios. (*Vozes— muito bem*)»

«A França nunca póde ser grande senão como philosopha, como pensadora, como humanitaria, como

liberal, como protectora de gratas idéas e promotora de grandes intuitos. As suas armas são muitas e valerosas, mas desacompanhadas d'estes auxiliares estão sujeitas ás vicissitudes da guerra, e esta verdade já foi ensinada á França em amargas lições, que ella teria evitado se não fôra o seu engodo por glorias falsas.»

«O maior defeito d'essa brava e estimavel nação, é juntar á mais extremada vaidade a mais injustificavel modestia. A França crê que póde tudo, mas não crê poder governar-se, como se a uma nação d'aquellas não lhe fôra facilimo compôr governo de si propria para si propria, pelas suas luzes, pela sua experiencia, pelos instinctos do seu povo, pela dedicação e virtudes de seus naturaes, que são muitos com estas qualidades, sem recorrer nos seus momentos de angustia, a recordações obsoletas, a nomes desprestigiados, a brações obliterados, a symbolos que já se não podem traduzir, e a côres que ficaram para sempre desbotadas.»

Depois continuou, descrevendo a entidade *heroe* :

«Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres da nossa especie exceder as condições ordinarias da nossa existencia; mas essa vaidosa satisfação custa sempre cara. Os heroes são uns filhos prodigos da natureza e da sociedade, que dispoem em proveito das suas pai-

xões, do oiro, do sangue e da honra do mundo; que sacrificam aos seus caprichos, quanto ha n'elle de mais santo, de mais nobre e de mais sympathico (*Apoiados*) e a Providencia, que castiga sempre, ainda que por diversos modos, os que se esquecem da humildade do berço commum, ou lhes esconde a loisa da sepultura para que os deslembrem, ou lh'a deixa apontada á indignação publica para que os aborreçam. (*Vozes — muito bem*)

«As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. N'esta lide atropellam-se, amontoam-se; sobem umas sobre as outras, e repetem assim os ataques, redobram os arremessos, até que galgam á altura onde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, cáem no mar d'onde saíram, no mar d'onde eram, no mar que lhes déra a força, no mar em que se tornam (*vozes — muito bem*). Os heroes são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como elle larga, vasta, immensa; como elle querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que a dominam, e voltando sempre, apesar da sua inquietação aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeita, e para conservar os quaes foi creada. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar

apenas roça, que já não attraem as nossas vistas pela lucta que sobre elles se travára? — Pedras de irregular conformação, sem belleza que satisfaça a nossa curiosidade, nem excitam o nosso pasmo.»

Esta imagem sublime, que deixa na sombra tudo o que Plutarcho nos conta das orações de Cicero e de Demosthenes, foi um improviso admiravel da portentosa eloquencia de José Estevão, que se recordou de ter presenciado aquelle embate das ondas no espectáculo que descreve, havia pouco tempo na sua habitação da Costa Nova, com o espirito tristemente preocupado do nada da existencia humana, pensando na morte de seu adorado pae.

No fim da primeira parte d'este discurso, alludindo á indifferença com que a França imperial olha as grandes illustrações, o orador vinga Lamartine do desamparo em que o deixaram os seus compatricios.

«E como não havemos de observar agora em França estas larguezas de consciencia a respeito do trafico da escravatura — disse José Estevão — este desassombro da parte do governo em o proteger, se aquelle grande homem, mr. Lamartine, que tanto pugnava n'este mesmo assumpto pelo decoro e grandeza moral da sua nação, e que bradava á França que se arredasse das prostituições a que actualmente a estão levando, bebe sorvo a sorvo no calix das suas amarguras poli-

ticas, as fezes da indifferença nacional, que a estima geral do mundo mal lhe póde adoçar.»

«E é mr. de Lamartine, esse poeta que carpiu todas as miserias da humanidade, que exaltou todas as suas glórias, que excitou todos os seus melhores instinctos, que levantou a coragem dos povos, que acalmou as suas demasias, que suspendeu com a sua palavra todas as paixões revolucionarias da França; esse homem, cuja composição moral e intellectual, é, no meu presentimento, como o simulacro da futura politica, e dos futuros governos na Europa; esse homem que depois de tantos serviços e de tantas lides, só pede que o deixem ter sepultura honrada na terra em que teve o berço! — Onde estamos nós? onde está a França que nós conhecíamos? Choremos todos por ella, por que o nosso pranto é pela civilisação (*muito bem*).

«A França não sabe honrar os seus melhores cidadãos, e manda, e presta os seus canhões para o serviço da escravatura! Comparemos a França no Zaire e em Moçambique, com a França a quem mr. de Lamartine pede em vão que lhe resgatem da mão dos seus credores os bens paternos, onde está presa a sua alma de poeta e de filho (*appoiados*). Pagar as dividas de mr. de Lamartine é honrar a firma das suas virtudes, é de todas as homenagens que são devidas ao seu character, talento e serviços, render-lhe apenas a

mais grosseira. Oh! não permitta Deus que seja castigado o povo, que ouve sem commoção as queixas de tão nobre infortunio, e se mostra tão tardio e difficil em lhe dar alivio e consolo (*apoiados*).»

Depois de ter vingado assim a dignidade nacional, castigou no dia seguinte os ministros pela sua incuria, indolencia e inaptidão n'aquelle desgraçado negocio, e terminou o seu discurso com as seguintes palavras, que infelizmente foram esquecidas pela assembléa que as escutou:

«Sr. Presidente, concluo sem remate; podia pedir que Deus salvasse o paiz e o rei; mas o rei está salvo pela constituição, e pelo amor que lhe tem o paiz; o paiz não está ainda perdido, porque um paiz com estas tradições, com estas crenças e fundo de resistencia a baldões e affrontas, e a um tão mau governo, tem longa e tardia vida. Mas as colonias, peço a Deus que as salve, por que sei que estes ministros as não salvam, e sei que seria muito difficil que outros as salvassem tambem. N'esta conjectura só se salvam, pondo a tempo esta questão na presença da Europa, em todas as suas relações, e não receiando cair no odio do governo francez; pedindo que nos auxiliem, para engrossar o brado da Europa, que se levantou em nosso favor, primeiro ainda que nós o levantamos. É acudir ás colonias com todos os meios, com

todos os recursos, com toda a força com que uma nação pequena, mas briosa, sabe sempre acudir nos grandes perigos, nos grandes riscos, nos perigos da invasão do seu territorio. Pensem que ha muita coisa a fazer, já, prompta e efficazmente, não só pelos meios diplomaticos, mas pelos legislativos e administrativos; porque as nossas colonias estão claramente ameaçadas por uma grande nação, que, querendo ameaçar outra nação, se lança para paizes illesos e indefesos, levando a questão para nações que lhe não podem responder.» (*Apoiados*).

«Sr. presidente acudamos ás colonias, acudamos sem sair das leis, por meio do systema representativo, propondo medidas extraordinarias; porque aqui não se sabem suspender as garantias, senão contra homens e partidos, e eu desejava que as colonias fossem declaradas em revolução como um partido insurreccionado, porque nunca vi que houvesse uma revolução, e que não houvesse um governo com os olhos sempre abertos para affrontar essa revolução. Na revolução d'Almeida por exemplo (*riso*), na do Porto, appareceu logo um governo com energia, dinheiro e tudo; fazendo-se assim, apparece logo tudo para as colonias de Moçambique. Sr. presidente, é preciso mandar annualmente uma força, contando com a desimação do clima do paiz, e contando que uma parte d'essa força escapa, e que pôde

servir de núcleo d'outras que se devem mandar, de sorte que haja allí sempre uma força permanente. É preciso saber que a nossa antiga alliada está disposta a ver de braços cruzados, que se estabeleça nas nossas colonias uma nação que visivelmente as quer invadir. Pela minha parte tenho cumprido o meu dever, livre a todos os respeitos de pessoal amor proprio. Tenho dito a verdade, e relevaria o governo de todas as fraquezas que commetteu ; mas não lhe posso desculpar o somno em que se deixou recair depois de não ter sido despertado senão pelo estampido dos canhões francezes nas aguas do Tejo, e por vozes ainda mais estridentes que as dos mesmos canhões.»

XVII

A narração dos successos politicos levou-nos a deixar de mencionar um dos mais notaveis acontecimentos da vida de José Estevão.

No principio do anno de 1856, foi o grande orador chamado a Aveiro, porque os padecimentos de seu pae se haviam agravado por fórma que já se começavam a conceber serios receios pela sua vida.

Quando José Estevão chegou, o venerando Luiz Cy-

priano achava-se melhor, e até parecia que aquella existencia tão querida, não terminaria ainda; taes eram os favoraveis prognosticos com que se annunciára a convalescença.

Mas, no meiado de março, a molestia agravou-se, e o bom ancião sorriu aos annuncios que lhe indicavam a proximidade da morte! Tinha junto de si seu filho querido, a alegria e a gloria da sua larga existencia; a separação portanto, tão dolorosa para José Estevão, era para Luiz Cypriano apenas amargurada pela saudade do que, descansado, parte para sitio conhecido, com a certeza de que lá o hão de ir encontrar todas as affeições queridas, que deixa no logar d'onde sae. — Ah! mal pensava o pae extremoso, que havia de esperar tão pouco!

A affeição dos filhos de Luiz Cypriano por seu pae, não era sómente o amor filial, esse sentimento era commum com os estranhos; não havia em Aveiro um homem, uma mulher, uma creança que não experimentasse por Luiz Cypriano aquelle affecto dedicado e respeitoso, que liga o homem civilisado ao auctor dos seus dias.

Quando os habitantes de Aveiro encontravam na rua o seu velho medico, as creanças corriam para elle e beijavam-lhe a mão; as mulheres sorriam-lhe todas; uma informava-se da sua saúde com a meiga expres-

são do carinho filial; esta, offerecia-lhe uma flôr; aquella, o seu braço para que se apoiasse; os homens descobriam-se e curvavam-se reverentes á sua passagem; — e elle, sorrindo a todos, apertava a mão a este, abraçava aquelle, beijava a fronte de uma, alisava os cabellos de outra; era ao que havia de receber primeiro as caricias do velho, que as tinha para todos, e que a todos as dava com o coração trasbordando-lhe de felicidade!

E como era feliz o medico de Aveiro! — Os seus dois filhos, e a sua boa, extremosa e dedicada filha, que resumiam todos os amores d'aquelle grande coração, tinha-os elle visto crescer junto de si, adorando-o, venerando-o, e respeitando-o acima de todas as coisas do mundo. E a Providencia tinha-lhe dado uma vida bastante longa, para os acompanhar, até quando já as cãs lhes começavam a alvejar na cabeça, e para assistir ao colher dos fructos, cuja semente elle tinha plantado com tão grande desvelo.

O seu José Estevão, sobre todos, tinha-lhe satisfeito os sonhos da maior ambição e do maior orgulho, que podia ter um pae como Luiz Cypriano. Elle morria, sabendo que seu filho, armado sómente do poder da sua palavra, tinha conquistado a estima e o respeito de todos os seus concidadãos, um nome, o mais illustre na historia da liberdade da sua patria, e o primeiro

logar entre os grandes oradores do mundo; e esse filho estava alli, ao pé d'elle, para receber o ultimo adeus do despedir da vida! Que mais podia querer e ambicionar um pae?!

Mas José Estevão; quão differente era o seu sentimento, e que dôr podia egualar a sua! Luiz Cypriano, não era só seu pae, era tambem seu mestre; era o seu amigo nos prazeres e nas magoas; era o seu exemplo na virtude e na crença; era finalmente o unico amor vehemente, apaixonado, e verdadeiramente grande, que a sua alma até então sentira, e o seu coração experimentára.

Não obstante a avançada idade de Luiz Cypriano, nunca José Estevão pensára que houvesse de sobreviver-lhe.

A vida de seu pae era-lhe tão necessaria á sua vida, que elle chegára a esquecer-se; não cria, nem podia conceber, que Luiz Cypriano estivesse sujeito á sentença de morte a que está ligado o nascimento dos homens. E todavia a verdade tremenda estava alli implacavel, fria, inerte, e paralytica, apontando-lhe para o cadaver de todas as suas illusões, de todos os seus sonhos, de todas as suas affeições, do seu amor mais querido, da sua dedicação mais extremada, — para Luiz Cypriano moribundo!

— Adeus, filho adorado, morro feliz; cumpri como

soube a minha missão na terra, e vejo que a cumpri bem, porque Deus me concede na hora extrema o prazer de te ver, de te abraçar, de sentir entre as minhas a tua mão; esta mão leal e honrada, de cujo aperto sincero eu só sei o valor. Morro em paz; morro n'uma idade a que poucos homens já chegam; morro depois de ter gosado as preciosas delicias de todos os triumphos, que tu filho alcançaste com as grandes qualidades e virtudes do teu character, e que sempre vieste depositar-os agradecido nas mãos de teu velho pae, que teve a fortuna de poder preparar e dirigir esse character com que a patria um dia ainda se ha de enobrecer. Que mais podia eu esperar na terra? mais felicidade que tu me desses? a alegria tambem mata! E chegada a minha hora, e não vem cedo. Accetta, filho, a minha benção, que vou esperar-te no céo, onde Deus me reserva a recompensa de te haver creado.

Estas palavras que a consciencia de José Estevão devia ouvir, sem que fossem pronunciadas, foram a unica consolação para a dôr pungentissima, que lhe rasgou a alma, no momento em que os olhos de seu pae se cerraram para sempre, e que a sua fronte veneranda se cobriu com os suores da morte.

O dia 27 de março de 1856 foi um dia de luto e de lagrimas para a cidade de Aveiro. É que Luiz Cypriano, mesmo quando não fosse o pae de José Este-

vão, era uma reliquia respeitavel que Aveiro possuia, para mostrar aos homens de agora o que era um portuguez d'essas eras felizes em que a honra e a virtude não eram titulos, mas qualidades nacionaes,

XVIII

A morte de Luiz Cypriano deixára em José Estevão o coração vasio do unico amor que n'elle disputava o amor da patria.

Mas aquella alma de uma sensibilidade extraordinaria; aquelle espirito sublime, que tinha conservado todas as delicadezas de um character adolescente no meio dos trabalhos de uma vida agitada pelas commoções politicas, e pelas vicissitudes da guerra, precisava de outra alma que o comprehendesse, e onde elle podesse ir beber os affectos indispensaveis ao seu viver nos ocios do seu lidar.

N'uma viagem, que havia tempo fizera ao Porto, conheceu alli a ex.^{ma} sr.^a D. Rita de Miranda, filha do notavel medico Custodio Luiz de Miranda, e de D. Margarida Miranda de Moura, prima co-irmã do illustre José Ferreira Borges. As raras qualidades e virtudes d'aquella senhora inspiraram-lhe a sympathia

de que depois nasceu essa paixão nobilíssima, e reciprocamente dedicada, que tão pouco tempo os ligou no mundo; mas que deixou para sempre preso á sua memoria o coração da esposa estremosa e estremecida.

José Estevão tinha encontrado a digna companheira dos seus gosos e pesares. A ex.^{ma} sr.^a D. Rita de Miranda era a mulher destinada pela Providencia para ser a mãe e a educadora dos filhos do primeiro cidadão portuguez.

No dia 7 de junho de 1848 uniu-se no paço do bispo do Porto em laço matrimonial José Estevão Coelho de Magalhães á ex.^{ma} sr.^a D. Rita de Miranda de Magalhães.

Fiel ao preceito de Catão, o immortal orador portuguez, pensava como o censor romano «que havia mais merecimento em ser bom marido do que grande senador.» E o homem galanteador e despreoccupado nos apraziveis entretenimentos da sociedade das mulheres, foi um marido exemplar.

XIX

O ministerio *historico* vivia ainda a vida ephemera dos governos, que não tem um principio politico a que

obedeçam, nem iniciativa propria em reformas de administração, que os preocupe.

A febre amarella que tinha devastado a capital do reino em 1857, paralyzando todas as operações commerciaes, e affastando do centro do movimento e da acção governativa a maior parte do functionalismo, a quem o medo do contagio fizera fugir dos diversos postos que occupavam no serviço da nação, desviou a attenção do povo dos negocios do estado; e o ministerio, que folgava de encontrar na desgraça publica um pretexto para esconder a sua habitual indolencia e inercia, aproveitou-se de todas estas circumstancias para pedir indulgencia aos ataques da opposição.

De nada lhe serviram as treguas que obteve. Os governos inhabeis tem em si mesmos o principio da sua aniquilação. Não é preciso combatel-os; elles mesmos se matam, deixando-se atropellar pelo correr do progresso e da civilisação, que não podem, nem sabem acompanhar.

O ministerio *historico* teve esse destino. O sr. José Passos baptisou-o de rasgadamente progressista, e absolueu os srs. Avila e Carlos Bento dos peccadilhos antigos; e os grosseiros especuladores das sympathias populares, tiveram a ousadia de levantar altares ao somno e á preguiça, obrigando as multidões a prestar-lhe um culto idolatra, como se aquellas falsas e ri-

diculas imagens fossem o progresso, a liberdade, o trabalho e a civilização.

A reforma da camara dos pares, que era um dos principios fundamentaes da politica do partido setembrista, de que o partido historico aleivosamente se diz herdeiro, não só foi deslembrada pelo ministerio, como completamente desmentida na larga *fornada* com que entretiveram o fogo sagrado do poder aristocratico e retrogado.

Mas até n'isto foi tão grande a inhabilidade como a apostasia; porque, dizendo os amoucos da situação, que a nomeação de novos pares tinha por fim infiltrar sangue novo n'um corpo fraco e envelhecido; a maior parte dos arminhos que deram, cobriram cada-veres galvanisados, e os outros enfeitaram pretensões e vaidades mais repugnantes do que as que já existiam no senado.

O povo não gostou de vêr assim sophismar os principios de um partido de que os ministros se diziam chefes; e, fechando os ouvidos aos panegyricos comprados, com que pretendiam adormecel-o, favoreceu com o seu desprezo os proclamados salvadores das instituições livres, não vendo no passado politico dos mais honestos d'elles, outra coisa além da condemnação da sua vida presente.

Era preciso dinheiro para acudir ás despesas cor-

rentes do estado, e aos trabalhos publicos emprehendidos; e o ministro da fazenda, não possuindo outros recursos para o haver senão o favor da agiotagem, que então se fez difficil e remissa, e não podendo suspender os pagamentos ao functionalismo, que o governo da regeneração tinha posto em dia, porque isso seria lavrar a sua sentença de morte—deitou abaixo o ministerio.

XX

Os partidos que estavam na opposição, tinham-se colligado nas ultimas eleições, para irem juntos á urna combater o ministerio.

Foi um pessimo alvitre aquelle; porque, ainda que o fim primario a que se propunham, era o mesmo, e portanto não fôra estranho que se encontrassem e caminhassem juntos para o alcançar; o povo não distinguio bem estas evoluções e conveniencias politicas, e desagrudou-lhe vêr de parceria homens que havia pouco se tinham injuriado e combatido reciprocamente. Temeu que a colligação, que então só era eleitoral, viesse tambem a ser politica; e como n'essa fusão das differentes escolas teriam forçosamente de prevalecer os principios politicos de uma sobre os das outras, po-

dia acontecer que os sacrificados fossem os das escolas mais liberaes, o que o povo não desejava, nem queria.

Effectivamente depois da queda do ministerio ainda persistiu a colligação, e foi chamado o duque da Terceira para presidir a uma administração, onde teve por collegas, além dos srs. Fontes, Martens Ferrão e Ferreri, os srs. Casal Ribeiro e Antonio de Serpa, que não só nunca tinham pertencido ao partido carlista, e muito menos ao cabralista, mas o primeiro d'elles até tinha conquistado a estima e o respeito publico por escriptos notaveis, que publicára em favor das idéas mais democraticas e republicanas.

O mau effeito produzido pela colligação partidaria, desvaneceu-se em presença dos caracteres escolhidos para a representarem no poder. Realmente, nenhum ministerio se apresentou ainda á frente da administração, que viesse tão bem escoltado das esperanças, que o merecimento já experimentado do sr. Fontes no trato dos negocios certificava, e que a probidade, a idade e os talentos dos srs. Casal Ribeiro, Martens Ferrão e Serpa faziam conceber.

Além d'isto o chefe da situação era a maior gloria das luctas da liberdade, e, se não tinha pertencido nunca ao partido democratico, fôra sempre um soldado fidelissimo do throno e da Carta, e um partidario moderado e tolerante.

José Estevão, cuja influencia e conselho tinha entrado por muito na formação do ministerio, foi um dos seus mais entusiastas defensores.

Elle bem sabia que só á intelligencia provada, activa e honesta pertence a honra de dirigir e administrar os povos ; e, se a sua abnegação e desprendimento das grandezas do mundo, junto aos principios immutaveis da sua politica, o affastavam do governo do estado, até ao momento em que essas idéas se podessem pôr em pratica, com o consenso publico e sem perturbação da ordem e da segurança nacional ; não era isso razão para que deixasse de applaudir e festejar a ascensão ao poder de intelligencias noveis, que elle com satisfação tinha visto crescer e medrar na imprensa e no parlamento, defendendo as liberdades publicas

Apoiou portanto, com toda a lealdade de que elle era capaz, o novo ministerio ; mas a sua dedicação foi mal comprehendida pelo paiz, e ainda peor agradecida pelos ministros.

XXI

O ministerio do duque da Terceira e do sr. Fontes ficou infelizmente muito áquem das esperanças, que o saudaram á sua ascensão.

O programma da regeneração foi o adoptado pelos novos ministros, que quasi todos tinham militado com extrema distincção na sua defeza. Mas faltava a grande experiencia de Rodrigo da Fonseca, e o seu espirito previdente e conciliador, para moderar o animo precipitado dos seus collegas, e desvanecer os atrictos das suas encontradas opiniões.

O ministerio resentiu-se da perda d'aquelle notavel estadista, e o paiz soffreu com ella. Comtudo havia um meio de se remediar vantajosamente aquella falta, se o amor proprio dos novos ministros tivesse sido mais docil aos conselhos de José Estevão, e se acceitassem a direcção de um homem publico tão competente, e a quem tanto elles deviam, e o partido politico, cujos representantes eram.

Mais uma vez a vaidade suplantou a razão, com prejuizo da causa publica.

Apesar de tudo, o ministerio trabalhou e fez muitas coisas uteis; e se foi infeliz em alguns dos contractos que realisou, e em muitos actos da sua administração, deveu-o á pouca escolha das entidades que chamou para junto de si, e de que fez elementos do machinismo governativo.

A vida parlamentar do ministerio foi agitada e proveitosa.

José Estevão e os ministros sustentaram sósinhos o

combate contra todas as vozes que o partido historico tinha na camara ao seu serviço.

A discussão do contracto do caminho de ferro feito com o sr. D. José Salamanca foi uma das notaveis campanhas d'aquella sessão legislativa. José Estevão, a quem uma longa experiencia havia demonstrado a necessidade, que tem um paiz, pequeno como o nosso, e desprovido ainda de muitos dos beneficios da civilização, e onde as fortunas nacionaes, pela maior parte adquiridas por contrabando, e por commercios illicitos e repugnantes, se affastam dos negocios publicos, onde a publicidade é nociva á sua procedencia, para se darem a uma vergonhosa agiotagem, em que os lucros desgraçadamente são menos arriscados; José Estevão, repetimos, reconhecendo a necessidade que tem um paiz n'estas circumstancias de chamar a si, para o estabelecimento das grandes empresas, os capitaes estrangeiros, entendeu, e entendeu bem, que esses capitaes só viriam em condições vantajosas, e que ao governo competia, sem prejudicar a fazenda publica, adoçar as condições dos contractos por fórma que os grandes empreiteiros os não desamparassem.

Tinham sido já muitos os contractos de caminho de ferro, que se tinham apresentado ao parlamento, e muitos tinham sido os especuladores que tinham pretendido a empresa, faltando aos compromissos, que ti-

nam estabelecido com o governo. E era depois d'isto que se nos apresentava um capitalista acreditado, com vontade decidida de construir os nossos caminhos de ferro, offerecendo solidas garantias ao paiz do cumprimento do seu contracto.

Desprezadas as propostas do sr. D. José Salamanca, ficavam indeterminadamente adiadas as construcções dos caminhos de ferro em Portugal; porque não havia então a menor probabilidade de que apparecesse outro capitalista, ou outra companhia que tomasse conta da empresa.

José Estevão portanto approvou o contracto feito pelo governo com o capitalista hespanhol, com a consciencia de que prestava com o seu voto um grande serviço ao progresso, á industria, e á civilisação do seu paiz.

Foi por esta occasião que o grande orador deu mais um testemunho do estremado affecto que sempre o prendeu á cidade de Aveiro; porque ás suas solicitações, e ao seu incansavel desvelo, e sómente a elle, devem os aveirenses, que a estrada de ferro de Lisboa ao Porto passe junto das suas habitações.

XXII

A refórma financeira que o ministerio historico não tinha tido a coragem de propôr, e que o seu empregado ministro da fazenda era incapaz de realizar, foi feita pelo sr. Casal Ribeiro.

Aquella refórma, com quanto não fosse uma nova conquista dos principios de economia politica, nem uma extraordinaria concepção financeira, foi todavia uma absoluta necessidade do momento, que só teve de mau a falta das medidas secundarias que a deviam acompanhar.

Tinham-se votado consideraveis despezas, e era preciso portanto crear os meios de lhe fazer face. Foi o que fez o sr. Casal Ribeiro; e, se nos projectos que apresentou, não havia completa harmonia e homogeneidade, houve um principio economico, que se affastava das rotinas e dos expedientes mesquinhos e nocivos á fazenda publica, que até alli se tinham seguido.

José Estevão votou as medidas de fazenda, e foi logico, porque tinha votado as despezas. — Outro tanto não aconteceu aos que rejeitaram os meios, votando as

despezas nos bancos da opposição, para depois applaudirem nas cadeiras do ministerio o que tinham rejeitado, e lamentarem-se do que tinham applaudido.

Por occasião da discussão parlamentar das medidas de fazenda apresentadas pelo sr. Casal Ribeiro, perdeu o ministerio dois dos seus membros. O ministro da marinha Adriano Mauricio Guilherme Ferreri, que foi accommettido de uma apoplexia dentro da camara dos deputados, e a que sucumbiu horas depois; e o duque da Terceira, presidente do conselho e ministro da guerra, que falleceu em consequencia de antigos padecimentos, no dia 26 de abril de 1860.

José Estevão pagou um admiravel tributo de respeito ao seu antigo general, no magistral artigo que escreveu na *Revolução de Setembro* de 29 d'aquelle mez.

Foi chamado para occupar a presidencia do conselho o sr. Joaquim Antonio de Aguiar; a pasta da guerra foi confiada ao sr. visconde da Luz, e a da marinha ao sr. Antonio Marcellino de Sá Vargas.

A feição politica do governo não mudou com esta nova construcção, mas foi recebida com poucas sympathias, e José Estevão não a applaudiu, não obstante continuar a apoiar o ministerio.

Durou pouco a nova situação. Um capricho injustificavel de um dos ministros, que fugira do governo mais precipitadamente do que para elle tinha corrido,

produziu a quéda, ou antes a fuga de todo o ministério; porque então deu-se um caso completamente novo nos annaes do systema representativo, que foi os ministros saírem do ministerio, tendo maioria no corpo legislativo, sem prevenirem nenhum dos seus amigos politicos, nenhum dos homens, que, como José Estevão, os tinha lealmente acompanhado, sacrificando por vezes a sua popularidade, e sem que houvesse um motivo extraordinario que justificasse aquelle procedimento.

José Estevão nunca perdoou este passo impolitico dos homens que tinha sustentado no poder, nem a desconsideração que d'elles recebeu; e logo, n'esse mesmo dia da quéda do ministerio, fulminou os fugitivos, e declarou á camara e ao paiz, que d'aquelle momento em diante terminavam as suas ligações politicas com todos os partidos; — que havia de continuar a trabalhar como podia e sabia em proveito da sua patria; mas que não tornava a sacrificar nem um só dos principios da sua politica aos interesses de nenhuma parcialidade, nem prestaria a auctoridade da sua voz á sustentação de nenhum ministerio.

Infelizmente não cumpriu a sua promessa tão rigorosamente como fôra para desejar.

XXIII

A fortuna encarregava-se de compensar José Estevão nas alegrias domesticas dos dissabores que recebia da politica.

A 13 de setembro de 1859 tinha Deus concedido um filho ao grande cidadão, a quem elle deu o nome de Luiz Cypriano, para que os eccos da sua casa, que ainda repetiam o nome saudoso de seu chorado pae, não chamassem em vão por um ente querido e apaixonadamente amado; — e no principio do anno de 1861, deu á luz sua esposa uma filha, cujas feições eram a mais adoravel miniatura da bella e rasgada physionomia do grande orador, e cujos encantos precoces foram a loucura do pae, que sonhou todas as felicidades do céo no amor que esperava da filha.

Não quiz o destino que o sonho se realisasse n'este mundo, para que o pae podesse encontrar o rosto da filha adorada no côro dos anjos do festim celeste, que o recebeu na mansão eterna.

José Estevão era tão feliz com o amor de sua esposa, e com as caricias infantis dos seus filhinhos, que muitas vezes esteve tentado a deixar os trabalhos da

vida publica, para se entregar completamente aos prazeres da vida domestica. Mas os sentimentos patrioticos do seu grande e nobre coração não lhe consentiram este egoismo; e sem que nunca podesse possuir-se da loucura civica, mas deshumana de Bruto, elle todavia não esqueceu que era portuguez antes de ter sido pae; e por isso cumpriu até ao fim da vida os deveres de cidadão.

XXIV

Com a queda do ministerio presidido pelo sr. Joaquim Antonio de Aguiar foi novamente chamado aos conselhos da coroa o sr. marquez de Loulé; realisando-se por esta operação um phenomeno similhante ao que succede, quando ha necessidãde de empregar os armadores de Lisboa.

São duas só as casas commerciaes que fornecem á capital estofos para o guarhecimento dos salões e *boudoirs*, de fôrma que o comprador, que se não contentar com o sr. Gardet, tem que se sujeitar ao sr. Gaspar.

Voltou pois o sr. marquez de Loulé com os seus companheiros do outro ministerio, havendo sómente uma pequena modificação na distribuição das pastas.

—O sr. Carlos Bento, que na sua modestia reconhe-
cera ter insufficientes conhecimentos technicos para
estar á frente da repartição das obras publicas, accei-
tou a gerencia do ministerio da marinha, onde pensou
ter encontrado a sua especialidade.

Para a pasta das obras publicas foi chamado o sr.
Thiago de Horta, que tivera o merecimento de aban-
donar a regeneração na vespera da sua queda, e de
aristocratisar o seu nome com a particula *de*, para que
o do presidente do conselho se não estomagasse com o
plebeismo do collega.

O ministerio dos estrangeiros requisitou-o o sr. Anto-
nio José d'Avila, receoso de que a indolencia do sr. mar-
quez de Loulé o compromettesse em algum outro ne-
gocio como o da *Charles et George*. O corpo diploma-
tico não gostou da mudança; as maneiras do presi-
dente do conselho affeioavam-se mais á sua educação
do que os habitos madrugadores do sr. Avila.

A camara e o paiz receberam o ministerio com a
mais completa indifferença. — Esperaram os seus actos
para o julgar, mas o primeiro d'elles desagradou a todos.

O ministro da fazenda pediu ás côrtes que addias-
sem a discussão do orçamento. A camara dos deputados,
seguindo d'esta vez o primeiro dos preceitos constitu-
cionaes, negou o addiamento, e o ministerio que não
queria, nem podia discutir, dissolveu o parlamento,

mandando proceder ás novas eleições em abril d'aquelle anno de 1861.

Por esta occasião já os animos em todo o paiz e sobre tudo na capital, andavam agitados com a presistencia no reino das irmãs da caridade, que debaixo da inspiração dos padres lazaristas, dirigiam em todos os collegios da infancia desvalida a educação dos filhos do povo.

O governo, que buscava um elemento de vida no mais insignificante pretexto, pretendeu cercar-se de uma falsa popularidade, e publicou a celebre portaria de 5 de março, que prohibia o ensino nos collegios a todas as irmãs da caridade, marcando o praso de quarenta dias, para que ellas obedecessem depois de intimadas.

O praso terminou; as irmãs da caridade desobedeceram, e o ministerio, que não tinha a menor idéa precisa sobre aquelle assumpto, e que o que pretendia, era conservar a sua rachitica existencia, começou a procurar um novo elixir, até que o encontrou na *entidade juridica* das congregações religiosas.

O povo burlado pelas promessas não cumpridas do governo, manifestava o seu descontentamento na imprensa, nas conversações particulares e nas reuniões publicas.

Era esta a situação politica do paiz por occasião das eleições de 1861.

LIVRO QUARTO

I

Chegamos ao ultimo, ao mais curto, e ao mais notavel e agitado periodo da carreira publica de José Estevão.

Terminada a sessão legislativa, retirou-se o grande orador para Aveiro, desgostoso com as coisas politicas. O governo do paiz estava em mãos inhabeis, e de todo o ponto incompetentes de tomar a iniciativa nas muitas reformas administrativas de que carecemos; e a sua politica biface fazia conceber serios receios pela sorte das liberdades publicas.

A opposição colligada com o partido retrogrado, tinha infelizmente realisado as aprehensões do povo, por isso que a parte liberal d'ella estava completamente

dominada e absorvida pelo grupo reaccionario, e os caracteres mais notaveis do antigo partido regenerador, obrigados por uma desgraçada fidelidade ao principio da colligação, defendiam doutrinas obsoletas, que a sua consciencia de homens publicos reprovava, e contra as quaes se insurgia o seu passado politico.

José Estevão, meditando n'esta infeliz situação politica da sua patria, affligia-se, mas não desanimava pela sorte d'ella; porque elle bem sabia que uma nação de tres milhões de homens, nas condições geographicas e climatologicas de Portugal, tem em si recursos bastantes, para se poder governar como quizer, logo que o povo accorde da sua culposa indiferença e se resolva a fazer entrar para sempre na obscuridade d'onde saíram, todos esses caracteres falsos de que a mesquinha politica dos nossos dias tem feito idolos.

Era chegada a época das eleições. — O governo mandou combater a eleição de José Estevão, por todos os meios que o mais leve pudor politico reprova e condemna, apresentando como candidato ministerial um homem, até então completamente estranho ás coisas publicas, e cujo nome ignorado nas lettras e na politica, foi compromettido pela inqualificavel impudencia do governo, que o mandou disputar a candidatura á nossa primeira gloria parlamentar, e ao nome mais bemquisto e respeitado do paiz.

José Estevão até esta vilania perdôou; e no dia 15 de abril de 1861 escreveu uma carta aos seus eleitores, pedindo-lhe os suffrágios, onde, não só se não lia a mais leve insinuação ao candidato do governo, mas onde nem sequer tomava o menor desforço do procedimento do ministerio.

II

A carta de José Estevão aos eleitores de Aveiro, é um documento político da mais alta importância. O grande orador, depois de explicar todas as vantagens, que para a escolha dos candidatos, offerece ao povo a presente lei eleitoral, que elle ajudou a collaborar, depois de insistir pela organização dos comícios electoraes, recommendando aos seus concidadãos que não votassem em nenhum individuo, que não fosse pedir os suffragios ás associações publicas, e que alli se não prestasse a ser discutido e confrontado com o seu adversario, e que não respondesse, a todas as perguntas que os eleitores lhe quizessem dirigir sobre as coisas publicas; depois de protestar contra a intervenção de quaesquer auctoridades nos actos electoraes, fazendo conhecer ao povo todas as perfidias com que costuma

ser illudido n'estas occasiões, promettendo-se-lhe isenções de impostos, que elle forçosamente tem que pagar, e a indulgencia para delictos que a lei não perdôa; — diz aos eleitores qual é o seu partido politico.

José Estevão tinha entrado na vida publica debaixo das bandeiras do partido setembrista, e tinha militado nas fileiras d'esse partido até 1851.

Quando o sr. duque de Saldanha inaugurou o partido da regeneração, vimos já como José Estevão destacou para as fileiras d'esse partido, comprehendendo que era então ensejo de suspender as discussões politicas, para se occupar exclusivamente dos melhoramentos materiaes da civilisação, que o partido regenerador intentava.

Agora, porém, que as idéas reaccionarias e retrogradas, que estavam esquecidas e sepultadas no pó dos seculos passados, pareciam renascer, apresentando-se a defendel-as no parlamento e na imprensa, os caracteres que o progresso e a liberdade tinha condemnado ao ostracismo da vida publica; agora que o partido regenerador se achava fatalmente ligado ás differentes fracções do partido absolutista, e que indiscretamente apoiava as pretensões clericaes, José Estevão, cioso dos principios por que sempre tinha pugnado na sua brilhante carreira politica, e receioso pela sorte da liberdade, affastou-se dos seus antigos e modernos com-

panheiros, declarando aos seus eleitores e ao paiz, qual era o partido em que ia militar.

Disse José Estevão:

«Para o futuro pertencerei de certo ao partido, que começa a formar-se, que já está crescendo, que vive entre nós sem termos dado por tal, que nos inspira sem nós o sentirmos, e que mesmo do berço dirige as coisas publicas e domina até os homens da mais forte vontade.»

«Este partido será um producto de todos os partidos que ora existem, ainda com um nome politico, mas sem substancia doutrinal, producto alcançado, não pelo concerto de individualidades, de coalisões ephemeras, de parcerias ambiciosas, mas pela trituração da opinião publica, pela acção da consciencia universal, pela solibildade das pequenas paixões, e das importancias artificiaes no grande e irresistivel sentimento nocional, que transforma tudo quanto lhe convém assemelhar, e destroe todas as heterogeneidades que lhe resistem, ou que lhe não servem.»

«Este partido não se parecerá em character a nenhum dos partidos existentes, nem se filiará nas glorias de nenhum d'elles, nem será um engenho politico incapaz de acção propria e embargante da acção dos outros, em seu gremio ocioso e solipso, que afaste e maltrate como apostatas todos os que se não curvem ás suas idolatrias.»

«Este partido será a ligação de todas as capacidades prestáveis para a governação publica, tendo por intuito commum a civilisação do paiz em todas as suas fórmas. Se este partido fosse obra dos homens, ou a sua creação podesse ser contrariada por elles, talvez se não fizesse; mas esta ordem das coisas surge, rebenta da nossa situação.»

Antes do grande orador ter manifestado estas opiniões, e de ter, por assim dizer, levantado o véo que cobria o berço d'este novo e grande partido, já outro candidato da opposição nas eleições d'este mesmo anno, e que se apresentava pela primeira vez na vida publica, tinha dito em 7 de abril aos eleitores do circulo, cujos suffragios sollicitava, as seguintes palavras:

«Tenho fé em que a regeneração d'esta terra virá de um partido, do maior partido, do unico partido verdadeiramente liberal que existe em Portugal, mas que existe sem organisação, o partido dos politicos indifferentes por terem soffrido desenganos após desenganos, desillusões após desillusões, vendo succederem-se homens a homens na governação publica, e o mal ficar o mesmo.»

Esta communidade de opiniões, este presentimento da salvação politica do partido democratico, que tivera um homem novo, e completamente alheio ás lides

políticas, conforme na idéa ao sentimento do grande orador, já amadurecido nas luctas dos partidos, foi motivo bastante para que esse homem superior e unico no seu tempo e no seu paiz, estendesse depois a sua mão protectora ao neophito, e lhe consagrasse a estima de pae com que o honrou, e cujo testemunho de eterna gratidão á sua memoria, elle mesquinamente paga n'este livro que escreve.

Fizeram-se as eleições, e José Estevão, não obstante a guerra que á sua candidatura fez o governo e as suas auctoridades, o beaterio e o partido clerical, de que elle era o inimigo certo, terrivel e implacavel — safu deputado.

A este triumpho mesquinho e amargurado pelas misérias que teve que affrontar para o obter, veio juntar-se a dôr e a afflicção domestica.

Quando José Estevão recolhia a sua casa, cansado da lide eleitoral, encontrou a sua Joanninha, a sua filha estremecida, o seu thesouro mais precioso, o seu cuidado mais querido, o fructo de tantas flôres, a luz reflectida da sua alma, debatendo-se nas convulsões da morte.

O pobre pae cafu de joelhos, junto do berço da filha moribunda; os soluços embargavam-lhe a voz, as lagrimas cegavam-lhe os olhos, a dôr paralytava-lhe o gesto, e aquella sublime eloquencia, n'esse momento su-

premo, só com o pulsar do coração ancioso podia exprimir ao anjo que regressava á patria, a saudade que no mundo lhe deixava.

Poucos minutos depois aquella porção adorada da sua alma subia ao céu nas azas alvas da innocencia; e José Estevão abraçado á esposa idolatrada, exclamava com o poeta das *Meditações*:

«Maintenant, tout est mort dans ma maison aride,
Deux yeux toujours pleurant sont toujours devant moi;
Je vais sans savoir où, j'attends sans savoir quoi;
Mes bras s'ouvrent à rien, et se ferment à vide.
Tous mes jours et mes nuits sont de même couleur;
La prière en mon sein avec l'espoir est morte.
Mais c'est Dieu qui t'écrase; ô mon âme, sois forte!
Baise sa main sous la douleur!»

III

Chamado pelo dever civico ao seu posto de honra, José Estevão chegou a Lisboa no dia da abertura do parlamento.

A questão das irmãs da caridade trazia agitadissimos os animos dos habitantes da capital. O governo, querendo acobertar-se com uma falsa popularidade, para

á sombra d'ella poder conservar alguns dias mais a sua effeminada existencia, fingia desejos de terminar a questão do modo reclamado pela opinião, publicando portarias, que eram escarnecidas, e decretos que foram desprezados.

O sr. marquez de Loulé, collocado na falsa posição de querer as acclamações do povo, e as boas graças da aristocracia, ameaçava em documentos publicos a congregação religiosa de S. Vicente de Paulo, ao passo que lhe assegurava a sua conservação nas conversações do gabinete.

O povo comprehendendo os enredos d'esta grosseira diplomacia, e desejando ver affastada do ensino publico toda a influencia clerical, clamava contra o ministerio, que fingia querer a saída das irmãs da caridade de todas as escolas; e contra a opposição, que pugnava pela sua conservação na direcção dos asylos da infancia desvalida.

Era n'uma sociedade popular e democratica creada pelo partido *historico*, no tempo do ministerio do duque da Terceira e do sr. Fontes, para combater a politica da *regeneração*, que aquellas questões se agitaram mais calorosamente. Foi a sociedade *Patriotica* que promoveu o primeiro *meeting*, que houve no Passeio Publico, para pedir ao governo a saída das irmãs da caridade francezas e dos padres lazaristas do territorio

portuguez ; solicitação que teve por despacho a celebre portaria de 3 de março, e que satisfaz os desejos da sociedade, que em seguida deliberou fazer uma reunião publica, destinada a agradecer ao ministerio a sua resolução.

O delegado da sociedade *Patriotica*, que devia expôr ao povo, que se reunisse no Rocio, o objecto da reunião, inspirado por outros sentimentos, não seguiu os desígnios dos seus committentes ; e na hora aprazada conduziu os seus poucos ouvintes em irrisoria romaria até á residencia do sr. duque de Saldanha, no momento proclamado o salvador da patria.

O marechal avisado do ridiculo triumpho que lhe preparavam, fugiu aos seus acclamadores, e o cyrio desmanchou-se no meio do desprezo publico.

Foi por esta occasião que alguém, desejoso de tirar de sobre uma sociedade popular o stygma pouco lisonjeiro com que quizeram fulminal-a os ministeriaes e a opposição, se apresentou no meio dos honrados populares que a compunham, e lhe fez ver quanto a associação podia ser respeitada, se, em vez de se deixar levar por influencias bastardas, seguisse direita aos seus intuitos, com prudencia e dignidade.

O povo de Lisboa não queria os seus filhos ensinados por mulheres que pertencessem a associações religiosas. O dever da sociedade *Patriotica*, se queria ser

interprete digna do povo da cidade, era pois levar ao parlamento uma representação em que solicitasse a medida desejada, e em que expozesse aos representantes do paiz os aggravos que tinha do governo. Foi isto o que se lhe indicou, e foi isto o que ella fez.

Escreveu-se a representação, e como o presidente da camara, a quem uma commissão da sociedade *Patriotica* se dirigiu para a entregar, tivesse risíveis escrúpulos de a acceitar, deliberou a sociedade que fosse apresentada ao parlamento pelo deputado por Aveiro, que abertamente se encarregou do assumpto.

O redactor da representação era o auctor d'este livro. Conhecia José Estevão de lhe ter fallado uma vez em Coimbra, e duas vezes em Lisboa.

No dia em que o grande orador tomou conta da missão de que o encarregára a sociedade *Patriotica*, achavamo-nos nos corredores da camara. Elle viu-nos, dirigiu-se para nós, e disse-nos :

— Quero vê-lo muitas vezes, e fallar-lhe, appareça esta tarde por minha casa.

Fomos ; e desde então, até que beijámos a mão fria do seu cadaver, não houve um dia em que deixassemos de ir prestar homenagem da nossa admiração, do nosso respeito, e do nosso desinteressado amor, áquelle grande character, que se tinha dignado descer á nossa hu-

milde obscuridade, e chamar-nos á sua convivencia, honrando-nos com o seu affecto.

IV

José Estevão, não podendo acompanhar o partido da regeneração com a camaradagem do partido retrogrado, e não querendo por nenhuma fórma associar-se ás doutrinas politicas, que os seus antigos companheiros estavam defendendo na imprensa; tinha largado a redacção da *Revolução de Setembro*, e vendeu a sua propriedade aos cavalheiros que hoje a possuem.

Mas a posição politica que o grande orador tinha assumido depois da declaração que fizera aos seus electores, da qual se deprehendia que nem o partido historico, nem o partido regenerador podiam já contar com a sua eloquencia para os defender e acompanhar, collocava-o na necessidade de ter na imprensa um jornal seu, orgão das suas opiniões politicas, que podesse responder aos ataques, que lhe dirigiam os jornaes de todas as parcialidades.

Com o fim de satisfazer este desejo e de prestar a José Estevão este serviço, creámos o jornal *A Liberdade*, com os pouquissimos recursos de que podiamos dis-

pôr, e fômol-o sustentando em quanto podêmos, sós, contra todos, até que os amigos e conterraneos de José Estevão, inspirados do mesmo pensamento, crearam também um jornal, o *Districto de Aveiro*, que ainda hoje se publica com honra para a imprensa portugueza, e bom credito para aquella illustrada redacção.

O primeiro numero da *Liberdade* foi publicado no dia 26 de junho de 1861; — o seu primeiro artigo foi redigido por José Estevão, que depois a continuou a honrar com a sua collaboração.

A guerra feita pela imprensa politica do paiz ao grande orador, e ao jornal que o defendia, foi a principio mansa e cortez, desmandando-se depois da parte de alguns em injurias e affrontas, que o bom senso publico fez recair sobre os que não tiveram pejo de se servir de taes armas, para combater um homem publico, que, embora seu adversario politico, era credor do respeito e da consideração de todos os homens liberaes, pelos serviços desinteressadissimos, que em todas as occasiões da sua vida prestou á causa popular.

Seja dito, para remorso eterno dos que o offendiram, que as calumnias mais torpes, e os mais grosseiros abusos de linguagem, partiram de alguns jornaes ministeriaes.

A este tempo tinha-se já constituido o parlamento,

e começado a discussão da resposta ao discurso do throno. O ponto principal, e o mais importante do debate, foi a questão das irmãs da caridade.

O governo, que, como já dissemos, não queria resolver a questão, e que ao mesmo tempo temia declarar-se abertamente protector e defensor do instituto religioso, procurava desviar a attenção publica d'este assumpto com repetidos adiamentos.

Ultimamente apresentára um projecto de organização para o instituto de irmãs de caridade portuguezas, que era um mesquinho sophisma da questão principal.

bibRIA

Depois de terem fallado alguns dos mais notaveis oradores da opposição, os ministros da fazenda e da marinha, e o sr. Lobo d'Avila, relator da commissão de redacção da resposta ao discurso do throno, tres unicas vozes que de tantos votos tinha o ministerio, coube a palavra a José Estevão na sessão do dia 9 de julho, continuando ainda a fallar na do dia 10.

Não podemos dar melhor idéa do que foi aquelle arrebatador discurso, senão com as palavras, que então escrevemos, dominados pela impressão, que em nossa

alma causou a brilhante e magistral oração que ouvimos.

Depois da sessão do dia 9 dizíamos na *Liberdade* :

«A sessão de hoje na camara dos deputados marca uma pagina brilhantissima da nossa historia parlamentar.—Poucas vezes a tribuna portugueza se tem elevado em estylo, em eloquencia, e em idéas nobres, grandes, generosas e sublimes, nascidas do mais sentido e verdadeiro amor da patria e da liberdade, do que se elevou hoje com o discurso do illustre representante dos povos de Aveiro. Pouquissimas vezes se tem visto a palavra auxiliar com tão vivo colorido, e abrilhantar com tão grandiosas imagens a expressão de tão sanctos sentimentos, como aconteceu hoje ao sr. José Estevão, quando derramou pelos corações dos que tiveram a felicidade de o ouvir, a fé, a crença e a vida, que trasbordava do seu, manifestando-se nos vãos mais arrojados, a que póde subir a intelligencia humana.»

«Para fazer perceber o que foi este discurso, ou antes o que foi esta expansão da maior alma, e do mais portuguez coração, que bate em peito de homem, seria preciso citar aqui todas as palavras do sr. José Estevão; e ainda assim, fraquissima seria a idéa que poderíamos dar d'este triumpho monumental da verdade e do talento. O sr. José Estevão é um orador de que

não basta lêr os seus discursos; para os avaliar, é preciso ouvil-os, é preciso vêl-o; porque a idéa, a palavra, a voz, o gesto, estão por tal fórma ligados, e tão harmonicamente reunidos no character que distingue este orador de todos os outros, que separar ou abster-se de qualquer d'estas qualidades, é deturpar-lhe o discurso.»

«A convicção, o sentir profundo das idéas que exprime, e dos principios que advoga, ninguem pôde lêl-os nas palavras do sr. José Estevão; é preciso vêl-os na expressão franca e rasgada d'aquella bella fronte, e sentil-o nas inflexões da sua voz portentosa!»

«O enthusiasmo, o amor a indignação o desprezo e o respeito; todos estes sentimentos, todas estas paixões, todos estes modos de sentir e de crer, se destacam por sons e por melodias differentes no admiravel instrumento, que a Providencia concedeu a este genio, para levar o convencimento da verdade ás almas, e o enthusiasmo da liberdade aos corações!»

«Consola ouvir fallar assim! — Consolida as proprias crenças, e arraiga ao coração a fé dos principios que professamos, vêl-os exprimir e manifestar com convicção identica, por engenho tão superior, com facundia tão extraordinaria!»

José Estevão defendeu e sustentou a necessidade de crear e organizar um novo partido dos homens apro-

veitaveis de todas as parcialidades; partido grande, forte e robusto, que pense, que caminhe, quer seja no ministerio, quer dominando a opinião publica pela idéa, pela intelligencia e pelo trabalho.

Depois de censurar e fulminar a inercia, e a inhabilidade do governo em frente das necessidades que clamavam, e ainda clamam, em altos brados, administração, justiça, economia, vida e progresso, occupou-se especialmente da questão das irmãs da caridade, distinguindo a questão politica da questão religiosa, e provando com palavras tão sentidas quanto impregnadas de unção moral e religiosa, que o instituto de S. Vicente de Paulo era, não só inútil, mas altamente nocivo ao bem estar da sociedade; porque atacava os primeiros dogmas da religião christã — o amor da familia e a liberdade da consciencia.

Definindo a verdadeira caridade, e descriminando-a do sentimento vaidoso que nos leva a fazer o bem por ostentação, para que conste, e para que se saiba, o orador excedeu Lacordaire, e os maiores vultos do senado romano.

Certo da inutilidade da discussão, e convencido de que a questão se não resolvia, porque o governo a não queria resolver, José Estevão, dirigindo-se para as cadeiras dos ministros, com o gesto imperativo da auctoridade popular que representava, exclamou, refe-

rindo-se á profissão, que esteve para haver em Bemfica, de uma irmã da caridade portugueza:

«Pergunto ao governo, e especialmente ao sr. presidente do conselho, porque julgo que sobre a cabeça de s. ex.^a pesa principalmente a responsabilidade d'este negocio; pergunto a s. ex.^a se julga necessario o auxilio especial do corpo legislativo para resolver a questão das irmãs da caridade. Digo que pésa fortemente sobre a cabeça de s. ex.^a a responsabilidade d'esta questão, porque lh'o posso provar, e por isso empraso o nobre ministro a que na primeira occasião em que tome a palayra, declare francamente á camara se se julga com força sufficiente para resolver a questão sem dependencia do corpo legislativo, para a resolver realmente; porque eu devo declarar aos srs. ministros, que não sei qual é a força do seu decreto.»

«Vão a Bemfica, e assistam a uma profissão de irmã da caridade; porque bem sabem que as irmãs da caridade não estão em Santa Martha, mas em Bemfica.»

«Se o sr. ministro, ou por contemplações pessoaes, ou por qualquer outro motivo, não pôde cumprir as leis do estado, não tome então responsabilidade com que não pôde, e não se sirva da aureola popular, que cerca o seu nome e pessoa, para com essa influencia ter presa uma classe inteira d'este paiz, fazendo-lhe

persuadir que a sua presença no ministerio trará a solução d'esta questão, segundo os seus instinctos e opiniões. (*Muitos appoiados.*)»

«Os decretos estão passados, as portarias são immensas, está esgotado todo o arsenal administrativo, e em passando ámanhã — ha uma profissão de fé de irmã da caridade!... E depois d'ella entrar para a egreja, e de pedir a benção aos padres, ter-se-ha faltado ao respeito devido a este paiz, escarnecido do parlamento, dos srs. ministros, e de mim mesmo, que estou fallando em vão, e occupando-me de futilidades; porque não ha nada mais futil do que esta grande luta de palavras para uma coisa que se sabe que se não faz, nem se executa.»

A esta tremenda accusação respondeu o presidente do conselho com o seu habitual silencio; mas as palavras do grande orador tiveram auctoridade bastante para fazer recuar todos os protectores do instituto de S. Vicente de Paulo, diante do attentado contra as leis do reino; e a mulher que estava para professar em Bemfica, foi professar a Paris.

VI

Além da questão das irmãs da caridade, havia na resposta ao discurso do throno, outro ponto também importante.

A grande maioria do povo italiano, irmão nosso pelas tradições gloriosissimas da sua historia, pelas suas aspirações de liberdade, e pelos muitos infortúnios com que luctára para conquistar a sua independencia e autonomia, tinha-se reunido á sombra da mesma bandeira, sob a direcção do mesmo sceptro; e a espada gloriosa de Garibaldi, comprehendia o complemento da grande obra, trazendo ao gremio da patria commum os italianos de Roma e Veneza.

Portugal, que devêra ser o primeiro paiz da Europa, que reconhecesse e saudasse a Italia libertada, esperou que outras nações lhe tomassem o passo, e temeu dar o abraço fraternal á sua irmã pela honra, pela nobreza e pelo valor, sem o prévio consentimento dos grandes imperios.

A segunda parte do discurso de José Estevão, na sessão de 10 de julho, referiu-se a este facto; foi uma censura vigorosa da fraqueza e inhabilidade do ministério, e um protesto nobre e digno do sentimento nacional.

Eis o que escrevemos minutos depois de ouvirmos aquelle discurso:

«Occupou ainda a tribuna o sr. José Estevão; á elegia de hontem seguiu-se a epopéa de hoje. O genio inspirado hontem pelo sentimento do amor e da caridade, pelas ternuras da familia, e pelas crenças da verdadeira religião christã, vóou hoje a regiões differentes, inspirado pelo amor da nacionalidade, pela veneração á vontade augusta de um povo heroico, que, quebrando por uma vez as algemas que o opprimiam, e os ferros que o tinham dispersado e sujeito a dominios estranhos, se reuniu por impulso espontaneo debaixo de uma só bandeira, e sob um unico sceptro, o mais liberal do mundo.»

José Estevão demonstrou o erro politico que se commetteu, demorando o reconhecimento do novo reino de Italia, e não se dando uma solemne manifestação de assentimento pela victoria de uma causa, que é tambem nossa, por isso que os principios, que reconstruiram a nacionalidade italiana retalhada ha muitos seculos pelo jugo dos despotas, e pela força das suas bayonetas mercenarias, são os mesmos que sustentaram perante a Europa a nossa nacionalidade e a nossa independencia, quando em 1640 sacudimos o jugo hespanhol, que nol-as tinham roubado.

José Estevão disse, que a unificação italiana era

um facto, que nós deveríamos ser os primeiros a abraçar e a reconhecer; porque também somos italianos pelo legado que nos testou o rei-soldado, que morreu dentro das muralhas do Porto, junto do coração do imperador-rei, que trocou dois sceptros pelo nome glorioso de libertador da sua patria.

Carlos Alberto veio enxugar dentro dos muros da cidade invicta, as lagrimas derramadas nos campos de Novara; Carlos Alberto escolheu a terra portugueza para aqui vir consolar as suas magoas, e exhalar o ultimo suspiro entre homens liberaes, porque só assim o illustre rei poderia morrer na patria, morrendo fóra d'ella!

E o governo portuguez, que devia ser o primeiro a saudar o filho d'este valente soldado, pela felicidade que a Providencia lhe concedeu de realisar o sonho de seu pae, esperou que toda a Europa o fizesse primeiro que elle.

VII

José Estevão concluiu o seu discurso, mandando para a mesa o seguinte additamento á resposta ao discurso do throno, no ponto que se referia á questão do ensino:

«E para dar mais prestável auxilio aos institutos liberaes; e pôr termo a controversias e pendencias, que por muitos modos prejudicam o estado, a camara opina, que seria muito conveniente compendiar e revalidar o nosso direito politico e civil, ácerca de congregações religiosas, que prohiba no reino de Portugal o instituto das irmãs da caridade de S. Vicente de Paulo; esteja esse instituto constituido em congregações compostas exclusivamente de irmãs da caridade portuguezas, ou estrangeiras, ou de umas e outras; e estatuin-do-se outro sim n'esta lei, que fica defezo ás referidas irmãs da caridade o exercicio de seus ministerios, tanto nas escolas, como nas casas de beneficencia do mesmo reino de Portugal. — Lisboa 9 de julho de 1861. — (Assignado) José Estevão.

Quando este additamento foi posto á votação, obteve apenas vinte e tres votos, dos quaes a maioria foi da opposição. E poucos mezes depois este additamento tal qual está escripto, foi transformado em lei, e apresentado ao parlamento pelo sr. Anselmo José Braamcamp, e pelos seus collegas, que todos tinham votado contra a proposta de José Estevão, conjuntamente com o sr. Thiago de Horta, e outros membros de um tal club, que para ahí se inaugurou com o fim de dar *lustre e nervo* ao partido progressista, e honrar os principios democraticos e liberaes defendidos por José Estevão!

Póde ser sincero o arrependimento dos associados; póde ser que elles tenham as melhores intenções do mundo; mas é licito duvidar da boa fé da sua politica, e da sinceridade do seu testemunho á memoria do grande orador, desde o momento em que, com elle vivo, preferiram seguir a fortuna do ministerio a adoptarem a politica que hoje dizem seguir, depois do orador estar morto.

VIII

A impressão que causou na capital o monumental discurso de José Estevão, durou mais dias do que a dedicação posthuma dos seus pretendidos correligionarios, que esperam pelos vintens do povo, para elevar um monumento á sua memoria.

A classe operaria, que é a parte mais nobre do partido popular, começou a pensar na conveniencia de organizar um grupo politico, com o fim de levar ás cadeiras do governo o homem, a quem pertencia a direcção de uma nação livre, por direitos incontestaveis de intelligencia, de character e de eminentes qualidades civicas.

A sociedade *Patriotica* que, como dissemos, tinha

sido a interprete dos sentimentos hostis da população de Lisboa ao ministerio, na questão das irmãs da caridade, penhorada pelo modo brilhante de como o orador pugnára pela abolição de todas as influencias clericas no ensino das gerações futuras; de agradecida á justiça que José Estevão fizera dos intuitos liberaes d'aquella associação, deliberou inaugurar o retrato do grande orador na sala das suas sessões, na noite de 17 de julho, sem pompas, nem grandezas, porque as não podiam ostentar pobres e plebeus, mas com profunda dedicação, verdadeiro enthusiasmo e sincero e desinteressado amor ao tribuno illustre que, conservando-se sempre no meio do povo d'onde nasceu, tinha adquirido direitos á admiração e ao respeito que a magestade real rariissimas vezes conquista.

Esta singela homenagem do povo foi José Estevão agradecer-a á sociedade *Patriotica* na sessão de 27 de julho; porque elle, que sempre despresou os favores do governo, lisongeava-se, sem se ensoberbecer, com as distincções que o povo lhe conferia.

IX

A posição politica que José Estevão assumira, assustava devéras uma grande parte das cohortes minis-

teriaes; que, receiosa de que o sr. marquez de Loulé pensasse alguma vez em fazer coisa util ao partido *historico*, que o acclamava seu chefe, viesse a chamar para o ministerio o grande orador, que elles detestavam pela simples razão de que a mediocridade e a insignificancia sempre odeia o genio e a grandeza; fizeram um conluio com os ministros da fazenda e da marinha, para affastar do governo o presidente do conselho.

A miseravel questão do *trapiche* servia admiravelmente áquelles intentos; por isso que, desde o momento em que ella viesse á discussão parlamentar, havia a certeza de que a opposição votaria contra o illegal uso-fructo d'aquelle imposto, por principio de politica e de moralidade, e que a maioria, tendo uma occasião de se fingir independente em seu proveito, não a deixaria escapar, e votaria tambem contra.

Na sessão de 19 de agosto estava tudo preparado para se consummar o sacrificio da dignidade do presidente do conselho á vaidade do ministro da fazenda; e pela disposição dos animos, durante uma discussão agitadissima e vergonhosa, era certa a votação contra o sr. marquez de Loulé na sessão seguinte.

Foi n'esta conjuntura que o fallecido Moraes Mantas, que professou sempre pelo sr. marquez de Loulé a mais desinteressada estima, e uma fanatica dedica-

ção maçónica, veio pedir a José Estevão, empenhando para isso as antigas recordações da sua vida politica, a boa camaradagem, que sempre o unira ao grande orador, e os serviços que prestára ao partido em que ambos militaram, que tivesse uma conferencia com o presidente do conselho de ministros, porque só elle o podia salvar do desaire que lhe preparava uma parte da maioria.

Era uma acção bisarra e cavalheirosa; bastava portanto metade das sollicitações para José Estevão ceder. Foi effectivamente a essa conferencia, e saiu de lá, promettendo ao sr. marquez de Loulé, que a questão do *trapiche* seria adiada o tempo bastante para que s. ex.^a renunciasse ao direito banal que possuia, ficando salva a sua dignidade e pundonor.

Como elle cumpriu a promessa, e como lh'a agradeceram, sabe-o o paiz inteiro.

Na sessão do dia 20 propoz José Estevão o addiamento da questão do *trapiche*, até que fossem publicados todos os documentos a elle relativos, e que a camara revisse a legislação que regula o deslastre dos navios, fazendo cobrar pelo estado, e só por elle, o imposto lançado sobre os barcos nos differentes portos do reino.

Esta proposta foi votada pela camara, porque José Estevão no brilhante improvisado com que a sustentou,

fez mudar de opinião muitos dos membros da maioria, occasionando a formação da parcialidade, que depois se chamou dos dissidentes, e de que foram chefes os srs. Avila e Carlos Bento.

X

Para vergonha dos partidos em que se divide a familia liberal, só então se começou a discutir a vantagem de preparar a ascensão ao governo de um homem, que reunia as qualidades de José Estevão, e que nunca as desmentira na sua longa carreira publica.

Começaram a procurar o grande orador alguns membros da imprensa e varios deputados, os quaes, uns vinham pela dedicação ás suas crenças, e pela sinceridade da sua affeição a José Estevão; mas outros, e era a maior parte, trouxe-os esse sentimento, que os levou sempre a adorar o sol que nasce.

A *Politica Liberal* foi o primeiro jornal que, abandonando o seu eclectismo, veio associar-se á esperada fortuna politica de José Estevão.

Agitou-se a questão da conveniencia de começar desde logo a organisar-se o partido progressista, e propozeram-se differentes alvitres. O nosso foi sempre que

José Estevão convocasse por si só uma grande reunião publica de todos os cidadãos liberaes, que lhe expozesse o seu pensamento politico, e que solicitasse a congregação, o apoio, e os serviços de todos que o quizessem seguir.

O grande orador duvidou, cremos que sem razão, das grandes proporções que podia ter a reunião publica; temeu que ella fosse causa de agitações e tumultos, e rejeitou aquelle alvitre, para acceitar a indicação do manifesto escripto, que não era prejudicado pela nossa opinião.

Com este intuito, foram convocadas as redacções de todos os jornaes politicos, que se publicavam em Lisboa, para as conferencias que houve no escriptorio da *Politica Liberal*. Dos jornaes convidados faltou a *Revolução de Setembro*, com magoa de José Estevão e nossa.

Logo na primeira reunião propozemos que o manifesto fosse escripto por José Estevão, e só assignado por elle; mas as exageradas delicadezas do seu caracter, levavam muitas vezes aquelle audacioso revolucionario, a recuar timidamente diante de todos os actos em que a maledicencia e a calumnia podessem descobrir pretensões de dominio, ou de poderio; por isso se oppoz abertamente ao nosso pensamento, declarando que lhe era mais facil retirar-se para sempre á vida privada, do que dar aquelle passo.

Depois d'esta declaração, deliberou-se que o manifesto seria assignado pelos redactores dos jornaes que alli estavam representados, e que eram a *Politica Liberal*, o *Jornal do Commercio*, o *Portuguez* e a *Liberdade*; e propoz-se que o manifesto fosse redigido por José Estevão, que levou tão longe a exaggeração dos seus escrúpulos, que exigiu a cooperação de dois dos redactores presentes, para que o manifesto podesse ser apresentado ás conferencias, como redigido por uma commissão; mas effectivamente foi elle só quem o escreveu, admittindo depois algumas emendas e additamentos do sr. Mendes Leal.

A redacção d'aquelle manifesto não era facil, por ter de o assignarem homens de differentes procedencias politicas.

Effectivamente o manifesto dizia pouco, para ser um papel destinado a um tão importante fim politico; e isso mesmo que dizia, era acanhadamente, e como receioso de offender votos e opiniões, mais ou menos antigas, de alguns dos que quizeram ser seus signatarios.

XI

Apesar dos inconvenientes expostos, e da guerra que ao pensamento de José Estevão fizeram os partidarios

do governo (entre os quaes se contavam dois membros do actual gabinete, e a grande maioria dos socios do club progressista) e toda a opposição, o manifesto foi publicado no dia 27 de setembro em todos os jornaes já referidos.

Produziu pouco effeito, e foi acolhido friamente pela opinião publica. Olhou-se mais para os signatarios do documento do que para a sua doutrina; e José Estevão reconheceu a verdade do que lhe tinhamos assegurado.

Se o manifesto fosse só assignado por elle, havia de ser redigido por outra fórma, e era forçosamente abraçado pela maioria do paiz. Mas a nenhuma importancia politica de uma parte dos signatarios, e as procedencias partidarias de outros, tirou grande valor ao manifesto, e adiou para depois a organização do partido que se quiz inaugurar.

Apesar de todos estes vicios e defeitos, que tolheram as beneficas consequencias do grande pensamento de José Estevão, ainda assim se teria tirado um grande proveito d'aquelle passo politico, se houvesse homogeneidade de intuitos, e egualdade de dedicação e desinteresse em todos os signatarios do manifesto; e se o partido regenerador se aproveitasse d'aquelle ensejo para quebrar, para sempre e terminantemente, todas as suas relações com o partido cabralista, ás quaes, e só

a ellas, a situação historica tem devido a sua conservação no poder.

O manifesto do partido novo era um armamento para a opposição; era a preparação de uma escola liberal e democratica, que devia, e ha de depois substituir as velhas escolas politicas na governação do estado, e formar a opposição racional e austera, quando as circunstancias da occasião levarem ao poder o partido conservador.

É preciso pensar seriamente que a harmonia do systema representativo depende essencialmente do estabelecimento definitivo das duas unicas escolas politicas em que se póde dividir o partido liberal.

Nem as idéas do tempo, nem a civilisação da nossa idade permitem já o restabelecimento do governo absoluto; assim como as circunstancias particulares do nosso paiz lhe não consentem outra forma de governo, que não seja monarchica.

Por consequencia, os dois unicos partidos que hão de disputar o poder, serão o partido conservador e o partido democratico; — é preciso que um governe, e que o outro seja governado. E ha de ser sómente nas luctas parlamentares que se ha de decidir a sorte d'estes partidos. Tudo que não fôr isto, não é systema constitucional e representativo. Para o conseguir, é preciso organizar o partido democratico; é preciso que todos os

homens, que estão constantemente na opposição palavrosa das conversações particulares, mas que não querem dar-se ao menor incommodo, nem fazer o mais pequeno sacrificio, para destruir o systema politico e administrativo que reprovam, abandonem essa posição egoista e falsa, e que vão ao campo eleitoral defender as suas opiniões, votando nos homens habilitados e da sua confiança, sem temerem as ameaças do governo, nem se deixarem levar por solicitações de compadrio.

Era este o pensamento de José Estevão, e que certamente veríamos realisado dentro em pouco, se o destino adverso, que ha tempos parece perseguir este paiz, não tivesse arrebatado das lides politicas o famoso campeão da liberdade.

XII

José Estevão continuava a estar só no parlamento. A maioria caprichosa e inconsequente, não sabia o que queria, nem com quem estava ; só era conforme e homogenea no pensamento de affastar por todos os meios a influencia do grande orador, e em guerrear por todos os modos a sua necessaria ascensão ao poder.—A opposição parecia assistir indifferente aos despropositos governativos, depois que perdêra a mesquinha questão

do *trapiche*, e entretinha-se indiscretamente na imprensa em dirigir insinuações de mau gosto a José Estevão, e ao pensamento que elle tivera de organizar um novo partido.

O presidente do conselho que se havia tão habilmente servido da poderosa auctoridade do deputado por Aveiro no partido liberal, para salvar a sua dignidade compromettida na questão do *trapiche*, consentia com a mais generosa impassibilidade, que o seu jornal, aquelle que o governo subsidiava, continuasse a vomitar todos os dias, as mais indignas e miseraveis injurias e calumnias contra o grande character de José Estevão!

No fundo d'este quadro politico apparecia o ministerio em todo o esplendor de sua magestosa inaptidão. — Mas não era a inaptidão mansa e inoffensiva da boa gente, ao contrario; — os esbirros assaltavam as typographias e devassavam os segredos das correspondencias; os cabos de policia, os regedores e os administradores de concelho, vendo em cada cidadão um refractario insultavam os viandantes e levavam-nos arrebanhados entre cacetes até aos quarteis da municipal, cumprindo por estes meios a lei do recrutamento, o que lhe dava jus ao habito de Christo; os dinheiros publicos, destinados á sustentação de dezoito mil homens em armas, eram gastos, sem saldo, com os dez mil

soldados que conta o nosso exercito ; o embaixador romano insultava o rei e o paiz em uma carta publicada nos jornaes de Italia, e continuava a visitar o ministro dos negocios estrangeiros ; os parochos da capital fechavam as egrejas aos fieis, que queriam rezar pela alma de um christão ; os padeiros revoltavam-se contra a lei dos pesos e medidas, e o ministerio rasgava os seus decretos diante da pá dos forneiros ; os incendiarios finalmente, assaltavam os cartorios dos escrivães de fazenda, queimavam os papeis publicos, e o governo transigia com os anarchistas, e mandava suspender a arrecadação dos impostos nos districtos insurreccionados.

De todos estes escandalos, o que mais impressionou o povo de Lisboa, foi a impia recusa dos padres á celebração das exequias pelo grande ministro italiano ; porque aquelle concerto de todos os parochos, auxiliado pelo patriarcha, instigado pelos sectarios do absolutismo, e tolerado pelo governo — era a solemne confirmação da força que o partido clerical e reaccionario já suppunha ter no paiz.

Esta questão foi levada ao parlamento por José Estevão, que annunciou uma interpegação ao governo na sessão de 28 de agosto, para se realisar no dia seguinte ; mas o ministerio, que não podia responder coisa alguma que justificasse o seu procedimento em presença da rebeldia do clero da capital, pediu á maioria,

que não comparecesse ; e o grande orador, entrando na sala de S. Bento, viu as galerias apinhadas de povo, que correu ancioso para ouvir o genio inspirado defender a liberdade e a religião ultrajadas pela fraqueza do ministerio e pelo espirito reaccionario dos parochos de Lisboa ; mas não houve numero de deputados sufficiente para abrir a sessão !

Esta fuga vergonhosa indignou toda a gente honesta, e alguns deputados da maioria foram os primeiros a censurar o ministerio por este acto.

José Estevão n'esse dia escreveu as seguintes palavras em o n.º 55 da *Liberdade*, que desenhão a feição da camara n'aquella occasião, e o seu procedimento na questão sujeita :

«O governo tem uma maioria muito numerosa ; julgou que podia licenciar uma grande parte da sua phalange, contando já com o serviço da opposição em caso de apuro ; — assim lhe tem succedido.»

«N'este regimen parlamentar á capucha tudo vae uma maravilha. Os ministros bocejão, conversam, riem, e vêem sem trabalho cair-lhe na alcoba ministerial, os votos, que em outras circumstancias, não poderiam alcançar sem disputa, e ás vezes sem perigo.»

«Como depende da presença de um ou dois deputados que a camara funcione, o governo, não lhe faltando nunca dois amigos dedicados e obedientes, assu-

miu facilmente a faculdade de abrir e fechar as sessões, de subtrahir á votação da camara os assumptos que lhe desagradam, e de fazer votar aquelles que lhe convém.»

«Scena unica e felizmente unica.»

«Não se queixem da imprensa estrangeira nos desconsiderar e abater; — o paiz não o merece, porque approve similhantes indecencias, mas é até certo ponto culpado n'ellas por consentir ser governado por ministros que as inspiram e planeiam.»

.....
«Hontem annunciou-se uma interpegação ao ministro da justiça para saber porque causa se não tinha podido conseguir que em Lisboa se dissesse um officio funebre por alma de Cavour.»

«O sr. Carlos Bento, que estava presente ao annunciar-se a interpegação, levantou-se com a maior segurança, e acceitou em nome do governo o debate para o dia de hoje.»

«Abre-se a camara, lê-se a acta, a correspondencia, havia numero; — eram coisas importantes.»

«Ia começar o debate annunciado; tocou-se a campainha, saem patrulhas de continuos a recolher os furtivos. Baldadas diligencias, o numero tinha desaparecido, os ministros estavam presentes para se não dizer que tinham desertado o campo, mas elles mesmos tinham impossibilitado todo o combate.»

«Nada d'isto é fabula ; é historia e historia verdadeira, e o mais é, historia contemporanea, quer dizer, da nossa época, dos nossos dias, da quadra politica em que vivemos, e em que já se não toleram d'estas desafortadas trapacas.»

«Que o governo se esquivasse ao debate, que não percebesse que com isto se enfranquecia, é uma necessidade e uma covardia, já triviaes entre nós. Que a camara, assidua nos dias de maior calma para suscitar concelhos, fazer comarcas, perverter a instituição do jury — depois da temperatura ter refrescado faltasse ao seu posto, quando a chama a honra do paiz e o timbre de liberal, de que ella se tem apropriado, é uma desgraça maior, que toda a lamentação que d'ella se possa fazer.»

«Mas o peor de tudo isto é que o assumpto em que estas misérias se mostraram ao publico, é um assumpto europeu, que se não póde furtar á critica de toda a imprensa, e que vae expôr-nos á irrisão da Europa, offerecendo o melhor desenho d'estes tempos para as folhas caricaturistas.»

Além d'estas palavras de José Estevão, todos os jornaes da capital, á excepção do jornal subsidiado pelo governo, foram unanimes em censurar asperamente o procedimento da camara, e o ministerio viu-se obrigado a arranjar numero sufficiente de deputados para

haver sessão no dia seguinte, e a interpeção annunciada realisou-se.

José Estevão, como sempre que se tratava de vingar a honra nacional, foi severo, sublime e arrebatador; mas a sua eloquencia não moveu o governo a cumprir com os seus deveres, e as exequias de Cavour não se teriam celebrado em Lisboa, se a camara municipal não entendesse dever especular com aquelle assumpto para obter a sua reeleição.

XIII

bibRIA

No dia 31 de agosto fechou-se a sessão legislativa de 1861, deixando algumas paginas brilhantes para o estudo da eloquencia tribunica, mas poucas aproveitaveis para a gloria do systema parlamentar.

O senhor D. Pedro v, tendo regressado havia pouco tempo da sua visita á exposição industrial do Porto, partiu depois com os seus dois irmãos, os infantes D. Fernando e D. Augusto, para o palacio real de Villa Viçosa, com o fim de precorrer toda a provincia do Alemtejo, e distrair-se dos enfados da sua cõrte melancolica, nos prazeres da caça, que elle estimava.

Depois de uma curta ausencia regressaram o rei e os

infantes a Lisboa, e passados dias caíram gravemente doentes os senhores D. Fernando e D. Augusto, e o senhor D. Pedro começou a queixar-se. O agourento boletim dos medicos do paço, annunciou como um ligeiro serampo (!) a doença dos infantes, e o incommodo do rei como um pequeno defluxo (!).

Dois dias depois morria o bom e innocente infante D. Fernando victima de uma febre pernicioso, e em seguida, no dia 11 de novembro, perecia do mesmo padecimento o infeliz rei D. Pedro v.

Foi grande a consternação do povo, e profundo o sentimento que manifestou pela morte prematura do filho primogenito da senhora D. Maria II. — Elle tinha visto muitas vezes o rei mancebo entrar na choupana do pobre, e levar-lhe o pão e os vestidos; e assistira á nobre e severa licção, que aquelle infeliz principe dera a muitos dos servidores do estado, visitando os hospitaes e consolando os enfermos que a peste disimava, com palavras saídas da melhor alma e do mais bondoso coração, que jámais bateu em peito de rei.

Era uma divida santa que o povo tinha em aberto, e que d'esta vez soube pagar com a grandeza e a austeridade do luto, do recolhimento, da dôr e da saudade com que todo assistiu ao funeral do chefe do estado.

Todos os jornaes, sem distincção de partidos politi-

cos, escreveram sentidas elegias á memoria do senhor D. Pedro v, e os nossos primeiros litteratos teceram em primores d'estylo a corôa de perpetuas, que a imprensa lançou sobre a sepultura do rei. Mas quando o correio nos trouxe o jornal d'Aveiro, aonde José Estevão estava havia um mez, todos os necrologios desappareceram diante do admiravel escripto, que o orador liberal e democrata dedicou á morte do rei constitucional; e só depois puderam rivalisar com o esplendido artigo de José Estevão, as sublimes strophes, que o principe dos nossos poetas escreveu nas paginas da *Revista Contemporanea*.

Além d'este sentimento digno, sincero e magestosamente demonstrado pela morte do rei, começaram a manifestar-se outras impressões miseraveis, ridiculas e selvagens.

Espalhou-se que o rei e o infante tinham morrido envenenados, e este boato infame e absurdo tomou proporções mais significativas, depois que o senhor infante D. João, que tinha regressado a Lisboa com el-rei D. Luiz de terem acompanhado sua augusta irmã, a formosa princeza D. Antonia, á sua nova patria, cahiu gravemente doente da mesma molestia de que tinham sido atacados os seus irmãos.

A plebe amotinou-se, com o pretexto de querer salvar a dynastia, e no seu delirio realista, apedre-

jou as janellas de differentes casas, assaltou a secretaria da fazenda, e obrigou os ministros, que alli se tinham refugiado, a fazerem exercicios gymnasticos a que a idade e a constituição phisica de alguns d'elles se não prestavam.

Estão já riscados da memoria de todos, os excessos dos desordeiros e as vergonhas do ministerio em presença d'elles. A unica recordação que nos ficou d'essas horas de angustia e de anarchia, foi a do bom juizo do povo e da dignidade com que elle stigmatizou todas as demasias dos apedrejadores e incendiarios; assim como a unica lembrança triste, que ficou ligada áquella data desgraçada, foi a perda do bondoso principe D. João, que por tantos titulos era digno da saudade com que o povo pranteou a sua morte.

XIV

No principio do anno de 1862, abriu-se novamente o parlamento, e José Estevão veio occupar pela ultima vez a sua cadeira de representante do povo.

Entrou em discussão o projecto da resposta ao discurso do throno, e quando chegou a palavra ao rei da tribuna, elle, como que presentindo que o seu dis-

curso teria de ser o seu testamento político, elevou os prodígios da eloquencia a uma altura aonde os mesmos que muitas vezes o ouviram, difficilmente suppozeram que chegasse a palavra humana.

A assembléa estava muda de espanto, e os éccos do paiz inteiro ainda hoje repetem os sons harmoniosos d'aquella voz inspirada. — É que então appareceu tudo — o orador, o philosopho, o politico e o homem de estado.

Cada phrase d'aquelle discurso foi um primor de eloquencia; cada verbo, um conceito; cada expressão, uma sentença; cada palavra, um axioma de boa governação publica.

A popularidade de José Estevão e a sua auctoridade moral cresciam extraordinariamente por cada um dos seus sublimes discursos. A propria maioria não poudé resistir muito tempo ás indicações da opinião publica; os deputados mais independentes, aquelles que tinham mais a peito a salvação do partido historico do que a do ministerio, começaram a comprehender que a situação politica só deixaria de ser vencida pela opposição, se José Estevão fosse chamado aos conselhos do governo.

O sr. marquez de Loulé, pensando sériamente nos tumultos de dezembro, e procurando a razão porque os amotinados associaram o seu nome ao dos srs. conde de Thomar e marquez de Vallada, para conjunctamente

os insultarem, e porque procuraram o seu palacio como os d'aquelles fidalgos, para lhe quebrarem as vidraças e para o incendiarem; viu que a morte dos principes, e o infame boato do envenenamento, eram apenas um pretexto; e que a manifestação fôra caracteristica contra os defensores e protectores do instituto de S. Vicente de Paulo, centro de operações do partido clerical, que veio substituir a antiga companhia.

Esta descoberta impressionou vivamente o animo do presidente do conselho. Estava demonstrado que a questão das irmãs de caridade era para elle um negocio serio, desde o momento que a sua irresolução lhe podia fazer perder não só a posição politica, mas até arriscar a sua vida; era portanto necessario pronunciar-se francamente por um partido. Para isso tinha de reconstruir o ministerio, affastando todas as influencias do ministro da fazenda, o que não era facil, porque elle era o unico homem de intelligencia e de acção, que tinha o ministerio, e a sua substituição seria perigosa se se quizesse escolher na maioria.

Mas ainda este não era o grande embaraço para o presidente do conselho; o que lhe dava maior cuidado era a influencia crescente de José Estevão no paiz, e até entre os partidarios do ministerio, influencia perigosissima para s. ex.^a, que via n'ella a annullação do seu valimento e poderio.

José Estevão tinha já demonstrado ao sr. marquez de Loulé a impossibilidade de occupar um lugar secundario em quaesquer circumstancias em que juntos concorressem; e a derrota formal que o illustre marquez tivera mui recentemente na eleição do grão mestrado da confederação maçonica portugueza, preveniu-o contra a sociabilidade de José Estevão, vendo claramente que a ascensão do grande orador ao ministerio, trazia como consequencia muito proxima a sahida de s. ex.^a da presidencia do conselho.

Mas se a entrada de José Estevão para o ministerio era perigosa para o sr. marquez de Loulé, a sua opposição no parlamento não o era menos. Era mister conciliar as coisas por fórma, que se conseguisse o apoio de José Estevão, sem a sua presença no gabinete, e sem affastar os deputados da maioria, que ultimamente desejavam vêr á frente da situação o grande orador.

Tudo isto conseguiu o presidente do conselho de um modo que, como vamos vêr, muito honra a sua habilidade, quando o interesse pessoal o obriga a acção e ao movimento.

XV

Em a noite de sexta feira 4 de março de 1862, reuniram-se alguns deputados da maioria em casa de José

Estevão, e decidiram separar-se do ministerio se elle se não recompozesse com caracteres da sua confiança, devendo infallivelmente sahir do governo, os ministros da fazenda, da marinha e da justiça.

No sabbado á noite houve a reunião da maioria em casa do sr. barão de Santos; e sendo apresentada pelo sr. Arrobas uma proposta para que os deputados presentes dessem um voto de confiança ao governo, esta proposta foi rejeitada, e approvada outra em que a maioria se compromettia a sustentar a situação politica, sem apoiar o ministerio. Foi n'esta occasião, que o grupo dissidente se separou abertamente da maioria, preferindo a influencia dos srs. Avila, Carlos Bento, Alves Martins e José da Costa Sousa Pinto Basto, á de José Estevão.

No domingo foi convidado o grande orador pelo sr. Thiago de Horta, para ter uma conferencia com o sr. marquez de Loulé, a qual se realisou em casa do sr. Horta. N'esta conferencia ficou decidida a entrada de José Estevão para o ministerio do reino, e a do sr. Margiochi para a fazenda.

Na segunda feira recebeu José Estevão uma carta do sr. Mendes Leal, e teve uma conferencia com s. ex.^a, onde o actual ministro da marinha offereceu o seu apoio franco e leal, tanto na imprensa como no parlamento, á situação creada por José Estevão; mas, á uma

hora da noite, foi este avisado por um agente do governo, de que a composição combinada na vespera se não podia realisar, porque o governo tinha recebido declarações terminantes de alguém, que diziam se o orador popular entrasse para o ministerio, que havia um pronunciamento militar como o de 6 de outubro de 1847. Esta declaração soube depois José Estevão que nunca existira, e que apenas fôra um grosseirissimo embuste para affastar a sua candidatura ao ministerio.

Desde este momento estava ganha a partida pelo presidente do conselho, porque então o proprio caracter de José Estevão se prestava aos seus designios. — Aceitando os motivos que lhe davam como obstaculo á sua entrada para o governo, José Estevão, sempre grande, sempre generoso, sempre desprendido de quaesquer ambições pessoaes; declarou ao presidente do conselho, que toda a composição ministerial, que se fizesse com homens liberaes, elle desde já se compromettia a dar-lhe franco e decidido apoio.

Na quarta feira appareceu a candidatura do sr. Alves Martins para o ministerio do reino, mas como este cavalheiro tinha sido dos que votaram pelo estabelecimento das congregações religiosas, e pela influencia clerical no ensino do povo, José Estevão, que julgou aquella a questão momentosa do partido liberal, e que queria vêr traduzida em lei a sua proposta a res-

peito das irmãs de caridade, oppoz-se vigorosamente á candidatura do sr. Alves Martins.

Ao presidente do conselho eram indifferentes quaesquer collegas, que trouxessem o apoio de José Estevão, com tanto que o livrassem da presença do grande orador no ministerio.

Na quinta feira á noite apresentaram-se os srs. Mendes Leal e Lobo d'Ávila em casa de José Estevão, dizendo-lhe que tinham sido convidados para fazerem parte do novo ministerio, mas que se julgavam obrigados a não decidirem coisa alguma, sem ouvir primeiro a sua opinião, e sem saberem se podiam contar com o seu apoio, circumstancia sem a qual elles não acceitavam as pastas que lhes queriam confiar, accrescentando o sr. Mendes Leal pela sua parte, que elle só entrava para o ministerio, se José Estevão positivamente lh'o ordenasse.

A maneira como José Estevão correspondeu a este testemunho de consideração sabem-n'o todos, e já o confessou o sr. Mendes Leal nas sentidas palavras que recitou no cemiterio, junto da sepultura do grande cidadão.

No outro dia estava formado o ministerio, com o sr. Thiago de Horta na pasta das obras publicas, que vinte e quatro horas depois largou, para não ouvir a historia da sua carreira politica, que o sr. Antonio José

d'Avila se dispunha a contar-lhe na camara dos pares.

O corpo legislativo recebeu hostilmente o ministerio. — A voz de José Estevão foi a unica que se levantou para o defender.

No dia 17 de março decidiu-se o adiamento da camara dos deputados, e continuou a promover-se a entrada de José Estevão para o ministerio, para dar character politico á reconstrucção operada.

XVI bibRIA

O novo ministerio foi immediatamente guerreado por quasi toda a imprensa, e José Estevão era agredido desabridamente como o fautor da reconstrucção do gabinete.

A injustiça d'aquellas arguições é hoje reconhecida pelos proprios que lh'as dirigiam; mas como elle era o mais valioso sustentaculo do ministerio, não criam que elle defendesse com tanta dedicação uma obra que não era sua.

O governo no entretanto via-se em grandes embaraços. — Tinha contra si toda a camara dos pares, e não podia contar com a dos deputados; a imprensa

era-lhe quasi toda hostile, e a opinião publica mostrava-se-lhe pouco affeição.

José Estevão reconhecia a debilidade da situação, e via a necessidade absoluta que tinha o ministerio do seu auxilio e influencia, que elle não desejava levar tão longe, que compromettesse as suas doutrinas politicas e os principios porque tinha sempre pugnado.

A sorte do partido historico dependia do grande orador. — Ou o ministerio se havia de recompôr novamente entrando elle, ou havia de entregar o poder nas mãos da opposição.

Esperou pois que o procurassem por necessidade, os que não queriam procural-o por dever, e durante a espectativa, occupou-se exclusivamente de coisas masonicas.

D'estes trabalhos dos ultimos dias da sua vida ficou um monumento de beneficencia e caridade. José Estevão inaugurou o curto periodo da sua alta dignidade masonica, fundando o asylo de S. João, aonde foram recolhidas vinte das creanças abandonadas pela caridade caprichosa.

A sustentação do asylo e a sua prosperidade, absorviam-lhe o maior dos seus cuidados. Foi incansavel nos seus exorços, até que conseguiu installar commodamente as orfãs que protegia.

No principio de setembro, já depois de fechada a camara, retirou-se José Estevão com a sua familia para Cascaes, para fazer uso dos banhos do mar.

Mas pouco tempo poudo gosar do repouso que lhe era tão necessario. — O ministerio, ou antes, alguns ministros, chamavam-n'o a cada instante para que lhes acudisse com a sua direcção e conselho nas crises por que passou o governo ; mas quando José Estevão chegava já os erros estavam commettidos, e a sua dedicação não servia senão para fazer recair sobre elle a responsabilidade de muitos actos, que não só não aconselhára, mas que até reprehendia e censurava.

Uma das vezes que isto succedeu foi ultimamente, por occasião da sublevação militar em Braga. José Estevão foi chamado telegraphicamente por um dos ministros, e quando chegou, já estava publicada a proclamação assignada sómente por el-rei.

Este acto impolitico e inconstitucional foi asperamente censurado por José Estevão, que então disse as seguintes memoraveis palavras :

— Fizeram uma grande inepeia, e commetteram um grande attentado contra os principios do partido progressista ; deixaram o rei por si só debelar uma sublevação, e estabeleceram um precedente sempre funesto ao partido liberal. — Eu estimo muito que o rei seja do meu partido como homem particular, que me diga

— se não fosse rei era do seu partido ; mas não quero que elle, como rei, pertença a nenhum partido.

Doutrina santa, que nenhum homem liberal devia esquecer, mas que os proclamados democratas dos nossos dias esquecem a todo o instante.

Dadas as providencias necessarias para acalmar a sublevação, e recebida em Lisboa a participação official do restabelecimento da ordem em toda a provincia do Minho regressou José Estevão a Cascaes.

XVII bibRIA

Os mais sinceros e mais dedicados partidarios do partido historico, recommçaram a fazer novas instancias para levar ao ministerio o deputado por Aveiro; e estabeleceram-se outra vez negociações com o grande orador.

Por esta occasião conheceu José Estevão o character nobre e cavalheiroso de um homem, que tinha sido por muito tempo seu inimigo politico. Este homem foi o sr. Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos. José Estevão presava-se de confessar nas suas conversações intimas, que o sr. Sant'Anna e Vasconcellos era um dos pouquissimos defensores da actual situação,

em quem encontrava verdadeira lealdade para com elle e sincera dedicação ao partido historico.

Todos os ministros estavam accordes na necessidade de confiar a pasta do reino a José Estevão, e só se esperava a decisão do presidente do conselho; e por esta occasião disse-se, que o sr. Anselmo José Braamcamp, que fôra um dos ministros que mais instava pela entrada de José Estevão para o ministerio do reino, queria servir como governador civil debaixo das ordens do immortal orador.

Quem isto nos affirmou merece-nos inteiro credito, e por isso entendemos dever relatar uma circumstancia, que nos parece ser extremamente honrosa para o illustre ministro, para que se nos não attribua a mais leve intenção de desconsiderar o character pessoal de qualquer dos individuos, de cujos actos politicos tivemos de nos occupar.

José Estevão regressou de todo a Lisboa no meado de outubro, decidido a acceitar a pasta do reino, se el-rei se dignasse chamal-o aos seus conselhos; mas, n'esse mesmo dia da chegada, teve de censurar um acto do ministerio, que foi a arbitraria deportação para a Costa d'Africa de uns poucos de soldados réos de um crime politico, para o qual o rei tinha promettido amnistia e esquecimento.

Não commentaremos aquelle expediente, mas dei-

xaremos aqui registadas as palavras que Manuel da Silva Passos dirigiu, na sessão de 18 de outubro de 1844, a um governo, que também queria deportar os militares que tinham entrado na revolta de Torres Novas. Disse o grande dictador da revolução de setembro:

«Essas estafadas apologias do poder arbitrario são já velhas e sédicas. E esta especie de *salvadores hebdomadarios* das contribuições é já muito conhecida, e devidamente avaliada. É mais difficil governar com as leis do que com o arbitrio. Quando os reis tem tido a desgraça de chamarem aos seus conselhos algumas intelligencias vulgares, e a desgraça ainda maior de se confiarem d'ellas, esses pobres estadistas, não podendo immortalisar os seus nomes por meio das grandes concepções, que caracterisam os engenhos e honram os talentos; *cortam* desassombradamente pelas difficuldades que não podem desatar. Acolhem-se aos *golpes d'estado*; ás medidas tyranicas; ás leis de excepção e de circumstancias; e com estas miserias fascinam os monarchas, espantam as intelligencias pequenas, e aterram os corações covardes. O bem só pode ser produzido pelos grandes homens a quem o Omnipotente favoreceu com grande engenho, e um coração magnanimo. O mal póde ser feito por qualquer miseravel, ou reptil da especie humana. A arbitrariedade é o ca-

racterístico infallível da mediocridade. As arbitrariedades e as violências nunca salvaram uma nação livre, nem são praticadas por nenhum governo justo. Podem salvar ás vezes um ministerio, mas por pouco tempo; o despreso e a derrota virão depois do arbitrio e da violencia.»

XVIII

Com intenções de entrar para o governo, e certo de que a conveniencia politica da situação o levaria a realisal-as, reservou para então José Estevão o apresentar ao parlamento um trabalho que já tinha concluido antes das côrtes serem addiadas.

Este trabalho é um additamento á lei eleitoral, que vamos transcrever, para que o paiz todo conheça, quaes eram os sentimentos liberaes do grande cidadão que perdeu.

Quando os governos procuram nas leis e na força os meios de assegurar a sua influencia e dominio, José Estevão intentava apresentar das cadeiras do ministerio uma lei que destruía toda a influencia e auctoridade do governo nos actos eleitoraes! Por este só pensamento, se póde conceber o que o povo tinha a espe-

rar dos actos governativos d'aquelle nobillissimo character, d'aquelle homem unico no seu tempo, unico na sua grandeza e no seu genio.

A presente lei eleitoral prohibindo a intervenção da auctoridade nos actos eleitoraes, não garante o cumprimento d'este preceito, e era isto principalmente, o que conseguia o additamento de José Estevão. Eil-o:

Artigo 1.º — Os eleitores que não forem auctoridades, e que estiverem legal e regularmente recenciados para a eleição de deputados, e os candidatos propostos á deputação pelos termos estabelecidos, são as unicas pessoas competentes para entenderem politicamente nas mesmas eleições.

Art. 2.º — A nenhuma auctoridade de qualquer ordem ou cathegoria, é permittido intervir por qualquer modo na escolha dos candidatos a deputados, nem na agencia dos meios de qualquer especie, para fazer triumphar as candidaturas.

Art. 3.º — Além das prohibições designadas nas leis existentes, é defeso a toda a auctoridade, de qualquer ordem ou cathegoria:

§ 1.º — Assignar circulares para angariar votos a favor de nenhum candidato.

§ 2.º — Convocar reuniões para fins eleitoraes, ou tomar parte n'ellas.

§ 3.º — Assignar proclamações eleitoraes, exposições

a eleitores, ou quaesquer artigos tendentes a influir no animo d'elles.

§ 4.º — Recommendar mesmo sem caracter official qualquer candidatura.

§ 5.º — Fazer aos seus subordinados insinuações electoraes.

§ 6.º — Empregal-os em quaesquer deligencias electoraes directas ou indirectas.

§ 7.º — Acompanhar os candidatos á sollicitação de votos.

Art. 4.º — Nenhuma ordem, nem mesmo escripta, revelará o infractor d'estas prescripções.

Art. 5.º — Todo o eleitor que fôr auctoridade de qualquer ordem ou hierarchia, em quanto respeita á eleição, apenas tem o direito de votar.

§ 1.º — Afóra o exercicio d'este direito, e do cumprimento das obrigações administrativas, que a respeito de eleições as leis existentes lhe attribuirem, as auctoridades são em tudo estranhas aos actos electoraes.

Art. 6.º — Toda a auctoridade que transgredir as disposições anteriores será punido com a perda do seu emprego, com a inhabilidade para empregos publicos por espaço de cinco a dez annos, e com privação pelo mesmo tempo do direito de eleger, e ser eleito para quaesquer cargos, e de por qualquer modo tomar parte em eleições.

Art. 7.º — As auctoridades administrativas, e de fazenda, que por motivos eleitoraes relevarem os eleitores do pagamento de contribuições que justamente devem pagar, ou lhes diminuïrem ou elevarem a quota devida das mesmas contribuições, serão punidos com o perdimento do seu emprego, com a inhabilidade de exercer quaesquer outros, por espaço de dez até vinte annos, e com tres a seis annos de prisão.

Art. 8.º — Eguaes penas terão aquellas que pelos indicados motivos, permittirem os mesmos ou semelhantes abusos, em referencia ao recrutamento, ou qualquer serviço do estado.

Art. 9.º — O direito de querellar pelos crimes mencionados n'esta lei, e nas leis eleitoraes actualmente em vigor, só prescreve passados dez annos, e compete como obrigação ao ministerio publico, e como direito a qualquer eleitor recenceado no tempo em que a querella foi dada.

Art. 10.º — Se durante os actos eleitoraes, alguma auctoridade infringir algumas disposições d'esta lei, a denuncia d'esta infracção feita pela imprensa, ou em particular ao Delegado do Procurador Regio, sendo tal denuncia assignada por tres eleitores, serve como corpo de delicto.

§ 1.º — As auctoridades contra quem forem feitas denuncias taes, serão suspensas *ipso facto*, e a auctori-

dade superior, que recusar, ou retardar a mesma suspensão, incorrerá nas penas comminadas n'esta lei ás auctoridades que aquelles crimes commetterem.

Art. 11.º—Para ser eleito deputado é preciso ser candidato; e para ser candidato, é preciso ser proposto ao suffragio publico.

Art. 12.º—A proposição ao suffragio publico, ou a faz de per si o que aspira a ser eleito, ou a fazem pelo candidato da sua escolha, pelo menos tres eleitores do circulo eleitoral, de cuja eleição se tratar.

§ 1.º—Estas proposições são publicadas nos jornaes, onde os houver, ou por editaes manuscriptos, e por todos os meios de publicidade, empregados separada, ou conjuntamente.

§ 2.º—Estas proposições são assignadas, ou pelo candidato quando elle se propõe a si mesmo, ou pelos eleitores que o propõem.

Art. 13.º—Os cidadãos que forem auctoridade de qualquer ordem ou categoria, e que forem elegiveis para deputados, só podem ser propostos candidatos pela indicação de tres eleitores.

Art. 14.º—São mantidas as inelegibilidades relativas, consignadas nas leis existentes.

Art. 15.º—Os cidadãos que sendo auctoridades forem candidatos a deputados na fórmula da presente lei, tem direito a apresentarem-se nas assembléas publicas para

ouvirem os seus eleitores, responderem ás suas interpellações, e defenderem as suas candidaturas.

XIX

No meio de todas estas incertezas, duvidas, esperanças, desejos, ambições, interesses, dedicação, lealdade e affectos que cercavam o grande cidadão, amanheceu o dia 2 de novembro de 1862, e José Estevão, o colosso de vida e de saúde, o centro de todas aquellas esperanças, a esperança de todas as ambições, a ambição de todos aquelles affectos, caiu de repente no leito da morte!

Foi um insulto apopletico? — Foi o assombramento de um raio? — Foi a bala de uma espingarda? — Foi o punhal de um assassino? Não! — Que foi pois?!

Foi a vontade de Deus!

«L'avenir n'est à personne, l'avenir est à Dieu!»

José Estevão era o futuro da liberdade, da civilização, do progresso, e da prosperidade para este povo infeliz! Não podia viver hoje o que era de amanhã!

Não morreu portanto o genio sublime — desapare-

ceu, para voltar no seu tempo, na sua idade e em circunstancias apropriadas á sua existencia, ás aspirações da sua alma e aos sentimentos do seu grande e nobilissimo coração!

Mas todavia, que dôr para os que elle amava?! que magôa, que desesperação, que tortura — para os que o estremeciam, para os que o adivinhavam, para os que viviam do amor que lhe consagravam?!

José Estevão ha de voltar para a patria e para a liberdade; mas já não pôde vir a tempo de transformar em rosas as saudades da viuvez e da orfandade d'esses poucos, mas leaes corações onde elle imperava absoluto, de quem elle era a gloria, a fé, a crença, o Deus!

Para esses morreu tudo. — A alegria, que d'aquella fronte formosa irradiava para as nossas almas; a confiança na felicidade, que o seu sorriso aberto e acariador nos inspirava; as paixões e os affectos que a sua voz melodiosa e magnetica acordava em nosso seio; o entusiasmo pela liberdade e pela independencia, que nos inspiravam a sua presença arrogante, o seu gesto soberbo e o seu olhar ardente, penetrante e fascinador, — tudo isso acabou, e acabou para sempre!

Quer-se o coração illudir, mas não pôde. — Os sentidos enganam-se muitas vezes e sobresaltam a alma. Os ouvidos escutam ainda anciosos, e julgam ouvir no silencio da noite e acima dos rumores do dia, o som

querido d'aquella voz; os olhos fixam-se, dilatam-se as pupilas, e de cada vez que uma porta se abre, que um reposteiro se corre — esperam sempre ver entrar aquella nobre figura, sorrindo já de longe aos sorrisos que o aguardam, e as mãos chegam a estender-se para a sua mão leal e generosa!

Mas elle não vem nunca, e cada desengano é um espinho mais que rasga a alma; é mais uma lagrima que se gela no coração!

Para a esposa, para os filhos, para os irmãos e para os amigos do homem, que não para os admiradores do talento, nem para os adúladores do politico, para aquelles morreu José Estevão, e bastaram trinta e seis horas de agonia para o matar!

A meia hora da madrugada de terça feira 4 de novembro, apagou-se com um gemido fraquissimo, a saude mais robusta, a vida mais esperançosamente larga que quarenta e oito horas antes havia na nossa terra!

O povo não acreditou a noticia fatal, e no dia designado para o funeral do grande cidadão, sete mil populares correram a sua casa; entraram na camara ardente aonde estava depositado o cadaver de tantas glorias; arrebataram o esquife, e no silencio horrivel dos soluços e das lagrimas, levaram-n'o ao campo da egualdade.

Não foi o prestito regular e apparatuso do enterro-mento do rei ; foi a confusão da magoa, o desalinho da afflicção, a desordem do sentimento, possuido e dominado pelo despotismo da morte ; foi uma povoação inteira acompanhando o corpo de um homem, cuja alma paira ainda sobre a patria para lição e para exemplo, cuja memoria ha de acompanhar as futuras gerações no caminho da honra e da liberdade, cujo nome a humanidade inscreverá um dia na historia das suas grandezas.

bibRIA

FIM

ERRATAS

Na pag. 56, lin. 13—onde se lê—qualquer que seja o governo—lea-se—qualquer governo.

Na pag. 59, lin. 4—onde se lê—academias—lea-se—academicas.

Na pag. 59, lin. 13—onde se lê—Moroços—lea-se—Moroços.

Na pag. 64, lin. 20—onde se lê—coronel Candido—lea-se—major Quintino.

Na pag. 82, lin. 14—onde se lê—1833—lea-se—1834.

Na pag. 96, lin. 3 e 4—onde se lê—esquadra ingleza—lea-se—esquadra commandada por officiaes inglezes.

Na pag. 119, lin. 3—onde se lê—ella—lea-se—elle.

Na pag. 176, lin. 12—onde se lê—1860—lea-se—1850.

Na pag. 283, lin. 11—onde se lê—existencia unida—lea-se—existencia ainda.